

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

SANDRO NANDOLPHO DE OLIVEIRA

**A DISCIPLINA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM PERSPECTIVA HISTÓRICA:
DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS À UNIVERSIDADE
FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (1951-2000)**

VITÓRIA

2014

SANDRO NANDOLPHO DE OLIVEIRA

**A DISCIPLINA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM PERSPECTIVA HISTÓRICA:
DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS À UNIVERSIDADE
FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (1951-2000)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro Pedagógico da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação na área de concentração Cultura , Currículo e Formação de Educadores.

Orientadora: Prof^a Dr^a Regina Helena
Silva Simões

Vitória

2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Setorial de Educação,
Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

O48d Oliveira, Sandro Nandolpho de, 1975-
A disciplina de história da educação em perspectiva histórica :
da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras à Universidade
Federal do Espírito Santo (1951-2000) / Sandro Nandolpho de
Oliveira. – 2014.
232 f. : il.

Orientador: Regina Helena Silva Simões.
Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do
Espírito Santo, Centro de Educação.

1. Currículos. 2. Educação – História. 3. Ensino. 4. História da
educação. 5. Metodologia. 6. Pesquisa. I. Simões, Regina Helena
Silva. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de
Educação. III. Título.

CDU: 37

SANDRO NANDOLPHO DE OLIVEIRA

**A DISCIPLINA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM PERSPECTIVA HISTÓRICA:
DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS À UNIVERSIDADE
FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (1951-2000)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação na área de concentração Cultura, Currículo e Formação de Educadores.

Aprovada em ____ de _____ de 2014

COMISSÃO EXAMINADORA

Profª Drª Regina Helena Silva Simões
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientadora

Profª Drª Janete Magalhães Carvalho
Universidade Federal do Espírito Santo

Profª Drª Claudia Maria Mendes Gontijo

Universidade Federal do Espírito Santo

Profª Drª Thais Nívia de Lima e Fonseca

Universidade Federal de Minas Gerais

Profº Drº Antônio Henrique Pinto

**Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Espírito Santo**

Agradeço a todos aqueles que estiveram ao meu lado, contribuindo para mais esta realização.

RESUMO

A pesquisa analisa da constituição histórica da disciplina História da Educação ministrada na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras do Estado do Espírito Santo, posteriormente incorporada a Universidade Federal do Espírito Santo entre os anos de 1951 e 2000. Investiga a constituição histórica da disciplina, as transformações programáticas, legais e institucionais referentes à disciplina de História da Educação, como também as abordagens historiográficas, periodizações e os conceitos de tempo, história e educação. A fundamentação teórica e metodológica articula-se dialogicamente a partir das construções conceituais e metodológicas de Carlo Ginzburg e Mikhail Bakhtin. A partir dos conceitos de polifonia e dialogismo, comum a ambos, investigou-se as vozes e diálogos impressos nas narrativas da disciplina de História da Educação e seu ensino, sejam em camadas mais superficiais ou profundas, encontradas no corpus documental consultado e analisado, que correspondem a: programas de ensino, transparências, leis, estruturas curriculares, documentos de departamento; resenhas e fichamentos de textos, bibliografia obrigatória e complementar, avaliações e entrevistas. Procurou-se no corpus documental dados aparentemente negligenciáveis – pistas, indícios e sinais – remontar uma realidade histórica complexa e não experimentável diretamente. Ao investigar historicamente a trajetória da disciplina História da Educação e seu ensino a partir dos parâmetros legais, programáticos e institucionais, foi possível perceber que as mudanças mais profundas operadas na disciplina não se originam das legislações e reestruturações curriculares, mas dos locais de produção e socialização do conhecimento histórico. Durante o período analisado, as duas esferas de produção historiográficas que mais influenciaram nas abordagens, periodizações e conceitos de tempo, história e educação da disciplina História da Educação do curso de pedagogia pesquisado foram: a editora responsável pela publicação e divulgação dos Manuais de História da Educação da coleção Atualidades Pedagógicas (1951-1979) e os Programas de Pós-graduação em Educação e História (1980 - 2000). Entre 1951 e finais de 1970 observa-se a influência dos Manuais de História da Educação, na organização e programação do ensino de História da Educação e uma abordagem filosófica voltada para a história das ideias pedagógicas e análises do pensamento de filósofos e educadores sobre a educação e respectivas inserções em doutrinas filosóficas europeias. A partir de 1980 as abordagens de cunho econômico, político e ideológico dos contextos históricos educativos passaram a predominar nos programas de ensino das disciplinas de História da Educação I e II, e vigoraram até meados nos anos de 1990. Na disciplina de História da Educação I a abordagem é marcada por análises do contexto de produção e organização das classes sociais; com relação à disciplina História da Educação II, até meados de 1995, trata da educação brasileira. A partir da abordagem fundamentada na Teoria da Dependência após 1995, os documentos consultados começam a mostrar outras marcas que sugerem uma abordagem voltada para a dimensão política e social, abordando a História da Educação Brasileira, a partir dos movimentos sociais e seus respectivos projetos educacionais.

Palavras-chave: História da Educação, Ensino, Programático, Abordagens, Periodizações, Tempo, História e Educação.

ABSTRACT

The research analyzes the historical development of the discipline "History of Education", taught at the Sciences Philosophy and Letters Faculty of The Espírito Santo, subsequently incorporated to the Federal University of Espírito Santo, between the years of 1951 and 2000. It investigates the historical constitution of the discipline, the pragmatics, legal and institutional transformations related to the "History of Education" discipline, as well the historiographical approaches, periodization and time concepts, history and education. The theoretic and methodologic fundamentation articulates itself dialogically from the conceptual and methodologic constructions of Carlos Ginzburg and Mikhail Bakhtin. The voices and the dialogs, printed in the discipline and its guideline's narratives (in the superficial or deep layers that were found in the consulted and analyzed documental corpus, that respond to: educational programs, transparencies, laws, curriculum, department documents, reviews and book reports, compulsory and complementary bibliography, valuations and interviews) were investigated from the polyphony and dialogism concept, common to both. Sought to reassemble a complex historical, and not a directly perceptible reality, apparently insignificant data, in the documental corpus – clues, evidences and signs -. While investigating historically the trajectory of the discipline "History of Education" and its teaching, (from the legal, pragmatics and institutional parameters) was possible to see that the deeper changes operated in the discipline don't originate from legislation and curricular restructuring, but from places of production and socialization of historical knowledge. During the reporting period, the two historiographical production spheres that most influenced the approaches, periodization and concepts of time, history and education of the discipline of "History of Education" in the researched Pedagogy course, were: the editor responsible for the publication and disclosure of the *Manuais de História da Educação da coleção Atualidades Pedagógicas (1951-1979)* e os *Programas de Pós-graduação em Educação e História (1980 - 2000)*. Between 1951 and the late 1970's the influence of *Manuais de História da Educação* is observed in the organization and programming of the teaching of "History of Education" and an philosophical approach toward the history of pedagogical ideas and analysis of philosophers and educators thoughts about education and its inserts in European philosophical doctrines. Since 1980, the economical, political and ideological approaches of the historical educative contexts began to predominate in the educational programs in the disciplines of "History of Education I and II" and remained until mid 1990. In the discipline of History of Education I, the approach is marked by analysis of production and organization contexts of social classes; with respect to the discipline of History of Education II, until mid 1995, dealing with Brazilian education. Since the approach grounded in the *Teoria da Dependência* after 1995, the consulted documents begin to show other brands that suggests an approach toward the political and social dimension, addressing the history of Brazilian education, from the social movements and its educational projects.

Key words: History of Education, Teaching, Pragmatic, Approaches, Periodizations, Time, History and Education.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Somatório da produção por ano 1990 à 2000	92
QUADRO 2 - Somatório da produção por ano 2001 à 2011	92
QUADRO 3 - Origens das produções consultadas 1990 à 2011.....	93
QUADRO 4 - Distribuição da produção por temático entre 1990 à 2011	95
QUADRO 5 - Fontes/documentos consultados nas pesquisas entre 1990 à 2000 ..	97
QUADRO 6 - Conteúdo da Disciplina História da Educação proposto pelo Ministério da Educação e Saúde em 1940	102
QUADRO 7 - Curso de Pedagogia: (FFCLES) Conteúdo Programático do 3º ano da disciplina História da Educação 1955\1958.....	109
QUADRO 8 - Curso de Pedagogia: (FFCLES) Conteúdo Programático do 3º ano disciplina de História da Educação.....	111
QUADRO 9 - FFCLES: Bibliografia proposta (1967).....	114
QUADRO 10 - UFES: Programas representativos das disciplinas de História da Educação I e II na década de 1970.....	117
QUADRO 11 - UFES- Bibliografia indicada nos programas de ensino (1972 - 1979)	119
QUADRO 12 - UFES - Programas representativos das disciplinas de História da Educação I na década de 1980.....	129
QUADRO 13- UFES - Programas representativos das disciplinas de História da Educação II na década de 1980.....	131
QUADRO 14 - UFES - Bibliografia indicada nos programas de ensino (1980 - 1990)	132
QUADRO 15 - Grade Curricular 1990	141
QUADRO 16 - UFES - Programas representativos das disciplinas de História da Educação I na década de 1990.....	143
QUADRO 17 - UFES - Programas representativos das disciplinas de História da Educação II na década de 1980.....	146
QUADRO 18 - Conteúdos propostos nos programas de ensino de História da Educação II na segunda metade da década de 1990	186

LISTA DE SIGLAS

ABA - Associação Brasileira de Antropologia

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

ANPUH - Associação Nacional dos Professores Universitários de História

ASPHE - Associação Sul-rio-grandense de Pesquisadores em História da Educação

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CBHE - Congresso Brasileiro de História da Educação

CCHN - Centro de Ciências Humanas e Naturais

CE - Centro de Educação

CEG - Centro de Estudos Gerais

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

COLHEBE - Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação

CRPE/SP - Centro Regional de Pesquisa Educacional de São Paulo

CEN - Companhia Editora Nacional

ESFA - Escola São Francisco de Assis

FARESE - Faculdade Região Serrana

FFCLE - Faculdade de Filosofia Ciências e Letras do Espírito Santo

FURG - Universidade Federal do Rio Grande

GEPHE - Grupo de Pesquisa em História da Educação

GT - Grupo de Trabalho

HE - História da Educação

HISTEDBR - Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Educação e Sociedade”

PUC/PR - Pontifícia Universidade Católica do Paraná

PUC/SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC/RS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

RBHE - Revista Brasileira de História da Educação

SBHE - Sociedade Brasileira de História da Educação

UEM - Universidade Estadual de Maringá

UEMA - Universidade Estadual do Maranhão

UEL - Universidade Estadual de Londrina

UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

UFC - Universidade Federal do Ceará

UFCG - Universidade Federal de Campina Grande

UFEP - Universidade Federal de Pernambuco

UFPEL - Universidade Federal de Pelotas

UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

UFG - Universidade Federal de Goiás

UFIPI - Universidade Federal do Piauí

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

UFPR - Universidade Federal do Paraná

UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFS - Universidade Federal de Sergipe

UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos

UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

UFU - Universidade Federal de Uberlândia

UFVJL - Universidade Federal dos Vales de Jequitinhonha e Mucuri

UNESP - Universidade Estadual Paulista

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

UNIMONTES - Universidade Estadual de Montes Claros

UNIFRA - Centro Universitário Franciscano

UNISO - Universidade de Sorocaba

UNISUL - Universidade do Sul de Santa Catarina

UNITAL - Universidade de Taubaté

UNIUBE - Universidade de Uberaba

URCA - Universidade Regional do Cariri

USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO A UM INTINERÁRIO DE PESQUISA	13
1. NOTAS INVESTIGATIVAS: A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM PERSPECTIVA HISTÓRICO DISCIPLINAR.....	23
2. APROXIMAÇÕES ENTRE MIKHAIL BAKHTIN E CARLO GINZBURG: ANCORAGENS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS NA PESQUISA SOBRE A DISCIPLINA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E SEU ENSINO.....	39
3. AS PESQUISAS SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL: TENDÊNCIAS E PERSPECTIVAS.....	60
4. O ENSINO DE HISTORIA DA EDUCAÇÃO : O PROGRAMÁTICO,O LEGAL E O INSTITUCIONAL EM PERSPECTIVA HISTÓRICA DA FFCLES À UFES	100
4.1 A DISCIPLINA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E SEUS PROGRAMAS EM TRANSITO: DA FFCL À UFES PELAS VIAS DOS MANUAIS DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	103
4.2 AS ESCRITAS E NARRATIVAS ACADÊMICAS E SEU IMPACTO NO ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROGRAMADA NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFES	124
5. O ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO CURSO DE PEDAGOGIA DA FFCLES E UFES: ABORDAGENS, PERIODIZAÇÕES E CONCEPÇÕES	153
6. CONCLUSÃO	190
7. REFERÊNCIAS.....	197
8. APÊNDICES	223

INTRODUÇÃO A UM INTINERÁRIO DE PESQUISA

“Os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos [...]”.

Walter Benjamin

Aqui estou, sentado em meio aos livros que consulto e diante do computador no qual escrevo, mergulhado em um oceano de dúvidas e em meio a algumas ilhas de “certezas”. Dúvidas estas que me abraçam, que envolvem a minha vida, a minha escuta, o meu olhar e a minha fala, diante do espanto dos tempos em que vivo.

É este espanto que aguça o meu olhar, que motiva meu instinto investigativo, para tentar entender aquilo que me inquieta. Meu passado e minha história se constituíram por uma inquietação que me impulsionava tanto em direção àquilo que me encantava como em direção ao que me angustiava. As vielas pelas quais caminhei fazem-se presentes hoje, redimensionando meus caminhos, meus porquês, minhas atuais buscas e espantos.

Lembro-me de que, embora a história esteja presente em minha vida escolar desde a quarta série, através do contato com a História local de meu estado, de meu país e do mundo, somente no início da adolescência o interesse pelo passado assaltou-me. O mergulho no passado e o encantamento advindo desta experiência deram-se pelas mãos de pesquisadores, intelectuais e autores que relatavam suas jornadas investigativas e experiências no controverso universo do “sobrenatural”. Muitos deles, por envolverem-se com tais temáticas investigativas, foram perseguidos e execrados publicamente, alguns, inclusive, tendo suas carreiras acadêmicas jogadas na lama.

Falo de uma literatura produzida por homens da ciência – físicos, juristas, criminalistas, políticos –, leituras que me lançaram, ao final do século XIX e início do século XX, nas obscurecidas manifestações anímicas e “sobrenaturais”, de loucura e prestidigitação, a lugares e sujeitos tão distantes do passado que a História mostrava-me no colégio. Com Louis Jacolliot, advogado francês e juiz colonial, percorri uma Índia da segunda metade do XIX, que, nos meus dizeres, era *fabulosa e fascinante*. Pelos escritos de Oliver Lodge, físico e escritor inglês, trilhei uma

Europa da primeira metade do XX, traumatizada pela Primeira Grande Guerra, e com o autor, compartilhei, ainda, outras experiências com a vida e com a morte.

Estes e outros autores preencheram minha adolescência, despertando em mim a paixão pela história, pela aventura humana no tempo. Pelas lentes da história, novos tons tornaram-se perceptíveis ao meu olhar; novos aromas, ao meu olfato; e novos sons, à minha audição.

Assim como a paixão pelo conhecimento das experiências humanas no tempo manifestou-se com intensidade em minha juventude, o cinema era o lugar em que meus olhos e ouvidos mergulhavam em outros mundos, em outros universos. Não tive senão outra saída a não ser me apaixonar.

Foi no curso de história que me fiz professor e é exercendo a minha prática que me faço continuamente professor. Uma de minhas grandes fontes de inquietação é a socialização do conhecimento histórico por meio da docência.

Como professor do ensino fundamental e médio e um apaixonado pelo cinema, inquieto com as dificuldades de ensinar história às crianças e aos jovens, busquei investigar, durante o mestrado, a potencialidade do cinema na construção de estratégias para o ensino-aprendizagem da História. Para além das referências históricas que se encontram nos filmes, buscamos pesquisar as implicações da exploração do discurso cinematográfico sobre o passado. Toda a trajetória percorrida na pesquisa, decorrente da especificidade da linguagem cinematográfica e seu discurso, levou-me à descoberta das potencialidades do olhar e do ouvir e suas implicações na socialização do conhecimento histórico.

Aprender a ler o discurso cinematográfico mostrou-me a necessidade da abertura da percepção visual e auditiva à recepção; ler a linguagem cinematográfica requer viver a experiência cinematográfica, o que, por sua vez, requer estar receptivo a ela. O cinema, como um lugar de experiência com o passado, no ensino-aprendizagem da História, toma potência na medida em que nos abre à esfera da receptividade, às experiências que ela nos proporciona. Para ver e ouvir precisamos estar receptivos.

Ao terminar o mestrado, tinha o desejo de mergulhar na pesquisa histórica. Em minha mente, fervilhavam questões a serem investigadas acerca da educação no

período colonial do Espírito Santo. Queria sentir o cheiro dos documentos antigos, lançar-me no passado. No entanto, em conversa com a minha orientadora na época, Prof.^a Regina Helena Silva Simões, surgiu a possibilidade de pesquisar uma temática ainda pouco investigada, o ensino de História da Educação. Naquele momento, confesso que não me abri muito à sugestão, devido às ideias que tinha em mente.

Concluí o Mestrado e, então, minha vida profissional e pessoal no decorrer de alguns anos acabou lançando-me novamente para a temática da socialização do conhecimento histórico, tema que, volta e meia, retorna de forma recorrente e acaba por despertar novamente a pulsão por pesquisá-lo.

E a ideia não muito aceita, quando sugerida, tomou-me de assalto e consolidou-se em minha mente e intenções: meu objetivo, então, seria investigar a constituição histórica da disciplina História da Educação a partir das fontes e documentos. Buscar compreender desenvolvimento histórico da disciplina no interior dos cursos de formação de professores, em especial, os cursos de pedagogia.

No entanto, quando iniciamos a pesquisa nos vemos as voltas com a coleta de informações; movimentando fontes variadas percebemos que a pesquisa ia tomando contornos interessantes. Ao consultar programas de ensino, documentos do colegiado do curso, atividades de alunos, anotações, resumos, fichamentos e entrevistas, nos deparamos não só com a sala de aula, onde acontece o ensinar e aprender História da Educação, mas também com todo um trabalho docente, que a antecede e sucede. A partir das leituras dos aportes teóricos e metodológicos escolhidos em confronto com as fontes investigadas, delineamentos, novas ideias foram tomando forma.

Abriram-se novas perspectivas em nosso itinerário de pesquisa, que nos conduziram a investigar as relações condensadas nas documentações entre a disciplina de História da Educação, os aspectos legais que organizaram a estrutura curricular do curso de pedagogia investigado e as instituições de produção e socialização do conhecimento historiográfico sobre a educação.

A pesquisa que realizamos fundamentou-se no método indiciário proposto por Carlos Ginzburg (1989), que procura a partir de dados aparentemente

negligenciáveis – pistas, indícios e sinais – remontar uma realidade histórica complexa e não experimentável diretamente, constituída a partir de uma abertura ao inusitado, ao acaso, que trabalha na perspectiva de que os documentos, embora sejam inquiridos pelo pesquisador, também impactam e movimentam seus sentimentos e pensamentos.

A partir de tal proposta metodológica, buscamos, em nossa pesquisa, a utilização e a articulação de fontes variadas, perquirindo-as de forma a possibilitar a tentativa de uma reconstituição histórica mais próxima possível da realidade multifacetada do passado pesquisado. Compreendemos, neste processo de investigação, a necessidade de técnicas específicas não somente de coleta de dados, como também de análises, para a natureza diversa das fontes, das informações contidas – ou não – nelas, seus ditos, suas intencionalidades, seus silêncios – o explícito e o implícito.

Para a realização da pesquisa investigamos e consultamos fontes variadas, que estariam direta e indiretamente articuladas a disciplina de História da Educação e seu ensino no curso de pedagogia que foi instituído na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras do Espírito Santo (FFCLS), depois incorporada à Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), tivemos acesso aos arquivos do Centro de Educação (CE) e do Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN), pertencentes a Universidade Federal do Espírito Santo, como também a arquivos pessoais de cinco professores que lecionaram a disciplina.

Ao consultarmos e organizarmos as fontes para a realização das análises, alguns recortes foram se delineando e a pesquisa tomando forma. Deste modo, o itinerário de pesquisa configurou-se também nas relações estabelecidas entre/com as fontes, permeada por reflexões metodológicas e teóricas oriundas dos constantes, sistemáticos e assistemáticos diálogos com o pensamento de Carlo Ginzburg e Mikhail Bakhtin.

O recorte espacial realizado para a pesquisa foi do Curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Espírito Santo (FFCLES) e da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). O recorte temporal corresponde aos anos entre 1951 e 2000; dentro deste recorte temporal, analisamos a constituição

histórica da disciplina de História da Educação, a partir da consulta e análise das fontes.

A análise da constituição histórica da disciplina História da Educação ministrada entre os anos de 1951 e 2000, na FFCLES e na UFES, foram marcados por movimentos dialógicos com os contextos sócio históricos mais amplos, referentes aos cenários políticos que envolveram o Brasil e os debates sobre a educação, principalmente as políticas referentes à formação de professores e educadores – em especial os cursos de pedagogia. Tais movimentos nos possibilitaram analisar as tensões, as abordagens historiográficas, as periodizações, as instituições e os conceitos de tempo, história e educação no espaço de tempo pesquisado.

A reconstituição histórica da disciplina História da Educação, a partir das fontes documentais, lança para o historiador um grande desafio: a tentativa de, através dos vestígios materiais e imateriais, dos registros sobre uma determinada prática social e seus respectivos silêncios, possibilidades e interdições, aproximar-se da realidade multifacetada da disciplina de História da Educação, bem como constituir experiências, reflexões e análises sobre o passado histórico desta disciplina.

O desafio aumenta na medida em que o objeto de pesquisa do historiador, nos seus lugares e tempos, não se constitui objeto de registro, mas que, mesmo não estando lá, deixam o seu cheiro impregnado no que é preservado, exposto ao faro do historiador (GINZBURG, 1989).

Na busca analítica da constituição histórica da disciplina de História da Educação do curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Espírito Santo e da Universidade Federal do Espírito Santo, trabalhamos com fontes escritas e orais. Cada fonte e cada documentação produzida e analisada possuem suas especificidades não somente quanto à natureza do suporte e do registro, mas também com relação aos limites e possibilidades das informações contidas e não contidas nelas.

As fontes orais, para a pesquisa histórica, segundo Lozano (1998), fundamentam-se nos depoimentos orais colhidos sistematicamente em pesquisas específicas. Métodos, problemas e embasamentos teóricos são utilizados para produzir conhecimentos históricos e não simplesmente um relato da vida e da experiência

dos outros. Na pesquisa realizada entrevistamos professores e alunos; tais entrevistas foram registradas por meio de recursos audiovisuais e no diário de campo. Como se trata de um documento produzido a partir das lembranças dos sujeitos pesquisados, a natureza audiovisual do documento associa-se às questões teóricas e metodológicas que envolvem a memória como fonte de pesquisa histórica.

A memória, no sentido básico do termo, é a presença do passado. A memória é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido em contextos familiares e ampliados. Portanto, a memória é, por definição, “coletiva”, como sugeriu Maurice Halbwachs (ROUSSO, 1998).

Na maioria das vezes, lembrar não é reviver, mas reconstruir e repensar, com ideias e imagens de hoje (BOSI, 1995). A memória está sujeita a transformações, estimulações e à subjetividade que a torna incontrolável – muitas vezes não se lembra o que se quer lembrar e não se esquece o que se quer esquecer.

Lidar com a lembrança requer levar em consideração sua característica de reatualização do passado, as forças emotivas que a compõe e que aproxima o passado do presente vivido, de forma que a análise histórica de tais informações, articuladas com outras fontes e documentos, propiciem o distanciamento necessário para uma maior aproximação com o passado investigado (GINZBRUG, 2001).

No processo de pesquisa, consultamos fontes como registros escritos relacionados às aulas de História da Educação ministradas, como por exemplo: planos e programas de ensino, cadernos de alunos, anotações de professores em seus respectivos cadernos de estudo e preparação de aulas, transparências e os textos utilizados como base para leitura e estudo.

Outros documentos analisados foram produzidos por comissões criadas pelos departamentos do curso de Pedagogia, que tinham como objetivo a realização de pesquisas, seja para a elaboração de uma nova proposta do Curso de Pedagogia ou para avaliar as implicações das reformulações implementadas.

Os programas da disciplina e os planos de ensino caracterizam-se como instrumentos pedagógicos e administrativos elaborados pelo docente, no contexto

de um curso específico, segundo as determinações de um projeto político-pedagógico, que, por sua vez, aplica as diretrizes curriculares determinadas pela autoridade pública. Esta perspectiva hierarquizada articula-se a uma relação de verticalização e autoridade, que vai desde as diretrizes curriculares até a execução do plano de ensino pelo professor, passando pelo programa da disciplina e pelo projeto político-pedagógico do curso.

No caso das anotações dos professores para o preparo das aulas, temos informações sobre as reflexões e acerca da organização do conteúdo a ser trabalhado em sala de aula, demonstrando uma dimensão da produção docente mais autônoma do que a elaboração dos programas de disciplina e planos de ensino.

A documentação produzida por outros sujeitos em contextos de elaboração e concretização das aulas de História da Educação abrange: textos de base e textos utilizados para leitura e estudo no decorrer das aulas ministradas, produzidos por autores de referência no campo, e as anotações realizadas pelos alunos durante as aulas realizadas.

Partindo da perspectiva de Bakhtin (2004), podemos dizer que as fontes consultadas são escritas polifônicas. Nelas encontramos os vestígios de outras vozes, sejam elas humanas ou institucionais. Vozes marcadas por tensões, intencionalidades e pelo involuntário, ou seja, por atravessamentos que nos remetem às dimensões sócio históricas que as possibilitam. Do permanente diálogo instituído em/com tais fontes escritas, pode-se fazer emergir pistas sobre o lugar (CERTEAU, 2011) do narrador, do professor de História da Educação investigado, e a forma como ele se coloca nesse lugar, sua postura e as respectivas expressões narrativas.

O núcleo central da tese trata da constituição histórica da disciplina História da Educação, entre os anos de 1951 e 2000, na qual analisa-se as relações existentes entre o currículo programado, as instâncias legais e institucionais, como também as abordagens, periodizações e conceitos que a marcaram durante o período analisado. A partir deste primeiro movimento investigativo, buscamos identificar e analisar abordagens, periodizações e conceitos trabalhados na disciplina de História da Educação. O presente trabalho está estruturado em cinco capítulos.

No primeiro capítulo, intitulado "*Notas investigativas: a história da educação em perspectiva histórico disciplinar*", buscamos lançar algumas bases reflexivas que norteariam a elaboração das questões de investigação da pesquisa. Nela, discutimos desdobramentos da produção historiográfica no campo da História da Educação e seu ensino e estabelecemos as delimitações temporais e espaciais da pesquisa, focando na trajetória histórica da disciplina História da Educação no curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Estado do Espírito Santo e da Universidade Federal do Espírito Santo entre os anos de 1951 e 2000. Depois de estabelecermos os parâmetros espaciais e temporais da pesquisa realizada, apontamos possibilidades de investigação sobre o ensino de História da Educação, tomando como base estudos e pesquisas sobre o ensino de história.

A partir de algumas propostas de pesquisa já consolidadas sobre o ensino de História, apontamos as questões investigativas que norteariam a pesquisa realizada: *Como se configuram as relações entre os parâmetros programáticos propostos para a disciplina de História da Educação, com as estruturas curriculares do curso de Pedagogia estabelecidas por lei e as instituições de produção do saber historiográfico sobre a educação ao longo do período que vai de 1951 a 2000?* E nas dobras destas relações, a partir do corpus documental consultado, buscamos identificar *abordagens, periodizações e conceitos de tempo, história e educação, que marcaram a trajetória histórica da disciplina entre 1951 e 2000.*

No segundo capítulo, "*Aproximações entre Mikhail Bakhtin, Carlo Ginzburg e as Fontes: ancoragens teóricas e metodológicas*", buscamos estabelecer algumas aproximações e distanciamentos entre os dois autores, cujas reflexões teóricas e metodológicas norteariam a trajetória investigativa da pesquisa realizada, e as respectivas aproximações que ambos propiciaram com as fontes. Tratamos em um primeiro momento da exposição de alguns conceitos usados neste estudo, em seguida buscamos traçar pontes conceituais e metodológicas que os ligam e que caracterizaram a abordagem teórica e metodológica que norteou a nossa pesquisa e o tratamento analítico das fontes.

No capítulo terceiro, intitulado "*As pesquisas sobre o ensino de História da Educação no Brasil: tendências e perspectivas*", mapeamos e analisamos as pesquisas realizadas sobre a disciplina de História da Educação e seu ensino no

Brasil. O mapeamento baseou-se em uma investigação no banco de teses da CAPES e nos sites dos Programas de Pós-graduação em Educação no Brasil; nas principais revistas acadêmicas da área, como também os principais eventos, congressos nacionais e internacionais na área de História da Educação. A pesquisa nos possibilitou – além de realizar um mapeamento do que se tem pesquisado sobre a disciplina de História da Educação no Brasil – identificar e analisar as tendências que tais pesquisas estão tomando no Brasil.

No capítulo quatro, analisamos historicamente a disciplina a partir de seus marcos programáticos, legais e institucionais, e as relações que estabelecem entre si, visando compreender os impactos desta relação na constituição da disciplina de História da Educação ao longo do período analisado. A partir destes marcos, rastreamos as tramas dialógicas de algum modo impressas nos programas de ensino da disciplina de História da Educação, com as editoras dos Manuais de História da Educação e os Programas de Pós-graduação em Educação e História no Brasil, que se caracterizaram como esferas de produção, socialização e legitimação do saber histórico.

O quinto capítulo intitula-se "*O ensino de história da educação no curso de pedagogia da FFCLES e UFES: abordagens, periodizações e concepções*". Nele buscamos identificar e analisar, a partir da documentação analisada, abordagens, periodizações e conceitos de tempo, história e educação que marcaram a disciplina de História da Educação. Nas análises efetuadas, identificamos duas abordagens predominantes: uma que aborda a História da Educação pela perspectiva da história das ideias e doutrinas filosóficas e outra pela perspectiva da dependência estrutural dentro do sistema capitalista. Trata-se de abordagens filiadas, respectivamente, à escola positivista alemã e ao materialismo histórico, que impactam profundamente a organização das periodizações adotadas e as concepções de tempo, história e Educação assumidas nas fontes consultadas e analisadas.

A pesquisa realizada sobre a constituição histórica da disciplina de História da Educação na FFCLES e na UFES se constitui em um trabalho, que se soma ao esforço coletivo de pesquisadores da História da Educação, em investigar e analisar não só a trajetória histórica da disciplina como também temas que gravitam ao redor

da mesma, como por exemplo abordagens, conceitos, filiações teóricas, metodologias de ensino, biografias docentes, questões curriculares, dentre outros.

Ao investigar historicamente a trajetória da disciplina de História da Educação e seu ensino no curso de pedagogia da FFCLES e da UFES, a partir dos parâmetros legais, programáticos e institucionais, foi possível perceber que as mudanças mais profundas operadas na disciplina não se originam das legislações e reestruturações curriculares, mas dos locais de produção e socialização do conhecimento histórico, estando eles vinculados ou não às esferas governamentais que legislam as reformas educacionais do país. Durante o período analisado, as duas esferas de produção historiográficas que mais influenciaram nas abordagens, periodizações e conceitos de tempo, história e educação da disciplina História da Educação do curso de pedagogia pesquisado foram: a editora responsável pela publicação e divulgação dos Manuais de História da Educação da coleção Atualidades Pedagógicas (1951-1979) e os Programas de Pós-graduação em Educação e História (1980-2000).

1 NOTAS INVESTIGATIVAS: A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM PERSPECTIVA HISTÓRICO DISCIPLINAR

Pensar no ensino de História da Educação que emerge das escolhas teóricas e metodológicas, como também de narrativas construídas com os alunos, requer uma profunda reflexão sobre as implicações cognitivas, éticas e políticas destas escolhas, diante do tipo de sociedade que se almeja e os projetos de sociedade em disputa.

Os professores de História da Educação encontram-se diante de um processo de reconfiguração do campo, no qual novos temas e novas abordagens ganham preferência, originando novos campos de pesquisa, acompanhados por uma intensa reflexão conceitual e metodológica.

Segundo Carvalho (2011), a História da Educação vem constituindo uma pluralidade de domínios – história das disciplinas escolares, história da profissão docente, história do currículo, história do livro didático, etc. –, articulados em torno de pesquisas sobre práticas culturais, seus sujeitos e seus produtos.

Esta ampliação da esfera de produção historiográfica, oriunda de uma diversidade temática, metodológica e conceitual, abriu novas perspectivas no que se refere a diferentes matrizes historiográficas e suas respectivas tendências. Ela também possibilitou a abertura de um leque de possibilidades metodológicas, teóricas e analíticas, o que requer uma análise mais consistente das escolhas feitas e das suas respectivas implicações ideológicas e políticas.

Analisando algumas obras referenciadas nos debates sobre historiografia no Brasil a partir dos anos de 1990¹, identificamos análises que tendem a apresentar uma determinada escola ou tendência historiográfica, situando seus conceitos e métodos

¹ Podemos citar, como exemplo, algumas obras: Burke, Peter. *O que é História cultural?*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005; Hunt, Lynn (org.) *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992; BURKE, P. *A Escola dos Annales, 1929-1989. A revolução francesa da historiografia*. São Paulo: Unesp, 1985; CARR, E.H. *O que é História*. 3ª. ed. RJ: Paz e Terra, 1982; PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. Belo Horizonte, MG, Autêntica, 2004; REIS, José Carlos. *A Escola dos Annales: a inovação na história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

de duas formas que, algumas vezes, se misturam na narrativa: as tendências que fazem análises sincrônicas e as que fazem análises diacrônicas.

Na perspectiva sincrônica, descrevem-se conceitos, métodos, autores e obras de referência, evidenciando diferenças principalmente conceituais com outras escolas e tendências historiográficas que disputam hegemonia epistemológica na esfera de produção e discursiva da História e da História da Educação, visando a demonstrar a singularidade conceitual das escolas ou tendências historiográficas descritas.

Os trabalhos que propõem um corte diacrônico inserem uma determinada escola ou tendência historiográfica dentro de uma temporalidade. Buscando a constituição histórica de determinada escola histórica ou tendência historiográfica, tendem a construir um fluxo narrativo que sinaliza a superioridade de seus conceitos e métodos frente às demais escolas historiográficas.

Apesar de importantes, esses trabalhos acabam produzindo generalizações sobre movimentos ocorridos na historiografia nacional e internacional, como também o luxo de trocas e influências ocorridas entre historiadores nacionais e internacionais. Por sua vez, ambos os cortes nem sempre aparecem acompanhados de discussões metodológicas mais aprofundadas, como as conjunturas históricas e políticas que dimensionam o pensamento e a produção teórica dos autores vinculados aos movimentos historiográficos apresentados.

Tais abordagens, por sua vez, revelam-se, não só como ressonâncias dos embates políticos e epistemológicos que ocorrem dentro da esfera discursiva da História e no meio acadêmico, mas também como o desdobramento de uma prática presente em nossa cultura historiográfica. Nesta, o diálogo entre o pensamento historiográfico brasileiro e o cenário de debates historiográficos internacionais se dá por apropriações seletivas, onde muitas vezes desconsideram-se os contextos de produção desses debates.

A recepção e apropriação de autores clássicos como Max Weber, Karl Marx, Antonio Gramsci, Walter Benjamin, Carlo Ginzburg, Mikhail Bakhtin, dentre outros, no pensamento social e na historiografia brasileira, também foi marcado por apropriações seletivas.

Segundo Diehl (1999, 2004), entre os anos de 1950 e 1970, os pensamentos liberais e marxistas brasileiros foram marcados pela recepção de algumas obras de autores clássicos do pensamento sociológico e algumas obras de relevo internacional – escritas em sua maioria antes da segunda guerra mundial –, em um contexto saturado pela política desenvolvimentista e pela ideologia da modernização. Este cenário, segundo o autor, teve implicações na penetração do pensamento de Max Weber, Louis Althusser, Antônio Gramsci e Geórg Lukács.

A influência e a recepção da obra de Max Weber começaram a ser nítidas no pensamento social brasileiro, em especial nos estudos sociológicos e na ciência política. A partir da década de 1950², nos estudos históricos, por sua vez, a influência e a recepção de seu pensamento não aparecem com tanta nitidez. Até a década de 1960, Weber foi recebido por meio da obra *Economia e Sociedade*, na qual a ideia evolucionista e historicista ainda estão implícitas em seu pensamento, ficando obscurecido o núcleo de sua obra que diz respeito a crítica da cultura e da sociologia das religiões (DIEHL, 1999).

Pensadores como Guerreiro Ramos, Emilio Wilems, Mário W.V. da Cunha, Viana Moog, Juarez R. B. Lopes e Hélio Jaguaribe, se destacaram como principais interlocutores do pensamento Weberiano neste período, direcionando suas interpretações sobre os tipos ideais para fundamentar as análises sobre a transição do modelo administrativo e cultural patrimonialista brasileiro para o racional-burocrático, como também, para explicar o atraso brasileiro e acelerar, via formação de uma elite racional, o processo de modernização do Brasil (DIEHL, 1999, 2004).

Em meados de 1970, a crítica aos cursos acadêmicos e a crise do processo de modernização evidenciam um reexame crítico do pensamento social brasileiro, sendo a obra weberiana operacionalizada a partir da crítica da cultura e da crítica dos custos do processo de modernização. Autores como Raimundo Faoro, Sílvio

² Importante ressaltar que os primeiros diálogos desenvolvidos com o pensamento de Max Weber foram estabelecidos nos trabalhos de Gilberto Freyre (Casa Grande e Senzala, escrita em 1932) e Sérgio Buarque de Holanda (Raízes do Brasil, escrita em 1936), no final da década de 40 e início dos anos 50 do século XX, toda uma geração de jovens sociólogos, recém formados, toma conhecimento das teorias e pesquisas de Max Weber por intermédio de traduções espanholas e inglesas de suas obras, respectivamente a edição mexicana de *Economía y Sociedad*, lançada em 1944 e a compilação dos textos de Weber realizada por Hans Gerth e C Wright Mills (*From Max Weber*). Editados na Inglaterra em 1957, estas duas edições, especialmente a primeira, são consideradas por Diehl (1999) um dos livros-chave para se compreender a receptividade do pensamento social e científico Weberiano no Brasil até meados da década de 1970.

Maranhão, Juarez R. Lopes, Florestan Fernandes, Octávio Ianni, Fernando Henrique Cardoso, Hélio Jaguaribe, Guerreiro Ramos, Maurício Tragtemberg e Simon Schwartzman, ao realizarem um balanço sobre o pensamento sociológico brasileiro, se aproximam do pensamento de Max Weber, exposto na obra *Sociologia da Religião* e em suas reflexões sobre a racionalização, a burocratização e as formas de superar os problemas da sociedade brasileira, operando suas análises a partir de conceitos como patrimonialismo, burocracia como tipo social, modalidades de poder e dimensões e tipos de estratificação social (DIEHL, 1999, 2004).

No contexto dos anos 70 uma tendência importante no âmbito das discussões sociológicas tributárias do pensamento de Max Weber derivou-se da posição de Florestan Fernandes e da Escola de Paulista de Sociologia, que propunha a redefinição do projeto e do papel das ciências sociais no Brasil. A este marco referencial juntaram-se duas questões: a falência das teorias de modernização representadas pelo ISEB no Brasil e pela CEPAL na América Latina nos anos de 1970 e a recepção à crítica da Escola de Frankfurt – especialmente à crítica de Herbert Marcuse. Tais elementos marcaram um afastamento do grupo pertencente à escola da influência do pensamento weberiano e uma aproximação com o materialismo histórico via Escola de Frankfurt, pela perspectiva sociológica da crítica cultural (DIEHL, 2004).

Com relação ao Marxismo, a década de 1960 caracterizou-se pela crise da Hegemonia do Partido Comunista Brasileiro³, que possuía um enfoque teórico stalinista sobre o marxismo e em cuja crise houve a ascensão de alternativas interpretativas e teóricas do pensamento marxista trazidas ao Brasil pela geração intelectual dos anos de 1960, representada por Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder – que introduziram no Brasil autores como Geórg Lukács e Antonio Gramsci. No entanto, Coutinho e Konder só passaram a ter peso a partir do clima de retomada do marxismo crítico dos anos 60, sob a influência direta do pensamento de Louis Althusser, tendo em vista o peso do pensamento social francês no

³ O Partido Comunista Brasileiro, fundado em 1922, a primeira geração de intelectuais marxistas estavam vinculados direta ou indiretamente ao partido, identificados com a URSS e a geração de Lenin, no entanto logo o processo de bolchevisação dos Partidos Comunistas chegaram ao Brasil, marcando um processo de stalinização e o correspondente estreitamento das condições de debate e de elaboração teórica dentro do partido, cristalizando a visão esquemática de análise do processo histórico por etapas rigidamente estabelecidas. Neste contexto a dicotomia rural x urbano e feudal x capitalismo, era o cerne do debate até meados dos anos de 1970 (ANDERSON, 2004; DIEHL, 1999).

pensamento universitário brasileiro, intensificado pelos movimentos de maio de 1968 (ANDERSON, 2004).

A influência do pensamento marxista francês no Brasil se fez presente, além de posições como a de Louis Althusser, com o pensamento de Pierre Villar e Nicos Poulantzas. As ponderações realizadas pelo marxismo francês sobre as relações de poder marcaram um largo espectro do debate historiográfico marxista no Brasil. Por outro lado, as discussões referentes à transição do feudalismo para o capitalismo na história social inglesa, também influenciaram o marxismo brasileiro. Isto impulsionou uma releitura do marxismo, fundamentada na crítica aos marxistas ortodoxos. Destacamos como representantes desse movimento historiográfico inglês, autores como Christopher Hill, Edward E. Thompson e Eric Hobsbawm (DIEHL, 1999; ANDERSON, 2004).

Diehl (1999, 2004) problematiza a recepção desses autores pelos intelectuais brasileiros, apontando distorções teóricas e metodológicas originárias de fatores políticos e ideológicos ligados a questões referentes aos custos da modernização brasileira. Tanto o pensamento de Weber como o de autores marxistas, como Althusser, Gramsci e Lukacs, conformados à realidade brasileira, caracterizaram-se por uma historiografia com relatos e interpretações lineares, que centravam interesses nas questões do Estado, da nação, das classes sociais, de instituições políticas, de grandes ciclos econômicos e de sínteses estruturais (DIEHL, 1999, 2004).

Segundo o autor, a terceira geração dos *Annales* e seus diálogos com os estudos antropológicos e linguísticos e respectivos métodos nas pesquisas históricas, foi recepcionada no Brasil sem uma devida análise de seu contexto de produção acadêmico e social marcados pela crise econômica dos anos de 1970, que sucedeu a prosperidade da década de 1960 (DIEHL, 2004).

Em suas análises sobre a produção do conhecimento histórico e sua relação com a historiografia e seus domínios, Lapa (1981) argumenta que:

[...] não pode haver uma Historiografia rica se o conhecimento histórico – do processo de memorização à elaboração científica – é pobre. Essa reflexão nos ajuda a compreender as limitações do esforço historiográfico brasileiro. Assim julgamos identificar um condicionamento entre conhecimento histórico e a Historiografia. Se o conhecimento histórico de uma sociedade é

mal elaborado como esforço científico, em consequência a Historiografia dessa sociedade refletirá essas limitações, o que contudo pode deixar de ocorrer com o conhecimento histórico da historiografia (p. 23).

Ao chamar a atenção para a relação existente entre o conhecimento histórico e a historiografia, Lapa (1981) problematiza a necessidade de uma maior reflexão crítica sobre o conhecimento histórico da historiografia. Tal questão também é problematizada e analisada por Sanfelice (2006), quando aborda a questão de que a produção do conhecimento histórico e historiográfico se dá no processo Histórico, pois “a história processo é a totalidade ontológica na qual se movimenta o historiador e onde se produz o conhecimento histórico e a historiografia deste” (p.29).

A reflexão realizada sobre a relação da produção do conhecimento histórico e historiográfico remete-nos para a questão da riqueza cultural do pesquisador, problematizada por Netto (2000). Por outro ângulo, ela complementa, como assinala Sanfelice (2006) as questões propostas por Lapa (1981).

Não sou anarquista metodológico, mas poderia citar inúmeros exemplos, em várias áreas das Ciências Sociais, e inclusive da história, que mostram claramente que não é a preparação teórico-metodológica que garante o êxito da pesquisa ou da investigação. O que garante o êxito da pesquisa, da investigação, é a riqueza cultural do sujeito que pesquisa. Investigador ignorante, pesquisa estreita e investigador rico, resultados fecundos e instigantes. E é evidente que essa riqueza do pesquisador implica o conhecimento de vários modelos e padrões analíticos e ele tem que trabalhar segundo as suas opções que devem ser explicitadas (NETTO, 2000, p. 52).

Não vemos esta garantia direta para o êxito de uma pesquisa, da riqueza cultural do pesquisador, sem o suporte da ironia socrática e o reconhecimento da sua própria ignorância, tendo em vista que tal riqueza poderia desdobrar-se em uma miopia arrogante por parte do pesquisador, na qual as falhas de sua trajetória investigativa e suas conclusões ficariam ocultas para si mesmo.

Historiografia não deve ser portanto mera enumeração de autores e obras, numa desambiciosa descrição do que se escreveu em História. Antes deve captar em profundidade o conteúdo das obras, da palavra, das ideias e da própria ação dos historiadores ao longo de sua vida, com todas as suas implicações, procurando interpretar o seu significado, enriquecendo-o assim, ao mesmo tempo que deve dar sempre, numa visão de conjunto, a perspectiva da evolução dos estudos de História, dos rumos que até então seguiram e a projeção futura do que podem ou não vir a assumir. A historiografia deve arrogar a si o próprio pensamento histórico que é o seu objeto, isto é, não simplesmente o estudo da maneira de escrever que costumamos chamar de história, mas sua própria recriação, com toda a carga de responsabilidades em que essa tarefa implica (LAPA, 1981, p. 24).

No âmbito da história da educação, Saviani (2005), Magalhães (2005) e outros autores reconhecem a riqueza da absorção dos desenvolvimentos teóricos e metodológicos na História, como por exemplo, a possibilidade de constituir-se como um domínio próprio de investigação e uma maior especificidade como disciplina.

Com efeito, se a vitalidade da historiografia da educação, notória desde há algumas décadas, se deve, sobretudo a uma produção científica com sentido inovador, nos quadros temático, conceptual e metodológico, não deixa de ser a mesma perspectiva e a ânsia de inovação que a arrasta para uma fragilidade e para uma progressiva individuação e fragmentação, com todas as implicações daí decorrentes de atomização de objetos científicos, superficialidade e ausência de uma narrativa que articule o rigor científico com uma discursividade orientada para o leitor, e cuja vitalidade e representação objectuais e cognoscíveis resultem de um processo elaborado de produção, informação e comunicação do conhecimento científico e só indirectamente cumprindo as funções de relatório processual e metodológico (MAGALHÃES, 2005, p. 94).

O investimento realizado pelos pesquisadores da História da Educação em investigações que incorporam as inovações temáticas, conceituais e metodológicas, ao mesmo tempo em que tem ampliado e diversificado a esfera de produção historiográfica sobre a educação no Brasil, tem resultado em um processo de fragmentação e atomização dos objetos, criando demandas de articulações narrativas e investigativas no campo. A articulação e o diálogo não só entre os objetos investigados e seus contextos, como também entre as pesquisas realizadas sobre a História da Educação, tem se constituído objeto de preocupação dos pesquisadores do campo – evidenciando uma possibilidade de superação da fragmentação que têm marcado a esfera de produção historiográfica sobre a educação.

No contexto das ampliações e diversificações conceituais, temáticas e metodológicas ocorridas a partir de 1990, as investigações sobre a disciplina de História da Educação e seu ensino têm se constituído como um tema de pesquisa, presente em revistas acadêmicas, congressos e em pesquisas de mestrado e doutorado. No entanto, a disciplina de História da Educação e seu ensino é uma temática que ainda não atrai muito o interesse dos pesquisadores da História da Educação, sendo que as pesquisas sobre a temática ainda são relativamente pequenas em relação a outras temáticas de investigação histórica sobre a Educação.

Diante deste quadro, um outro campo de investigação bastante consolidado, que pela sua proximidade temática pode trazer contribuições relativas a possíveis linhas de investigação, é o campo das pesquisas sobre o ensino de história. O ensino de História, desde os anos de 1980 no Brasil, tem se constituído uma forte tradição de pesquisa, agregando inúmeros pesquisadores e pesquisas.

Gatti Junior (2006), ao falar sobre as pesquisas acerca da história do ensino de História – que já soma inúmeras contribuições, através de dissertações, teses, trabalhos completos em congressos, artigos científicos e livros publicados –, aponta que a História do ensino de História da Educação ainda não encontrou a mesma pujança e interesse por parte dos pesquisadores da História da Educação, mas que pelo estímulo dado pela Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE) e dos vários grupos de pesquisa no Brasil, tem encontrado o seu desenvolvimento.

Historicamente, os pesquisadores universitários pouco se voltaram para a questão do ensino. O ensino de História até a década de 1960 foi encarado como área de formação, não como objeto de pesquisa. Entre o final de 1970 e o início de 1980, o ensino de História passa a se tornar foco de análises, pois os debates ocorridos nos anos anteriores em relação à cultura, comportamento, educação e escola, se constituíram com tanta profundidade e amplitude que possibilitou uma nova forma de relação entre educação, escola e sociedade.

Os professores de história, integrados à atividade docente, iniciaram uma série de experiências didáticas, influenciados pelos debates ocorridos na Nova História e na História Social Inglesa, como a utilização de novas fontes, linguagens e temáticas no ensino da disciplina, como por exemplo, a utilização de filmes nas aulas da disciplina.

Essas experiências, por sua vez, serviram de base para análises das práticas de ensino e/ou de outras pesquisas que começaram a se desenvolver nos Cursos de História.

Dario Fiorentini afirma que na década de 60 havia uma valorização quase exclusiva do conhecimento, isto é, dos saberes específicos que cada professor tinha sobre sua disciplina. Na década de 70 a valorização incidiu sobre os aspectos didáticos e metodológicos relacionados às tecnologias de ensino, passando para um segundo plano os conteúdos. Os trabalhos e pesquisas sobre o ensino de História desse período tem um caráter de relato de experiência com pouca ou nenhuma reflexão teórica. Nos anos 80,

o discurso educacional é dominado pela dimensão sócio-política e ideológica da prática pedagógica. A produção da pesquisa incide sobre o livro didático e começam os primeiros trabalhos sobre currículo, e alguns muito timidamente refletem sobre uma análise teórica. Foram muito frequentes trabalhos sobre diferentes linguagens, principalmente sobre a história em quadrinhos. A década de 90 foi marcada pela busca de novos enfoques e paradigmas para a compreensão da prática docente e do saberes dos professores, embora tais temáticas ainda sejam pouco valorizadas nas investigações e programas de formação de professores.[...] Atualmente, é necessário aprofundarmos essa temática devido às discussões e a política do MEC, que está relacionada a mudanças de currículo e a uma nova concepção de licenciatura (ZAMBONI, 2000/2001, p. 106).

A tradição das pesquisas sobre o ensino de história marca possibilidades investigativas sobre a disciplina de História da Educação e seu ensino. Thais Nívea de Lima e Fonseca (2006) aponta algumas linhas de investigação consolidadas no ensino de História, capazes de irrigar as investigações sobre a disciplina de História da Educação e seu ensino.

Uma das linhas de pesquisa mais tradicionais sobre o ensino de história é a sua relação com a história política. Através desta linha investigativa, o ensino de História da Educação pode analisar não somente as políticas públicas e seus vários desdobramentos, mas também os movimentos de apropriação dessas políticas nas práticas de ensino de História voltadas para a formação de professores, refletindo sobre permanências e discontinuidades, sobre a relação com a cultura e com as representações políticas em épocas distintas (FONSECA, 2006).

Outra linha de investigação é o estudo da trajetória do ensino de História da Educação através de impressos escolares, de periódicos e da bibliografia geral usada nos programas da disciplina. Busca-se investigar o movimento de aproximação e de afastamento das orientações oficiais, as seleções das bibliografias pelos professores e dos materiais a serem utilizados em função dos seus objetivos no desenvolvimento da disciplina, a trajetória dos manuais de História da Educação e suas respectivas influências na configuração curricular (FONSECA, 2006).

Outra importante perspectiva de investigação tradicional nas pesquisas sobre o ensino de História, e que interessaria os pesquisadores da História da Educação, seria a da relação entre o ensino de História da Educação e a historiografia, vista a partir da discussão teórico-conceitual e da produção historiográfica educacional propriamente dita, suas temáticas e linhas de pesquisa. Relevante também são as

pesquisas referentes à produção de materiais didáticos específicos para o ensino de História da Educação, e sobre a relação entre memória e história de professores e alunos da disciplina História da Educação (FONSECA, 2006).

O nosso objeto de estudo situa-se no conjunto das pesquisas referentes a História das disciplinas escolares, que, segundo Chervel (1990), são criações espontâneas e originais do sistema escolar, possuindo especificidades e objetivos próprios, que se articulam com os demais saberes de igual para igual. Os saberes dos quais são portadoras são adaptações ou transposições dos saberes de referência para a disciplina, pois a constituição destes saberes segue itinerários e possui demandas bastante diferenciadas entre as esferas de produção do conhecimento científico.

[...] constituída por uma combinação, em proporções variáveis, conforme o caso, de vários constituintes: um ensino de exposição, os exercícios, as práticas de incitação e de motivação e de um aparelho decimológico, os quais, a cada estado da disciplina, funcionam em estreita colaboração, do mesmo modo que cada um deles está, à sua maneira, em ligação direta com as finalidades (CHERVEL, 1990, p. 207).

A História das disciplinas escolares, enquanto campo historiográfico, precisa dar conta da gênese das disciplinas (como a escola age para produzi-las), da sua função (para que servem as disciplinas escolares) e de seu funcionamento (como elas agem sobre os alunos). Desta maneira deve-se colocar em evidência o caráter criativo da escola, que ao produzir as disciplinas produz uma cultura própria, as culturas escolares. Cada uma das disciplinas investigadas é portadora de problemáticas próprias, de uma economia interna; e é esta singularidade que confere um grau de inteligibilidade a cada disciplina ao se constituir uma investigação pelo tripé finalidades-práticas-efeitos (CHERVEL, 1990).

André Chervel (1990) investe, em sua teorização, na autonomia das disciplinas escolares. No entanto, Fonseca (2003) tenciona criticamente este investimento.

No entanto, uma ênfase muito acentuada nesta autonomia pode, a meu ver levar ao risco da "minimização" das relações "externas", como as conjunturas políticas, embates ideológicos e as ingerências de caráter cultural mais amplo. Desta forma, mesmo seguindo a linha sugerida por Chervel, muitos autores tem seguido seus estudos sobre o tema procurando considerar as múltiplas relações possíveis, sobretudo em sua dimensão cultural, em conjunturas históricas específicas (FONSECA, 2003, p. 12).

As férteis linhas investigativas desenvolvidas na tradição de pesquisas referentes ao ensino de história e as investigações sobre a história das disciplinas escolares, nos

ajudaram a definir alguns caminhos investigativos e a questão que iremos perseguir em nossa pesquisa sobre a História da disciplina História da Educação e seu ensino no período entre 1951 e 2000, nos cursos de Pedagogia da FFCLES e da UFES. O processo de constituição histórica da disciplina História da Educação e seu ensino no curso da FFCLES e UFES, entre os anos de 1951 e 2000, se constitui como o objeto de pesquisa a ser investigado.

Os anos entre 1951 e 2000 foram marcados por profundas transformações, pelos chamados anos dourados, pela luta contra o regime militar, pelo processo de redemocratização, pela constituição de um estado democrático, pela implementação das reformas neoliberais e por um alinhamento com a lógica de globalização hegemônica. Tais configurações históricas e sociais foram acompanhadas por inúmeros movimentos sociais e políticos inseridos em um processo cada vez mais acelerado de industrialização e urbanização da sociedade brasileira. Neste período, não só o Brasil mas também o Estado do Espírito Santo, passaram por profundas mudanças econômicas, políticas, sociais e culturais.

No processo de reconstituição histórica da disciplina de História da Educação e seu ensino no cursos de Pedagogia da FFCLES e da UFES, as fontes encontradas e consultadas nos permitiram reconstituir algumas dimensões de sua trajetória histórica, e por compreendê-las como polifônicas e dialógicas, analisar as relações dialógicas estabelecidas com as esferas de produção historiográficas do período analisado e as implicações destas sobre o conhecimento histórico produzido e ensinado na disciplina de História da Educação.

Como aponta Saviani (2005), a reflexão sobre as implicações da atual configuração do conhecimento histórico, na pesquisa e no ensino, requer trajetórias e abordagens analíticas distintas, pois apesar do reconhecimento das intensas inter-relações existentes entre ensino e pesquisa, ambos caracterizam-se pela constituição de práticas e objetivos distintos.

Na pesquisa realizada, a atenção voltou-se não para as distinções, mas para as inter-relações, os pontos de conexão que se estabelecem na narrativa, comuns à pesquisa e ao ensino da História da Educação. As fontes referentes à disciplina de História da Educação e seu ensino trazem as marcas narrativas de abordagens

historiográficas e matrizes interpretativas, que configuram as diversas investigações e pesquisas desenvolvidas na esfera de produção historiográfica.

A narrativa histórica é uma das dimensões da operação historiográfica, que tem se tornado representativa das tensões vivenciadas pela esfera de produção historiográfica. A questão da narrativa na esfera de produção historiográfica voltou a entrar em evidência nos debates historiográficos a partir da década de 1970, com as críticas voltadas para os grandes modelos explicativos teleológicos. Tais críticas são apresentadas por autores como Lawrence Stone, Hayden White e Dominick La Capra, que passaram a valorizar não só o conteúdo, mas também a forma como este conteúdo era narrado, admitindo que a forma é tão relevante quanto o conteúdo.

A narrativa histórica, como argumenta White (1995), é fruto do trabalho do historiador, além de compor a própria realidade seria autorreferente, desta compreensão da escrita historiográfica depende-se que o único critério importante para tais textos, é o estilo, a forma de narrar, a sua dimensão estética, realizando uma aproximação radical entre a narrativa histórica enquanto componente de uma operação historiográfica com a narrativa ficcional literário

Ao analisar o pensamento de Carlo Ginzburg, Faria Filho e Simões (2012) apontam que:

Precisamente porque reconhece e, mais do que isso, acolhe por afinidade teórica e metodológica a ideia de que a narratividade habita todos os momentos da produção historiográfica, Ginzburg critica frequentes associações da narrativa com os pressupostos relativistas ou céticos [...]. Pela via do método, Ginzburg propõe um tratamento às narrativas históricas, situando-as na tensão entre ficção e verdade. Em primeiro lugar, parece-lhe produtivo compreender a riqueza das provocações mútuas entre narrativas ficcionais e não ficcionais (p. 32).

Segundo Ginzburg (2007), a ênfase dada à dimensão narrativa da historiografia observada nos dias atuais vem sendo acompanhada de atitudes relativistas que tenderiam a anular qualquer distinção entre ficção e história. Ginzburg (2007) acredita que a narrativa histórica se distingue da literária por um motivo de certa forma elementar: enquanto o romancista imagina seus acontecimentos e personagens, o historiador baseia-se em provas, isto é, em vestígios do passado que não podem ser forjados pelo historiador.

Quando Ginzburg (2007) analisa uma das referências analíticas em narrativa histórica nos dias atuais, a autocrítica de Edward Gibbon, denunciando “o condicionamento exercido pelos esquemas narrativos sobre a apresentação dos resultados da pesquisa” (p. 329), inicia uma reflexão sobre o verossímil, sobre o preenchimento das lacunas dos documentos e das fontes sem que sejam necessárias a invenção e a ficção.

Partindo da compreensão de que a narrativa atravessa tanto a pesquisa quanto o ensino, buscaremos através das análises das fontes as interações entre a esfera de produção do conhecimento histórico e a disciplina de História da Educação da FFCLES e da UFES, entre 1951 e 2000. Entre 1920 e 1970 a produção e socialização do conhecimento histórico sobre a educação se deu através dos manuais de ensino de História da Educação.

A narrativa dos manuais de ensino acabou se estendendo aos cursos de formação de professores e impregnando as práticas e a narrativa histórica na disciplina de História da Educação e seu ensino.

[...] até a reforma do ensino brasileiro implantada pela Lei nº 5692/71, as nossas instituições educacionais guiavam-se basicamente pelos *programas escolares* e, a partir deles, orientavam as suas práticas educativas. Essa realidade, é claro, abrangia também os cursos de formação de professores, em nível médio e superior. Os programas de ensino, quaisquer que fossem os cursos, reproduziam livros, ou obras adotadas para fins didáticos, denominados, devido mesmo a essas funções, precípua ou assumida, de *Manuais*, cujos capítulos e tópicos constituíam o roteiro que os docentes tinham *em mãos* para ensinar os conteúdos das disciplinas ou, como diziam, das matérias (XAVIER, 2011, p. 153).

As marcas da narrativa historiográfica que se tornou hegemônica na construção da nação brasileira, em especial no ensino de História da Educação nos cursos de formação de professores, constituem pistas que nos possibilitam investigar certas dimensões da constituição histórica disciplinar da História da Educação.

Segundo Nunes (1996), os autores dos manuais de História da Educação provêm de diferentes atividades profissionais: religiosos e católicos leigos, médicos, advogados e professores da disciplina em escolas normais ou nas faculdades de filosofia. Apesar das diferenças profissionais e de possíveis olhares oriundos da própria formação desses autores, as análises sobre as narrativas historiográficas educacionais brasileiras nos chamados Manuais, realizadas por pesquisadores

como Warde (1990, 1998), Nunes (1996) e Vidal & Faria Filho (2003), apontam para uma narrativa de caráter doutrinário e salvacionista.

Como roteiro para o ensino dos conteúdos, a escrita, com seu caráter doutrinário e salvacionista expresso nos manuais de História da Educação, evidencia a constituição de uma narrativa histórica tributária de paradigmas historiográficos como o Positivismo, o Historicismo, o Marxismo dentre outros.

Estas questões apontam para uma interessante perspectiva de abordagem, que é, no contexto de formação de professores, a constituição histórica de uma tradição de narrativa legitimada por instituições como o Estado, de instituições acadêmicas e de editoras.

Pesquisas sobre a história da História da Educação brasileira, publicadas em revistas acadêmicas, anais de eventos científicos e livros, apontam para a caracterização de três momentos que marcaram esta trajetória. O primeiro momento corresponderia ao período do seu surgimento como disciplina nos cursos de formação de professores nos anos de 1930 até os anos de 1960; o segundo momento coincidiria com o surgimento dos programas de pós-graduação no Brasil, na década de 1960 até o final da década de 1980; e o terceiro momento, com a aproximação da História da Educação com a História, no início de 1990 até os dias atuais.

Tendo como ponto de partida as fontes consultadas referentes à disciplina de História da Educação encontradas nos arquivos públicos e privados, e o respectivo tratamento e análise destas fontes, investigamos a trajetória da disciplina – que, desde o seu surgimento com o curso de Pedagogia da FFCLES, esteve juridicamente vinculada a três instituições de ensino superior – ao longo de quase cinquenta anos na FFCLES e na UFES.

Partindo das consultas e análises dos programas de ensino e as respectivas bibliografias – fontes eivadas de intertextualidades e de camadas dialógicas – propostas para o ensino da disciplina de História da Educação no curso de Pedagogia entre 1951 e 2000 na FAFCLER e na UFES, buscamos analisar os processos de mudanças e as configurações assumidas pela disciplina, articulando-

as com as reformas legais e as tensões existentes no âmbito institucional, decorrentes tanto de contextos internos e locais, como também ampliados.

Investigando as marcas e as tensões presentes nas documentações programáticas sobre a disciplina de História da Educação pesquisada, analisamos os rastros das principais mudanças de continuidades ocorridas na disciplina de História da Educação e seu ensino, durante o período delimitado para a pesquisa. Nas fontes programáticas consultadas encontramos impressões, vestígios e sinais que nos remeteram às reformulações legais do curso de pedagogia e às instituições constituintes da esfera de produção historiográfica.

Investigamos também qual a dimensão das influências exercidas pelas determinações legais e as reorganizações ocorridas nas instituições de ensino e nas esferas de produção historiográficas, com suas respectivas abordagens e matrizes interpretativas, na disciplina de História da Educação e seu ensino.

Neste arco temporal buscamos analisar e compreender, a partir da análise das fontes, as relações existentes entre o programado, o legal e o institucional no que se refere às configurações de continuidade e descontinuidade tomadas pela disciplina de História da Educação, ao longo dos anos entre 1951 e 2000.

A principal questão que nos norteou foi: *Como se configuraram as relações entre os parâmetros programáticos propostos para a disciplina de História da Educação, as estruturas curriculares do curso de Pedagogia estabelecidas por lei e as instituições de produção do saber historiográfico sobre a educação ao longo do período que vai de 1951 a 2000?*

As narrativas que se encontram nos documentos referentes ao ensino de História da Educação constituem elementos importantes na construção dos sentidos construídos para a mesma em sua constituição histórica. No entanto, a construção da narrativa impressa nos documentos referentes à disciplina de História da Educação, realiza-se por meio de um processo dialógico com outras vozes sociais (BAKHTIN, 2010).

Esta construção dialógica das narrativas constituídas na disciplina de História da Educação nos conduziu a outra problematização. A partir destas relações

programáticas, legais e institucionais, consultando fontes variadas sobre a disciplina de História da Educação ministrada nas duas instituições pesquisadas, ao longo do período estudado, tentamos identificar *abordagens historiográficas, periodizações estabelecidas para a História da Educação geral e brasileira e conceitos de tempo, história e educação evidenciados no corpus documental consultado acerca da trajetória histórica da disciplina entre 1951 e 2000.*

2 APROXIMAÇÕES ENTRE MIKHAIL BAKHTIN E CARLO GINZBURG: ÂNCORAGENS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS NA PESQUISA SOBRE A DISCIPLINA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E SEU ENSINO

Desde o surgimento dos Programas de Pós-Graduação, em meados de 1960, a História da Educação vem passando por profundas discussões teóricas e metodológicas tributárias principalmente dos movimentos historiográficos que se operaram na França e na Inglaterra, respectivamente a História Nova e a História social. Os debates que se desenvolveram provocaram e ainda provocam profundas reconfigurações epistemológicas na ciência histórica, implicando em um repensar das abordagens, dos temas e dos métodos que envolvem as pesquisas e as escritas da história.

Novas abordagens, novos métodos, novas fontes, novos objetos e novas problemáticas de pesquisa, abarcadas por tais vertentes, ampliaram consideravelmente o ofício dos historiadores. Tal ampliação irrigou as possibilidades e o investimento em questões até então desprezadas pelos historiadores, incentivando-os a se interessar e se aproximarem do cotidiano, do ordinário, dos "pequenos" (LE GOFF, 1992).

Neste influxo historiográfico, a História da Educação não só passa a constituir-se como um domínio próprio de investigação e ter maior especificidade como disciplina, mas também amplia seu próprio campo de investigação, abarcando principalmente novas fontes documentais, novos métodos investigativos e instituindo novas temáticas para pesquisa. Com isto, como aponta Xavier (2011), os pesquisadores da História da Educação têm estabelecido interessantes diálogos com autores vinculados direta ou indiretamente a matrizes interpretativas que fertilizaram a produção de estudos sobre a História da Educação.

Autores como Marc Bloch, Jaques Le Goff, Pierre Bourdieu, Nobert Elias, Philippe Ariès, Michel Foucault, Michel de Certeau, Roger Chartier, Edward P. Thompson, Carlo Ginzburg, dentre outros, vinculados a algumas matrizes interpretativas, encontram-se nas bases teórico-metodológicas de muitos estudos sobre a História

da Educação no Brasil, tendo em vista a potência de seus trabalhos para as pesquisas sobre a História da Educação (XAVIER, TAMBARA, PINHEIRO, 2011).

Com relação ao nosso objeto de pesquisa, a constituição histórica da disciplina de História da Educação e seu ensino, buscamos estabelecer diálogos com Mikhail Bakhtin⁴ e Carlo Ginzburg⁵. Ambos os autores, cada qual em seu momento e com seus encaminhamentos teórico-metodológicos para suas pesquisas, podem se constituir em interessantes aportes para as pesquisas sobre a disciplina de História da Educação e seu ensino. No entanto, antes de apontarmos tais aportes, analisaremos a relação existente entre os dois autores, como também uma análise de alguns de seus principais conceitos e métodos de pesquisa.

Uma das características da obra de Mikhail Bakhtin é a pluralidade, que se manifesta na enorme quantidade de assuntos distintos dos quais ele tratou em sua obra nas diversas fases de sua vida. Partindo de uma abordagem marxista da filosofia da linguagem, trata ao mesmo tempo de todos os domínios das ciências humanas como, por exemplo, a psicologia cognitiva, a etnologia, a pedagogia das línguas, a comunicação, a estilística, a crítica literária e os fundamentos da semiologia moderna (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004).

⁴ Mikhail Mikhailovich Bakhtin nasceu em 1895, na cidade provincial Orel e morreu em 1975 em Moscou, capital da Rússia, iniciou sua vida acadêmica em 1913, transferindo-se em 1914 para a Universidade de São Petesburgo, no Departamento de Estudos Clássicos da Faculdade Filológico-Histórica, na qual começou a participar círculos intelectuais de discussão acadêmica. Sua trajetória intelectual, sempre em diálogo com os membros dos círculos intelectuais a resultou na produção de obras como: *O freudismo: um esboço crítico* (1927); *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a poética sociológica* (1928); *Marxismo e filosofia da linguagem problemas fundamentais de método sociológico da ciência da linguagem* (1929); *Problemas da obra de Dotoiévski* (1929); *Da pré-história do discurso romanesco* (1936-1938), *Formas do tempo e do cronotopo no romance: ensaios de poética histórica* (1937-1938), *Rabelais, na história do realismo* (1940), *Rabelais e Gogól: arte e discurso e cultura cômica popular*; *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de Rabelais* (1965) e *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance* (1975). (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004).

⁵ Carlo Ginzburg nasceu em 15 de abril de 1939, numa família judia estabelecida em Turim, na Itália tendo como pais Leone Ginzburg e Natalia Ginzburg. Seu pai, russo de Odessa que imigrou ainda criança para a Itália, foi professor de literatura russa e morreu numa prisão fascista romana quando Carlo tinha cinco anos de idade, sua mãe, se tornou uma das mais famosas e respeitadas escritoras italianas deste século Carlo Ginzburg se formou em História e passou a lecionar na Universidade de Bolonha, na Itália. Mas logo se mudou para os Estados Unidos onde passou a lecionar nas universidades de Harvard, Yale, Princeton e da Califórnia. Nesta, Ginzburg ocupou durante duas décadas a cadeira de Renascimento Italiano no Departamento de História, suas principais obras foram: *Os Andarilhos do Bem*; *O Queijo e os Vermes*; *História Noturna: decifrando o sabá*; *Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história*; *O fio e os rastros: verdadeiro, falso e fictício*; *Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância*, *Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa e Relações de força: história, retórica e prova* (PALHARES-BURKE, 2000).

No bojo de seu pensamento surgiram variados conceitos que se ancoraram na sua perspectiva analítica sobre a linguagem. Dentre os conceitos desenvolvidos por Bakhtin em sua obra destacamos: Dialogismo, Polifonia, Cronotopos, Exotopia e Esfera Discursiva.

Para se tratar do conceito de *dialogismo* proposto por Bakhtin (2004), é preciso inseri-lo dentro das chamadas interações verbais, que, segundo o autor, se realiza através da enunciação ou das enunciações. O diálogo, por sua vez, é uma das mais importantes formas de interação verbal. Pode-se compreender a palavra diálogo em sentido amplo, não apenas como comunicação em voz alta, mas toda a comunicação verbal, de qualquer tipo.

Os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem, que deve ser concebida a partir de uma perspectiva histórica, cultural e social, incluindo a comunicação efetiva, os sujeitos e os discursos nela envolvidos. O emprego da língua, por sua vez, efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes dos diversos campos da atividade humana. Os enunciados são unidades de comunicação discursiva, pois são sempre produzidos em direção a um interlocutor, suscitando nele uma atitude ativa e responsiva. Quando falamos ou escrevemos, não precisamos a todo o momento construir uma forma de dizer, pois já nos apropriamos, na maioria das vezes, dos tipos relativamente estáveis de enunciados, que são os gêneros do discurso (BAKHTIN, 2004).

O enunciado de um sujeito permite e provoca como resposta o enunciado do outro. Nesse sentido, enunciado e diálogo são dois conceitos independentes, mas que marcam uma reciprocidade entre eu e o outro, presente em cada réplica e em cada enunciado.

A expressão de um enunciado, em maior ou menor grau, *responde*, isto é, exprime a relação do falante com os enunciados do outro, e não só a relação com os objetos do seu enunciado. As formas das atitudes responsivas, que preenchem o enunciado, são sumamente diversas e até hoje não foram objeto de nenhum estudo especial. Essas formas, evidentemente, diferenciam-se acentuadamente em função da distinção entre aqueles campos da atividade humana e da vida nos quais ocorre a comunicação discursiva. Por mais monológico que seja o enunciado (por exemplo, uma obra científica ou filosófica), por mais centrado que esteja no seu objeto, não pode deixar de ser em certa medida também uma resposta àquilo que já foi dito sobre dado objeto, sobre dada questão, ainda que essa

responsividade não tenha adquirido uma nítida expressão externa: ela irá manifestar-se na tonalidade do sentido, na tonalidade da expressão, na tonalidade do estilo, nos matizes mais sutis da composição. O enunciado é pleno de *tonalidades dialógicas*, e sem levá-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de um enunciado. Porque a nossa própria idéia – seja filosófica, científica, artística – nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros, e isso não pode deixar de encontrar o seu reflexo também nas formas de expressão verbalizada do nosso pensamento (BAKHTIN, 2010, p. 298).

Para Bakhtin (2004), o diálogo, em sua clareza e simplicidade, é a forma clássica de interação verbal. As réplicas, por mais breves e fragmentárias que sejam, expressam a posição do enunciador, possibilitando uma resposta, ou uma posição responsiva.

A concepção de *polifonia* foi desenvolvida por Bakhtin a partir de seus estudos sobre a obra de Fiódor Dostoiévski. Para Bakhtin (1997), Dostoiévski cria um novo gênero denominado polifônico, que apresenta vários pontos de vista e várias vozes, cada qual recebendo do narrador o que lhe é devido.

Para Bakhtin (1997) todo texto é heterogêneo e constituído por várias vozes, é a reconfiguração de outros textos que, ao mesmo tempo em que dialogam com ele, lhe dão origem.

No livro “*Cultura popular na idade média e no renascimento – O contexto de François Rabelais*”, Bakhtin aponta a enorme quantidade de vozes que constituem os romances de Rabelais, que além de remeterem a autores como Luciano de Samósata, Ésquilo, Sêneca, Macróbio, Sócrates, dentre outros, também vinculava-se a eventos festivos populares, que se manifestaram desde a antiguidade até o período medieval como cultura popular.

Bakhtin assim descreve tal fenômeno:

O autor (falante) tem seus direitos inalienáveis sobre a palavra, mas o ouvinte também tem os seus direitos; têm também os seus direitos aqueles cujas vozes estão na palavra encontrada de antemão pelo autor (porque não há palavra sem dono). A palavra é um drama do qual participam três personagens (não é um dueto, mas um trio). Ele não é representado pelo autor e é inadmissível que seja introjetado (introjeção) no autor [...] Cada conjunto verbalizado grande e criativo é um sistema de relações muito complexo e multiplanar. Na relação criadora com a língua não existem palavras sem voz, palavras de ninguém. Em cada palavra há vozes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais (as vozes dos matizes lexicais, dos estilos, etc.), quase imperceptíveis, e vozes próximas, que soam concomitantemente. (BAKHTIN, 2010, p. 328-330).

Inseridas em nossa fala, as palavras do outro são revestidas de nossa compreensão e avaliação, tornam-se bivocais, o nosso discurso da vida prática está cheio de palavras dos outros. Com certas vozes, nossa voz se funde completamente, com algumas vozes reforçamos as nossas palavras, julgando-as e aceitando-as como autorizadas para nós.

Eis por que a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante, e contínua com os enunciados individuais dos outros. Em certo sentido essa experiência pode ser caracterizada como processo de *assimilação* – mais ou menos criador – das palavras *do outro* (e não das palavras da língua). Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos (BAKHTIN, 2010, p. 294-295).

Os conceitos de *cronotopos* e *exotopia* tratam da relação espaço-tempo de modos distintos: enquanto o primeiro privilegia o tempo, o segundo privilegia o lugar. O conceito de cronotopos foi concebido no âmbito estrito do texto literário, enquanto o conceito de exotopia trata da atividade criadora em geral.

Cronotopos busca exprimir a indissolubilidade da relação entre o espaço e o tempo, ou seja, em literatura é uma categoria de forma e conteúdo que realiza a fusão entre o espaço e o tempo de forma inteligível e concreta. Como afirma Bakhtin (1998), "os índices do tempo descobrem-se no espaço e este é percebido e medido de acordo com o tempo" (p. 237).

A percepção do homem como um ser no tempo, que vive no tempo, durante um certo tempo, dimensionado pelo espaço, é apreendido tão somente nas temporalidades representativas da cultura. Segundo Bakhtin (1998), o cronotopo dentro da arquitetura de uma narrativa configura modos de vida em contextos particulares de temporalidades; neste sentido, o tempo se torna uma pluralidade de visões de mundo que se manifestam na simultaneidade caracterizados como acontecimentos no complexo de seus desdobramentos. Tal pluralidade só pode ser apreendida no tempo das culturas e das civilizações, ou seja, no espaço.

Quando Puchkin dizia que a arte teatral "nasceu na praça", ele tinha em vista a praça do "povo simples", da feira, das barracas, das tavernas, ou seja, a praça das cidades européias dos séculos XIII, XVI e dos seguintes. Além do mais ele pensava que o Estado Oficial, a sociedade oficial (isto é, as classes privilegiadas) e suas ciências e artes oficiais (isto é, as classes privilegiadas) e suas ciências se encontravam (basicamente) fora dessa

praça. Mas a praça da antiguidade era o próprio Estado (ou seja, o Estado e todos os seus órgãos). A corte suprema, toda a ciência, toda a arte, e ligado a ela, todo o povo. Cronotopo extraordinário, onde todas as instâncias superiores, desde o Estado até a verdade, eram representadas e personificadas concretamente, estavam visivelmente presentes. E nesse cronotopo concreto, que parece englobar tudo, realizava-se a exposição e recapitulação de toda a vida do cidadão, efetuava-se a sua avaliação público-civil (BAKHTIN, 1998, p. 252).

Dentro da perspectiva bakhtiniana, que aborda a questão da cronotopia dentro da pluralidade, junto ao cronotopo da praça pública, encontramos outros, como por exemplo, o cronotopo da biografia, o cronotopo da aventura, o cronotopo da estrada, lugares/tempos fusionados nos quais ocorrem os encontros transformadores.

O conceito de *exotopia* está relacionado à atividade estética e à possibilidade de que essa seja vista de fora. Este conceito propõe um distanciamento do objeto, não numa perspectiva positivista de neutralidade, mas em relação ao tempo e ao espaço. A exotopia constitui-se como desdobramento do olhar a partir de um lugar exterior, o que permite que se veja a respeito sujeito algo que o próprio sujeito nunca pode ver, o que comporta um olhar ético e comprometido. A exotopia também está ligada a ideia de acabamento, de construção de um todo, que implica um trabalho de fixação e de enquadramento, e é o espaço que permite inscrever um movimento e enxergar as suas marcas, propiciando o trabalho de objetivação.

No âmbito da cultura, a exotopia, é o motor mais potente da compreensão. Uma cultura estrangeira não se revela em sua completude e em sua profundidade que através do olhar de uma outra cultura [e ela não se revela nunca em toda sua plenitude, pois outras culturas virão e poderão ver e compreender mais ainda]. [...] Face a uma cultura estrangeira, colocamos perguntas novas que ela mesma não se colocava. Procuramos nela uma resposta que essas questões que são nossas, e a cultura estrangeira nos responde, nos desvelando seus aspectos novos, suas profundidades novas de sentido. se não colocamos nossas próprias questões, nos desligamos de uma compreensão ativa de tudo que é outro e estrangeiro [trata-se, bem entendido, de questões sérias e verdadeiras (BAKHTIN, 1998, p. 348)].

A noção de esfera da atividade humana, ou esferas discursivas, precisa ser compreendida, no pensamento Bakhtiniano, inserida em suas discussões sobre enunciado/enunciação e os gêneros discursivos. Para Bakhtin/Volochinov (2004), a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos organizados socialmente, sendo que a palavra, produto desta interação, é determinada tanto pelo *falante* quanto pelo *ouvinte*. O centro organizador de toda expressão é o meio social que envolve o indivíduo. Neste sentido a enunciação é de natureza social.

Os enunciados refletem condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. todos esses três elementos – conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolúvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos *relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos de *gêneros do discurso* (BAKHITN, 2010, p. 262).

Dentro desta lógica, os gêneros discursivos incluem diálogos cotidianos e enunciações públicas, institucionais, artísticas, científicas e filosóficas. Bakhtin (2010) distingue os gêneros discursivos primários, os da comunicação cotidiana, dos gêneros discursivos secundários, das comunicações produzidas a partir de códigos culturais elaborados – como a escrita. Os gêneros secundários, como os romances, o gênero jornalístico e o ensaio filosófico são formações complexas porque são elaborações da comunicação cultural organizada em sistemas específicos como a ciência, a arte, a política. Ambas as esferas, segundo Bakhtin, interagem dialogicamente, se transformam e se complementam.

Os gêneros discursivos em seus conteúdos temáticos, estrutura composicional e marcas linguístico-discursivas, refletem as esferas de comunicação discursiva ou esfera de atividade humana. Em tais esferas de atividade configurariam correlações de forças entre diversos agentes com posições sociais distintas. Como aponta Bakhtin (2010), “[...] todas as esferas da atividade humana [...] estão sempre relacionadas com a utilização da língua, a riqueza e a variedade dos gêneros” (p. 279).

No domínio dos signos, isto é, na esfera ideológica, existem diferenças profundas, pois este domínio é, ao mesmo tempo, o da representação, do símbolo religioso da fórmula científica, da forma jurídica, etc. Cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação, para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social. É este o caráter semiótico que coloca todos os fenômenos ideológicos sob a mesma definição geral (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 33).

As esferas são compreendidas como um certo nível específico de coerções, e constitui as produções ideológicas, sem desconsiderar a influência e a dimensão socioeconômica de cada uma delas.

Em cada época, em cada círculo social, em cada micromundo familiar, de amigos e conhecidos, de colegas, em que o homem cresce e vive, sempre

existem enunciados investidos de autoridade que dão o tom, como as obras de arte, ciência, jornalismo político, nas quais as pessoas se baseiam, as quais elas citam, imitam, seguem. Em cada época e em todos os campos da atividade humana determinadas tradições, expressas e conservadas em vestes verbalizadas: em obras, enunciados, sentenças, etc. Sempre existem essas ou aquelas idéias determinantes dos "senhores do pensamento", de uma época verbalmente expressas, algumas tarefas fundamentais, lemas, etc. Já nem falo dos modelos de antologias escolares nos quais as crianças aprendem a língua materna e, evidentemente, são sempre expressivos (BAKHTIN, 2010, p. 294).

Cada esfera institui seus gêneros, apropriados à sua especificidade, que por sua vez correspondem a determinados estilos e uma dada função, seja ela científica, técnica, literária, religiosa ou cotidiana. "No fundo, os estilos de linguagem ou funcionais não são outra coisa senão estilos de gênero de determinadas esferas da atividade humana e da comunicação" (BAKHTIN, 2010, p 286).

Além destes conceitos, Bakhtin se tornou uma referência em estudos sobre e na aplicação metodológica da análise do discurso, com as análises realizadas por ele e os demais membros do Círculo sobre a perspectiva dialógica da linguagem e suas implicações na teoria e análise do discurso. Sobre esta questão em particular, destacamos os estudos feitos no livro *Marxismo e filosofia da linguagem* (Bakhtin/Volochinov). Esta obra se destaca pela aplicação da metodologia e do referencial teórico marxista, mas tomando por base questões culturais, que não são analisadas como meros reflexos das estruturas econômicas, mas dentro de uma perspectiva relacional flexível, em que há uma influência recíproca entre ambas.

A herança intelectual de Bakhtin se faz presente quando analisamos os discursos a partir dos processos de dominação de classe, identificados nos conceitos de circularidade cultural, onde os elementos culturais da classe dominante são *trocados* com os mesmos elementos culturais das classes dominadas, num processo de apropriação e reprodução, com momentos de rejeição.

Carlo Ginzburg e seu trabalho historiográfico se destacam pela originalidade, amplitude e interdisciplinaridade, fazendo aproximações interessantes e fecundas da História com a Filosofia, Literatura, Arte e Psicanálise, desenvolvendo análises surpreendentes e novos olhares sobre temas clássicos e tradicionais da História. Seu trabalho fundamenta-se numa abordagem indiciária que consiste num conjunto de princípios e procedimentos centrados no detalhe, nos dados marginais, naquilo que podemos chamar de pistas, indícios, sinais ou vestígios. Nesta abordagem, as

fontes investigadas pelo historiador, principalmente as voluntárias, se submetidas à análises semióticas, podem revelar mais do que revelariam caso fossem tomadas como um testemunho tomado como dado. Com relação às fontes involuntárias o pesquisador deverá fazer uso de sua intuição, sensibilidade e golpe de vista, para questioná-las com inteligência e criatividade, e estar atento às metáforas, metonímias e deslocamentos.

Segundo Ginzburg (1989), a investigação baseada em indícios fazia parte do cotidiano dos caçadores-coletores do neolítico, como técnica de caça.

Por milênios o homem foi caçador. Durante inúmeras perseguições, ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufo de pêlos, plumas emaranhadas, odores estagnados. Aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais como fios de barbas. Aprendeu a fazer operações com rapidez fulminante, no interior de um denso bosque ou numa clareira cheia de ciladas. [...] O caçador teria sido o primeiro a 'narrar uma história' porque era o único capaz de ler, nas pistas mudas uma série coerente de eventos. 'Decifrar' ou ler' as pistas dos animais são metáforas. (GINZBURG, 1989, p. 151-152).

Para o autor, o paradigma indiciário tem suas origens no saber venatório (relativo à caça e seu contexto) e no saber divinatório (relativos aos processos e técnicas de adivinhação), que a par das divergências entre os dois modelos - a adivinhação voltada para o futuro e a decifração venatória voltada para o passado - a "[...] atitude cognoscitiva era, nos dois casos, muito parecida; as operações intelectuais envolvidas – análises, comparações, classificações – formalmente idênticas" (p.153).

Continuando suas análises sobre as origens do paradigma indiciário, Ginzburg (1989) argumenta que o indiciarismo percorreria caminhos e formas diversas em nossa cultura até que, no final do século XIX, começa a firmar-se silenciosamente nas ciências humanas, baseando-se na semiótica e nos trabalhos de Giovanni Morelli, Arthur Conan Doyle e Sigmund Schlomo Freud. Em Morelli, Doyle e Freud, observa-se um método que permite diagnosticar doenças inacessíveis à observação direta com base nos sintomas superficiais, que são, muitas vezes, irrelevantes aos olhos do leigo.

Nos três casos pistas talvez infinitesimais que permitem captar uma realidade mais profunda, de outra forma inatingível. Pistas: mais precisamente, sintomas (no caso de Freud), indícios (no caso de Sherlock Holmes), signos pictóricos (no caso de Morelli) (GINZBURG, 1989, p. 150).

O trabalho do historiador é marcado por obstáculos que se colocam na pesquisa sob a forma de lacunas e distorções da documentação. No processo de investigação histórica, entre o testemunho – narrativos ou não – e a realidade testemunhada, existe uma relação contínua mediada por filtros e distorções que, com o investimento no método, podemos trabalhá-los e analisá-los de forma a tentarmos nos aproximar da realidade pesquisada (GINZBURG, 2007).

Ginzburg (2002) compreende a fonte histórica como uma documentação eivada de tensões, forças e intencionalidades, testemunhos históricos marcados pela quase infinita diversidade, uma vez que “[...] tudo quanto o homem diz ou escreve, tudo quanto fabrica, tudo em que toca pode e deve informar a seu respeito” (BLOCH, 1997, p. 114).

Tais testemunhos, documentações, ou fontes, segundo Bloch (1997), não “falam” senão quando sabemos interrogá-los. Quanto mais a investigação procura alcançar fatos profundos, mais necessita que se movimentem testemunhos diversos em sua natureza e um conjunto de técnicas específicas ao tipo de testemunho.

No entanto, Ginzburg (2002) compara as fontes a espelhos deformantes e acentua que a análise da distorção específica de qualquer fonte implica um elemento construtivo que é literário. Este elemento possui como condicionante o caráter subjetivo, não somente dos sujeitos históricos que a produziram, como também dos sujeitos históricos que as analisam, ou seja, os historiadores.

Aprofundando a discussão sobre os testemunhos, fontes e documentos históricos, Ginzburg (1989) assinala, em suas análises, que a dimensão indiciária ou semiótica do método se dá em decorrência da dimensão narrativa das fontes, que, como tal, provoca constantemente o historiador e seus filtros ideológicos.

O procedimento indiciário remete à questão do jogo de escalas implicado no enfoque metodológico da micro-história, jogo este que se constitui no movimento de aproximação e de distanciamento. Embasado em um evento descrito em *Guerra e Paz* de Leon Tolstói, Carlo Ginzburg faz referência a uma pintura a óleo de 1529 de Albert Altdorfer denominado *A batalha de Alexandre em Issos*. Segundo ele, o pintor:

[...] escolheu um ponto de vista altíssimo e distante, comparável ao de uma águia voando. Com a agudeza do olhar da águia, pintou os reflexos da luz

nas armaduras, os arreios, as couraças dos cavalos, as cores gritantes das bandeiras, as cândidas plumas esvoaçantes sobre os elmos, o emaranhamento dos cavaleiros armados de lanças, como um enorme porco-espinho, depois (cada vez mais distantes) as montanhas atrás do campo de batalha, os acampamentos, as águas, os vapores, o horizonte curvo que sugere a forma da esfera terrestre, o céu imenso em que fulguram o sol que se põe e a lua que surge (GINZBURG, 2007, p. 267).

A citação traça o perfil de um olhar, o olhar de águia, que se posiciona longe do objeto que vê, e é capaz de apreender os menores e mais significativos detalhes: uma operação simultânea que conduz Carlo Ginzburg a deduzir que a inversão do procedimento alcançaria resultados semelhantes, permitindo captar, com a aproximação do olhar, algo que escapa a visão de conjunto. Ao mesmo tempo próximo e distante, longínquo e detalhado, o olhar da águia remete à concepção de estranhamento desenvolvido pelo autor em suas obras, concepção esta profundamente ligada aos procedimentos de leitura de fontes propostas por ele (GINZBURG, 2007).

A questão do estranhamento é tratada por Ginzburg (2001) como parte da discussão sobre a automatização da percepção. O autor nos atenta também ao fato de que a arte pode reavivar nossas percepções que o hábito tornou inertes. Um olhar distante e desacostumado que externamente às nossas concepções comuns, observa e interroga, o que permite "cancelar a representação".

Segundo Epicteto, o escravo-filósofo cujas idéias haviam suscitado em Marco Aurélio um eco profundo, cancelar a representação era um passo necessário para alcançar uma percepção exata das coisas e portanto atingir a virtude. Marco Aurélio descreveu os passos sucessivos nos seguintes termos: *Cancela a representação. Pára os fios que movimentam a marionete. Circunscreve o instante presente do tempo. Toma conhecimento do que acontece contigo, separa e subdivide o objeto em fator causal e fator material. Pensa na hora extrema (VII, 29)* (GINZBURG, 2001. p. 19-20).

A concepção de estranhamento em Ginzburg (2001) parte da compreensão de que a realidade é subjacente das representações, o estranhamento caminha para uma dissociação entre representação, ligada aos fenômenos superficiais, e realidade, que é vista como um elemento profundo, interior e mais verdadeiro. A compreensão profunda da realidade significa sua compreensão por debaixo das representações e que o confronto entre tradições culturais diferentes poderia gerar um olhar profundo e inesperado sobre a realidade.

Parece-me que o estranhamento é um antídoto eficaz contra um risco a que todos nós estamos expostos: o de banalizar a realidade (inclusive nós

mesmos). As implicações antipositivistas dessa observação são óbvias. Mas, ao salientar as implicações cognitivas do estranhamento, eu gostaria também de me opor com a máxima clareza possível às teorias da moda que tendem a esfumar, até torná-los indistintos, os limites entre história e ficção (GINZBURG, 2001, p. 41).

As discussões sobre o estranhamento convergem para uma metodologia de leitura de fontes, fundamentada na reconstrução dialógica da documentação (GINZBURG, 1987). No caso de sua pesquisa sobre a inquisição, para se compreender as crenças daqueles que estão diante do Tribunal do Santo Ofício, o diálogo que precisa ser percebido é um diálogo de surdos, em que o que é dito por um não é compreendido pelo outro, pois, sem levar em conta esta questão, corre-se o risco de perdê-las.

Analisando a trajetória intelectual de ambos os autores, identifica-se uma temática comum a entre ambos: *a cultura popular*. Penso que a questão da cultura constitui uma ponte entre as obras *O Queijo e os Vermes; o cotidiano de um moleiro perseguido pela inquisição*, de Carlo Ginzburg e *A cultura popular na Idade Média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*, de Mikhail Bakhtin.

Sobre a questão a importância da cultura popular para a compreensão da obra de François Rabelais, Bakhtin assinala:

É assim que se apresenta nosso problema. No entanto, o objeto específico do nosso trabalho não é a cultura cômica popular, mas a obra de François Rabelais. Na realidade, a cultura cômica popular é infinita e [...] extremamente heterogênea nas suas manifestações. Em relação a ela, nosso objetivo é puramente teórico e consiste em revelar a unidade, o sentido e a natureza ideológica profunda dessa cultura, isto é, o seu valor como concepção de mundo e o seu valor estético (BAKHTIN, 1987, p. 50).

Já Ginzburg aponta sua importância na compreensão do processo vivido pelo moleiro Menocchio e de suas ideias.

Foi possível rastrear o complicado relacionamento de Menocchio com a cultura escrita, os livros (ou, mais precisamente, alguns dos livros) que leu e o como os leu [...]. Em consequência, uma investigação, no início, girava em torno de um indivíduo aparentemente fora do comum, acabou desembocando numa hipótese geral sobre a cultura popular – e, mais precisamente, sobre a cultura camponesa – da Europa pré-industrial, numa era marcada pela difusão da imprensa e a Reforma Protestante bem como pela repressão a esta última nos países católicos (GINZBURG, 1987, p. 12).

A conexão entre ambos os autores pode começar por estas vias, sobre a importância da cultura popular para o entendimento de seus objetos de pesquisa. No

prefácio da edição Inglesa de *O queijo e os Vermes*, Ginzburg explicita a relação de sua pesquisa com a de Mikhail Bakhtin, no que ele chamou de circularidade cultural.

Ronaldo Vainfas, no livro *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*, organizado conjuntamente com Ciro Flamarion Cardoso, desenvolve uma interessante análise sobre as aproximações entre Ginzburg e Bakhtin a partir da perspectiva da circularidade cultural.

Foi na pesquisa realizada sobre o moleiro Menocchio, que redundou na publicação do livro *O queijo e os Vermes*, que Ginzburg adotou o conceito de cultura popular, conceituando-a como um conjunto de atitudes, crenças, códigos de comportamento próprios das classes subalternas num certo período histórico. Ginzburg formula uma visão sobre a cultura popular que não se confunde com “cultura imposta às classes populares” pelas classes dominantes e nem exprime o triunfo de uma “cultura original e espontânea” das classes populares sobre os projetos aculturadores das elites letradas (VAINFAS, 1997).

A cultura popular, segundo Ginzburg, se define pela sua oposição à cultura letrada ou oficial das classes dominantes, mas também se define pelas relações que mantêm com a cultura dominante, filtrada pelas classes subalternas de acordo com seus próprios valores e condições de vida (VAINFAS, 1997).

É frente a esta realidade que Carlo Ginzburg propõe o conceito de circularidade cultural. O estudo das ideias de Menocchio, o moleiro friuliano condenado pelo Santo Ofício, longe de ser um exemplo de micro-história desarticulada de totalidades explicativas, é um exercício teórico interessado em demonstrar o conflito e as relações de classes no plano cultural. O objeto teórico do livro que o moleiro Menocchio personifica é, não a cultura popular em si, mas o complexo processo de circularidade cultural presente num indivíduo egresso das classes subalternas que sabia ler, e com certeza lerá certos textos produzidos no âmbito das classes dominantes, filtrando-os através de valores da cultura camponesa (VAINFAS, 1997).

É frente a esta realidade que Carlo Ginzburg propõe o conceito de circularidade cultural. O estudo das ideias de Menocchio, o moleiro friuliano condenado pelo Santo Ofício, longe de ser um exemplo de micro-história desarticulada de totalidades explicativas, é um exercício teórico interessado em demonstrar o conflito e as

relações de classes no plano cultural. O objeto teórico do livro que o moleiro Menocchio personifica é, não a cultura popular em si, mas o complexo processo de circularidade cultural presente num indivíduo egresso das classes subalternas que sabia ler, e com certeza lerá certos textos produzidos no âmbito das classes dominantes, filtrando-os através de valores da cultura camponesa (VAINFAS, 1997).

A inspiração teórica de Ginzburg veio do marxista Mikhail Bakhtin em seu livro *A cultura popular na idade média e no renascimento*. Bakhtin percebeu a possibilidade de se resgatar a cultura das classes populares na França daquele período através da obra de François Rabelais, percebendo um conflito de classes no plano cultural e, mais precisamente, a carnavalização da cultura austera das elites no vocabulário da praça pública e no escárnio popular. Ginzburg procedeu do mesmo modo, indo além do autor russo ao propor abertamente o conceito de circularidade, noção não muito desenvolvida em Bakhtin, que se preocupava mais com as oposições do que com as interpenetrações culturais entre as classes (VAINFAS, 1997). Essa preocupação com as oposições e as dicotomias culturais resulta das influências teóricas exercidas pelo pensamento marxista, pois o objetivo de Bakhtin é encontrar traços de uma “cultura de resistência” numa determinada sociedade.

Esta aproximação pela perspectiva da cultura popular nos permite vislumbrar outros entrelaçamentos entre Carlo Ginzburg e Mikhail Bakhtin, como por exemplo, o *dialogismo* e a *polifonia*. As abordagens dialógicas e polifônicas propostas por Bakhtin, explicitadas em seus trabalhos, também são encontradas nas obras de Carlo Ginzburg. Podemos citar como exemplos *O queijo e os vermes* e os quatro ensaios do livro *Nenhuma Ilha é uma Ilha*.

No livro sobre Menocchio, encontramos a seguinte análise de Carlo Ginzburg:

Vimos, portanto, como Menocchio lia seus livros: destacava, chegando a deformar, palavras e frases; justapunha passagens diversas, fazendo explodir analogias fulminantes. Toda vez que confrontamos os textos com suas reações a eles, somos levados a postular que Menocchio possuía uma chave de leitura oculta que as possíveis relações com um ou outro grupo de heréticos não são suficientes para explicar. Menocchio triturava e reelaborava suas leituras, indo muito além de qualquer modelo preestabelecido. Suas afirmações mais desconcertantes nasciam do contato com textos inócuos, como *As viagens*, de Mandeville, ou a *História del Giudicio*. Não o livro em si, mas o encontro da página escrita com cultura oral é que formava, na cabeça de Menocchio, uma mistura explosiva (GINZBURG, 1987, p. 103).

A análise de Ginzburg sobre o discurso de Menocchio fala da reapropriação dos textos feitas por Menocchio, o que funda, em parte, a ideia de que o discurso é sempre formado pelo discurso alheio. Sob esta perspectiva, a fala do outro atravessa a fala do enunciador, marcando seu caráter polifônico e dialógico, o que aponta para a perspectiva sinalizada por Bakhtin: a de que não existe discurso que não seja diálogo.

Nos quatro ensaios realizados por Ginzburg, em *Nenhuma ilha é uma ilha*, a perspectiva dialógica da constituição literária da Inglaterra em suas trocas literárias com o continente é bem claro:

[...] aprendi que o modo como um ser humano reelabora os livros que lê é muitas vezes imprevisível. Numa perspectiva semelhante, abordei Vasco de Quiroga, leitor de Luciano e Thomas More; Thomas More, leitor de Luciano; George Puttenham e Samuel Daniel, leitores de Montaigne; Sterne, leitor de Bayle, e assim por diante. Em cada um desses casos procurei analisar não a reelaboração de uma fonte, mas algo mais vasto e fugidio: a relação da leitura com a escrita, do presente com o passado e deste com o presente (GINZBURG, 2004, p. 14-15)

Carlo Ginzburg, ao tratar das obras dos autores ingleses analisados, investe nas marcas polifônicas encontradas em seus textos, que se constituem pistas, vestígios das leituras que realizaram, e os sentidos que elas trazem para seus textos.

Importante ressaltar que Ginzburg, reconhecendo as marcas polifônicas nos documentos analisados pelos historiadores, centra boa parte de seu trabalho nas características e tratamento das fontes. Podemos depreender em suas análises e reflexões uma abordagem dialógica das mesmas.

A partir das questões de investigação levantadas e dos pressupostos teóricos e metodológicos de Carlo Ginzburg e Mikhail Bakhtin, iniciamos a busca de um corpus documental que nos possibilitasse investigar a constituição histórica da disciplina de História da Educação no curso de Pedagogia da FFCLES, posteriormente incorporada à UFES. Segundo Certeau (2011),

Em história, tudo começa com o gesto de *separar*, de reunir, de transformar em "documentos" certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em *produzir* tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto. Este gesto consiste em "isolar" um corpo, como se faz em física, e em "desfigurar" as coisas para constituí-las como peças que preencham lacunas de um conjunto, proposto *a priori*. Ele forma a "coleção". Constitui

as coisas em um "sistema marginal", como diz Jean Baudrillard;⁴⁸ ele as exila da prática para as estabelecer como objetos "abstratos" de um saber. Longe de aceitar os "dados", ele os constitui. O material é criado por ações combinadas, que o recortam no universo do uso, que vão procurá-lo também fora das fronteiras do uso, e que o destinam a um reemprego coerente. E o vestígio dos atos que modificam uma *ordem* recebida e uma visão social. Instauradora de signos, expostos a tratamentos específicos, esta ruptura não é, pois, nem apenas nem primordialmente, o efeito de um "olhar". É necessário aí uma operação técnica (p. 69).

A tarefa de pesquisa, seleção e produção de documentos foi norteada pelas seguintes questões:

- *Quais as relações existentes entre o programado, o legal e o institucional no que se refere às configurações de continuidade e descontinuidade tomadas pela disciplina de História da Educação entre 1951 2000, no ensino de História da Educação;*
- *Analisar as abordagens historiográficas e periodizações estabelecidas para a História da Educação geral e brasileira, como os conceitos de tempo, história e educação evidenciados no corpus documental consultado acerca da trajetória histórica da disciplina entre 1951 e 2000.*

A primeira aproximação com as fontes utilizadas na pesquisa sobre a disciplina de História da Educação do curso de Pedagogia da FFCLES e da UFES ocorreu através dos programas de ensino disponibilizados no Departamento de Educação, Política e Sociedade (Deps). No departamento, encontramos arquivos digitalizados de programas da disciplina de História da Educação I e II, que corresponde aos semestres letivos referentes aos anos que vão de 2000 à 2010, não havendo registros de programas de ensino correspondente a anos anteriores.

A partir dos programas de ensino consultados, buscamos em um segundo momento estabelecer algumas conversas iniciais com alguns professores cujos nomes constavam como professores da disciplina nos programas de ensino consultados. Também buscamos acessar o arquivo morto do CE da UFES.

Em conversas iniciais com alguns professores que lecionaram a disciplina de História da Educação agendamos uma entrevista e solicitamos o acesso às documentações pessoais referentes à disciplina. Das duas entrevistas realizadas, conseguimos acesso a cinco arquivos pessoais de professores que lecionaram a disciplina de História da Educação: um encontrava-se sob a guarda de uma professora do curso de Pedagogia; dois foram cedidos por duas professoras que lecionaram a disciplina e em meio a estas duas documentações encontramos mais

dois conjuntos de documentos pessoais de outros dois professores referentes a disciplina de História da Educação I e II. Decidimos agrupar os documentos dos cinco arquivos em pastas distintas, para efeito de consultas e análises.

Os cinco acervos pessoais correspondem a documentações de professores que ministraram a disciplina de História da Educação I e II em períodos diferentes, entre os anos de 1978 e 2000. Chegamos a tais acervos mediante conversas com os professores, que concordaram em nos deixar consultar seus acervos.

Estes acervos pessoais, em sua grande maioria, eram compostos pelos seguintes documentos: cadernos com anotações e fichamentos dos textos trabalhados nas aulas, programas de ensino, avaliações de leitura, provas finais, capítulos de livros, trabalhos realizados por alunos e resenhas de filmes, projeto de reformulação do curso de Pedagogia, relatórios e espelhos de acompanhamento da reformulação do curso de pedagogia.

Tais documentos eram bastante escassos, se levado em consideração o tempo de trabalho de cada professor com a disciplina de História da Educação I e II no curso de pedagogia da UFES – tempos de trabalho que variam aproximadamente entre 5, 17 e 20 anos. Apenas um destes arquivos continha um número considerável de documentos referentes não só a disciplina de História da Educação como também do curso de Pedagogia. Abaixo descrevemos a forma como tivemos acesso aos acervos, como também, às documentações existentes nele.

O primeiro acervo pessoal que tivemos acesso resultou de uma conversa inicial com a professora A, no estacionamento do Centro Pedagógico da Universidade Federal do Espírito Santo. Ao chegar no estacionamento, abordei a professora, que se dirigia para o seu carro, e conversamos sobre a possibilidade de marcarmos uma entrevista sobre sua experiência docente com a disciplina de História da Educação e ter acesso aos arquivos pessoais da disciplina para a nossa pesquisa. Após sinalizar positivamente com relação a entrevista, informou-me que havia feito uma limpeza em sua sala, e que todo o material que estava em seu armário foi colocado no corredor para ser recolhido pelos profissionais responsáveis pela a limpeza do prédio. Fomos até o corredor e encontramos pilhas de folhas e caixas contendo

vários documentos referentes a disciplina de História da Educação I e II; recolhemos todo o material e levamos para casa.

Em um primeiro momento realizamos a organização da documentação, dividindo o *corpus* documental em três caixas, uma correspondendo a um período de 15 anos (1975-1990) e outras duas de cinco anos, respectivamente (1990 - 1995) e (1995 - 2000). Em cada caixa, criamos pastas para cada ano, e no interior das pastas dividimos as documentações por conteúdos. Ao operar as separações, por ano e por conteúdo, encontramos vários documentos referentes à disciplina de História da Educação II ministrada pelo professor B, o que levou a criação e organização de pastas específicas sobre a disciplina de História da Educação do Brasil.

Com as documentações encontradas no corredor da sala da professora A, foram criados e organizados três arquivos com pastas referentes à disciplina de História da Educação I e História da Educação II, como também documentos referentes ao curso de Pedagogia da UFES, correspondentes aos acervos pessoais da professora A e do professor B.

Ao realizarmos a entrevista com a professora C, conseguimos acesso a algumas pastas contendo textos, programas ensino e um caderno com anotações e fichamentos de textos utilizados não só na disciplina de História da Educação como também em outras disciplinas ministradas pela professora. Junto com o seu acervo pessoal, a professora disponibilizou outro material, pertencente a outra professora que lecionou a disciplina de História da Educação no mesmo período. Fomos informados que a professora D não estava bem de saúde e que verificaria a possibilidade de uma entrevista; o retorno dado foi de que não seria D, pelas suas condições de saúde.

Outro professor que buscamos contato para uma possível entrevista foi o professor E. Na busca, chegamos a uma das professoras do departamento do Centro de Educação, que poderia ter o telefone do professor E; fomos informados que o mesmo ainda encontrava-se adoecido, mas que havia deixado pastas – quatro pastas com documentos sobre o seu tempo como professor, sob a responsabilidade dela, e que com a anuência dele liberaria meu acesso à documentação. Passaram-se alguns dias e obtivemos um retorno positivo. Ficamos três dias consultando e

analisando a documentação, composta, no que se refere à disciplina de História da Educação, por programas de ensino e fichamentos de textos. Havia mais documentos sobre outras disciplinas ministrados pelo professor E do que da disciplina de História da Educação, como também muitos diários de classe.

O arquivo morto do CE encontrava-se localizado em uma pequena sala, localizada abaixo da escada de acesso ao segundo piso do prédio em que se o curso de pedagogia, denominado IC IV, inapropriada para o arquivamento e manutenção dos documentos referentes ao do curso de pedagogia da UFES. A sala, ao mesmo tempo em que servia de arquivo morto para as documentações, era o lugar no qual as faxineiras tomavam seu café, dificultando o trabalho de consulta às fontes. Devido à desorganização do arquivo e à inacessibilidade de várias caixas que se encontravam sob amontoados de armários e madeiras, não conseguimos consultar muitos documentos. Nas primeiras investidas realizadas no arquivo, encontramos o projeto e alguns relatórios referentes à reformulação do curso de pedagogia ocorrido em 1989, e alguns poucos programas de ensino referentes às disciplinas de História da Educação I e II.

Durante um bom tempo, as documentações do arquivo morto, transferidas para uma sala mais apropriada, sofreram um processo de reorganização por estagiários do curso de Arquivologia. Ao retornarmos ao arquivo, o encontramos organizado, com as caixas devidamente identificadas, contendo documentos organizados em pastas. Desta vez, conseguimos consultar um número de documentos bem maior do que o que consultamos na primeira investida. Os documentos consultados no arquivo morto do centro de educação da UFES correspondem ao período que vai de 1970 a 2000, referentes ao curso de Pedagogia da UFES e os diretamente ligados à disciplina de História da Educação I e II. Consultamos documentos referentes à reformulação do curso de Pedagogia da UFES, programas de ensino, bibliografias, distribuição de temas para seminários, cronogramas de atividades, diretrizes curriculares do curso de pedagogia, unidades programáticas, programas de ensino detalhado e respectivas leituras obrigatórias e complementares.

Com relação aos arquivos da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras do Estado do Espírito Santo, a primeira informação disponibilizada sobre os mesmos se deu na dissertação de Cunha (2000), localizados no almoxarifado do Centro de Estudos

Gerais da Universidade Federal Espírito Santo (CEG), atualmente Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN). Após mais de uma década, partindo da descrição realizada na dissertação de Cunha (2000) sobre o estado do acervo, não observamos mudanças significativas, pois os documentos ainda se encontram em espaço inadequado para pesquisa e em péssimas condições, devido ao mofo, além de pouca ventilação, documentos enfileirados em prateleiras juntamente com outros materiais que não são da mesma faculdade, com grande parte do acervo danificada. O acervo está organizado em ordem numérica e cronológica, em livros de relatórios que vão de 1953 a 1979, contendo atas de reuniões, relatórios de formandos, grades curriculares, relação de nome de professores, recortes de jornais, relação de vestibulares, programas de ensino, carga horária das disciplinas, avaliações, e conteúdos ministrados.

Os documentos consultados foram agrupados tendo como critérios o conteúdo e o tipo de documento. Agrupamos e organizamos os documentos em algumas séries: programas de ensino (detalhados ou não); bibliografias; anotações e fichamentos produzidos pelos docentes; resenhas e resumos produzidos por alunos; grades curriculares do curso de Pedagogia da FFCLES e da UFES; documentos oficiais de caráter departamental; transparências; leis; projetos, produções acadêmicas e manuais de ensino.

A metodologia de análise do *corpus* documental consultado nos arquivos partiu da compreensão do documento como uma narrativa, e, como tal, como já assinalado, é polifônico e dialógico. Segundo Ginzburg (2007), para decifrar os sentidos mais profundos devemos aprender a captar por trás da superfície lisa do texto um sutil jogo de ameaças e medos, de ataques e retiradas.

[...] a documentação de que dispomos já está contaminada pela interpretação dos inquisidores. Nossa tarefa de intérpretes parece muito mais fácil quando, como no caso dos andarilhos do bem, os inquisidores não entendiam. Mas, quando entendiam (ou pelo menos entendiam melhor), a dimensão dialógica do processo se atenua ou até desaparece, e a documentação, para quem quer reconstruir as crenças dos réus, parece menos estimável, menos pura (GINZBURG, 2007, p. 290).

A partir das séries, realizamos análises do discurso e do conteúdo das mesmas, buscando em camadas superficiais e mais profundas os sentidos e as interações dialógicas estabelecidas e evidenciadas nos documentos. Neste processo analítico

realizamos o entrecruzamento e a leitura das fontes às avessas, atentos às entrelinhas dos documentos e seus respectivos contextos de produção.

As fontes compreendidas como dialógicas possuem dentro de si vozes sociais diversas. O texto em si, em uma primeira perspectiva, é dialógico e o historiador deve lidar com isto. Segundo Bakhtin (2010), não há textos que não estejam mergulhados em uma rede de intertextualidade, ou seja, em diálogo com outros textos. Portanto, em nossa pesquisa, as documentações consultadas foram abordadas e tratadas como 'fontes dialógicas': aquelas que envolvem, ou circunscrevem dentro de si, vozes sociais diversas.

Buscamos compreender na constituição histórica da disciplina de História da Educação as vozes sociais que marcaram sua trajetória, imprimindo transformações, permanências, abordagens, periodizações e respectivos conceitos de tempo, história e educação que deram o tom do ensino de História da Educação entre 1951 e 2000 no curso de Pedagogia da FFCLES e da UFES.

3 AS PESQUISAS SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL: TENDÊNCIAS E PERSPECTIVAS

Ao tratar das tendências e perspectivas das pesquisas sobre o ensino de História da Educação no Brasil buscaremos realizar uma investigação panorâmica, buscando, dentro de um grande plano, as marcas e os vestígios que nos permitam observar uma determinada configuração ou movimento em uma perspectiva mais ampla. Neste sentido buscamos identificar e analisar as tendências historiográficas e teóricas que as pesquisas sobre o ensino de História da Educação vêm tomando em nosso país.

A História da Educação como disciplina a ser ensinada nos cursos de formação de professores antecede o desenvolvimento de pesquisas na área: ela surge em meio a um contexto de crença na educação, em meio a ações diretas dos estados nacionais republicanos, em direção a estatização do ensino, institucionalização da formação de professores por meio da escola normal e da pedagogia científica (NÓVOA, 1994).

Sendo instituída no Brasil como disciplina nos cursos de formação de professores em meados dos anos de 1930, somente décadas depois é que começaram, timidamente, a aparecer pesquisas sobre o ensino de História da Educação, especificamente em meados dos anos de 1990. A temática tem recebido pouca atenção dos pesquisadores da História da Educação, questão esta que merece ser investigada e receber investimentos reflexivos por parte dos historiadores da educação.

No panorama investigativo sobre as pesquisas realizadas no âmbito da História da Educação a ser traçado, inicialmente trataremos das pesquisas referentes à sua historiografia, para, em seguida, tratarmos das pesquisas sobre ao seu ensino.

Sobre a historiografia da História da Educação consultamos variadas pesquisas, realizadas por pesquisadores de referência no campo, sobre as configurações que as produções bibliográficas e as pesquisas têm tomado em nosso país desde o seu surgimento como disciplina em cursos de formação de professores na década de 1930, até a consolidação do campo com a constituição de grupos de pesquisas e

encontros de cunho regionais, nacionais e internacionais, para a socialização das pesquisas em andamento sobre a História da Educação.

Com relação às pesquisas sobre o ensino de História da Educação, consultamos revistas acadêmicas dedicadas a publicações sobre educação e História da Educação, dissertações de mestrado e teses de doutorado e os anais dos principais encontros e congressos realizados sobre o tema. Nestes espaços de produção acadêmica, referentes ao ensino de História da Educação, identificamos configurações e tendências que tais pesquisas estão tomando.

No Brasil, quando as pesquisas acadêmicas em História da Educação começaram a se desenvolver, possuíam como foco de investigação a História da Educação Brasileira, antecedendo as pesquisas sobre a História da Educação enquanto disciplina acadêmica e seu ensino (FARIA FILHO; VIDAL, 2003; GATTI JUNIOR, 2006; SAVIANI, 2005; WARDE, 1984; MONARCHA, 2007).

O primeiro livro voltado exclusivamente a narrar a História da Educação Brasileira, *L'Instruction publique au Brésil: histoire et législation (1500-1889)*, de José Ricardo Pires de Almeida, publicado em 1889 – escrito em francês – tecia elogios ao Império e afirmava a liderança brasileira em termos educacionais (FARIA FILHO; VIDAL, 2003).

Entre o trabalho pioneiro de José Ricardo Pires de Almeida, e o estudo acadêmico de Fernando de Azevedo, *A cultura Brasileira* de 1943, há uma lacuna de mais de meio século. A última parte do livro tornou-se uma referência obrigatória, nos estudos de História da Educação que a ele se seguiram (SAVIANI, 2005).

Na terceira parte do livro — "A transmissão da cultura" —, tem-se uma abordagem específica da evolução da educação brasileira, mediante seleção de fatos do passado. Objetivava, pois, preparar aquilo que o autor pretendia anunciar como segmento áureo de uma linha de evolução ascendente e progressiva da educação ou ainda como cúpula da modernidade educacional brasileira: o "movimento de reconstrução educacional" do qual fora um dos protagonistas. Posteriormente, a parte terceira do livro foi editada separadamente, sob o título *Transmissão da cultura*, e utilizada como bibliografia de referência nas faculdades de filosofia (MONARCHA, 2007, p. 58).

Entre os anos 1930 e 1950, Monarcha (2007) identifica um esforço que objetivava conferir visibilidade e sentido à educação brasileira na Colônia, Império e República, instituindo-se nesses anos conteúdos de História da Educação Geral e do Brasil nos

currículos acadêmicos das Escolas Normais, Institutos de Educação e Faculdades de Filosofia (MONARCHA, 2007).

No decorrer deste período, foram surgindo outras contribuições como as de: Seraphim Leite (1938 - 1950), *História da Companhia de Jesus no Brasil*; Zoraide Rocha de Freitas (1954), *História do Ensino Profissional no Brasil*; Luiz Alves Matos (1958), *Primórdios da educação no Brasil: Período Heróico (1549-1570)*; Celso Suckow da Fonseca (1961), *História do ensino industrial no Brasil*; Leonel Franca (1960), *Método pedagógico dos Jesuítas* e Geraldo Bastos Silva (1969), *Educação secundária: perspectiva histórica e teórica* (SAVIANI, 2005).

Ao analisar e cruzar informações de pesquisas recentes sobre a História da Educação, como disciplina ensinada em cursos de formação de professores, Warde (1998) aponta que nos anos de 1950, na Universidade de São Paulo (USP) e no Centro Regional de Pesquisa Educacional de São Paulo (CRPE/SP), surgiu uma espécie de projeto para a construção de uma História da Educação apoiada em levantamentos documentais originais, que se propunha a uma reconfiguração da relação entre a História e a Filosofia da Educação. Uma das características deste projeto foi a constituição de um diálogo com a Sociologia da Educação e um trabalho de pesquisa fundamentado em fontes empíricas. No entanto, apesar deste empreendimento de pesquisa na História da Educação, a marca religiosa da História da Educação, em sua gênese e desenvolvimento, manteve-se fortemente presente.

Ao seu argumento, Warde (1998) agrega informações oriundas de uma pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)⁶, na qual reconstitui os itinerários escolares e acadêmicos de intelectuais que ocupavam a vida universitária nacional e o mercado editorial entre as décadas de 1940 e 1990. A pesquisa indicia que o controle teórico, político e ideológico do campo educacional, entre os anos de 1940 e 1960, era de extração marcadamente religiosa.

⁶ Segundo Warde (1998), a pesquisa constituiu-se como um Projeto compartilhado com a professora Maria Helena Bittencourt Granjo, colega do Núcleo de Historiografia e História da Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação: História e Filosofia da Educação e seu conjunto de professores do Núcleo (professores: Kazumi Munakata, Luiz Carlos Barreira e Marta M. C. de Carvalho, com o título: *Historiografia da Educação Brasileira e Constituição do Campo Pedagógico: intelectuais, impressos e instituições*).

A historiografia da educação é a expressão dos registros de permanência de uma civilização cristã. Apesar das concepções teóricas, de formação e dos pertencimentos institucionais de seus autores, a História da Educação difundida entre os professores primários e secundários tem uma ação e um efeito doutrinário que se prolonga e se atualiza, revelando o peso da influência religiosa apesar de todo o movimento de secularização da sociedade e do Estado a partir da implantação do regime republicano (NUNES, 1996, p. 70).

Nos anos de 1960 destaca-se a liderança acadêmica e política do grupo de Laerte Ramos de Carvalho que, com um viés analítico liberal nos estudos históricos em educação, buscou constituir uma historiografia educacional paulista, apesar da crescente influência da teoria marxista, propiciada pela criação dos Programas de Pós-Graduação em Educação no Brasil (FARIA FILHO; VIDAL, 2003).

Liberais, esses intelectuais, no que diz respeito a Ramos de Carvalho, Villa lobos e Maciel de Barros, concebiam a escola como um direito de todos e um dever do Estado e acreditavam que a promoção social pela escolarização era a via pacífica para a equalização das diferenças sociais e econômicas, partilhando de um ideal meritocrático de organização social. Compuseram com Azevedo a “Campanha em Defesa da Escola Pública” e assinaram o Manifesto de 1959 (que ostentava o título *Mais uma vez convocados* em referência explícita ao manifesto de 1932 em prol da escola nova), ambos lançados no conjunto da discussão da elaboração da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (FARIA FILHO; VIDAL, 2003, p. 57).

O surgimento de programas de pós-graduação em Educação, em meados dos anos de 1960 e início dos anos de 1970, proporcionou a aproximação com a filosofia e com a teoria marxista, apoiadas em Althusser (fim dos anos 1960 e 1970) e depois em Gramsci (anos 1970 e 1980). Os primeiros programas instalados nas universidades católicas – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ) (1965) e Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) (1969) - teriam constituído um lugar de confluência entre o pensamento marxista e a nova pregação da Igreja, condensada na “*opção pelos pobres*” (FARIA FILHO; VIDAL, 2003).

Para Luís Carlos Barreira, os aspectos que chamavam mais a atenção na produção inicial dos programas de pós-graduação eram “*a abordagem dialética associada ao veio teórico da dependência, a importância metodológica atribuída ao contexto e o peso exercido pelas determinações econômicas*”. Os trabalhos recorriam, em geral, a documentos impressos, primando pelo estudo da legislação. Os eixos da análise oscilavam entre as ideias pedagógicas e a organização do sistema público de ensino: temas presentes na historiografia educacional brasileira desde os primeiros textos do século XIX. (FARIA FILHO; VIDAL, 2003, p. 57).

Analisando este momento historiográfico da História da Educação Brasileira, Faria Filho e Vidal (2003), a partir das pesquisas realizadas por Eliane Marta T. Lopes e Ana Galvão (2001) e por Clarice Nunes (1996), apontam que a vinculação com o pensamento religioso e o respectivo engajamento político por parte de vários dos seus autores fez com que se mantivesse uma postura e um enfoque *salvacionista*. Tal postura impregnava a produção destes pesquisadores, que acabavam chegando aos cursos de formação de professores, secundários ou superiores, em forma de manuais escolares.

No contexto da década de 1980, somando-se aos programas de pós-graduação em Educação no Brasil, pesquisadores começaram a articular-se em torno de grupos de pesquisa dedicados à temática da História da Educação. Segundo Gatti Junior (2004), a articulação de vários pesquisadores em grupos e projetos de pesquisa iniciados nesta década somente se reafirmou nos anos de 1990. Como exemplo, podemos citar o Grupo de Trabalho em História da Educação (GT-HE), nos encontros da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), e o Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Educação e Sociedade” (HISTEDBR).

O GT de História da Educação nos encontros da ANPEd foi efetivamente criado em 1984. Em seu início, configurou-se como uma espécie de fórum permanente de discussões, que colocava em circulação a recente produção dos programas de pós-graduação, mas rapidamente tornou-se o principal espaço nacional de aglutinação de pesquisadores, de crítica historiográfica e de difusão de novos horizontes de investigação na área, como se verificou nos anos de 1990, com a história das mentalidades, com o pós-estruturalismo e com a história cultural (FARIA FILHO; VIDAL, 2003).

Os anos de 1980, marcados pelo processo de redemocratização do país, caracterizaram-se, segundo as pesquisas de Warde (1984, 1990, 1998), Bontempi Junior e Toledo (1993) e Barreira (1995), por uma hegemonia das abordagens dialéticas associadas aos veios teóricos da dependência. Segundo estas pesquisas, em tais abordagens, os contextos históricos acabavam tornando-se pano de fundo em que se justapunham os objetos de pesquisas educacionais, configurando uma

leitura do passado em que se evidenciavam certa determinação econômica dos processos educacionais.

O recurso à sociologia da dependência deve-se via de regra, ao largo uso que dela fazem, os historiadores, sociólogos, economistas e antropólogos, através dos quais, parte significativa dos historiadores da educação brasileira (re)constrói o contexto no qual estão inseridos seus objetos de estudo. Trata-se de uma adesão de segunda mão às teorias da dependência (BARREIRA, 1995, p. 237).

No entanto, apesar da hegemonia da perspectiva dialética, vinculada à teoria da dependência, na segunda metade dos anos de 1980 começaram a emergir no cenário historiográfico brasileiro as tendências teóricas da Nova História⁷ e da Nova História cultural⁸, fomentando uma viragem cultural e linguística e uma aproximação com os pressupostos teóricos e metodológicos da antropologia e dos estudos da linguagem.

A obra "O diabo e a Terra de Santa Cruz" de Laura de Mello Souza, publicada em 1986, marcou o início da difusão da Nova História no Brasil, sendo lançados posteriormente ainda na segunda metade da década de 1980, os livros *Trópico dos Pecados* de Ronaldo Vainfas e *Meretrizes e Doutores* de Magali Engel. Importante ressaltar que já na obra de Laura de Mello Souza observa-se a utilização de textos de Carlo Ginzburg e suas ancoragens teóricas e metodológicas na história cultural, como também um diálogo com a obra de Keith Thomas sobre a feitiçaria na Inglaterra (VAINFAS, 1997, 2009).

Como podemos observar, os pressupostos teóricos e metodológicos da chamada Nova História Cultural começaram a chegar ao Brasil, muitas vezes entrelaçados

⁷ Nova História em francês *Nouvelle histoire* é corrente historiográfica correspondente à terceira geração da chamada Escola dos *Annales* surgida nos anos 1970. Seu nome derivou da publicação da obra "*Fazer a História*" publicada em 1974 e organizada em três volumes, pelos historiadores Jacques Le Goff e Pierre Nora, com vários artigos versando sobre novos temas, objetos e abordagens. Como representantes desta Nova História destacamos, além de Goff e Nora, Jean Delumeau, Le Roy Ladurie, Robert Mandrou, Georges Duby, Jean-Louis Flandri, Christiane Klapisch, Michèle Perrot, Roger Chartier, Philippe Ariès e Marc Ferro dentre outros (BURKE, 1997; VAINFAS, 1997, 2009)

⁸ A expressão Nova História Cultural entrou em uso no final da década de 1980, para designar um movimento na historiografia iniciado nos anos de 1960, caracterizado pelos desdobramentos da aproximação de vários historiadores com a antropologia. Embasados nos trabalhos de Mikhail Bakhtin, Norbert Elias, Michel Foucault e Pierre Bourdieu um novo estilo de história cultural começou a se desenvolver, a partir de investigações históricas sobre *as práticas, as representações e a cultura material*. Podemos destacar como alguns de seus representantes Emmanuel Le Roy Ladurie, Roger Chartier e Daniel Roche na França; Natalie Davis, Lynn Hunt e Robert Darton nos Estados Unidos; Carlo Ginzburg e Giovanni Levi na Itália; Hanz Medick na Alemanha (BURKE, 2005).

com os da História Nova. Até o início dos anos de 1990, na perspectiva da Nova História Cultural, alguns historiadores brasileiros em suas pesquisas iniciaram um diálogo com os historiadores italianos Carlo Ginzburg e Giovanni Levi, e com alguns historiadores culturais vinculados ao marxismo inglês como Edward Thompson e Raymond Williams.

Em meio à onda teórica oriunda da Nova História e da Nova História Cultural, que começava a popularizar-se adquirindo adeptos no Brasil, o marxismo e seus pressupostos epistemológicos, teóricos e metodológicos iniciavam um franco recuo como instrumental privilegiado de análises historiográficas. Em meio a esta conjuntura do campo histórico, surge, em 1986, o grupo HISTED-BR que, segundo Saviani (1998), nasce com a preocupação de investigar a História da Educação pela mediação da sociedade, por um viés marxista de análise histórica, que se contrapõe à tendência marcada pelo paradigma pós-moderno, que começava a adentrar na historiografia nacional de forma mais orgânica sob a influência da terceira geração da Escola dos Annales e posteriormente pela Nova História Cultural.

Entre 1986 e 1990, o HISTEDBR realizou encontros periódicos, geralmente semestrais, objetivando debater a elaboração das pesquisas realizadas, acompanhar o desenvolvimento dos trabalhos e a socialização das informações entre os pesquisadores do grupo. Com a conclusão dessas pesquisas, a finalização das dissertações e teses que estavam sendo elaboradas, e o retorno dos pesquisadores para as suas instituições de origem em diversas regiões do país que desejavam dar continuidade aos trabalhos, decidiu-se pela constituição de um grupo de pesquisa de âmbito nacional. A organização desse coletivo nacional exigia a formalização do Grupo junto à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), bem como a institucionalização dos Grupos de Trabalho (GTs) em suas respectivas instituições. Formou-se então um núcleo permanente de pesquisa, centralizado na Faculdade de Educação da UNICAMP e articulador de Grupos de Trabalho regionais e estaduais (LOMBARDI, 2005).

No decorrer da década de 1990 houve um incremento das ações do GT de História da Educação da ANPEd e do HISTEDBR e um considerável enriquecimento da área, com a constituição de inúmeras instâncias de aglutinação de pesquisadores, além de uma condensação e difusão de perspectivas teóricas e metodológicas.

A primeira grande novidade foi, ao que nos parece, uma mudança substantiva na forma mesmo de organizar e realizar as pesquisas: além da continuidade da tradição das investigações efetuadas individualmente, emergiu na área, como em todo o campo da educação, uma multiplicidade de grupos de pesquisa que se colocaram o desafio de investigações de escopo alargado, de longo prazo e com grande preocupação com o mapeamento, organização e disponibilização de acervos documentais (FARIA, FILHO; VIDAL, 2003, p. 41).

Em 1990, na 13^o reunião da ANPEd, realizada em Belo Horizonte (MG), foram encaminhados 15 trabalhos ao Grupo de Trabalho de História da Educação e todos foram apresentados. Além do número de trabalhos que se avolumaram e se estabilizaram na década de 1990, houve uma considerável diversificação temática nas produções apresentadas. Dos trabalhos consultados, cinco trabalhos buscaram trazer contribuições teóricas, abordando o uso de fontes (a história oral, por exemplo, e a elaboração de guias fotográficos da História da Educação fluminense), seis trabalhos discutiam estudos sobre gênero e três trabalhos tratavam da problematização de projetos e instituições (CATANI; FARIA FILHO, 2002).

No decorrer da década foram realizados 10 encontros, nos quais observa-se a emergência de algumas tendências que se estenderiam pelos anos de 1990. Uma das tendências constituiu-se dentro do grupo, caracterizada pela renovação da interpretação histórica, resultando num painel diverso e multifacetado de tempos e de práticas historiográficas pesquisadas, no qual a inovação e a tradição de pesquisas no campo se fazem presentes. Duas tendências tiveram desenvolvimento fora do espaço da reunião anual da ANPEd, que foi o fortalecimento das articulações com outras sociedades de ciências humanas, com a participação em eventos, publicações e convites realizados a colegas de outras sociedades, como por exemplo, a Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (ANPUH) e a Associação Brasileira de Antropologia (ABA) (CATANI; FARIA FILHO, 2002).

Catani e Faria Filho (2002) destacam as seguintes temáticas apresentadas e discutidas nos encontros do Grupo de Trabalho de História da Educação: *sistema escolar, profissão docente, fontes e metodologia, estudos de gênero, livros e práticas de leituras, saberes escolares e ideias pedagógicas*, dentre outros.

Dentre os autores e obras mais citadas destacam-se: R. Chartier "Histórica Cultural entre práticas e representações" (22 recorrências), "O mundo como representação" (8 recorrências), "A história hoje: dúvidas, desafios, propostas" (5 recorrências) ; P.

Bourdieu "O poder Simbólico" (8 recorrências), "Coisas ditas" (7 recorrências), "A dominação masculina" (4 recorrências), "Algumas propriedades dos campos" (3 ocorrências), "A economia das trocas lingüísticas" (3 recorrências) ; Marx, K. & Engels, F. "A ideologia alemã" (3 recorrências), Marx, K. "Contribuição para a crítica da economia política" (3 recorrências) (CATANI; FARIA FILHO, 2002).

Os autores mais citados nos trabalhos apresentados no GT de História da Educação da ANPEd, segundo Catani e Faria Filho (2002), como referências teóricas numericamente superiores foram feitas a P. Bourdieu (34 recorrências), R. Chartier (30 recorrências), M. Foucault (27 recorrências), J. Le Goff (16 recorrências), M. Certeau (15 recorrências) A. Chervel (11 recorrências), K. Marx (11 recorrências), P. Burke (8 recorrências), P. Ariés (7 recorrências), J. Scott (7 recorrências). Importante ressaltar a reflexão realizada por ambos os autores sobre as formas de apropriação das obras e do pensamento dos autores referenciados:

A análise mais aprofundada visando "*diferenciar a utilização desses autores no interior dos trabalhos, procurando identificar os tipos de apropriação operados pelos pesquisadores*", cobrada pelos autores, ainda está por ser realizada, mas o quadro demonstra que projetar para trás uma influência, atualmente tornada, de certo modo, hegemônica no campo, como a história cultural, pode significar colocar na sombra perspectivas concorrentes e, mesmo, modos diferenciados de se fazer história da educação, que, ainda hoje, apesar de pouco representados nos fóruns que aqui foram objetos de análise, continuam se mostrando tão legítimos quanto qualquer outros e remontam a maneiras diversas de fazer história da educação, consagradas pelas escritas históricas do campo (FARIA FILHO; VIDAL, 2003, p. 53).

Com relação ao HISTDBR, em 1991 ocorreu a institucionalização do Grupo e a realização do *I Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil"*, na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com o tema "Perspectivas metodológicas da investigação em História da Educação". Durante o encontro foi elaborado um projeto intitulado "Levantamento e Catalogação das Fontes Primárias e Secundárias da História da Educação Brasileira", tendo em vista o entendimento coletivo de que havia uma escassez, precariedade, dificuldade de acesso e dispersão das fontes documentais necessárias à pesquisa histórica da educação no Brasil (LOMBARDI, 2003).

Após o primeiro seminário realizado em 1991, foram realizados durante a década de 1990 mais três seminários nacionais do Grupo, todos eles realizados na UNICAMP: o *II Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no*

Brasil”, ocorrido em 1992, o *III Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”*, realizado em 1995 e o *IV Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”*, em 1997. Além de darem continuidade aos debates e ao esforço coletivo de levantamento e catalogação de fontes primárias e secundárias, delineada no primeiro seminário, os respectivos seminários ampliaram os debates em direção a discussões teórico-metodológicas sobre a História da Educação, como também a busca de uma maior socialização das pesquisas realizadas nos mais variados GTs espalhados pelo país (LOMBARDI, 2003).

Em 1996, os pesquisadores em História da Educação do Rio Grande do Sul, após uma série de reuniões, decidiram criar a Associação Sul-rio-grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE), objetivando incentivar a realização de pesquisas na área de História da educação prioritariamente no Rio Grande do Sul, congregar pesquisadores e estudiosos como manter intercâmbio com sociedades congêneres (PERES; BASTOS, 2001).

Segundo Peres e Bastos (2001), entre a sua criação em 1996 e o ano de 2000, ocorreram seis encontros da ASPHE, cujas temáticas principais foram: “Memória e História da Educação: questões teóricas e metodológicas” (II Encontro); “A imprensa Pedagógica” e “A História da Educação do Rio Grande do Sul” (III Encontro); “Estado atual e perspectivas metodológicas para a pesquisa em História da Educação no Brasil” e “A constituição do campo educacional no Brasil - a intervenção dos quadro médicos no Século XIX” (IV Encontro); “História das Instituições Escolares” e “A escola Elementar e a instrução pública no século XIX” (V Encontro); “Educação, Religião e Etnia” e “Processos Educativos e Identidades profissionais” (VI Encontro).

Todo o movimento realizado pelo campo da História da Educação, no decorrer da década de 1990, começou a penetrar nos cursos de formação inicial de professores com a chegada de obras representativas dos mais variados movimentos de pesquisas que estavam sendo realizados no início dos anos 2000, como aponta Gatti Júnior (2006):

Desde a década de 1980 até o momento presente, somaram-se aos programas de pós-graduação em Educação, os inúmeros grupos de

pesquisa dedicados à temática da História da Educação [...]. Esse novo quadro no território da pesquisa tem sido marcado pela pluralidade temática e metodológica, pelos esforços de estruturação de centros de documentação e pela realização de intercâmbios nacionais e internacionais, especialmente com pesquisadores da França, Portugal, Espanha e América Latina. Apenas recentemente, porém, é que começam a chegar ao público que frequenta os cursos de formação de professores, obras da área de História da Educação que se beneficiam das inovações nesse campo de pesquisa (GATTI JÚNIOR, 2006, p. 118).

Com a chegada dessas obras no mercado editorial, trazendo a produção resultante dos debates e releituras ocorridas no campo, e sua inserção nos cursos de formação de professores, novos temas, novas fontes e novas problemáticas começaram a irrigar o ensino da História da Educação, seja como disciplina optativa ou obrigatória, impactando em práticas de ensino, seleções temáticas, opções metodológicas e conceituais.

Na reflexão sobre a constituição histórica da profissão docente não podemos desconsiderar o caráter político das teorias e métodos que alimentam a sua formação. Nesse sentido, a História da Educação e seus processos de pesquisa e ensino foram profundamente afetados pelo imbricado movimento de transformações sociais e teóricas de nossa vida política e intelectual. Quando nos referimos a *movimento imbricado*, queremos com isso apontar a dinamicidade dos processos de enraizamento social dos pontos de vista que fundamentam as pesquisas e as reflexões historiográficas, bem como a socialização do conhecimento histórico, seja pela escrita ou pela fala.

Em 1999 foi criada a Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), fruto de um trabalho de cooperação e articulação dos diversos pesquisadores e grupos de pesquisas atuantes na área (FARIA FILHO; VIDAL, 2003). A criação da SBHE congregou e potencializou a produção e socialização das pesquisas e debates, ocorridos nos mais variados núcleos de pesquisa e ensino da História da Educação. No decorrer da primeira década do século XXI, a SBHE vem se constituindo como uma importante entidade representativa da esfera/campo da História da Educação, possibilitando não só o intercâmbio entre pesquisadores e grupos de pesquisas de várias regiões do Brasil, como também com as de outros países.

O primeiro congresso promovido pela sociedade, I CBHE ocorrido em 2000 na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), teve como tema central “Educação

no Brasil: história e historiografia”. No evento, foram inscritos 231 trabalhos, distribuídos nos eixos temáticos: Instituições Educacionais e Científicas; Pensamento Educacional; Práticas Escolares e Processos Educativos; Estado e Políticas Educacionais; Fontes, Categorias e Métodos em História da Educação; Profissão Docente; Gênero e Etnia; Imprensa Pedagógica.

Xavier (2001), ao realizar um balanço das comunicações realizadas no congresso, distinguiu algumas tendências da produção nacional, como o crescimento da influência da História Cultural como matriz teórica nos trabalhos; a predominância do enfoque regional sobre o nacional e dos recortes temporais internos ao objeto de estudo sobre os marcos macropolíticos; o interesse pelo século XIX e as primeiras décadas do XX, o que remete à gênese do sistema escolar no Brasil; consulta a uma pluralidade de fontes, com destaque para a história oral. Em geral os trabalhos partem da perspectiva de compreender as práticas escolares, ou seja, em investigar a escola pela sua interioridade.

Em 2002 foi realizado o segundo congresso promovido pela SBHE, realizado no ano de 2002 em Natal (RN), com o tema “História e Memória da Educação Brasileira” e os eixos temáticos ficaram assim constituídos: História Comparada da Educação; História dos Movimentos Sociais na Educação Brasileira; Culturas Escolares e Profissão Docente no Brasil; Intelectuais e Memória da Educação no Brasil; Relações de Gênero e Educação Brasileira; Estado, Nação e Etnia na História da Educação; Processos Educativos e Instâncias de Sociabilidade.

Araújo (2002), ao elaborar uma análise do conjunto das comunicações realizadas, apontou que nos trabalhos acolhidos pelo evento podia-se perceber um aumento no número de pesquisas sobre o período colonial, a despeito da manutenção do privilégio aos séculos XIX e XX. Percebia-se também o progressivo interesse pelos impressos pedagógicos, como manuais, guias curriculares, periódicos, tanto como objeto quanto como fonte de investigações; a importância conferida ao diálogo interdisciplinar pelas pesquisas, já evidenciada no I CBHE; e a hegemonia da historiografia francesa como referência aos trabalhos da área.

Foi neste contexto de expansão do campo de pesquisas em História da Educação, como também de renovações teóricas, metodológicas e temáticas, que no terceiro

encontro promovido pela SBHE o eixo temático sobre o Ensino de História foi inserido. O III CBHE ocorreu na cidade de Curitiba (PR) com o tema “A educação escolar em perspectiva histórica”. O evento teve como eixos temáticos: Arquivos, fontes e historiografia; Estudos comparados; Políticas educacionais e modelos pedagógicos; Cultura escolar e práticas educacionais; Profissão docente; Gênero, etnia e educação escolar; Movimentos sociais e democratização do conhecimento e, ainda, Ensino da História da Educação.

Segundo Saviani, Carvalho, Vidal e Gonçalves Neto (2011), partir do III CBHE, passou-se a considerar a pertinência de os congressos criarem uma demanda para a comunidade científica, o que levou a inclusão dos eixos Ensino de História da Educação no III e IV CBHE e Arquivos, Centros de documentação e Museus escolares, no IV CBHE. Com Relação ao eixo Ensino de História da Educação, o pequeno número de trabalhos inscritos, apenas seis, indicava que a discussão era ainda incipiente no campo, a despeito de sua relevância e da insistência com que a questão vem sendo tratada pela SBHE em seus fóruns.

As pesquisas sobre o ensino de História da Educação, por sua vez, só começaram a se desenvolver a partir dos anos de 1990. Analisando o contexto social e acadêmico da época, tais pesquisas começaram a se efetivar em decorrência da chegada e influência de novas perspectivas teóricas e metodológicas no âmbito da Historiografia. A influência da Historiografia Francesa e Inglesa proporcionou uma ampliação temática e um deslocamento de interesses de investigação dos pesquisadores em História da Educação, para as chamadas práticas e culturas educativas e escolares, como também a história das disciplinas escolares.

No levantamento realizado sobre as pesquisas referentes ao ensino de História da Educação no Brasil, o primeiro trabalho encontrado foi uma dissertação de mestrado, defendida em 1992 por Letícia Carneiro Aguiar Warmiling, intitulada *A Contribuição da História da Educação na Formação do Educador*, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. A esta dissertação seguiram-se outras, e no decorrer dos anos 2000 começaram a surgir nos congressos ligados a esfera discursiva da História da Educação, apresentação de trabalhos sobre o ensino de História da Educação, como também a publicação de artigos em algumas revistas de referência da área.

Entre 1992 até aos dias atuais, em comparação com as mais variadas temáticas referentes à História da Educação no Brasil, o avanço das pesquisas sobre o ensino de História da Educação encontra-se bastante tímido, com poucos trabalhos surgindo no cenário de pesquisas em História da Educação.

Fonseca (2006), ao discutir sobre tal realidade nas pesquisas em Ensino de História da Educação, parte de um questionamento sobre o porquê os pesquisadores em História da Educação não se interessam pelo ensino da disciplina que ministram. Uma resposta possível e incômoda encontrada é o pouco valor e interesse que os pesquisadores atribuem ao Ensino de História da Educação.

Esta incômoda questão levanta outra não menos espinhosa sobre o valor atribuído pelos historiadores da educação ao ensino desta disciplina, que seria a existência de uma hierarquização nas instâncias do trabalho acadêmico e uma falta de ressonância na área da indissociabilidade entre o ensino e a pesquisa. (FONSECA, 2006).

No entanto, recentemente tais pesquisas vêm ganhando grande incentivo e apoio da Sociedade Brasileira de História da Educação e dos mais variados grupos de pesquisas existentes no Brasil, sinalizando os bons ventos que bafejam os encaminhamentos futuros, no tocante a pesquisa sobre o Ensino de História da Educação.

Em geral, no caso das pesquisas acadêmicas produzidas nas universidades, quando tratam do ensino de alguma disciplina, geralmente, referem-se *ao outro*, àquele professor que leciona em outros níveis escolares e que foi formado nos cursos de formação de educadores e professores.

Diferente do ensino de História da Educação, as pesquisas sobre o Ensino de História no ensino fundamental e médio, como já assinalado, constituíram uma tradição dentro das pesquisas no âmbito das pesquisas Históricas no Brasil. Na esfera das pesquisas em História da Educação a história das práticas e disciplinas escolares vem passando por um franco processo de expansão e consolidação. A pesquisa sobre o ensino de História da Educação, por sua vez, em início do século XXI demonstra estar cada vez mais sólida no campo, galgando e construindo seu

espaço enquanto temática a ser pesquisada pelos Historiadores e pelos Historiadores da Educação.

Pensar a História da Educação e o seu ensino requer daquele que pesquisa, inicialmente uma percepção ampliada do que vem sendo discutido na esfera acadêmica sobre a temática, seguida de um diálogo consistente com este auditório social, um espaço, um lugar que se configura das mais variadas formas, objetivando a socialização de pesquisas e reflexões sobre a História da Educação e seu ensino.

Em nossa pesquisa percorremos a consulta de teses e dissertações, revistas acadêmicas dedicadas ao campo, anais de congressos e livros publicados sobre o ensino de História da Educação. A pesquisa sobre teses e dissertações foi realizada no banco de dissertações e teses da CAPES e nos sites dos Programas de Pós-Graduação em Educação que disponibilizam informações sobre dissertações e teses defendidas e a serem defendidas. Pesquisamos também os artigos publicados na *Revista Brasileira de História da Educação* da Sociedade Brasileira de História da Educação, na *Revista História da Educação* publicada pela Associação Sul-rio-grandense de Pesquisadores em História da Educação e na *Revista HISTEDBR On-Line* do Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil".

Com relação aos trabalhos apresentados em congressos e encontros, pesquisamos os encontros anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), do Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil" (HISTEDBR), da Associação Sul-rio-grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE), os Congressos da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE) e os Congressos Luso-Brasileiro de História da Educação.

Ao analisarmos o banco de teses da CAPES, encontramos a dissertação intitulada "*A Contribuição da História da Educação na Formação do Educador*", escrita por Letícia Carneiro Aguiar Warmling, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS) de 1992. Warmling (1992) busca pesquisar a contribuição da História da Educação para a formação e prática do educador, bem como investigar as implicações políticas e ideológicas do significado e do papel atribuídos à História da Educação nos cursos de Pedagogia.

Ainda na década de 1990, especificamente em 1995, uma outra dissertação de mestrado foi concluída por Sonia Tereza da Silva Ribeiro, intitulada "*História da Educação ou seu Ensino? Uma análise da disciplina nos cursos de formação docente*", pelo programa de Pós-Graduação da Universidade de Uberaba (UFU). Em sua dissertação, Ribeiro (1995) investiga a relação entre a disciplina de História da Educação e a Historiografia, propondo uma reflexão sobre o seu ensino, de forma que possibilite um pensamento crítico sobre a educação no conjunto dos processos sociais.

O primeiro estudo estabelece seu plano de análises dentro da disciplina História da Educação nos Cursos de Pedagogia pesquisados, investigando as dimensões políticas e ideológicas atribuídas à disciplina, a partir de sua função na formação de educadores nos cursos de pedagogia. O segundo amplia o plano de análise, ao partir das relações entre a historiografia da educação e a disciplina de História da Educação, tentando situar reflexivamente o seu ensino dentro de uma perspectiva crítica sobre a Educação, inserida no conjunto da sociedade.

Nas informações disponibilizadas pelos Programas de Pós-Graduação em Educação recomendados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), sobre dissertações e teses defendidas e em andamento, além das descritas no banco de teses da Capes, no período que corresponde aos anos entre 1990 a 2010 não encontramos, além das já mencionadas, pesquisas relacionadas ao Ensino de História da Educação.

Durante a década de 1990, não foram encontradas comunicações referentes a pesquisas sobre o Ensino de História da Educação nos dez encontros da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), nos quatro encontros do Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil" (HISTEDBR) e nos seis encontros realizados pela Associação Sul-rio-grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE). Nas revistas mantidas pela ANPED (Revista Brasileira de Educação) e pela ASPHE (História da Educação), também não foram encontrados artigos sobre a temática.

Durante a década de 2000, o número de pesquisas e publicações referentes ao Ensino de História da Educação aumentou. O surgimento da Sociedade Brasileira de

História da Educação, como veremos, congregou e catalisou inúmeras pesquisas sobre as mais diversas temáticas referentes à História da Educação, impulsionando também às pesquisas sobre o ensino da História da Educação.

Na primeira metade da década de 2000, no banco de teses da CAPES foram encontradas três dissertações de mestrado resultantes de pesquisas sobre o ensino de História da Educação.

Em 2002, José Roberto Gomes Rodrigues defendeu a dissertação intitulada, “*O ensino de História da Educação Brasileira nos cursos de Pedagogia de Belo Horizonte: tendências e perspectivas*” na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Rodrigues (2002) partiu da hipótese da possível defasagem entre o ensino da disciplina e a produção científica que constitui seu campo, objetivando desvelar a sua configuração, bem como compreender o modo como se define como área de produção científico-acadêmica e disciplina do currículo, em cinco cursos de Pedagogia de cinco universidades em Belo Horizonte/MG.

No mesmo ano, Píccolo (2002) defendeu a dissertação intitulada “*A Disciplina História da Educação em Cursos de Pedagogia*”, na Universidade Federal de Goiás (UFG). Em sua pesquisa, o autor objetivou conhecer a disciplina de História da Educação por meio da análise de planos de curso de quatro cursos de pedagogia de Instituições de Ensino Superior.

Em 2005, Nívea Vasconcelos de Almeida Sá defendeu a dissertação “*Uma Contribuição para a História da Disciplina História da Educação do Curso de Pedagogia da Universidade de Sorocaba*”, pelo Programa de Pós - Graduação pela Universidade de Sorocaba (UNISO). Sá (2005) buscou estudar a forma como a História da Educação se constituiu como disciplina acadêmica no curso de Pedagogia da Universidade de Sorocaba.

Na revista da Sociedade Brasileira de História da Educação, *Revista Brasileira de História da Educação*, lançada em 2001, encontramos um dossiê intitulado “*Memória do Ensino de História da Educação*”, publicado, em 2003, na RBHE, número 6, com dois artigos que tratam especificamente do ensino de História da Educação. O primeiro artigo de Clarice Nunes intitulado “*O ensino da história da educação e a produção de sentidos na sala de aula*” apresenta um relato de experiência, uma

reflexão sobre sua trajetória como professora da disciplina História da Educação e a produção de sentidos que foram sendo construídos pela professora. Outro artigo da revista foi produzido por Luciano Mendes de Faria Filho e José Roberto Gomes Rodrigues, intitulado "*A história da educação programada: uma aproximação da história da educação ensinada nos cursos de pedagogia em Belo Horizonte*", no qual foram realizadas análises sobre o ensino de História da Educação Brasileira em cinco instituições de ensino superior de Belo Horizonte, a partir de oito programas de ensino elaborados pelos professores dessas instituições e repassados aos alunos de seus cursos de pedagogia.

Com relação aos encontros e congressos realizados na primeira metade dos anos 2000 destacamos as edições de quatro congressos: as reuniões anuais da *Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED)*⁹, os encontros do *Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil"* (HISTEDBR), o *Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE)* e o *Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*.

Durante a primeira metade dos anos 2000, no III *Congresso Brasileiro de História da Educação (SBHE)* realizado em 2004, o eixo temático "Ensino de História da Educação" foi introduzido, com a publicação de seis trabalhos, dos quais apenas dois diziam respeito ao ensino de História da Educação. Os demais trabalhos tratavam do ensino de História em escolas do ensino fundamental e médio.

O trabalho produzido por Abdala (2004), da Universidade de Taubaté (UNITAL), "*História e Políticas Educacionais: uma disciplina em perspectiva e em construção*", tratou do lugar da disciplina nas estruturas disciplinares dos cursos de licenciaturas, frente às novas diretrizes curriculares vigentes no início do século XXI, ressaltando a importância dada pela legislação à disciplina História da Educação, a partir do pensamento de Paulo Ghiraldelli Junior, sobre a da Educação e privilegiando, como fontes: documentos governamentais oficiais e programas curriculares dos cursos de

⁹ Como sinalizamos, as pesquisas sobre o ensino de História da Educação ainda são muito reduzidas, entre 2000 e 2010, nas reuniões anuais da *Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação*, não foram registrados trabalhos sobre o tema, tanto no GT de História da Educação como em outros GTs.

licenciatura. O trabalho escrito por Borges (2004), da Universidade Federal de Uberlândia UFU, “*A História da Educação a partir da História Oral: uma alternativa de ensino*” constitui-se um relato de experiência, com uma pesquisa realizada com alunos da disciplina História da Educação, a partir do paradigma indiciário proposto por Carlo Ginzburg. Esta pesquisa discute as propostas de ensino de História da Educação, a partir de atitudes investigativas, dúvidas e criação, na perspectiva da investigação histórica, tendo o relato oral e a memória como fontes privilegiadas, articuladas com outras fontes históricas pesquisadas e analisadas pelos alunos.

Entre 1990 e 2005 (APÊNDICE A) encontramos poucas dissertações, teses, artigos e trabalhos publicados em anais de congressos, referentes ao ensino de História da Educação. A pesquisa realizada identificou como principais enfoques temáticos e objetos de pesquisa: relatos de experiências; investigação da constituição histórica da disciplina; análises de planos de cursos, a relevância legislativa da disciplina de História da Educação nos cursos de licenciatura, como a história oral como metodologia de ensino na História da Educação.

Como podemos observar na descrição mais detalhada dos trabalhos consultados, identifica-se uma tendência sutil que começa a se esboçar durante o período analisado e parece se consolidar na segunda metade da década de 2000, que é o aumento de trabalhos em que o pesquisador opta pela redução do recorte espacial das pesquisas. Ao invés de pesquisas que enfoquem vários cursos de pedagogia de instituições diferentes, houve um aumento de pesquisas sobre a disciplina de História da Educação, num determinado curso de Pedagogia de apenas uma Instituição de Ensino Superior.

Passando para a segunda metade da década de 2000, entre 2006 e 2011, não encontramos registros no banco de dissertações e teses da CAPES de trabalhos sobre o Ensino de História da Educação. Com relação às revistas pesquisadas encontramos alguns artigos na *Revista História da Educação* publicada pela ASPHE e dois artigos na *Revista HISTEDBR On-Line*. Nos encontros e congressos, por sua vez, identificamos um aumento considerável de trabalhos apresentados.

Na *Revista História da Educação*, Volume 10, nº 19, publicada em 2006, encontramos 10 artigos sobre o Ensino de História da Educação. Tais artigos foram

selecionados do XI Encontro Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação, ocorrido na Universidade do Vale do Rio dos Sinos em agosto de 2005, que teve como foco temático a História da Educação na Formação do Educador e a Contribuição dos 10 Anos da ASPHE. Os artigos seguem na seguinte ordem na revista:

O Artigo de Clarice Nunes "*A disciplina História da Educação na formação de professores: desafios contemporâneos*" analisa não só a crise da História enquanto disciplina, mas também a identidade do historiador e o papel específico dos historiadores da educação. Faz uma breve genealogia da disciplina e afirma que a mesma não pode ser dissociada da história da Escola Normal e do curso de Pedagogia. A autora argumenta em favor das diferenças, mas também das conexões existentes entre ensinar e pesquisar e nossa dificuldade "em renovar nossas bibliografias" no campo da docência, em parte devido ao processo que construiu esta separação entre ensino e pesquisa.

Maria Helena Camara Bastos, Fernanda de Bastani Busnello e Elizandra Ambrosio Lemos, no artigo "*A disciplina História da Educação no curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1942-2002)*", examinam a história da disciplina no currículo das Escolas Normais e nos Cursos de Pedagogia, tendo como objeto específico de análise a história da disciplina na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. As autoras analisam a localização desta disciplina na grade curricular, a carga horária, os docentes e sua formação, o conteúdo, a bibliografia básica e os principais procedimentos didáticos e de avaliação.

Em "*Aspectos da trajetória da disciplina História da Educação no curso de Pedagogia do Centro Universitário Franciscano de Santa Maria: temas clássicos e ordem cronológica*", Claudemir de Quadros analisa as diferentes grades curriculares do Curso de Pedagogia, situando a posição da História da Educação em relação às demais disciplinas, apontando a paulatina perda de carga horária, no período que vai desde 1955 até a proposta curricular vigente nos dias de hoje. Apresenta as formas avaliativas e as respectivas bibliografias, ressalta a precária atenção aos conteúdos sobre o contexto da educação brasileira nos diferentes programas e a

tendência dominante da dimensão cronológica linear e da perspectiva doutrinária nas propostas desta disciplina.

No artigo "*A disciplina de História da Educação na Faculdade e no Centro Universitário La Salle*", Miguel Alfredo Orth analisa as principais características assumidas pela disciplina de História da Educação naquele Centro Universitário entre 1980 e 2000, cuja história está vinculada à trajetória de congregação religiosa e à Obra Educacional Lassalista. Para a realização da pesquisa consultou-se como fontes, os currículos, os programas, a formação acadêmica dos professores, os livros escolares, os conteúdos, bem como entrevistas semiestruturadas.

Em "*O ensino de História da Educação na Unijuí*", Anna Rosa Fontella Santiago analisa a disciplina de História da Educação no contexto dos debates de formação de professores nas últimas décadas, a posição dos eixos temáticos e linhas conceituais do currículo de formação de professores da Instituição, a condução que a disciplina recebeu – especialmente no currículo do Curso de Pedagogia – e suas relações com outros campos do conhecimento.

No artigo "*A história da educação no curso de Pedagogia da Universidade de Passo Fundo: aportes na história recente em busca de novas perspectivas*", Rosimar Serena Siqueira Esquinsani faz um histórico do Curso de Pedagogia da Universidade de Passo Fundo, identificando a pouca valorização atribuída à disciplina de História da Educação no período estudado - 1971 a 2006. Tem como principal fonte de análise as ementas e os programas das disciplinas.

No artigo "*História da Educação e a formação do professor na Unisinos*", Flávia Obino Corrêa Werle e Berenice Corsetti analisam a disciplina de História da Educação e seus desdobramentos desde 1950 até 2005, focando especialmente o Curso de Pedagogia. A pesquisa se desenvolve a partir da análise de ementas, objetivos, conteúdos programáticos e bibliografia da disciplina de História da Educação e História da Educação Brasileira.

Em "*Apontamentos sobre a disciplina História da Educação na Universidade da Região da Campanha – Urcamp (1959-2001)*", de Regina Quintanilha Azevedo, Clarisse Ismério e Marilene Vaz Silveira, é feita uma análise de como a disciplina de História da Educação foi se constituindo no curso de Pedagogia, a partir das

abordagens teóricas expressas na disciplina de História da Educação; quem eram as docentes que a ministravam e as obras de referência utilizadas. Para a pesquisa, as autoras consultaram e analisaram fontes variadas como Atas e Relatórios para Avaliação do Ministério de Educação e Cultura, planos de curso e de estudos, bibliografias e plano pedagógico. Levou-se também em consideração a formação dos professores explicitando o tratamento atual da disciplina.

Em "*O ensino de História da Educação na História da Faculdade de Educação da Ufrgs: primeiras aproximações*", Maria Stephanou busca analisar a trajetória da disciplina História da Educação, no âmbito da Faculdade de Educação da Ufrgs, no período de 1973 a 2004, objetivando identificar como a área vem se fazendo presente nos cursos de formação de professores. A pesquisa tomou como documentos privilegiados os planos de ensino das diferentes disciplinas que enfocaram a História da Educação, buscando identificar as tendências da área, seja quanto à formação dos docentes, as temáticas privilegiadas e as emergentes, os autores adotados, as filiações teóricas, bem como as articulações dessas disciplinas no currículo do Curso de Pedagogia e das demais licenciaturas.

O artigo de Elomar Antonio Callegado Tambara. "*História da Educação no Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas*", analisa a evolução da disciplina História da Educação no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas. Esta trajetória revela a crescente importância que a disciplina vai assumindo no currículo tendo seu ápice no final dos anos 90 do século passado. Na última reforma curricular a História da Educação desaparece como disciplina e transforma-se em conteúdo diluído ao longo do currículo.

Na *Revista História da Educação*, Volume 11, número 21, publicada em 2007, encontramos 1 (um) artigo sobre o Ensino de História da Educação. O artigo intitulado "*O ensino e a pesquisa em história da educação brasileira na cadeira de Filosofia e História da Educação (1933-1962)*", de Bruno Bontempi Junior, apresenta a trajetória da cadeira de Filosofia e História da Educação, desde a sua constituição em 1933 até 1962, quando, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Laerte Ramos de Carvalho deu início às primeiras pesquisas acadêmicas em história da educação. Bruno explora em suas análises os perfis institucionais, as prescrições curriculares, as disputas ocorridas no mundo

acadêmico e as relações entre as "disciplinas vizinhas", a fim de tecer uma rede de personagens e acontecimentos que confira à disciplina a sua "identidade histórica".

Na *Revista História da Educação*, Volume 12, número 26, publicada em 2008, encontramos 1 (um) artigo sobre o Ensino de História da Educação, intitulado "*A história do ensino de história da educação no Brasil: aspectos teórico-metodológicos de uma pesquisa (1930-2000)*". O artigo foi publicado por Décio Gatti Júnior, o qual analisa a hermenêutica e a heurística que fundamentam as investigações sobre os saberes disseminados por meio do ensino da História da Educação nos mais variados contextos formadores nos quais a disciplina de Educação se faz presente. Pela perspectiva da hermenêutica parte-se das categorias de: presença, identidade, normas e finalidades, perfil docente e discente, perfil programático e materiais pedagógicos, com as variáveis correspondentes. Do ponto de vista heurístico há documentos variados: bibliografia (livros científicos e manuais pedagógicos, artigos etc.); impressos (legislação de ensino, grades curriculares, planos de ensino etc.); manuscritos (atas, diários de classe, cadernos de alunos etc.); orais (depoimentos de autores de manuais pedagógicos, ex-professores, ex-alunos etc.) e iconografia.

Na *Revista HISTEDBR On-Line* número 21 de 2006, foi publicado o artigo "*A disciplina História da Educação no curso de Pedagogia da UNISO: uma história em três tempos*" de Nívea Vasconcelos de Almeida Sá. A autora discute e situa, ainda que incipientemente, o lugar da disciplina de História da Educação enquanto disciplina acadêmica no curso de Pedagogia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba, hoje Universidade de Sorocaba, construindo sua identidade. Trata-se do surgimento, estabelecimento e organização dos conteúdos da referida disciplina na grade curricular do curso de Pedagogia na visão de três professores que ministraram a disciplina ao longo desses cinquenta anos de existência do curso na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Sorocaba.

Na *Revista HISTEDBR On-Line*, nº 40 de 2010, foi publicado o artigo "O Ensino de História da Educação na Formação de Professores no Brasil Atual", publicado por Bruno Gonçalves Borges e Décio Gatti Júnior. Os autores buscam comunicar os resultados da pesquisa sobre a situação atual do ensino de História da Educação no Brasil, a partir de bibliografia produzida desde meados da década de 1980, bem como pela consulta a 124 programas de ensino colhidos junto a 55 instituições de

educação superior no país, no período compreendido entre 2000 e 2008. A pesquisa focou nas questões de identidade e perfil programático assumidos/construídos pela disciplina, analisando, assim, a origem; a denominação; os objetivos do ensino; o perfil docente; a bibliografia e a seleção de conteúdos; para então, apresentar a discussão sobre a presença e as formas de organização da disciplina, a partir do regime de oferecimento; a carga horária definida para a disciplina; as ementas dos programas em oferta.

Como podemos observar (APÊNDICE B), dos periódicos consultados no período entre 2005 e 2010, apenas dois continham artigos sobre o ensino de História da Educação, a Revista online HISTEDBR e a Revista de História da Educação. Destacamos que, dos 14 (catorze) artigos publicados, 12 (doze) tratam da constituição histórica da disciplina em uma determinada instituição de ensino superior, com recortes temporais variados, recortes que, no geral, abarcam uma média de 50 anos de história investigada.

Boa parte destes trabalhos privilegiam como fontes, programas de ensino, bibliografias, as legislações referentes ao curso de pedagogia e sua grade curricular, organizando e analisando as fontes dentro de uma narrativa temporal, marcadas pelas reformulações ocorridas no curso de pedagogia e seus desdobramentos na disciplina, ou a partir das mudanças ocorridas na própria disciplina, oriunda de mudanças teóricas e metodológicas dentro da própria esfera disciplinar durante o recorte temporal pesquisado.

Com relação aos congressos ocorridos a partir de 2005, é nítido o avanço das pesquisas referentes ao ensino de História da Educação. No entanto, este avanço ainda se encontra, tanto em número de trabalhos apresentados como de diversidade temáticas e documental, bastante reduzido, frente as possibilidades que as pesquisas sobre a História da Educação e seu ensino oferecem.

No IV CBHE em 2006, apenas um trabalho foi publicado, no respectivo eixo temático, intitulado “*História da Educação: subsídios para integração de um campo de pesquisa em produção discente (1983 a 2003)*”. As autoras Ivashita e Men (2006), da Universidade Estadual de Maringá (UEM), analisam as concepções de história que emergem dos trabalhos discentes dos cursos de Especialização em

Educação, ofertados pelo Departamento de Fundamentos da Educação da UEM, entre os anos de 1983 a 2003, que apresentam como recorte temático a História da Educação.

Com relação ao *Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*, somente em sua sexta edição, realizada no ano de 2006, foi introduzido um eixo temático específico sobre o Ensino de História da Educação, com nove trabalhos apresentados, sendo que apenas quatro adéquam-se ao eixo temático. “*Fontes e Objetos Históricos no Ensino de História da Educação: os lugares do texto literário*” escrito por Moraes (2006), da USP, apresenta um relato de experiência sobre o uso de fontes literárias no ensino de História da Educação, como estratégia de ensino-aprendizagem, nos anos de 2002 e 2003, aproximando-se teoricamente da concepção de fonte e documento dos autores da segunda e terceira geração da Escola dos *Annales*, utilizando como fontes o relato de experiência e as atividades realizadas pelos alunos.

“*Filmes Históricos e o Ensino de História da Educação*”, produzido por Neves (2006) da UEM, apresenta, a partir de um relato de experiência, uma reflexão sobre o uso, no ensino de História da Educação, de filmes como *Desmundo*, dirigido por Alan Fresnot e lançado em 2003. Apesar de não explicitar seus aportes teóricos e metodológicos, percebe-se uma exploração da obra cinematográfica pelas questões temáticas, propiciando uma aproximação teórica com a terceira geração das Escolas dos *Annales*.

“*O Tema do Calvinismo nos Manuais de História da Educação*” de Vieira e Toledo (2006), da UEM, estuda a forma como o Calvinismo foi abordado nos Manuais de História da Educação, a partir de uma seleção, por amostra, dos títulos mais utilizados nos cursos de Pedagogia no Brasil. Este trabalho não deixa explícitos seus pressupostos teóricos e metodológicos.

“*Ensinando História da Educação do Ceará e do Cariri Cearense: pesquisa e ensino na graduação*” de Queiroz (2006), da Universidade Regional do Cariri (URCA), é um relato de experiência sobre o ensino de História da Educação local e regional e a pesquisa como estratégia de ensino que propõe abordagens e metodologias, o que é característica das propostas da terceira geração da Escola dos *Annales*.

Somente no V CBHE (2008) encontramos um maior número de trabalhos sobre a temática do Ensino de História da Educação, com treze trabalhos publicados nas comunicações individuais e seis trabalhos publicados na comunicação coordenada do eixo Ensino de História da Educação. Nas comunicações individuais, dos treze trabalhos apenas dez trabalhos tratam especificamente sobre a temática proposta pelo eixo.

Dos dez trabalhos, dois resultam de análises de programas de ensino: “*A história da educação na formação do pedagogo: qual a perspectiva teórica?*”, de Aguiar (2008) da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), com enfoque na abordagem teórica de tais programas, identificada como fragmentada, desintegrada e reducionista do conhecimento histórico; o “*Ensino de História da Educação no Paraná: particularidades de um estado brasileiro*” de Rodrigues (2008), da UEM, possui um enfoque voltado para a compreensão da concepção de história em tais programas, identificada por uma tendência à homogeneização e prescrição de verdades históricas.

Três trabalhos constituem relatos de experiência sobre estratégias de ensino na disciplina História da Educação: “*Educação Patrimonial e Ensino de História da Educação: o uso do memorial escolar*”, de Silva Cruz (2008), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), explora a utilização dos memoriais escolares como um bem cultural, a partir do diálogo entre os fundamentos teóricos da Educação Patrimonial e da História da educação; “*Ensino e Pesquisa: uma experiência na prática didático-pedagógica da disciplina história da educação*” de Silva e Rodrigues (2008), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), investiga uma prática didático-pedagógica que articule, significativamente, as pesquisas da área ao ensino de História da Educação, compreendendo a pesquisa como princípio formativo e elemento mediador na relação teoria e prática; “*História da Educação Física: lições pedagógicas da relação cinema-história*” de Dantas Junior (2008), da Universidade Federal de Sergipe (UFS), apropria-se do cinema como um novo instrumento e linguagem para o ensino e como uma nova tecnologia para pesquisa.

Cinco trabalhos buscam desenvolver uma constituição da história disciplinar do ensino de História da Educação: “*Memória da Docência em História da Educação: do ensino para pesquisa com ensino*” de Barbosa (2008), da Universidade Estadual

do Maranhão (UEMA), realiza o resgate de uma experiência docente com um enfoque na reconstituição da história disciplinar em História da Educação. O estudo articulou ensino e pesquisa utilizando-se de várias fontes; *“Historiografando o Ensino de História da Educação em Picos: memórias produzindo história”* de Soares (2008), da Universidade Federal do Piauí (UFPI), busca historiografar o ensino da disciplina de História da Educação entre 1982 e 2006 no curso de pedagogia do campus de Picos no Piauí, a partir da movimentação de várias fontes; *“Narrativas Acerca da Docência em História da Educação: um diálogo de saberes e de práticas entre FURG e UFPEL”* de Santos; Arriada e Nogueira (2008), da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), respectivamente, buscou caracterizar como ocorreu o processo de implantação e organização curricular da disciplina, a partir do diálogo de saberes e práticas viabilizado pelas narrativas e análise documental; *“O Ensino da História da Educação Brasileira e os Critérios para a Presença Temática”* de Neves (2008), da UEM, visa analisar historicamente os conteúdos temáticos eleitos para o Ensino da História da Educação entre 1973 e 2008; *“O Ensino da História da Educação: nas veredas dos cursos de graduação e pós-graduação”* de Pinheiro (2008), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), estuda as possíveis relações entre os conteúdos trabalhados no âmbito do cotidiano escolar e as pesquisas desenvolvidas por historiadores da educação, entre 1996 e 2007, a partir do cruzamento e análise de várias fontes.

Nas comunicações coordenadas, encontramos apenas uma comunicação, no eixo de Ensino de História da Educação, intitulada *“Lugares, Tempos e Saberes do Ensino de História da Educação no Brasil: fundamentos da pesquisa, práticas docentes, manuais didáticos, conteúdos e desafios atuais (1930-2000)”*, coordenada por Décio Gatti Júnior da UFU, com seis trabalhos que versam sobre a história do Ensino de História da Educação.

“Caminhos do Ensino de História da Educação no Brasil (1930-2000): diretrizes teórico-metodológicas de uma investigação”, escrito por Gatti Júnior (2008), enfoca os aspectos teórico-metodológicos que animam pesquisas sobre os saberes disseminados pela disciplina História da Educação, em instituições destinadas a formação de professores entre 1930 e 2000 no Brasil. *“Há uma Rede de Ensino de História da Educação? – (Rio Grande do Norte, 1965 – 1969)”* de Araújo e Pereira

(2008), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), analisa as problemáticas educacionais pertinentes ao ensino de História da Educação entre 1965 e 1969, período em que a Prof^a Vanilda Paiva ministrou a disciplina no curso de Pedagogia da referida universidade; *“História da Educação de Paul Monroe (1905) e Trajetória da Disciplina História da Educação: contrastações, pistas e pontos”* de Stephanou (2008), da (UFRGS), analisa a historicidade da influência da obra de Paul Monroe na disciplina de História da Educação da UFRGS de 1973 a 2004; *“Ensino de História da Educação: da tradição dos manuais aos recortes temáticos, temporais e espaciais sob novos protagonismos”* de Cavalcante (2008), da Universidade Federal do Ceará (UFC), tem por objetivo estudar a relação entre a tradição dos manuais alinhados com a obra de Fernando de Azevedo e as inovações da Nova História e História Cultural e seus desdobramentos na formação de profissionais da área de educação; *“Práticas de Escrita de História da Educação: o tema da escola nova nos manuais de ensino produzidos por Brasileiros (1914-1969)”*, produzido por Monarcha (2008), da Universidade Estadual Paulista (UNESP), visa a análise comparativa de manuais de Ensino de História da Educação e/ou Pedagogia, entre 1910 e 1960, sobre o significado atribuído à Escola Nova; *“Um Manual e suas Diferentes Apropriações. ‘Noções de História da Educação’ de Theobaldo Miranda Santos (1945)”* escrito por Bastos (2008) propõe um estudo sobre os manuais de Ensino de História da Educação, a partir das apropriações de Theobaldo Miranda Santos para a escrita de *“Noções de História da Educação”* (1945).

No VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, não houve eixo temático sobre Ensino de História da Educação e nem apresentação de trabalhos sobre o assunto. Esta temática somente retornou ao Congresso em sua oitava edição, no eixo “Historiografia e Ensino de História da Educação”. No entanto, dos sessenta trabalhos, apenas oito tratavam do Ensino de História da Educação. Esta edição do congresso também contou com uma comunicação coordenada, cujo título fazia menção ao Ensino de História da Educação: “A Escrita e o Ensino de História da Educação no Brasil e em Portugal”. Apesar do título, foi possível verificar que os textos da comunicação tratavam de historiografia.

“Aprendendo História da Educação: um estudo realizado a partir da pesquisa com fontes primárias”, escrito por Vieira (2010), da Pontifícia Universidade Católica do

Paraná (PUC/PR), apresenta um relato de experiência com a utilização de fontes primárias e de pesquisa no ensino de História da Educação. É fundamentado nas abordagens teóricas da terceira geração da Escola dos Annales; “*O Ensino de História da Educação no Brasil Contemporâneo: a situação da disciplina nos cursos de pedagogia*”, produzido por Gatti Junior e Borges (2010), resgata questões referentes à mesma pesquisa apresentada por Décio Gatti Junior em 2008 no V CBHE; “*O ensino e a Aprendizagem do “Descobrimento” do Brasil, no Curso de Pedagogia*”, de Neves (2010), problematiza o ensino do “descobrimento” do Brasil a partir de uma análise da Carta de Caminha, suas respectivas interpretações na História da Educação. Este trabalho possui como referência teórica e metodológica a Escola dos Annales e suas respectivas gerações; “*A Disciplina História da Educação na Formação de Normalistas em Patrocínio – MG (1928-1971): uma reflexão acerca dos manuais escolares*” de Gatti Júnior e Lima (2010), da UFU, pesquisa, a partir de uma abordagem sócio-histórica, a história da disciplina de História da Educação, com destaque para a análise de manuais utilizados no período estudado.

“*Ensino de História da Educação nas Licenciaturas: expectativas, frustrações e contribuições*”, escrito por Scalzer (2010), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Escola São Francisco de Assis (ESFA) e Faculdade Região Serrana (FARESE), relata uma pesquisa – realizada nos cursos de licenciatura destas instituições, onde atua como professora – sobre as representações docentes e discentes da história da educação como componente curricular de tais cursos, partindo dos referenciais teóricos e metodológicos da História Cultural; “*A Disciplina “História da Educação” na Formação de Normalistas em Uberaba-MG (1928-1971): considerações aos aportes teóricos e metodológicos*” de Guimarães e Gatti Júnior, da UFU (2010), relata uma pesquisa sobre a história e os contornos do ensino da disciplina de História da Educação na formação de normalistas de Uberaba, com uma aproximação teórico-metodológica às abordagens da terceira geração da Escola dos Annales; “*Manuais de História da Educação para a Formação de Professoras Normalistas: a produção de um inventário para uma moderna cultura pedagógica*” de Roballo (2010), da Universidade Federal do Paraná (UFPR), analisa os desdobramentos no ensino da disciplina História da Educação dos Manuais de Atualidades Pedagógicas, através de fundamentos teóricos e metodológicos da história cultural; “*Primeiras Análises do Ensino de História da Educação Brasileira na*

Bahia (2001-2008)” de Adorno (2010), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), apresenta o relato de uma pesquisa sobre a formação dos professores que ministraram a disciplina de História da Educação entre 2001 e 2008, com base nos referenciais teóricos e metodológicos da História Cultural.

No VI CBHE (2011), encontramos onze trabalhos no eixo O Ensino de História da Educação, sendo que apenas oito se adequam à temática proposta. “*Considerações sobre a Representação do Indígena e o ensino de História da Educação*” de Bento e Neves (2011) relata uma investigação sobre a utilização de fontes culturais e suas representações sobre os indígenas no ensino de História da Educação, fundamentada teórica e metodologicamente na História Cultural; “*Ensino e Aprendizagem em História da Educação: relatos de experiência com estudantes de pedagogia*”, escrito por Quadros (2011), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), constitui-se em um relato de experiências de ensino e aprendizagem relacionadas à história da educação, desenvolvidas no curso de Pedagogia do Centro Universitário Franciscano - UNIFRA, em Santa Maria/RS, entre os anos de 2007 e 2009, a partir dos referenciais teóricos e metodológicos da História Cultural; “*Intelectuais, Instituições e Circulação de Ideias no Processo de Constituição da Disciplina História da Educação do Brasil (1840 – 2000)*” de Gatti Junior (2011), da UFU, busca investigar o dinâmico e complexo processo de constituição da disciplina História da Educação no Brasil, bem como compreender o rico processo de construção de saberes afetos a ela, por intelectuais estrangeiros e brasileiros, que dialogam em suas obras, em especial nos manuais de ensino, utilizados na formação de professores, a partir de pressupostos da História Cultural; “*Livros de História da Educação da Coleção Atualidades (1933 – 1977): um espaço de memória da formação docente*” de Roballo (2011), da UFP, investiga os livros de História da Educação que serviram de suporte para a maioria dos cursos de formação de professores, a partir de 1930 no Brasil, com abordagem fundada na História Cultural; “*Ensino de História da Educação no Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina*” de Favaro (2011), da UEL, busca compreender como a disciplina História da Educação se configura e se articula com a proposta de formação dos pedagogos no curso de Pedagogia da UEL, e como sua proposta se materializa na relação ensino-aprendizagem, na qual as ancoragens teóricas e

metodológicas não estão explícitos; “*O Ensino de História da Educação nos Cursos de Formação de Professores da UNIMONTES: início de um debate necessário*”, produzido por Rodrigues; Rabelo; Garcia; Ramalho; Junior (2011), da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), Universidade Federal dos Vales de Jequitinhonha e Mucuri (UFVJL) e Universidade de Uberaba (UNIUBE), respectivamente, tem como objetivo investigar a presença da disciplina História da Educação nos cursos de formação de professores, oferecidos pela Universidade Estadual de Montes Claros, bem como problematizar os prejuízos que sua ausência, nesses cursos, poderá desencadear na formação do acadêmico, futuro professor atuante em toda a região de abrangência desta universidade, e, conseqüentemente, no ensino desenvolvido. Esta investigação é fundamentada na teoria histórico-crítica marxista; “*O Manual “Pequena História da Educação” (1936) Das Madres Peeters e Cooman no Ensino da História da Educação Brasileira*”, escrito por Lima (2011), da UFU, tem por intuito caracterizar a autoria do manual como representante do esforço católico em reagir ao movimento escolanovista e analisar as matrizes epistemológicas dispostas na estruturação lógica da obra; “*Os livros de História da Educação Norte-Americanos adotados no Brasil nos Séculos XIX e XX: origens e abordagens*”, de Lorenz (2011), tem por finalidade analisar as vertentes de pensamento sobre a História da Educação, veiculadas nos manuais de “História Geral da Educação” de autores que circularam no Brasil na segunda metade do século XIX e no início do século XX, partindo teórica e metodologicamente da História Cultural.

O volume de trabalhos apresentados nos congressos (APÊNDICE C), a partir de 2005 aumenta consideravelmente em relação ao período entre 1990 e 2005. A descrição resumida dos trabalhos aponta a consolidação da tendência verificada nos artigos analisados nas revistas consultadas, que é o número significativo de pesquisas sobre a constituição histórica da disciplina de História, 8 (oito) de 37 (trinta e sete), da educação no curso de pedagogia de uma determinada instituição de ensino, e o tratamento privilegiado de documentos como programas de ensino, ementas, bibliografias, grades curriculares e legislações educacionais sobre o curso de pedagogia e formação de professores.

Outra tendência que se inicia, analisando os congressos, são as pesquisas referentes aos manuais de ensino, suas inserções nos programas da disciplina de

História da Educação, seus pressupostos teóricos e suas implicações doutrinárias. Foram identificados 9 (nove) trabalhos de 37 (trinta e sete). Os relatos de experiência também se destacaram, sendo que, dos 37 trabalhos consultados, 11 (onze) se constituíam de relatos sobre experiências dos professores que publicaram os trabalhos com a disciplina de História da Educação.

No transcorrer do VI CBHE, celebrando o décimo aniversário da SBHE, foi lançada uma coleção denominada *Horizontes da Pesquisa em História da Educação*, com dez volumes que expressaram a pluralidade das pesquisas em História da Educação. O sexto volume organizado por Carvalho e Gatti Júnior (2011), intitulado “*O Ensino de História da Educação*”, contém doze artigos sobre a temática.

Nas publicações em livros que correspondem ao período de 1990 e 2011 (APÊNDICE D), as pesquisas sobre a história da disciplina de História da Educação se mostram bastante expressivas, corroborando com a tendência observada nos periódicos e congressos sobre a História da Educação. Tais pesquisas tendem, como já assinalado, a se constituírem como investigações que traçam num determinado recorte, a história da disciplina História da Educação em uma instituição de ensino superior.

Destacam-se, também, balanços e reflexões sobre a pesquisa voltada para o ensino de História da Educação. Tais balanços nacionais ou regionais tentam mapear as tendências que as pesquisas sobre o ensino de História da Educação estão tomando. As reflexões sobre a pesquisa voltadas para ensino de História da Educação, buscam, por sua vez, ampliar as possibilidades investigativas sobre a área, enfocando as diversas fontes de pesquisa, o tratamento dado aos documentos, recortes temporais e temáticos, os aportes teóricos e metodológicos para a pesquisa, como também as perspectivas dos variados sub-temas a serem pesquisados dentro da temática.

Partindo para um olhar mais panorâmico sobre as pesquisas e produções sobre o ensino de História da Educação entre 1990 e 2011, foram publicados ao todo, nas dissertações, teses, revistas, anais de congressos e livros consultados, 89 textos versando sobre o ensino de História da Educação. Sendo que no decorrer dos 21 anos pesquisados, os anos de 2006, 2007 e 2011, tiveram um número de

publicações expressivo em relação aos outros anos, tendo, respectivamente, 23, 17 e 20 trabalhos publicados.

QUADRO 1 - Somatório da produção por ano 1990 a 2000

Anos	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Dissertações/ Teses	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0
Artigos/Periódicos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Anais/Congressos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Livros/Cap. Livros	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
Total	0	0	1	0	0	1	0	0	1	0	0

QUADRO 2 - Somatório da produção por ano 2001 a 2011

Anos	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Dissertações/Teses	0	2	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Artigos/ Periódicos	0	0	2	0	0	11	1	1	0	1	0
Anais/ Congressos	0	0	0	2	0	5	0	16	0	8	8
Livros/Cap. Livros	0	2	0	0	6	7	1	0	5	0	12
Total	0	4	2	0	7	33	0	17	5	8	20

Estes números ascendentes ancoram-se em uma edição da Revista Brasileira de Educação (2006) ao VI COLUBHE (2006), ao V CBHE (2008) e ao VI CBHE (2011). A edição da RHE foi constituída, como já assinalado, por trabalhos que foram selecionados do XI Encontro Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação, ocorrido na Universidade do Vale do Rio dos Sinos em agosto de 2005. Neste sentido, podemos observar a importância dos Congressos como instituição fomentadora de pesquisas e fonte de divulgação das pesquisas realizadas no Brasil.

Desde a formação da Sociedade Brasileira de História da Educação observa-se o fomento e o estímulo dado às pesquisas sobre o ensino de História da Educação, partindo das instituições e sociedades organizadoras de congressos e seminários. Os congressos, em sua grande maioria, além de serem espaços de divulgação das produções científicas da área, também produzem demandas investigativas, com a criação de eixos temáticos, comunicações coordenadas, oficinas e palestras.

As pesquisas sobre o ensino de História da Educação recebem um franco apoio por parte das instituições organizadoras de congressos. Tal apoio ao mesmo tempo incide nos grupos de pesquisa sobre história da educação, que instituem pesquisas sobre a disciplina de História da Educação e seu ensino.

Com relação aos grupos de pesquisa referentes à História da Educação, analisando as origens das pesquisas apresentadas nos textos realizados, identificamos que um número expressivo corresponde a pesquisas em História da Educação espalhados pelo Brasil.

QUADRO 3 - Origens das produções consultadas 1990 a 2011

Fontes/documentos	Nº de Trabalhos
Grupos de pesquisa	53
Experiência docente pessoal	17
Pesquisas de Mestrado	6
Pesquisas de Doutorado	0

Boa parte destas produções, pelo que depreendemos das leituras realizadas dos textos aos quais tivemos acesso, são frutos de pesquisas inseridas dentro de projetos mais amplos de investigação vinculados a grupos de pesquisas coordenados por professores universitários. Identificamos também que as pesquisas que buscam uma investigação mais ampla, envolvendo recortes espaciais e até mesmo temporais maiores, com o aumento do número de instituições pesquisadas, também estão vinculadas a grupos acadêmicos de pesquisa.

A pesquisa realizada por Haiashi e Ferreira (2010), sobre os grupos de pesquisa em História da Educação no Brasil, também aponta a expressiva contribuição dos grupos de pesquisa que atuam na área impulsionando as pesquisas em História da Educação.

O grande número de pesquisas que identificamos vinculadas a grupos de pesquisas instituídos no Brasil contribui para a consolidação das pesquisas sobre História da Educação e o seu ensino, ao mesmo tempo em que estimulam o interesse sobre o tema entre os bolsistas de iniciação científica, que poderão desenvolver projetos de pesquisas de mestrado e doutorado voltadas para o ensino da História da Educação.

Entre os anos de 1990 e 2011 detectamos alguns delineamentos e tendências em relação às pesquisas sobre o ensino de História da Educação com relação aos enfoques temáticos e as fontes documentais analisadas nos trabalhos pesquisados.

Com relação aos enfoques temáticos, identificamos, agrupamos os enfoques e organizamos cinco temas: história da disciplina História da Educação; relação entre teorias educacionais e historiográficas com o ensino de História da Educação; materiais didáticos utilizados no ensino de História da Educação (manuais, filmes, obras literárias, fotografias etc.); relatos de experiências didáticas no Ensino de História da Educação e o impacto das pesquisas sobre a História da Educação em seu ensino.

Analisados os textos publicados nos veículos consultados, agrupamos 11 tipos de fontes e sua respectiva incidência no número de trabalhos consultados: programas de ensino, bibliografia, ementas, manuais de ensino, grade curricular, memória, leis educacionais, corpo docente, avaliações, atas e relatórios.

QUADRO 4 - Distribuição da produção por temático entre 1990 a 2011

Enfoques Temáticos	Nº de Trabalhos
História da disciplina História da Educação	36
Relação entre as teorias educacionais e historiográficas com o ensino de História da Educação	25
Pesquisas e reflexões sobre o ensino da História da Educação	13
Materiais didáticos utilizados no ensino de História da Educação: Manuais, filmes, obras literárias, fotografias etc.	11
Relato de experiências didáticas no ensino de História da Educação	11

Na computação geral das informações registradas durante o período de 1990 e 2011, o número de pesquisas que tratam história da disciplina História da Educação mostra-se bastante expressiva. Um número significativo desses trabalhos estabelece uma análise histórica acompanhando o desenvolvimento da disciplina dentro dos parâmetros legais (legislação sobre a formação de professores e do curso de pedagogia) e curriculares do curso de pedagogia, privilegiando os programas de ensino; outros trabalhos, em menor número, tratam das constituição histórica da disciplina a partir dos conteúdos ministrados, formação e relações acadêmicas e políticas dos professores que ministraram a disciplina e os impactos das pesquisas sobre a História da Educação em seu ensino ao longo de um determinado recorte espacial.

Tal enfoque temático, em quase sua totalidade, delimita-se a investigar a constituição histórica da disciplina de História da Educação em cursos de Pedagogia em variadas Instituições Superiores de Ensino como a PUC, UNIJUI, UNISINOS, URCAMP, UFRGS, UFP, UNISO, UEMA, UFRN, dentre outras – e, como já apontado, com recortes temporais bem variados. Outra tendência, oriunda das investigações sobre o ensino da História da Educação em um determinado curso ou

instituição, é a regionalização das pesquisas realizadas sobre o ensino de História da Educação. Tal perspectiva, ao que indica as informações analisadas até o momento, pode estar atrelada a um investimento dos grupos de pesquisas em História da Educação em investigar a história educacional de seu Estado ou de sua região.

Com relação ao segundo enfoque temático mais recorrente – a relação entre as teorias educacionais e historiográficas com o ensino de História da Educação – encontramos 25 trabalhos que analisam os conteúdos ministrados no ensino de História da Educação e seus vínculos teóricos com determinadas concepções educacionais e historiográficas. Tais pesquisas em geral analisam ementas, programas de disciplinas, manuais didáticos, bibliografias, grade curricular do curso de pedagogia, articulando-as com o contexto socioeducacional correspondente ao recorte espacial e temporal realizado para as pesquisas.

Enfoque bastante expressivo são as que se constituem como balanços de pesquisas e reflexões sobre o ensino da História da Educação. Tanto os balanços referentes ao que está sendo pesquisado sobre o ensino de História da Educação, como as reflexões realizadas por professores e pesquisadores da História da Educação sobre o ensino da disciplina, sinalizam a busca por encaminhamentos investigativos que possibilitem o enriquecimento das pesquisas na área.

O enfoque temático que se destaca são as análises dos materiais didáticos utilizados no ensino de História da Educação, como manuais, filmes, obras literárias, fotografias dentre outros. Tais pesquisas, em geral, analisam os conteúdos e as implicações teóricas e ideológicas de tais materiais de ensino utilizados na disciplina de História da Educação.

A característica de tais pesquisas foi os relatos de experiência ligados a propostas metodológicas de ensino, como a utilização da pesquisa como método de ensino, textos literários e filmes como fontes a serem trabalhadas no ensino de História da Educação. Tais relatos de experiência continuaram nos congressos seguintes, tendo como base de análise as relações entre ensino e pesquisa e a utilização de fontes históricas no ensino de História da Educação. Outra característica das pesquisas foi a busca dos pressupostos teóricos que emergiam dos programas das disciplinas de

História da Educação investigadas, sejam numa perspectiva histórica ou em algum relato de experiência.

Os dois enfoques temáticos que congregam um maior número de trabalhos apontam também para o pouco investimento dos pesquisadores da disciplina História da Educação não só nos outros três enfoques, cuja quantidade de trabalhos é consideravelmente inferior, mas também em outras possibilidades de enfoques temáticos como, por exemplo, os perfis docentes e discentes, as dinâmicas das relações estabelecidas pelos docentes na organização da disciplina e das aulas a serem ministradas, as formas de avaliação instituídas e vividas no ensino de História da Educação, dentre outras possibilidades de pesquisa que se apresentam.

Um exemplo de outras possibilidades são as pesquisas sobre materiais didáticos utilizados no ensino de História da Educação como os manuais didáticos, filmes, obras literárias e fotografias. Além de serem investigadas e apresentadas como relatos de experiências dos próprios docentes, podem se constituir como uma investigação mais ampla, mapeando e configurando as dimensões e interlocuções destes materiais no ensino de História da Educação numa perspectiva sincrônica e diacrônica.

Com relação às fontes, é grande o número de fontes escritas dentro de uma estrutura institucional de organização disciplinar e curricular, como os programas de ensino, bibliografias, ementas, manuais de ensino e grades curriculares, como podemos observar no quadro abaixo.

QUADRO 5 - Fontes/documentos consultados nas pesquisas entre 1990 a 2000

Fontes/documentos	Nº de Trabalhos
Programas de Ensino	36
Bibliografias	36
Ementas	29
Manuais de ensino	24

Grade curricular	23
Memória	13
Leis educacionais	11
Avaliações	3
Atas	2
Relatórios	1

Com relação aos documentos mais utilizados nas pesquisas sobre o ensino de História da Educação, os programas de ensino, bibliografias, ementas, manuais de ensino e grades curriculares, constituem-se como fontes privilegiadas pelos pesquisadores da história da História da Educação e seu ensino para a análise da constituição histórica da disciplina.

Tais documentos, em sua maioria, são organizados e analisados dentro de uma perspectiva de análise histórica ou de seu conteúdo em relação a pressupostos teóricos e ideológicos. É importante ressaltar a necessidade de se avançar na incorporação de outras fontes documentais, principalmente as orais, iconográficas e videográficas, nas pesquisas sobre a história da disciplina História da Educação e seu ensino. No entanto, o alargamento das fontes requer uma maior rigor teórico e metodológico nas pesquisas a serem realizadas, como aponta Décio Gatti Junior:

À percepção desse alargamento de fontes para o estudo da História e da História da Educação agrega-se uma preocupação cada vez mais difundida pelos historiadores da educação com a aquisição de formação adequada para o trabalho com essas novas fontes, pois que ao incluir entre os materiais históricos (fontes) evidências diversificadas, para além da documentação manuscrita e impressa (atas, normas, regulamentos, programas etc.), para as quais já havia procedimentos de tratamento sedimentados, surgem novos desafios, no sentido de garantir um processo de objetivação que não proceda, sobretudo, o rebaixamento da qualidade da interpretação em função de um procedimento pouco rigoroso com essas novas fontes, tais como: depoimentos dos sujeitos educativos, iconografia, objetos de ensino (museus escolares), imprensa periódica, manuais de ensino etc. (GATTI JUNIOR, p. 2008).

As tendências aqui apontadas referentes às pesquisas sobre a história da disciplina de História da Educação e seu ensino mostram um movimento de consolidação da temática enquanto objeto de pesquisa no âmbito do campo da História da Educação. Seus marcos subtemáticos, documentais, recortes temporais e espaciais, situam as pesquisas dentro de um esforço coletivo da comunidade científica dos historiadores da educação em ampliar seus estudos, partindo de algumas linhas de pesquisa mais consolidadas da história das instituições e disciplinas escolares e a análise de manuais didáticos.

Como aponta Gatti Junior (2008), a análise articulada e contextualizada das pesquisas até então realizadas possibilita um amplo espectro de articulações ainda a realizar, por meio do cruzamento dos resultados de pesquisas contextualizadoras (política e legislação de ensino), com essas que vão se iniciando sobre os manuais e os programas de ensino, bem como, com as possibilidades que permanecem em aberto e envolvem histórias de vida, depoimentos de autores, professores e alunos, exame iconográfico etc.

4 O ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: O PROGRAMÁTICO, O LEGAL E O INSTITUCIONAL EM PERSPECTIVA HISTÓRICA DA FFCLES À UFES

A História da Educação se consolida como disciplina nos cursos de formação de professores no Brasil a partir da criação do Curso de Pedagogia em finais da década de 1930. A educação neste período era concebida pelo conjunto dos educadores preocupados com a questão educacional, pois encaravam a educação como a mola mestra para reformar o país. O Ensino da História da Educação emerge no complexo processo histórico de formação dos Estados-nação e o esforço empreendido é marcado pela perspectiva de que: “*O Estado não só fazia a nação, mas precisava fazer a nação*” (HOBSBAWM, 2007, p. 211).

Enquanto na Europa o investimento público estatal para a construção da nação teve início em meados de 1870, no Brasil podemos apontar a década de 1930 como o início de tal processo (GOMES, 1996).

A consolidação da nação, assentada em programas nacionalistas de sustentação de massa e no investimento em instituições públicas capazes de projetar em larga escala os ideários do nacionalismo, pode ser delineada entre o final dos anos de 1930 e início dos anos de 1940, durante o Estado Novo.

O Curso de Pedagogia foi criado pelo Decreto-Lei n. 1190, de 4 (quatro) de abril de 1939, por ocasião da organização da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, e que instituiu o chamado "padrão federal" ao qual tiveram que se adaptar os currículos básicos dos respectivos cursos oferecidos por outras instituições de ensino superior do Brasil, tanto públicas quanto privadas. O Conselho Universitário em 1940 e o Conselho Nacional de Educação em 1942, aprovaram o Regimento interno que estabelece que o curso de Pedagogia seria realizado em três anos com um corpo docente constituído pelos professores catedráticos, assistentes, docentes livres e, eventualmente, professores contratados, constituído pelas seguintes séries (BRASIL, 2012):

- **Primeira série** – complementos de matemática, história da filosofia, sociologia, fundamentos biológicos da educação;
- **Segunda série** – estatística educacional, história da educação, fundamentos sociológicos da educação, psicologia educacional, administração escolar;
- **Terceira série** – história da educação, psicologia educacional, administração escolar, educação comparada, filosofia da educação.

O programa de História da Educação, para a segunda e terceira série do curso de Pedagogia, compreendia um leque temático que ia das discussões referentes ao conceito de educação e das características da História da educação à discussão sobre as perspectivas futuras da educação. O conteúdo proposto para a segunda série tratava das sociedades primitivas até a educação moderna no século XVII. Já para a terceira série os conteúdos contemplavam a educação no Iluminismo até a educação nos estados democráticos, fascistas e comunistas, em relação à Europa e à educação brasileira de Anchieta a República.

QUADRO 6 - Conteúdo da Disciplina História da Educação proposto pelo Ministério da Educação e Saúde em 1940

Segunda Série	Terceira Série
<p>Conceito de educação;</p> <p>A pedagogia e a história da educação no quadro geral dos conhecimentos; método de estudo da história da educação;</p> <p>A educação nas sociedades primitivas;</p> <p>A educação nas culturas orientais: do Egito, da Mesopotâmia, da Pérsia, da Índia, da China, de Israel;</p> <p>A educação na cultura clássica: educação helênica, educação romana;</p> <p>A educação na cultura ocidental: educação cristã na Alta Idade Média, educação cristã na Baixa Idade Média, a Universidade;</p> <p>A educação na Renascença,</p>	<p>A revolução intelectual do século XVIII e a educação, Enciclopédia, de Rousseau à revolução francesa;</p> <p>Pestalozzi e a educação contemporânea;</p> <p>Diretrizes educacionais do século XIX: os continuadores de Pestalozzi – Fröbel, Girard;</p> <p>Desenvolvimento científico e sua influência na educação – Herbart, Spencer, Bain;</p> <p>A educação nos Estados Unidos – de Horace Mann a William James;</p> <p>A educação na América Latina – Sarmiento, Varela;</p> <p>Exame das últimas ideias e práticas pedagógicas: escola nova – Sanderson;</p>

<p>Humanismo, Reforma;</p> <p>Educação moderna, século XVII e a primeira metade do século XVIII, de Comenius a Rousseau.</p>	<p>Montessori, Claparède, Decroly, Dewey;</p> <p>Diretrizes educacionais dos Estados fascistas, comunistas, democráticos;</p> <p>A educação no Brasil: de Anchieta à república; leis, educadores e escolas do período republicano;</p> <p>Síntese histórica, perspectivas futuras da educação.</p>
--	--

Fonte: Brasil (1940)

Todas as disciplinas que compuseram o currículo para a formação dos professores nas escolas normais, oriundas das reformas embasadas no ideário escolanovista, entre os anos de 1930 e de 1940, tinham como foco a criança. As disciplinas fundamentadas nas ciências psicológicas, biológicas e sociais tinham um caráter matricial e a finalidade de promover uma melhor compreensão do desenvolvimento infantil, por parte dos professores, de forma a promover um ensino mais eficaz. A partir de uma formação renovada pelos conhecimentos da biologia, da psicologia e das ciências sociais, a figura do professor é rodeada por uma mística simbólica que ajuda a forjar não somente as suas expectativas, como também as do governo e da população brasileira sobre a sua missão educativa.

A disciplina formadora, responsável por proporcionar um fundamento teórico-social para os professores, foi a História da Educação¹⁰. No entanto, o caráter doutrinário e salvacionista que impregnou a narrativa da disciplina visava não somente à permanência dos valores cristãos católicos, como também oferecer justificativas para o presente, a partir do passado na defesa do ideal de educação escolanovista (WARDE, 1990).

¹⁰ Em artigo de 1990, Mirian Jorge Warde sustenta que a subtração da História da Educação do campo da História e sua hierarquização entre as ciências da educação subordinou-se aos critérios de composição curricular do grupo de intelectuais que se articulou, a partir de 1932, na Associação Brasileira de Educação. Segundo esses critérios, a História da Educação foi instituída como disciplina destinada à formação de professores e secundarizada como campo da educação (CARVALHO, 2005).

Ao invés de uma análise dos processos históricos educacionais, a disciplina ganhou contornos de doutrinação cívica, que endereçava ao professor uma missão salvadora dentro dos valores de uma civilização cristã. A historiografia da educação

[...] é expressão do registro da permanência dos valores de uma civilização cristã. Apesar das concepções teóricas, de formação e dos pertencimentos institucionais de seus autores, a história da educação difundida entre os professores primários e secundários tem uma função e um efeito doutrinário que se prolonga e se atualiza, revelando o peso da influência religiosa apesar de todo o movimento de secularização da sociedade e do Estado a partir da implantação do regime republicano (NUNES, 1996, p. 70).

Os conteúdos curriculares das disciplinas dos cursos de formação de professores não constituíam suportes teóricos e metodológicos para os professores refletirem criticamente sobre a dimensão social e política de sua atuação. As reflexões críticas realizadas pelos professores emergiam, em sua grande maioria, da contraposição entre os discursos, as expectativas e as diversas realidades em que exerciam a sua profissão.

A partir de 1939, outras empreitadas referentes à formação de professores no ensino superior nos Cursos de Pedagogia e nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, foram realizadas em outros Estados da Federação Brasileira. O Curso de Pedagogia da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil se tornou um modelo, uma referência para a formação de professores no ensino superior, seguidas em sua organização pelas Faculdades de Filosofia Ciências e Letras e seus respectivos cursos, criados a partir daquele momento.

4.1 A DISCIPLINA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E SEUS PROGRAMAS EM TRANSITO: DA FFCL À UFES PELAS VIAS DOS MANUAIS DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

No Estado do Espírito Santo, a organização da primeira Faculdade de Filosofia Ciências e Letras e do Curso de Pedagogia ocorreu no ano de 1951¹¹. Foi no

¹¹ O ensino superior no Espírito Santo, teve seu início, de forma bastante tímida, em 1930, com a instituição pela iniciativa privada e amparada pelo poder público, das faculdades de Direito, Farmácia e Odontologia. Em 1940, foram criadas as faculdade de Medicina (COUTINHO, 1993).

governo de Jones dos Santos Neves que o ensino superior se consolidou: foram criadas as Escola Politécnica (1951), a Escola de Belas Artes, Politécnica e Música (1951), a Faculdade de Ciências Filosofia e Letras (1951), a Escola de Auxiliares de Enfermagem (1953) e o Instituto de Tecnologia (1953). A década de 1950 foi significativa para o ensino primário e médio no Estado do Espírito Santo, pois durante a administração de Jones dos Santos Neves (1951-1955), a educação mereceu um destaque nos planos estabelecidos para o desenvolvimento educacional do Estado. Providências foram tomadas objetivando a melhoria da qualidade de ensino e a respectiva ampliação do sistema educacional, além da reestruturação do ensino primário (COUTINHO, 1993).

Em 5 de maio de 1954, pela Lei Estadual nº 806 foi , a Universidade Estadual do Estado do Espírito Santo, há muito desejada juntando cinco faculdades isoladas: Filosofia, Ciências e Letras, Odontologia, Belas Artes, Politécnica e Música, sendo designado para ocupar o cargo de Reitor o engenheiro Ceciliano Abel de Almeida. Durante o governo de Francisco Lacerda de Aguiar mais dois estabelecimentos de ensino superior foram criados: a Faculdade de Ciências Econômicas e a Faculdade de Medicina (1957) (COUTINHO, 1993, p. 93).

As primeiras discussões sobre a criação de uma faculdade de Filosofia na cidade de Vitória ocorreram no início de 1951, quando foram formadas comissões de representantes dos estudantes e da juventude espírito-santense, com objetivo de conseguir do Governador Jones dos Santos Neves a sua criação, nos moldes das congêneres do Rio de Janeiro e São Paulo (CUNHA, 2000).

O governador assegurou aos representantes dessas comissões que era esse um de seus propósitos na esfera do ensino e que, antes de concluir o seu período administrativo, deixaria funcionando uma faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que integraria o bloco universitário já delineado, sob a orientação do Secretário de Educação, Prof. Rafael Grisi, (UFES, 1970) (CUNHA, 2000, p. 52).

O Projeto de criação da FFCLES encaminhado para apreciação da assembleia Legislativa do Espírito Santo foi aprovado sem restrições pelos parlamentares e sancionado pelo Governador no dia 7 de dezembro de 1951 e publicado no Diário Oficial no dia 11 de dezembro de 1951, nos termos da Lei n. 550.

Conforme estabelecia o artigo 1º da referida Lei, a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras do Espírito Santo, em anexo na dissertação de mestrado de Cunha (2000) destinava-se a:

- a) Transmitir e incentivar, através do ensino, a cultura filosófica, científica e literária;
- b) Contribuir para a realização da obra social da vulgarização do conhecimento de base científica;
- c) Promover a formação de trabalhadores intelectuais e pesquisadores nos diversos domínios, de ordem desinteressada e técnica, que constituem objeto de sua atividade didática;
- d) Preparar professores de ensino secundário, normal e superior.

O artigo 2º definia:

A FFCLES compreenderá as seguintes secções e cursos ordinários que serão instalados progressivamente, na medida das necessidades e dos recursos financeiros próprios:

a) Secção de Filosofia, constituída pelo curso de Filosofia;

b) Secção de Ciências, constituída pelos cursos de:

Matemática

Física

Química

História Natural

Geografia e História

Ciências Sociais

Pedagogia

c) Secção de Letras, constituída pelos cursos de:

I. Letras Clássicas

II. Letras Neolatinas

III. Letras Anglo – Germânica.

Segundo Cunha (2000), embora a FFCLES tenha sido criada em 1951, sua instalação ocorreu somente em janeiro de 1953 e seu funcionamento iniciou no segundo semestre desse mesmo ano. A demora deveu-se à lentidão com que tramitou o processo de autorização para ao funcionamento da instituição, bem como a sua adequação às novas formalidades exigidas pela Diretoria de Ensino Superior do Ministério da Educação.

A FAFI¹² tinha como característica uma proposta político-pedagógica mais voltada para a formação de pesquisadores ou dos chamados bacharéis. Somente mais tarde, começaram a ser implantados os cursos de licenciatura, dando-se ênfase a formação de educadores. A ampliação do mercado de trabalho para professores de nível superior, em decorrência da expansão da rede de ensino no Espírito Santo, despertou maior interesse pelos cursos de licenciatura da FAFI, tornando-se, pois, oportuno que a instituição passasse a se preocupar cada vez mais com uma política pedagógica que realmente estivesse voltada para a formação de professores de nível superior. Essa passou a ser a verdadeira vocação dessa faculdade (CUNHA, 2000, p. 13).

Ao iniciar o ano letivo de 1953, a FFCLES passou por algumas dificuldades com relação à organização, estruturação e funcionamento, principalmente por não contar com professores habilitados na época para compor o corpo docente. Para resolver o problema da falta de professores habilitados, foi necessário recorrer a outras Faculdades de Filosofia já estruturadas, como as de São Paulo e Rio de Janeiro (CUNHA, 2000).

A maior parte dos professores é constituída por formados pelas faculdades de São Paulo e Rio de Janeiro, professores que tenham o curso, prestando concurso e lecionando vários anos, e advogados do Espírito Santo que se empenham em ministrar as suas aulas em obediência ao programa aprovado, imprimindo-lhes não raro, um cunho eminentemente prático (UFES, 1970, p. 1).

A Proposta Político-Pedagógica inicial, que pretendia conduzir o ensino de forma a priorizar a pesquisa científica, teve que ser abandonada em virtude das dificuldades relativas à carência de recursos materiais, financeiros e até humanos para investimento em pesquisa de grande porte. Assim, a grade curricular dos diversos cursos limitava-se às disciplinas de formação básica (CUNHA, 2000).

Com relação ao Curso de Pedagogia, assim como o Curso proposto em 1939 no Rio de Janeiro, estava organizado de forma serial:

¹² A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Espírito Santo (FFCLES), da sua fundação até a sua incorporação a Universidade Federal do Espírito Santo, era designada por aqueles que lá estudavam e pela população capixaba em geral, apenas como Faculdade de Filosofia ou apenas Faculdade. A sigla FAFI, passou a ser utilizada como referência para a Faculdade, por volta dos anos de 1980, quando houve o processo de tombamento do prédio e sua posterior aquisição pela Prefeitura Municipal de Vitória (CUNHA, 2000), o autor do texto citado, em sua pesquisa, utiliza a sigla FAFI, enquanto em nossa pesquisa manteremos a sigla referente ao nome da Faculdade FFCLES.

- **Primeira série** – Complementos de Matemática, História da Filosofia, Sociologia, Fundamentos Biológicos da Educação;
- **Segunda série** – Estatística Educacional, História da Educação, Fundamentos Sociológicos da Educação, Psicologia Educacional, Administração Escolar;
- **Terceira série** – História da Educação, Psicologia Educacional, Administração Escolar, Educação Comparada, Filosofia da Educação.

Somente em 1963 foi incluída a quarta série nos cursos ofertados na FFCLES, objetivando atender aos currículos estabelecidos pelo Conselho Federal de Educação e à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Nos anos de 1963 e 1964, uma mudança pedagógica processou-se nos cursos e no funcionamento da FAFI, decorrente das normas estabelecidas na própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e em pareceres do conselho Federal de Educação [...]. Assim por intermédio destes Pareceres Federais foram reformulados e provados os currículos dos cursos de bacharelado e de licenciatura, bem como aumentada a duração dos cursos em mais um ano [...] (CUNHA, 2000, p. 68).

No caso do Curso de Pedagogia:

- **1º ano:** Psicologia da Educação. Biologia, História da Filosofia I, Complementos da Matemática;
- **2º ano:** Psicologia da Educação II, Sociologia Geral, História da Educação I, História da Filosofia II, Estatística;
- **3º ano:** Psicologia da Educação III, Sociologia da Educação, História da Educação II;
- **4º ano:** Filosofia da Educação, Administração Escolar, Educação Comparada (Bacharelado), Didática e Prática de Ensino (Licenciatura)¹³.

Analisando os relatórios por períodos da FFCLES entre 1954 e 1968, identificamos a existência de exames escritos e orais (a critério de cada departamento), parciais e finais, e de primeira e segunda chamadas. As questões que constavam nos exames propostos para os cursos da FFCLES, assim como no curso de Pedagogia, eram selecionadas, por sorteio, de vários pontos pré-definidos. Estes pontos eram retirados dos conteúdos trabalhados durante os períodos cursados: para a segunda série, o exame continha 10 pontos a serem sorteados; para a terceira série o número dobrava, contendo 20 pontos. A amplitude de temas e conteúdos era a

¹³ Fonte: FFCLES. *Relatórios do segundo período 1964*. Vitória: Almojarifado do CEG/UFES, 1964.

característica destes exames e dos pontos escolhidos eram elaboradas uma ou algumas questões referentes ao ponto escolhido¹⁴.

A carga horária da disciplina História da Educação para a segunda série e terceira série não se encontra discriminada nos programas de ensino, no entanto, no boletim de frequência relativo aos anos de 1954 a 1967, encontramos o número de aulas propostas para ambas as séries, com algumas diferenças. No geral, a carga horária para a disciplina de História da Educação para a segunda e terceira série variou, nos boletins de frequência, entre 75 a 80 horas/aula. Como nos boletins a carga horária não ultrapassava 80 horas/aula, é possível que este número seja a carga horária oficial para a disciplina de História da Educação para ambas as séries, totalizando para a disciplina de História da Educação no curso de Pedagogia da FFCLES, 180 horas/aula¹⁵. Na década de 1970, a carga horária das disciplinas de História da Educação I e II era de 75 horas cada.

Entre 1954 e 1957, os programas de História da Educação referentes aos segundo e terceiro anos consultados foram mantidos sem alteração: a principal mudança ocorreu nos programas propostos para o ano letivo de 1958. Os programas que se seguem a 1958, para os primeiros e segundos anos consultados, não foram alterados, mantendo a mesma estrutura e organização temática. Tais mudanças podem ser observadas com relação à amplitude e ao volume dos conteúdos propostos, não só em relação ao conjunto programático como também em relação à distribuição de conteúdos propostos, dentro das temáticas descritas.

Para uma melhor visualização, elaboramos quadros comparativos entre os programas de História da Educação de 1955 e 1958, para os segundo e terceiro anos do curso de Pedagogia.

¹⁴ Fonte: FFCLES. *Relatórios do primeiro e segundo período* Vitória: Almoxarifado do CEG/UFES (1953-1969).

¹⁵ Ibid.

QUADRO 7 - Curso de Pedagogia: (FFCLES) Conteúdo Programático do 3º ano da disciplina História da Educação 1955\1958.

Ano	Conteúdo Programático do 2º ano da disciplina História da Educação
1955 ¹⁶	<p>1) Conceito de História da Educação.</p> <p>2) Conceito de Educação.</p> <p>3) A Educação dos Povos Primitivos: características da sociedade primitiva;; práticas educacionais na sociedade primitiva.</p> <p>4) A educação nas culturas orientais: chinesa e hindu; egípcia, mesopotâmica; persa e hebraica.</p> <p>5) Educação na Cultura Greco-Latina: quadro evolutivo da cultura e circunstâncias históricas dominantes; divisão da história da educação greco-latina; período arcaico; período clássico: Atenas e Esparta; período helenístico; a educação em Roma: na República - no Império; o espírito clássico e seu ideal educacional.</p> <p>6) A Influência do Cristianismo.</p> <p>7) A educação na cultura ocidental: quadro evolutivo da cultura e circunstâncias históricas dominantes; fusão de elementos greco-latinos e cristãos.</p> <p>8) Educação Medieval: escolas monaquais; Carlos Magno e o movimento educacional; Escolas Municipais; educação pela cavalaria; transformações educacionais do século XIII: ordens militares e mendicantes - desenvolvimento filosóficos, educação escolástica - Tomás de Aquino, formação, estrutura e desenvolvimento da Universidades Europeias.</p>
	<p>1) Introdução ao estudo da História da Educação: valor cultural e científico dos estudos históricos; conceito de Educação; importância pedagógica dos estudos de História da Educação; conceito de História da Educação;</p> <p>2) A educação nas sociedades primitivas e nas primeiras civilizações: características principais das sociedades primitivas; práticas educacionais nas sociedades primitivas; caráter geral a educação nas primeiras civilizações: Índia, China, Egito, Palestina, e Pérsia; síntese dos aspectos educacionais nas diversas civilizações orientais;</p> <p>3) Educação Grega: panorama geral da civilização e cultura grega; caráter da educação grega na época heroica; os aspectos ginástico e musical da educação grega; época clássica: educação em Esparta; a educação ateniense: objetivos, organização e conteúdo; importância educacional dos jogos e do teatro na Grécia; a educação grega no período de transição: os sofistas; os teóricos da educação na Grécia: Pitágoras, Sócrates, Platão e Aristóteles; a expansão da cultura é grega na época alexandrina.; caráter geral da educação Helenística;</p> <p>4) Educação romana: aspectos gerais da cultura romana: vida espiritual, religião, filosofia,</p>

¹⁶ Fonte: FFCLES. *Relatórios do primeiro período 1955*. Vitória: Almoxarifado do CEG/UFES, 1955.

1958 ¹⁷	<p>ideais; períodos evolutivos da educação romana; a educação romana na época primitiva; transformações na educação sob o influxo da cultura grega; a educação romana no período imperial; instituição escolares e literatura educacional no período imperial; principais vultos da educação romana; declínio da educação romana;</p> <p>5) Influência do Cristianismo sobre a educação: condições filosóficas sociais e psicológicas determinantes da difusão das ideias cristãs, visão geral da cultura da época; valores e ideais da vida cristã e sua repercussão na sociedade romana; a educação nos tempos apostólicos, mensagem educacional do evangelho; a educação patrística: escolas e vultos principais; as ordens monásticas e a educação: significação social dos ideais monásticos, as escolas dos mosteiros, as, sete artes liberais, a disciplina ascética; escritores do princípio idade média: Marciano; Capela; Boécio, Cassiodoro, Isidoro; a restauração carolíngia do saber, a obra de Carlos Magno; a educação escolástica: objetivos, método, conteúdo e natureza do saber escolástico. Os grandes escolásticos; as universidades medievais;</p> <p>6) Educação Leiga na Idade Média: o feudalismo e a educação. A formação do cavaleiro; influências da civilização muçulmano sobre a educação medieval; novos tipos de escola do fim da Idade Média.</p>
--------------------	---

Fonte: Faculdade de Filosofia e Letras do Estado do Espírito Santo

Os programas de História da Educação para o segundo ano do curso de Pedagogia que vigoraram até 1957 deram um maior destaque à "*Educação na Cultura Greco-Romana*", tratando-as em conjunto dentro de um quadro evolutivo cultural, e à "*Educação Medieval*", destacando as estruturas e sistemas de ensino como também o pensamento filosófico e educacional do medievo. O programa proposto dá indícios de que há um maior enfoque sobre a caracterização, dentro de um processo evolutivo cultural, dos sistemas de ensino na civilização ocidental.

O programa referente ao segundo ano compunha-se, em forma de subitens, na Introdução aos "*Estudos da História da educação*" e na "*Educação nas Sociedades Primitivas e nas Primeiras Civilizações*"; "*A educação na Cultura Greco-Romana*" é desmembrada, Grécia e Roma passam a se constituir temáticas de estudo independentes e o conteúdo sobre a "*Influência do Cristianismo sobre a educação*" ganha mais espaço no programa com nove subitens, predominando as abordagens a partir das doutrinas cristãs, suas instituições de ensino e pensadores, enquanto que os tópicos sobre a educação medieval são reduzidos. A abordagem, com exceção da temática sobre o cristianismo, continua focada nas estruturas e sistemas de ensino das sociedades não cristãs.

¹⁷ Fonte: FFCLES. *Relatórios do segundo período 1958*. Vitória: Almojarifado do CEG/UFES, 1958.

QUADRO 8 - Curso de Pedagogia: (FFCLES) Conteúdo Programático do 3º ano disciplina de História da Educação

Ano	Conteúdo Programático do 3º ano da disciplina História da Educação
	<p>I - Transcendentalismo Pedagógico</p> <p>a) O Cristianismo - Tempos apostólicos - os apóstolos obedecem a ordem do senhor, Ide e ensinai - Panorama do mundo antigo e a singular difusão do cristianismo - Objetivos: iniciação dogmática e formação moral - ação da família: - catecumenato - a epistola aos efésios; b) a educação patrística O Cristianismo e a cultura greco-romana - atitude dos Padres gregos. Escolas Cristãs, as escolas catequéticas - Alexandria - Antióquia, Cesaréia e outra - vida obra - atuação de Clemente de Alexandria; c) Vultos eminentes da patrística - São Basílio - São João Crisóstomo - Santo Agostinho - vida - obras - o teólogo - o filósofo - sua teoria fundamental - exemplarismo - a cidade de deus - Influência de Santo Agostinho; d) A educação monástica - Origem e evolução do monaquismo - a missão do monaquismo - As sete artes liberais - A obra dos beneditinos - sua influência sobre a cultura ocidental - Carlos Magno - as "Capitulares" A restauração da Escola Palatina - Alfredo Grande - As escolas monásticas - Alguns educadores deste período: Boécio - Cassiodoro - Gregório Magno - Isidoro de Sevilha - S. Beda - São Bonifácio - Aquino, etc; e) Pedagogia escolástica - A cultura medieval - acepções do termo ESCOLÁSTICA - Fatores que estimularam o seu - características doutrinárias da filosofia escolástica em criteriológica - metafísica - cosmologia - psicologia - o método - As universidades - origem - condições que favoreceram seu desenvolvimento - organização - privilégio - influência - A imensa rede de universidades do século XIII; f) Santo Tomas de Aquino - os primeiros anos de sua vida - As lutas - as questões das ordens mendicantes; o aristotelismo; a questão do averroísmo - Vitória de Santo Tomas - As obras - A "Summa" - Sua pedagogia e "de Magistro" - A. lição de Santo Tomas; g) Educadores escolásticos - Gerberto - Santo Anselmo - Abelardo - Vicente de Beauvais - Santo Alberto Magno - e outros.</p> <p>II - O medievalismo pedagógico</p> <p>a) - o feudalismo - origem e evolução - A cavalaria gênese e desenvolvimento - a educação do Cavaleiro - objetivos - investidura - As cruzadas - influência cultural e pedagógica; b) Os Árabes e cultura medieval - Aspectos espirituais e islamismo - Filósofos árabes comentadores de Aristóteles - As escolas árabes.</p> <p>III - O naturalismo pedagógico</p> <p><i>Educação renascentista</i> - a) O Renascimento - causas - características do humanismo pagão - O concílio de Trento e o humanismo cristão; b) Renascimento na Itália - Precursores - os Médicis em Florença - Lorenzo Valla em Roma - Pedagogos italianos desta fase - Vitorino de Feltre - Végio - Sadolet e outros; c) Renascimento na Alemanha - Os jeronimianos e o ensino secundário - organização escolar - Reuchlin e Erasmo fontes remotas do protestantismo; d) Renascimento na Espanha - Luiz Vives - suas ideias pedagógicas - influência no renascimento inglês; e) Renascimento na França - Causas do retardamento - caracteres - Rabelais e Montaigne, suas ideias pedagógicas - influência; f) Consequências do Renascimento - Filosóficas e Pedagógicas - aspectos dominantes de pedagogia renascentista.</p>

1955 ¹⁸	<p><i>A educação reformista</i> - a) Causas filosóficas - religiosas e psicológicas da Reforma Protestante - Lutero - Humanismo e reforma - racionalismo e pietismo - Pedagogos protestantes - Zwinglio - Calvino - Melachton.</p> <p><i>A educação contra-reformista</i> - a) Os jesuítas - Origem da Companhia de Jesus - Inácio de Loyola - seus objetivos - a organização da Companhia de Jesus - O plano de estudos - o ideal - meios sobrenaturais - naturais - o método - o currículo - causas do êxito - críticas à pedagogia dos Jesuítas - Port Royal - Jansenismo; b) O Concílio de Trento e a fundação de Congregações religiosas de ensino - irmãos das escolas Cristãs - S. João Batista de La Salle - os Oralianos - Bérulle - Massillon - Malebranche.</p> <p><i>O naturalismo pedegógico propriamente dito</i> - a) Origens remotas e século VII - Descartes e Bacon - Século XVIII - Locke - O movimento cultural na segunda metade do século XVIII - O racionalismo céptico de Voltaire e o naturalismo sentimental de Rousseau - O Emílio - A reação contra a Metafísica do Século XIX - O positivismo - Comte- O evolucionismo - Spencer - Filósofo e pedagogo do naturalismo; b) Tendências várias do naturalismo - o psicologismo - relações com o naturalismo de Rousseau - o idealismo de Kant - Pedagogos representativos desta tendência - Pestalozzi - Herbart - Fröbel; c) A revolucionária - A revolução francesa, eclosão dos sistemas racionalistas dos séculos XVII e XVIII - características da educação revolucionária - Educadores revolucionários: Mirabeau - Talleyrand - Condorcet.</p> <p><i>Néo-naturalismo pedagógico do século xx</i> - O individualismo - Leon Tolstoi - Helena Kay.</p> <p><i>O socialismo pedagógico do século xx</i> - O socialismo - origem e evolução - o "social" como valor fundamental da vida - sociologistas e socialistas - Representantes típicos - Natorp - Kerschesteiner - Durkheim.</p> <p><i>O nacionalismo - o nacionalismo</i> - Origem e evolução do nacionalismo - aspectos filosóficos do nacionalismo - formas de nacionalismo totalitários: fascismo, nazismo - educadores nacionalistas Nietzsche, Krieck, Sturms, etc.</p> <p><i>O pragmatismo</i> - Origem remota e próxima - teses fundamentais do Pragmatismo..Evolução do Pragmatismo - W. James - Dewey - Kilpatrick.</p> <p><i>educação técnica</i> - Caracteres - origem e evolução - métodos - principais prosaformistas das escolas europeias e norte-americanas.</p> <p><i>O anti-naturalismo pedagógico</i> - a) A educação espiritualista - Reabilitação do espiritualismo no campo da ciência e da filosofia - Bergson - Boutroux - Eucken.; b) A educação cristã - a atualidade da encíclica "Divini Illius Magistri" de Pio XI - Aspecto sintético, orgânico - e universal da pedagogia cristã - São João Bosco - Otto Willmann - Newman - Spalding.</p> <p><i>A educação brasileira</i> - Período colonial - Os jesuítas - Anchieta - Período Monárquico - D. João VI - O Império e a Educação - O ato adicional - Escolas e educadores do Império - Projetos e reformas - Período Republicano - As transformações de Benjamin Constant - Epitácio Pessoa - Rivadávia C. Maximiliano - Rocha Vaz - Reformas de F. Azevedo - F. Campos - Lourenço Filho - Anísio Teixeira - A constituição de 1934 e a educação nacional - Reforma Capanema - O papel da Universidade brasileira no seu desenvolvimento cultural - A faculdade de Filosofia - sua missão criar uma elite sequiosa da verdade suprema: Deus.</p>

¹⁸ Fonte: FFCLES. *Relatórios do segundo período 1955*. Vitória: Almojarifado do CEG/UFES, 1955.

1958 ¹⁹	<p>I - Síntese dos aspectos educacionais da Idade Média</p> <p>II - A educação Renascentista</p> <p>Causas do Renascimento; características gerais do Humanismo; renascimento Italiano: ideais, vultos, pedagogos principais, de escolas; o humanismo estreito: os ciceronianos; o renascimento no norte da Europa: os Jeronimitas, Erasmo, Reuchilin, importância pedagógica de Luiz Vives; consequência filosóficas e pedagógicas do Renascimento. Aspecto dominante da pedagogia renascentista.</p> <p>III - A Reforma e a Educação</p> <p>Causas Filosóficas, sociais e psicológicas da reforma protestante; influência da Reforma no conceito e espírito da educação; principais pedagogos protestantes: Lutero, Melancon; consequências educacionais do movimento da contra - reforma; importância educacional dos Jesuítas; outras congregações de ensino: oratorianos; a educação Jansenista. As escolas de Port Royal.</p> <p>IV- O realismo Educacional.</p> <p>Panorama cultural do século XVII; características gerais do movimento realista na educação, fases evolutivas do realismo pedagógico; filósofos da época: Descartes; educadores realistas; experiência da Obra de Comênio</p> <p>V - O conceito disciplinar de educação</p> <p>O problema de transferência de Aprendizagem; John Locke sistematizador da educação disciplinar.</p> <p>VI - Racionalismo e Naturalismo</p> <p>Aspectos gerais da sociedade e cultura no século XVIII; a "Época das Luzes ou Iluminismo; a enciclopédia e a educação. Voltaire; o fazer naturalista do movimento do século XVIII; a obra de Rousseau: análise de "Emílio"; efeitos das ideias naturalistas sobre as escolas.</p> <p>VII - A tendência Psicológica em educação</p> <p>Influências do naturalismo de Rousseau e do idealismo de Kant sobre este movimento; o movimento pestalozziano: ideais, meios e métodos educativos, influência no espírito das escolas; significado da obra de J. F. Herbart; ideias pedagógicas de Fröbel: valor do brinquedo e do trabalho manual; efeitos dos movimentos psicológicos nas escolas.</p> <p>VIII - A educação científica.</p> <p>O progresso das ciências naturais e a reação anti-metafísica do século XIX; o positivismo e o evolucionismo: Comte e Spencer; influências do cientificismo sobre o terreno educacional.</p> <p>IX - Correntes diversas da educação nos últimos tempos:</p> <p>O socialismo pedagógico: Nartop, Durkheim; o nacionalismo: aspectos filosóficos, formas de nacionalismo totalitário: fascismo, nazismo etc; o pragmatismo: teses fundamentais, William James, Dewey, Kilpatrick; a educação técnica: escolas europeias e norte-americanas; o cristianismo e a pedagogia moderna: reabilitação do espiritualismo, educadores e filósofos cristãos da atualidade.</p>
--------------------	---

¹⁹ Fonte: FFCLES. *Relatórios do segundo período 1958*. Vitória: Almojarifado do CEG/UFES, 1958.

	<p>X - A educação no Brasil</p> <p>Período colonial: a obra dos jesuítas; a educação Império; período republicano; a revolução de 1930 e seis reflexos no âmbito pedagógico e cultural; tendências atuais da educação brasileira; síntese da evolução educacional no Estado do Espírito Santo.</p>
--	---

Fonte: Faculdade de Filosofia e Letras do Estado do Espírito Santo.

O programa para o terceiro ano do curso retoma as temáticas do cristianismo e da educação medieval, dando-lhes um destaque considerável se comparado ao segundo ano do curso. No entanto, ao invés de tratar da caracterização dos sistemas de ensino, os conteúdos tratam das doutrinas pedagógicas e dos seus principais expoentes, organizados a partir do "*Transcendentalismo Pedagógico*" e o "*Naturalismo Pedagógico*", com a última parte do programa dedicada a História da Educação brasileira organizada a partir de demarcações políticas.

O programa de ensino de História da Educação para o terceiro ano exclui a temática sobre o cristianismo e a educação na idade média resume-se a uma síntese. A abordagem temática a partir do pensamento filosófico e pedagógico de momentos históricos das sociedades europeias permanece predominante, sendo que não mais englobadas dentro de certas doutrinas pedagógicas, como observado no programa de ensino de 1955. O conteúdo proposto para a temática da História do Brasil ficou mais enxuto e contou com a inserção de um item tratando da evolução educacional do Espírito Santo.

Entre 1954 e 1969 encontramos em apenas um programa, datado de 1967²⁰, uma relação de bibliografia e a respectiva data da edição, que trazem informações importantes para análises:

QUADRO 9 - FFCLES: Bibliografia proposta (1967)

1 - Paul Monroe	História da Educação (1946)
------------------------	-----------------------------

²⁰ Fonte: FFCLES. *Relatórios do segundo período 1967*. Vitória: Almojarifado do CEG/UFES, 1967.

2 - F. Larroyo	História Geral de la Pedagogia (1944)
3 - L. Luzuriaga	História de la educacion y de la pedagogia (1951)
4 - R. Hubert	História da Pedagogia (1957).
5 - W. Dilthey	História de La pedagogia (1944).
6 - Roger Gal	História da Educação (1964)
7 - F. Eby	História da Educação Moderna (1962)
8 - Wikert	História de la Educação (1947)
9 - L. Luzuriaga	História da Educação Pública (1959)
10 - Riboulet	História da Educação (1951)
11 - Leif e Rustin	Pedagogia Geral pelo estudo das doutrinas pedagógicas (1960)
12 - T. M. Santos	Noções de História da Educação (1948)

Fonte: Faculdade de Filosofia e Letras do Estado do Espírito Santo

Com a FFCLES já estruturada e em pleno funcionamento, em 1954 foi criada a Universidade Estadual do Espírito Santo.

Em 5 de maio de 1954, pela Lei Estadual, nº 806 foi criada a Universidade Estadual do Espírito Santo, há muito desejada, juntando as cinco faculdades isoladas: Filosofia, Ciências e Letras, Odontologia, Belas Artes, Politécnica e Música, sendo designado para ocupar o cargo, Ceciliano Abel de Almeida. Durante o governo de Francisco Lacerda de Aguiar mais dois estabelecimento de ensino superior foram criados: a Faculdade de Ciências Econômicas e a Faculdade de Medicina [...] (COUTINHO, 1993, p. 93).

Durante todo o seu período de existência, a Universidade Estadual do Espírito Santo manteve-se fragmentada, com os seus cursos funcionando de forma isolada. Em 1961, ocorreu o processo de federalização da Universidade Estadual, e mesmo

passando para a esfera federal, as faculdades e escolas superiores continuavam a funcionar de forma isolada até o ano de 1972.

O cenário político e educacional brasileiro passou por mudanças profundas durante a década de 1960, com o golpe de 1964 e a instauração do regime militar. Politicamente viveu-se um período de repressões a diversos setores da sociedade e restrições a inúmeros direitos sociais conquistados pela sociedade brasileira. A educação por sua vez passou a atender as necessidades de uma crescente industrialização financiada pelo capital estrangeiro, principalmente o estadunidense, tomando um caráter tecnicista.

O sistema educacional brasileiro precisava formar especialistas em educação para orientar o trabalho docente dentro da lógica capitalista fundamentada nos princípios de racionalidade, eficiência e produtividade. Os acordos MEC/USAID deram a tônica das orientações políticas que marcaram a reconfiguração do sistema educacional brasileiro e seus objetivos. O curso de Pedagogia passa a formar para as habilitações, especializações cuja formação se fundamentam em conhecimentos técnicos sobre o sistema educativo escolar.

É neste contexto que em 1971, com a construção do Campus de Goiabeiras e Maruípe, aconteceu a transferência da FFACLES e das demais faculdades e escolas para um espaço comum destinado à Universidade Federal do Espírito Santo.

O decreto federal nº 63.577, de 8 de novembro de 1968, cria uma nova estrutura para a UFES e institui o Centro Pedagógico como a unidade responsável pelo ensino profissional e a pesquisa aplicados à educação. Mas, a reforma universitária foi implantada na UFES de forma gradual e, a partir 1971, o curso de Pedagogia ficou vinculado, provisoriamente, ao Departamento de Educação do Centro de Estudos Gerais. No ano seguinte foi instituída uma comissão para elaborar o projeto de implantação do Centro Pedagógico, que, por diversas razões só foi implementado em 1975. Paralelamente às alterações de ordem administrativa e de organização do novo modelo de universidade, também havia necessidade de modificações nos cursos superiores de modo a atender à ideologia da modernização pretendida pela reforma universitária que teve suas expectativas e reivindicações ajustadas à postura assumida pelo Estado pós 64. Para a organização do curso de Pedagogia, de acordo com o Parecer nº 252/69, não ocorreram grandes dificuldades no que dizia respeito ao Magistério para o Ensino Normal, e o problema da especialização que na legislação anterior era bastante fluido, foi solucionado pelo então Conselho Federal de Educação, com a determinação de que o curso tivesse uma parte comum que incluísse ambos os objetivos: magistério e especialização. Nesse último caso, ficou implícita uma lista de matérias mais ou menos variável que possibilitasse às IES a oportunidade de escolherem, além da parte comum a todas as habilitações, outra diversificada, de acordo com cada habilitação

específica: Orientação Educacional, Supervisão Escolar, Administração Escolar, Inspeção Escolar e Magistério; além disso, havia a possibilidade de oferta de licenciatura curta e/ou plena, tempo mínimo e máximo para integralizar o curso pelo novo modelo de sistema de créditos. A UFES, a partir de 1970, opta pela licenciatura plena das habilitações citadas, excetuando Inspeção Escolar. O currículo com base no Parecer nº. 252/69, com suas habilitações específicas e magistério das disciplinas para o Ensino Normal, perdurou até 1990 [...] (CENTRO DE EDUCAÇÃO/UFES, 2006).

Com a instituição das Habilitações, o curso de Pedagogia passa a ser semestral e com sistema de pré-requisitos e créditos. A grade curricular, por sua vez, passa a ser composta por uma base comum constituída por Sociologia Geral, Sociologia da Educação, Psicologia da Educação, História da Educação, Filosofia da Educação e didática. Nesta nova organização curricular, a história da educação brasileira deixa de ser um conteúdo da disciplina de História da Educação Geral para se tornar disciplina específica identificada como História da Educação II. No curso de Pedagogia da UFES, as disciplinas de História da Educação I e II passam a ter 75 horas/aula cada.

Na documentação analisada encontramos alguns programas de ensino referentes aos anos de 1972, 1974, 1975, 1978, 1979, referentes às disciplinas de História da Educação I e II. Todos estes programas possuem a mesma estrutura programática, como exemplificado nos programas de ensino de História da Educação I de 1978 e História da Educação II também de 1978.

QUADRO 10 - UFES: Programas representativos das disciplinas de História da Educação I e II na década de 1970

História da Educação I (1978) ²¹	História da Educação II (1978) ²²
<p>Antiguidade Clássica: Caracterização Geral; Períodos Históricos da Educação Grega, Esparta e Atenas; Educação Grega – Filosofia e Educadores; Pitágoras e os filósofos da revolução cultural,</p>	<p>Origens da Ciência Moderna e Educação: - caracterização histórica geral - João Comênius e a Função da Didática Realista.</p> <p>O iluminismo - caracterização histórica</p>

²¹ Fonte: Programa de História da Educação I (1975). Pasta: *Programas de Ensino de História da Educação I*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1975, Caixa 1, 1975 – 1990.

²² Fonte: Programa História da Educação II (1975). Pasta: *Programas de Ensino de História da Educação*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1975, Caixa 1, 1975 – 1990.

<p>sofistas Protágoras e Górgias, Sócrates, Platão, Isócrates, Xenofantes, Aristóteles;</p> <p>Educação Romana: Caracterização; Períodos Históricos da Educação Romana; Educadores – Catão; Varrão; Cícero, Guintiliano, Séneca, Plutarco;</p> <p>Idade Média: Caracterização – História Geral; Importância do Cristianismo – Educação Cristocêntrica e Escolas Cristãs Primitivas; A Patrística – caracterização: Filósofos e Educadores no Oriente – Clemente de Alexandria, Orígenes, Basílio, Crisóstomo; Filósofos e Educadores do Ocidente – Tertuliano, Gregório, São Jerônimo; Santo Agostinho;</p> <p>A educação Dos Mosteiros: Caracterização; Educadores – Marciano Capela, Boécio, Isidoro, Cassiodoro, São Bento;</p> <p>Carlos Magno – Importância para a Educação;</p> <p>A Escolástica: Caracterização – Teorias Filosóficas: Realismo, Nominalismo – Santo Tomas de Aquino: Educação Secular na Idade Média, Educação da Cavalaria, Educação Cidadania, Educação Gremiel;</p> <p>A Educação Feminina e Jogos e Desportes na Idade Média;</p> <p>As Universidades Medievais;</p> <p>O Renascimento: Caracterização Histórica Geral: Evolução do Pensamento Pedagógico – 3 tipos de Escolas Humanistas; Renascimento – Filosófico e Educadores – Petrarca, Vitorino do Feltre, Erasmo, Roger Ascham;</p> <p>Realismo: Caracterização; Realismo Humanista – Rabelais, Realismo Social, Montaigne;</p> <p>O Brasil do Renascimento – Caracterização Histórica: "APRIORI" – Histórico da Educação Brasileira</p>	<p>geral.</p> <p>a) Rousseau e o Naturalismo.</p> <p>b) Rousseau e os discípulos. (educadores do século XIX)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Basedow e a Pedagogia Filantrópica - Pestalozzi e o Neo-humanismo social. - Fröbel e os Jardins de infância. <p>O Brasil e o Iluminismo Pombalino</p> <p>Pedagogia do Positivismo de Augusto Comte</p> <ul style="list-style-type: none"> - A filosofia de Augusto Comte <p>Herbert Spencer e o Cientificismo Pedagógico.</p> <p>Os grandes representantes da Pedagogia do Século XX: caracterização histórica geral.</p> <p>a). O movimento das Escolas Novas (Pedagogia da Ação)</p> <p>b). Teóricos da Pedagogia Ativista.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. John Dewey e o Ensino pela Ação. 2. Decroly e os Centros de Interesse (Método globalizador). 3. Kilpatrick e o método de projetos (seguidor de DEWEY). 4. Pierre Bovet e a Escola Ativa. 5. Édouard Claparède e a Educação Funcional - Educação dos grupos móveis (métodos que diferenciam o ensino - classes diferenciadas). 6. Maria Montessori e a pedagogia científica (Métodos que individualizam o ensino da diferenciação a individualização). 7. Jean Piaget e a Psicologia (seguidor de Claparède). <p>Etapas da História da Educação Brasileira.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. A Educação Cristã.
--	--

	2. Aristocracia do Ensino Brasileiro. 3. A transição 4. Socialização do Ensino Brasileiro. 5. A procura da Autenticidade 8. Pedagogia do Futuro.
--	---

Entre 1972 e 1979, as obras referenciadas nas disciplinas de História da Educação I e II sofreram poucas mudanças em comparação aos da década de 1950 e 1960. A disciplina continuava estruturada a partir dos Manuais de História da Educação como aponta a bibliografia listada para o período entre 1970 e 1979²³.

QUADRO 11 – UFES - Bibliografia indicada nos programas de ensino (1972 - 1979)

História da Educação I (1972 -1979)	História da Educação II (1972 - 1979)
Paul Monroe - História da Educação (1974); Maria da Glória de Rosa - História da Educação Através dos Textos; Francisco Larroyo - História Geral da Pedagogia (1970); Frederick Eby - História da Educação Moderna (1973); René Hubert - História da Pedagogia (1967) Lorenzo Luzuriaga - História da Educação e da Pedagogia (1973) Nicola Abbagnano - História da Filosofia (1970); Indro Montanelli - Idade Média Trevas ou	Paul Monroe - História da Educação (1974); Maria da Glória de Rosa - História da Educação Através dos Textos; Francisco Larroyo - História Geral da Pedagogia (1970); Lauro de Oliveira Lima - Estórias da Educação no Brasil: de Pombal a Passarinho; René Hubert - História da Pedagogia (1967); John Dewey - Vida e Educação (1973); Paulo Freire - Educação como pratica da liberdade (1976); Gildázio Amado - Educação Média e

²³ Fonte: *Programas de Ensino de História da Educação I*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, Caixa 1, 1975 – 1990.

<p>Luz? (1967)</p> <p>Bertrand Russell - Storia della filosofia occidentale (1966);</p> <p>E. Gilson - La Philosophie du Movem Age (1945);</p> <p>H. Marrou - História da Educação na Antiguidade (1971);</p> <p>José Antonio Tobias - História da Educação Brasileira.</p>	<p>Fundamental (1973);</p> <p>Anísio Teixeira - Educação no Brasil (1976) ;</p> <p>E. Claparède - A escola sob medida (1975);</p> <p>Maria Angeles Galina - História de la Educacion (1958)</p> <p>Madres Peeters e Cooman - Pequena História da Educação (1968);</p> <p>Luiz Alves de Mattos - Primórdios da Educação no Brasil (1958);</p> <p>José Antonio Tobias - História da Educação Brasileira;</p> <p>L. Riboulet - História da Pedagogia (1951).</p>
---	--

Analisando comparativamente os programas de ensino propostos durante a década de 1970 para História da Educação I e História da Educação II, com os programas propostos a partir de 1958 para a disciplina de História da Educação nas segunda e terceira séries do curso de Pedagogia da FFCLES, notamos que, apesar da reformulação curricular do curso de Pedagogia, a abordagem ainda privilegia uma história das ideias pedagógicas, demarcando os fatos históricos como pano de fundo das ideias educacionais, sistemas filosóficos, filósofos e pensadores educacionais.

Os programas de História da Educação propostos a partir de 1958 até finais dos anos de 1960, em geral, trouxeram em suas descrições caracterizações e contextualizações do período estudado e um enfoque maior nos sistemas filosóficos e seus pensadores. Enquanto isso, nos programas de 1972 até início dos anos de 1980, observa-se um esvaziamento das caracterizações e contextualizações, e um enfoque maior nos pensadores que voltaram seu pensamento especificamente para a educação.

Apesar da instituição da disciplina de História da Educação II, ainda se mantinham com maior enfoque a história das ideias pedagógicas, sendo reservada para a última parte apenas cinco tópicos tratando das etapas da História da Educação Brasileira.

Com relação às referências bibliográficas observamos a predominância dos chamados manuais de História da Educação, traduzidos para o português, como

também a inserção de alguns autores e obras referentes à História da Educação Brasileira.

Em finais da década de 1970, pelo menos no que se refere ao curso de Pedagogia da Universidade Federal do Espírito Santo, ainda permanece a hegemonia das abordagens filosóficas voltadas para análises do pensamento de filósofos e educadores sobre a educação, como também a utilização dos Manuais de História da Educação como fonte bibliográfica para as aulas ministradas.

Uma mudança significativa operada pela Reforma de 1968 foram os métodos avaliativos, que passaram a ser formulados pelos professores da disciplina, tomando outra configuração, diferente daquela instituída na FFCLES. As avaliações passaram a ter um caráter menos institucional e mais disciplinar, tendo o professor autonomia para escolher e elaborar o tipo de avaliação pertinente à sua disciplina, como por exemplo: provas escritas sobre um determinado autor estudado na disciplina, participação nos debates em sala de aula, seminários, arguições informais, entrevistas para autoavaliação, trabalho em grupo, etc.

Nos programas de ensino de História da Educação encontram-se outras vozes que evidenciam os possíveis diálogos estabelecidos para a composição dos conteúdos a serem ministrados, como também os discursos implícitos ou explícitos nas narrativas que se instituem.

As fontes – sendo, no caso, os programas de ensino - compreendidas como dialógicas, possuem dentro de si vozes sociais diversas; o texto em si é dialógico, marcado por tensões e atravessamentos da fala do outro, pois se constituem pistas – no caso das documentações consultadas em nossa pesquisa, constituem-se pistas das leituras que os professores realizaram e os sentidos que elas trazem para seus textos (GINZBURG, 2004).

Segundo Bakhtin (2010), não há textos que não estejam mergulhados em uma rede de intertextualidade, ou seja, em diálogo com outros textos. Os programas de ensino e as relações de bibliografia proposta indicam esta intertextualidade; muitas vezes, a distribuição dos conteúdos nos programas de ensino segue muito próxima aos índices ou sumários dos livros utilizados como fonte bibliográfica – ou até mesmo os reproduzem na íntegra.

É o que podemos observar, por exemplo, na organização dos conteúdos propostos nos programas de História da Educação analisados da década de 1950 à década 1970. Neles encontramos trechos extraídos dos sumários de alguns manuais de ensino, como por exemplo, os de Paul Monroe, L. Luzuriaga, F. Larroyo, Theobaldo Miranda Santos e Afrânio Peixoto.

Os programas de ensino analisados e suas respectivas organizações programáticas dos conteúdos, associados às referências bibliográficas, evidenciam a forma como a esfera discursiva da História da Educação enquanto campo de conhecimento estava configurada. Nesta configuração observa-se a hegemônica influência dos Manuais de ensino sobre a História da Educação na organização e na programação do ensino de História da Educação ministrado no curso de pedagogia entre os anos de 1950 e finais de 1970, abarcando toda uma trajetória institucional que vai da criação da FFCLES à UFES.

Nas décadas de 1920 e 1930, atribui-se à educação um papel central nas transformações sociais fundamentais para a modernização do Brasil e para a formação do Estado-Nação Brasileiro. O cenário político e educacional deste período foi marcado pelo embate entre dois grupos, que propunham projetos distintos para a educação no Brasil – os renovadores e os conservadores. O grupo dos renovadores da educação, através da Companhia Editora Nacional, iniciou um projeto editorial, de caráter nacionalista, vinculado aos princípios do escolanovismo, em 1930. Tendo à frente como diretor da CEN, Fernando de Azevedo, o projeto editorial consistia na criação da Biblioteca Pedagógica Brasileira. A biblioteca foi estruturada com o objetivo de atingir um público amplo e diversificado, e continha cinco coleções: Literatura Infantil, Livros Didáticos, Atualidades Pedagógicas, Iniciação Científica e Brasileira (TOLEDO, 2001).

A companhia Editora Nacional publicou, durante a sua existência, onze manuais de História da Educação na Coleção Atualidades Pedagógicas:

- “Noções de História da Educação” de Afrânio Peixoto;
- “História da Educação” de Paul Monroe;
- “Noções de História da Educação” de Theobaldo Miranda Santos;
- “A pedagogia contemporânea” de Lorenzo Luzuriaga;
- “História da Educação e da Pedagogia” de Lorenzo Luzuriaga;
- “História da Pedagogia” de René Hubert;

- “História da Educação Pública” de Lorenzo Luzuriaga;
 - “Pedagogia Geral” de J. Leif e G. Rustin;
 - “Pedagogia social e política” de Lorenzo Luzuriaga;
 - “A Educação Secundária” de Geraldo Bastos Silva;
-
- “Tratado das Ciências Pedagógicas/História da Pedagogia” de M. Debesse e G. Mialaret.

Os manuais de História da Educação publicados na Coleção Atualidades Pedagógicas permaneceram durante décadas constituindo uma tradição narrativa sobre a História da Educação, que não só incidiam sobre a organização curricular da disciplina, mas também sobre a narrativa constituída no ensino de História da Educação na FFCLES e na UFES no início dos anos de 1980.

A tradição narrativa sobre a História da Educação se constitui como um gênero discursivo histórico, produzida a partir de códigos culturais elaborados de comunicação, organizada dentro de um sistema específico de produção de enunciados: a ciência histórica. Neste sentido, se constituem como narrativas autorizadas e legitimadas pelo *status* atribuído ao conhecimento científico e seus principais representantes no universo acadêmico (BAKHTIN, 2010).

[...] estes modelos de escrita, que tanto respondiam às finalidades didático-formativas como refletiam preocupação pragmático-moral do ensino histórico, estiveram presentes nos manuais nas primeiras décadas do século XX. Nestes termos, os textos procedentes de Dilthey, Compayré, também de outros autores como Riboulet, serviram de inspiração para a escrita de manuais em outros países, como o Brasil (BENITO apud RICO, 2009, p.44).

Como aponta Ginzburg (1987), a cultura não é estanque, ela circula entre os mais variados grupos sociais e é reinterpretada e reelaborada. Neste sentido, o discurso sempre é formado pelo discurso alheio, ou seja, possui um caráter polifônico e dialógico (BAKHTIN, 1997).

4.2 AS ESCRITAS E NARRATIVAS ACADÊMICAS E SEU IMPACTO NO ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROGRAMADA NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFES

Somente no decorrer dos anos da década de 1980, identificamos mudanças significativas não só nos programas de ensino como também nas bibliografias utilizadas, tendo em vista a chegada ao mercado editorial das dissertações e teses produzidas em Programas de Pós-Graduação instalados no Brasil em meados de 1960, em especial na esfera discursiva histórica e educacional. Contribuíram para este processo: o surgimento de Congressos e Seminários sobre Educação e História da Educação, publicações de artigos em revistas acadêmicas, e o início da constituição de grupos de pesquisas em História da Educação, como os pioneiros Grupo de Trabalho de História da Educação da ANPEd e o HISTEDBR.

Além destes fatores, o cenário educacional passava por intensos debates sobre a Educação e a formação de professores no Brasil, alinhados aos debates sobre o processo de redemocratização do país, e a necessidade de outra educação mais adequada para os tempos democráticos. Neste sentido, a reformulação do curso de Pedagogia se constitui num movimento que adentra a década de 1980, permeado por tensões e relações de forças políticas e sociais, frente a projetos distintos para o país e para a educação brasileira.

A Universidade Federal do Espírito Santo, por sua vez, teve participação ativa com seus debates, avanços e recuos, em relação à reformulação do curso de Pedagogia. Segundo o Projeto de Reformulação do Curso de Pedagogia²⁴, produzido por uma comissão formada por professores do curso de Pedagogia da UFES, as discussões sobre a reformulação do curso de Pedagogia no Brasil, que se iniciaram em meados dos anos de 1970, percorreram três instâncias: a primeira instância, ocorrida na esfera do *Conselho Federal de Educação*, que propunha a formação do especialista como privativa do professor pelo então Ministro da Educação e Cultura; a segunda instância, ocorrida dois anos mais tarde no Ministério da Educação, que reabriu o

²⁴ Fonte: *Doc. Projeto de Reformulação do Curso de Pedagogia*, Pasta: Implementação e avaliação do novo currículo de Pedagogia. Acervo Pessoal, 1989 Caixa 1, 1975 – 1990.

debate sobre a reformulação do curso de Pedagogia em nível nacional; e a terceira instância, que deu continuidade aos debates iniciados pelo Ministério da Educação, ocorreu na esfera dos variados encontros e eventos realizados, nos quais os Meios Acadêmicos das Universidades se inseriram ativamente nos debates.

A tentativa realizada em 1976 pelo Conselho Federal de Educação (CFE), de reformulação geral dos estudos superiores de educação, por meio do que se convencionou chamar de “pacote pedagógico”, foi constituída pelas indicações do conselheiro Valmir Chagas. Esta proposta foi recebida pelos educadores como mais uma arbitrariedade do poder instituído, estimulando um movimento de resistência contra as possíveis mudanças de cunho tecnicista e a conseqüente extinção do curso de pedagogia, descaracterizando ainda mais a profissão de pedagogo.

A partir de encontros realizados entre profissionais da educação e estudantes, surgem em alguns estados os primeiros comitês pró-reformulação do curso de Pedagogia nos anos de 1980. No mesmo ano, em São Paulo, com a realização da 1ª Conferência Brasileira de Educação, vários representantes dos diversos Comitês Estaduais reuniram-se e instalaram um Comitê Nacional Pró-Formação do Educador, com sede em Goiânia. A partir deste momento, teve início uma intensa e acirrada discussão acerca do curso de Pedagogia e demais cursos de licenciatura, fundamentada na ideia de que a reformulação do curso de Pedagogia não poderia estar desvinculada dos demais cursos que formam professores.

Buscando uma participação mais ativa no processo de reformulação da formação dos educadores, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) cria uma Comissão Nacional e patrocina a realização de sete seminários sobre a Reformulação dos Cursos de Preparação de Recursos Humanos para a Educação. O Comitê Nacional, que representava o movimento dos educadores, enviou representantes aos sete encontros regionais, tendo em vista o temor dos educadores com relação às atitudes e decisões autoritárias e arbitrárias do MEC (BRZEZINSKI, 1996).

Em meados de agosto de 1981, tendo em vista a realização de um seminário no Rio de Janeiro sobre a formação do educador, incentivado pelo Ministério da Educação e Cultura, as discussões sobre a reformulação do Curso de Pedagogia na UFES

tiveram início a partir de um Seminário Estadual, como forma de preparação, de iniciativa do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo²⁵.

No desenvolvimento de tais encontros observa-se o surgimento de produções e propostas de reformulação do curso de Pedagogia marcado por tendências epistemológicas, teóricas e políticas diferenciadas. Brzezinski (1996) agrupou tais produções em dois grupos: um denominado de *homogêneo*, caracterizado por documentos que conservam de forma monolítica e sem mudanças o sistema preconizado pelo CFE; e um *heterogêneo*, por revelar as múltiplas tendências de transformação que emergiam da práxis dos educadores envolvidos no movimento.

Segundo Brzezinski (1996), a partir dos anos 80' os educadores passaram a escrever sua própria história, tanto pela perspectiva do diálogo como através de embates e conflitos, constituindo-se como movimentos sociais que caminhavam rumo à redemocratização do país e de suas relações políticas, como ações mais ostensivas de resistência ao autoritarismo imposto pela ditadura militar.

No Encontro Nacional ocorrido em novembro de 1983, na cidade de Belo Horizonte, definiu-se uma proposta de reformulação do curso de pedagogia e licenciatura, conhecida como "Documento Final de 1983", que se constituiu como referência de base para I Conferência Brasileira de Educação, realizada na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo.

A partir de 1983 o Centro Pedagógico assumiu a dianteira nas discussões, sobre os cursos de formação do educador, e no âmbito desta Universidade, congregando as instituições de ensino superior sediadas no Estado, propondo seminários e promovendo medidas, entre elas, em 1987, a de uma ampla pesquisa para "Avaliação do Curso de Pedagogia através da percepção de professores, alunos e egressos do curso", sob a responsabilidade da Professora Regina Lúcia Gianórdoli e outros [...].²⁶

O período que corresponde aos anos entre 1983 e 1987, os debates e os encontros realizados pela UFES e organizados pelo seu Centro Pedagógico, se inserem no debate nacional a partir não só de sua articulação com a Comissão Nacional instituída pelo MEC e do Comitê Nacional representativa do movimento dos educadores, mas também pelas questões e temas referentes as propostas de reformulação do curso de pedagogia e das licenciaturas. A partir dos debates

²⁵ Ibid.

²⁶ Ibid.

realizados em âmbito nacional foram realizadas sucessivas e exaustivas análises e discussões de propostas para a reformulação, que envolviam professores e alunos em encontros e seminários.

No bojo das discussões referentes à reformulação do curso de Pedagogia da UFES, a pesquisa realizada Gianórdoli e colaboradores levanta questões que serviram de base para que a comissão de estudos para a reformulação do curso de Pedagogia da UFES realizasse um seminário em 19 de maio de 1988, com professores, alunos e egressos do curso, para apresentar suas preocupações, avanços, e definir os encaminhamentos para as mudanças do curso.

Foi a partir das discussões sobre os resultados da pesquisa que se estabeleceu a base e a finalidade do curso, ou seja, a formação de um professor que seja educador. Variadas considerações também aconteceram durante o seminário de reformulação do curso de Pedagogia, em consonância com o documento elaborado em 1983, em Belo Horizonte, conhecido como “Documento Final de 1983”.

A estrutura do curso de Pedagogia que se pretendia reformular datava de 1969, fruto da Lei 5.540/68, conhecida como Reforma Universitária, que instituiu como objetivo do curso de pedagogia formar profissionais habilitados para lecionar no Ensino Normal e trabalhar com Orientação Escolar, Administração Escolar, Supervisão Escolar e Inspeção Escolar (SAVIANI, 2008). As habilitações sofriam profundas e rigorosas críticas nas Universidades Brasileiras, dentre elas a UFES, cujos debates sobre a reformulação do curso de pedagogia encontravam-se em relativo atraso com relação às demais Universidades da Federação.

Segundo o Projeto para a reformulação o curso de Pedagogia da UFES, o curso passaria a destinar-se somente a habilitar professores, com duas habilitações específicas: uma podendo ser concluída no final do 8º semestre, voltada para a pré-escola e para as séries iniciais do Ensino Fundamental, e a outra, ao final do 10º semestre voltada para a formação de professores para as disciplinas pedagógicas da Escola Normal. Ainda segundo o documento, com a extinção da formação nas habilitações no Curso de Pedagogia em nível de Graduação, pretendia-se que as formações em Orientação Educacional, Administração Escolar, Supervisão Escolar e Inspetor Escolar, dentre outras, ocorressem em pós-graduações *lato sensu*.

Tendo como fundamento a docência, o curso de Pedagogia da UFES, agora reformulado, fruto de intensos debates teóricos e políticos que percorreram o final dos anos 1970 e toda a década de 80, abriu novas perspectivas de formação docente. As novas configurações do curso foram dimensionadas pelas demandas, tendências, movimentos e ações, tanto individuais como coletivas, que como fios se entrelaçavam rivalizando-se ou somando forças, constituindo as teias que atravessavam os variados contextos imbricados neste processo histórico de reformulação do curso de Pedagogia.

A reformulação do Curso de Pedagogia foi fruto de intensas discussões e debates ao longo de uma década, em nível local e nacional, sobre a necessidade de se constituir novas bases para o curso de Pedagogia e sua conseqüente reformulação. As questões epistemológicas que envolvem a pesquisa e o ensino na esfera da História da Educação caracterizaram-se pela busca de novos referenciais teóricos e metodológicos que possibilitassem conferir à História da Educação um *status* mais crítico frente ao regime autoritário instalado no Brasil e seus desdobramentos.

Em meio a estes debates e ações políticas referentes à reformulação do curso de Pedagogia, e o envolvimento de toda a comunidade acadêmico - científica, as disciplinas de História da Educação I e II passam a tomar outras configurações em relação aos conteúdos programáticos, as abordagens teórico-metodológicas e as bibliografias utilizadas como base de leitura para ensino da História da Educação.

Dentre os programas de ensino de História da Educação I e II, encontrados entre 1980 e 1989, destacamos alguns que são bem representativos com relação aos programas utilizados pela maioria dos professores que lecionaram as disciplinas de História da Educação I e II, durante a década de 1980.

Sobre a disciplina de História da Educação I, destacamos os programas referentes aos anos de 1983²⁷ e 1986²⁸.

²⁷ Fonte: Programa de História da Educação I (1983). Pasta: *Programas de Ensino de História da Educação I*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1975, Caixa 1, 1975 – 1990.

²⁸ Fonte: Programa História da Educação I (1985). Pasta: *Programas de Ensino de História da Educação I*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal 1975, Caixa 1, 1975 – 1990.

QUADRO 12 - UFES - Programas representativos das disciplinas de História da Educação I na década de 1980

Ano	Conteúdo Programático da disciplina História da Educação I
1983	<p>1. Introdução ao Estudo da História da Educação: conceituação e Estudo da História da Educação; conceituação e objetivos da educação: valores e objetivos da educação, a formação do homem no ideal cultural, o papel do educador, conceitos e teorias educacionais.</p> <p>2) O Significado da Educação Pré-Histórica</p> <p>3) A tradição Oriental: o papel do auto-conhecimento no processo educativo; a educação indiana e a estrutura social; a educação chinesa como padrão de cultura oriental; a educação Judaica.</p> <p>4) A Educação no Período Clássico: educação liberal dos gregos; a educação utilitarista dos romanos; a educação na América Pré - Colombiana.</p> <p>5) Educação na Idade Média: educação e Cristianismo; as Universidades.</p> <p>6) Educação no Renascimento: a secularização; a educação Humanista.</p> <p>7) Os Movimentos Reformistas: reforma; contra - Reforma.</p> <p>8) Tendências Realistas na Educação: realismo Humanista; realismo Social.</p> <p>9 - Educação no Brasil: de 1549 a 1808: a educação colonial jesuítica; a reforma Pombalina, a formação da mentalidade e da consciência Nacionais.</p>
1986	<p>1. Introdução</p> <p>2. História e Educação: Filosofia, História e Educação; Educação e Ideologia; A importância da história da educação; A história comparada da educação; A periodização em história da educação.</p> <p>3. Educação Primitiva: Origens Telúricas da educação pré-histórica; Educação como preparação para a vida; Significação educativa de iniciações rituais.</p> <p>4) As Funções da Educação nas Civilizações Orientais da Antiguidade: Contexto histórico, a importância da simbologia e a invenção da escrita; As funções da educação nas civilizações orientais; A educação egípcia e a construção dos impérios; A educação mesopotâmica e a escrita; A educação chinesa e a classe governante; A educação indiana e a religião hindu; A educação hebraica e o convênio com Deus.</p> <p>5. A Educação Greco-Romana: Contexto histórico e geográfico; O processo educativo e a organização do ensino; As funções da educação greco-romana: a formação do patriota guerreiro em Esparta, A formação do homem livre e intelectual em Atenas: Sócrates, Platão, Aristóteles; O Helenismo e a influência grega na educação romana; A educação tradicional cristã.</p> <p>6) Educação na América Pré-Colombiana</p> <p>a) Contexto Histórico e origem das populações ameríndias; Enculturação, socialização e</p>

<p>educação entre os ameríndios; A educação Maia; A educação Asteca; A educação Inca.</p> <p>7) Educação Humanista-Renascentista e Sua transplantação para o Brasil: Contexto histórico da educação medieval; A educação medieval e suas transformações; O ideal humanista - renascentista e o processo educativo; O humanismo cívico e o processo educativo; O humanismo cristão e o processo educativo; O reformismo, contra-reformismo e a educação; A metodologia humanista católica do Ratio studiorum; A educação humanista - renascentista e os brasilíndios.</p> <p>8) Conclusão: Uma nova era na educação; Educação e a sua função colonizadora; Colonização estratificação e reprodução.</p>
--

Fonte: Programa de Curso: História da Educação I. Pasta: *Programas de Ensino de História da Educação I*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, Caixa 1, 1970 – 1990.

Sobre a disciplina de História da Educação II destacamos os programas referentes a 1984²⁹ e 1985³⁰:

QUADRO 13 - UFES - Programas representativos das disciplinas de História da Educação II na década de 1980

Ano	Conteúdo Programático da disciplina História da Educação II
1984	<p>1. Introdução ao estudo da História da Educação no Brasil: Formação antropológica dos povos americanos; A formação econômica da sociedade brasileira; Cultura Brasileira;</p> <p>2. A educação colonial (1549 - 1808): Educação indígena; A educação jesuítica; A reforma pombalina;</p> <p>3. A educação neocolonial (1808 - 1930): As reformas do ensino: joanino, imperial e republicano;</p> <p>4. A educação no período desenvolvimentista (1930 - 1964): As reformas do ensino no Brasil: 1931, 1942, 1961;</p> <p>5. A educação no período da modernização industrial dependente (1964 em diante): Os acordos MEC-USAID; As reformas do Ensino: 5.540/68, 5.692/7, 70041/82; O atual</p>

²⁹ Fonte: Programa História da Educação II (1984). Pasta: *Programas de Ensino de História da Educação I*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1984, Caixa 1, 1975 – 1990.

³⁰ Fonte: Programa História da Educação II (1985). Pasta: *Programas de Ensino de História da Educação II*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1985, Caixa 1, 1975 – 1990.

	debate sobre a LDBEM.
1985	<p>1. História e Ciência na História da Educação Brasileira: Teorias da História e o Método Científico; Pesquisa Histórica na Educação Brasileira; Periodizações diversas na História da Educação Brasileira; Periodização em experiência; Abordagem Dependencista;</p> <p>2. Educação Indígena em Pindorama: O modo de produção indígena; O universo espiritual dos brasilíndios; Enculturação, Socialização, Educação; Aspectos da Educação Tupinambá; Educação Indígena Hoje;</p> <p>3. Educação no Brasil Escravocrata - Colonial - Latifundiária: A trilogia monocultura - latifúndio - escravidão; O papel da família patriarcal na reprodução social; O sistema educacional jesuítico; O fracasso dos esforços educacionais após 1760;</p> <p>5. Educação no Brasil Neocolonial: A revolução Industrial e a influência Europeia na Educação; b. O processo de independência Europeia na Educação; Educação no 2º Reinado - D. Pedro II; A importação de modelos educacionais; Educação na República Velha e Reformas Educacionais;</p> <p>6. Educação no Período de Substituição de Importações: O despertar da Consciência Nacional; Racionalização - Secularização - Individuação e Autonomização; As reformas Educacionais Francisco Campos e Capanema; d. Progressivismo e o Movimento Escolanovista; A expansão do Sistema educacional e o obelisco da escolaridade; O Sistema SESI - SENAI, editado para o trabalho; O MEC, e a criação da Universidade do Brasil;</p> <p>7. Educação e Modernização Industrial Dependente: As Leis de Diretrizes e bases da Educação nacional após 1960; A Reforma Universitária da Lei 5. 540/68; Analfabetismo e Educação de Adultos pré e pós 1964; Alternativas da Educação e Educação Libertadora; O acesso à educação no Brasil e no Espírito Santo;</p> <p>8. Prospecto da Educação Brasileira</p>

Fonte: Programa de Curso: História da Educação II. Pasta: *Programas de Ensino de História da Educação II*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico, Caixa 1, 1970 – 1990.

Pelos conteúdos programáticos e a forma como estão organizados nos programas de ensino, observamos, no caso de História da Educação I, uma maior presença de demarcações temáticas vinculadas ao contexto histórico e às características educacionais das sociedades a serem estudadas. Observa-se um deslocamento das ideias pedagógicas e seus pensadores para o contexto histórico educacional, suas estruturas e os sentidos que a educação toma nas sociedades a serem estudadas. Boa parte do programa é dedicado a história educacional antiga e medieval das sociedades europeias, em detrimento das sociedades orientais e pré-colombianas, sendo que em alguns programas eles são excluídos.

No caso da disciplina de História da Educação II, há uma forte presença de demarcações econômicas na organização e periodização dos conteúdos programados para o ensino a ser ministrado. No caso da disciplina de História da Educação II, a mudança foi considerável. De um tema dedicado a História da Educação Brasileira, inserida basicamente no último tópico do programa, a História da Educação do Brasil ganha corpo e preenche toda a estrutura do programa de ensino. Assim, como no programa de História da Educação I observa-se o mesmo deslocamento das ideias pedagógicas e seus pensadores, para o contexto histórico educacional, suas estruturas e os sentidos, porém, observamos uma forte presença de uma abordagem contextual econômica.

Nos anos de 1980 foi nítido o aumento de indicações bibliográficas nos Programas de Ensino, tanto para História da Educação I como para História da Educação II, como podemos observar no quadro abaixo:

QUADRO 14 - UFES - Bibliografia indicada nos programas de ensino (1980 - 1990)

História da Educação I	História da Educação II
<p>1. Rui Alonso da Costa Nunes - História da Educação na antiguidade (1978), História da Educação na idade média (1979), História da Educação no Renascimento (1980), História da Educação no século XVII</p> <p>2. Manfredo Berger - Educação e Dependência (1977).</p> <p>3. Carlos R. Brandão - O que é educação (1981)</p> <p>4. Vavy Pacheco Borges - O que é História (1981)</p> <p>5. Ciro Flamarion S. Cardoso - Uma Introdução a História (1982)</p> <p>6. J. A. Comênus - Didática Magna: tratado da arte universal de ensinar tudo a todos (1957)</p> <p>7. Barbara Freitag. Escola, estado e sociedade (1980)</p> <p>8. Leo Huberman - História da Riqueza do Homem (1982)</p>	<p>1. Francisco Alencar - História da sociedade brasileira (1983).</p> <p>2. Fernando de Azevedo - A transmissão da cultura (1976).</p> <p>3. Manfredo Berger - Educação e Dependência (1977).</p> <p>4. Carlos R. Brandão - O que é o método Paulo Freire (1981), O educador: vida e morte (1982), Colcha de retalho (1982), Casa de Escola: cultura camponesa e educação rural (1983), O que é educação (1981)</p> <p>5. J. A. Comenius - Didática Magna: tratado da arte universal de ensinar tudo a todos (1957)</p> <p>6. Célio da Cunha - Educação e autoritarismo no Estado Novo (1981)</p> <p>7. Luiz Antônio Cunha - Educação e desenvolvimento social no Brasil (1979), A universidade Temporã: o ensino superior da colônia à era Vargas (1980).</p> <p>8. Frederick Eby - História da Educação Moderna:</p>

<p>9. Francisco Larroyo - Geral da Pedagogia (1970)</p> <p>10. Lorenzo Luzuriaga - História da educação e da pedagogia (1978)</p> <p>11. Frederick Mayer. História do pensamento educacional (1976)</p> <p>12. Paul Monroe - História da Educação (1978)</p> <p>13. Maria Luiza Ribeiro Santos - História da educação brasileira (1979)</p> <p>14. Maria da Glória Rosa - A História da Educação através dos textos (1978)</p> <p>15. José Antonio Tobias - História da Educação Brasileira</p> <p>16. Luiz Eduardo Wanderlei - O que é Universidade (1983)</p> <p>17. Frederick Eby - História da Educação Moderna: Séc. XVI/Sec. XX (1976)</p> <p>18. Luiz Antônio Cunha - Educação e desenvolvimento social no Brasil (1979)</p> <p>19. Edith Sichel - O renascimento (1963)</p> <p>20. John Martin Rich - Bases Humanistas da Educação</p> <p>21. Aníbal Ponce - Educação e luta de classes (1983)</p>	<p>Séc. XVI/Sec. XX (1976)</p> <p>9. Maria de Lourdes de A. Fávero - A universidade brasileira em busca de sua identidade (1977)</p> <p>10. Paulo Freire - Pedagogia do Oprimido (1977), Educação e Mudança (1979), Conscientização (1980), Educação como Prática da Liberdade (1980)</p> <p>11. Barbara Freitag. Escola, estado e sociedade (1980)</p> <p>12 Moacir Gadotti. Educação e Poder: introdução à pedagogia do conflito (1980), Educação contra Educação (1981), Concepção dialética da Educação (1983), Pensamento Pedagógico Brasileiro (1987)</p> <p>13. Ivan Illich - Sociedade sem escolas (1982)</p> <p>14. Jorge J. Simões - Educação critica e seu método (1981), A Ideologia de Paulo Freire (1981)</p> <p>15. Francisco Larroyo - Geral da Pedagogia (1970)</p> <p>16. Lauro de Oliveira Lima - Estórias da Educação no Brasil: de Pombal a Passarinho</p> <p>17. Lorenzo Luzuriaga - História da educação e da pedagogia (1978)</p> <p>18. Frederick Mayer. História do pensamento educacional (1976)</p> <p>19. Paul Monroe - História da Educação (1978)</p> <p>20. Jorge Nagle - Educação e sociedade na primeira república (1976)</p> <p>21. Maria de Lourdes C. D. Nosella - A ideologia Subjacente nos textos didáticos (1981)</p> <p>22. Luiz Carlos Bresser Pereira - Desenvolvimento e crise no Brasil (1980)</p> <p>23. Aníbal Ponce - Educação e luta de classes (1983)</p> <p>24. Bento Prado Júnior - Descaminhos da educação pós - 68 (1980)</p> <p>25. Maria Luiza Ribeiro Santos - História da educação brasileira (1979)</p> <p>26. Otaíza de O. Romanelli - História da Educação</p>
---	--

	<p>no Brasil: 1930/1973 (1978)</p> <p>27. Maria da Glória Rosa - A História da Educação através dos textos (1978)</p> <p>28. Nicanor Palhares Sá - Política Educacional e Populismo no Brasil (1978)</p> <p>29. Demerval Saviani - Educação Brasileira: estrutura e sistema (1978), Educação: do senso comum a consciência filosófica (1980). Educação e Democracia (1983)</p> <p>30. Egídio F. Schmtz - O pragmatismo de Dewey na educação (1980)</p> <p>31. Maria Inêz S. de Souza - Os empresários da educação (1981)</p> <p>32. Thomas Skidmore - Brasil: de Getúlio a Castelo (1973)</p> <p>33. José Antonio Tobias - História da Educação Brasileira</p> <p>34. Carlos Alberto Torres - Dialogo com Paulo Freire (1979)</p> <p>35. Maria Salete Van der Poel - Alfabetização de adultos (1981)</p> <p>36. Ciro Flamarion S. Cardoso - Uma Introdução a História (1982)</p> <p>37. Vavy Pacheco Borges - O que é História (1981)</p> <p>38. Leo Huberman - História da Riqueza do Homem (1982)</p> <p>39. Rui Alonso da Costa Nunes - História da Educação na antiguidade (1978), História da Educação na idade média (1979), História da Educação no Renascimento (1980), História da Educação no século XVII</p> <p>40 - Loêncio Basbaum - História Sincera da República (1985)</p> <p>41 - José Murilo de Carvalho - Os Bestializados: Rio de Janeiro e a República que não foi (1987)</p> <p>43. Carlos J. Cury - Ideologia e Educação Brasileira (1984)</p>
--	---

A relação bibliográfica, apontada em ambos os programas de ensino, associa-se ao impacto dos desdobramentos da instalação dos Programas de Pós- Graduação no Brasil. Diversas pesquisas realizadas no interior destes programas, em especial nas esferas da História e da Educação, começaram a ser publicadas em meados da década de 1970, possibilitando aos inúmeros professores de História da Educação no Brasil, acessá-las a partir do momento em que começam a ser publicadas em formato de livros ou em artigos científicos publicados em revistas acadêmicas.e congressos.

No caso da disciplina de História da Educação I identificamos a permanência de alguns Manuais de História da Educação – como os trabalhos de Paul Monroe, Francisco Larroyo e Lorenzo Luzuriaga – e a inserção de algumas produções mais recentes, de brasileiros e estrangeiros como, por exemplo, as obras de Rui Alonso da Costa Nunes, Leo Huberman e Aníbal Ponce. A disciplina de História da Educação II foi marcada por um volumoso número de indicações bibliográficas, principalmente por produções brasileiras que tratam não só da História, mas de questões educacionais que atraíam o interesse dos pesquisadores brasileiros. Merecem destaque as obras de Manfredo Berger, Maria Heloisa Ribeiro Santos e Otaíza de O. Romanelli.

A tradição narrativa dos manuais de História da Educação, hegemônicos até finais dos anos de 1970, frente a incisivas e rigorosas críticas direcionadas ao seu papel doutrinário, às suas abordagens filosóficas voltadas para as ideias e doutrinas pedagógicas e não propriamente históricas, foi dando lugar a outra tradição narrativa. A escrita histórica sobre a educação, que se constitui a partir dos Programas de Pós-Graduação brasileiros, constitui uma tradição narrativa diferente daquelas encontradas nos manuais; a narrativa passa a se construir, não só a partir de outros aportes teóricos e metodológicos, mas principalmente do diálogo e análise com as fontes consultadas no trabalho de pesquisa em História da Educação.

Carlos Eduardo Vieira, em seu estudo sobre a escrita da História da Educação no Brasil, estabelece seis categorias narrativas sobre a História da Educação.

1) a HE [história da educação] produzida nos marcos da concepção de história presente no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), na qual o culto ao documento e as noções de isenção do historiador e de verdade histórica são as marcas mais evidentes;

- 2) a escrita voltada para a escola normal e para os cursos de pedagogia, na qual a questão central foi a formação de professores;
- 3) a escrita sociológica, nitidamente associada à perspectiva de Fernando de Azevedo e da sociologia francesa;
- 4) a HE que ganha a condição de escrita acadêmica, associada ao projeto desenvolvido na Universidade de São Paulo;
- 5) a produção oriunda dos Programas de Pós-graduação em Educação (PPGEs) que se caracterizou pelo diálogo prevalente com o marxismo;
- 6) e, por fim, as narrativas que surgiram na senda da especialização e da ampliação dos horizontes analíticos da HE produzidas nos PPGEs e veiculadas em novos espaços institucionais como o Grupo de Trabalho de História da Educação da ANPEd (G-THE), Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE) e Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTEDBR). (VIEIRA, 2009, p. 3-4).

Em seu estudo sobre as produções historiográficas que marcaram as pesquisas nos Programas de Pós-graduação em Educação entre 1970 e 1984, Warde (1984) aponta quatro tendências.

A *primeira tendência* parece ser herdada de fases anteriores e é hoje menos presente, marcada pelo exame interno do pensamento de intelectuais de maior ou menor envergadura no campo da educação, sem qualquer ou pouca referência à relação concreta entre esse pensamento e as condições nas quais ele foi criado. A maioria destes trabalhos foram encontrados na USP e alguns deles localizados na UFRJ.

A *segunda tendência*, ainda pequena, toma a mesma temática da anterior, mas segue a direção da contextualização político-ideológica do pensamento em exames; alguns exemplos dessa tendência foram encontrados no IESAE (Instituto de Estudos Avançados em Educação), na UNICAMP e na PUC/SP. A *terceira tendência*, que vem decrescendo, é marcada pelo acompanhamento evolutivo da educação escolar nos seus diferentes graus e ramos, seja no nível da organização escolar, seja no nível da legislação pertinente ou, ainda, do confronto entre ambas, dispensando qualquer referência às determinações concretas que pesam sobre a educação.

A *quarta tendência* verificada caminha na direção temática da terceira e, como a segunda, começa a enveredar pelo caminho teórico e metodológico do trato concreto do movimento histórico da educação. Esta tendência parece ser a

tendência crescente; uma parte considerável das dissertações, teses e trabalhos publicados nos últimos anos caminha nessa direção (WARDE, 1984).

A criação e o fortalecimento das Revistas Científicas sobre a Educação e a História também tiveram um importante papel na circulação de ideias, reflexões, pensamentos e pesquisas sobre o cenário educacional e histórico brasileiro. No caso das discussões referentes ao ensino de História da Educação, ocorrido entre os professores que ministraram a disciplina no curso de pedagogia da UFES, é importante ressaltar a alteração programática realizada na disciplina de História da Educação I, objetivando uma maior fundamentação teórica e metodológica sobre a História, a Educação e a História da Educação. Tal alteração programática, oriunda das discussões realizadas entre os professores que ministravam a disciplina na época, tinha como objetivo tratar do tema dentro das recentes discussões ocorridas na esfera discursiva da História da Educação.

Em depoimento, uma das professoras que ministraram disciplina na época, nos esclarece, não só a perspectiva tomada pelas discussões, como também o que a fomentou.

[...] uma mudança também, foi [...]; e isso se deve a uma discussão e reprogramação [...], trazendo para o programa a discussão das questões da História, da História da Educação [...], então começamos a trabalhar a História, a importância da História, o que é História, trabalhando também a função, o significado da História para a História da Educação [...] neste período trabalhamos com leituras dos textos da Mirian Jorge Warde, [...] naquele material do *Em Aberto*, elas fizeram todo um encarte sobre História da Educação, e essas referências continuaram fazendo parte de nossa programação. E nesta discussão [...] começamos a trabalhar com os livros “*O que é História*”, “*O que é educação*”, e depois trabalhávamos História da Educação, tanto que até hoje o nosso programa tem até hoje este enfoque [...] (PROFESSORA A).

Como aponta a professora, foi inserida no programa da disciplina História da Educação uma discussão sobre a História, a Educação, a História da Educação e suas respectivas especificidades enquanto esferas do conhecimento. Esta temática já constou nos programas de ensino de História da Educação propostos na FFCL até meados de 1968. Nos programas de ensino consultados entre os anos de 1972 e 1978, a temática não estava discriminada.

O retorno da temática sobre a história, a educação e a História da educação, objetivou uma compreensão epistemológica não só da História e da Educação, mas

também da História da Educação enquanto esfera de conhecimento e investigação comum a ambas as áreas, no contexto das contribuições trazidas pelas novas perspectivas teóricas e metodológicas vindas principalmente da Europa.

O início do debate que resultou na alteração da estrutura programática da disciplina teve inspiração nos artigos da revista *Em Aberto*, publicada em setembro de 1984. Na revista, dedicada a História da Educação, encontramos três artigos bem significativos, que trazem uma reflexão sobre algumas questões referentes às produções acadêmicas sobre a História da Educação Brasileira: "*Anotações para uma Historiografia da Educação Brasileira*", de Mirian Jorge Warde; "*Diretrizes para o Estudo Histórico do Ensino Superior no Brasil*", de Luiz Antonio Cunha; e "*História da Educação Brasileira: problemas atuais*", de Jorge Nagle. Cada artigo parte de embasamentos teóricos e metodológicos distintos em suas leituras sobre o desenvolvimento da História da Educação Brasileira e os avanços historiográficos ocorridos na História da Educação na época, impulsionadas pelas pesquisas nos Programas de Pós-Graduação.

Os autores e as respectivas obras utilizadas como base para a discussão sobre a Educação e a História enquanto esferas de conhecimento e a História da Educação com um saber vinculado às duas esferas que prevaleceram até o final da década de 1980 foram: "*O que é História*" de Vavy P. Borges (1982); "*O que é Educação*" de Carlos R. Brandão (1981); "*Educação e Mudança*" de Paulo Freire (1979); "*Educação: do senso comum à consciência filosófica*" de Demerval Saviani (1982) e "*Por uma História da Educação que esteja presente no trabalho educativo*" de Evaldo Vieira (1982).

Os anos de 1980 foram marcados pelo surgimento de uma narrativa sobre a História da Educação que passa a focar o contexto sócio - histórico dos processos educativos nas sociedades do passado e por abordagens de cunho político e ideológico destes contextos históricos educativos. Os programas de ensino de História da Educação I e II, do curso de Pedagogia da UFES, registram e trazem as marcas destas novas vozes, oriundas de outros espaços de produção e legitimação do saber.

A circulação desta nova tradição de escrita histórica, com suas tendências e abordagens, marca um deslocamento dos espaços de produção e legitimação acadêmica do conhecimento histórico. Das editoras, em especial a Companhia Editora Nacional, ocorre um deslocamento para os espaços acadêmicos dos Programas de Pós-Graduação em Educação. Este deslocamento foi significativo, pois possibilitou a emergência de novas relações de forças que passaram a incidir sobre a produção e a socialização do conhecimento histórico sobre a educação, em meio aos ventos do discurso democrático e da crítica ideológica e política do regime ditatorial que vigorou no país.

Enquanto a História da Educação Brasileira se constituía em meio a um processo de redemocratização do Estado Brasileiro na década de 1980, o Estado, em alguns países da Europa Ocidental e das Américas, segundo as pesquisas sociológicas de Santos (2008), vinha sofrendo profundas transformações direcionadas por forças econômicas e políticas vinculadas aos pressupostos neoliberais³¹. Estes, num primeiro momento, corresponderam à redução do Estado ao mínimo necessário para o funcionamento do mercado, marcando os anos de 1980 e de 1990 pela construção de outra qualidade de Estado, mais forte e sintonizado com as políticas do capitalismo global.

A agenda é estabelecida como antes, só que um novo agente operacional não político expulsou seu antecessor político ou pelo menos agora cada vez mais desempenha o papel principal, em vez do contrário. Como agendadoras principais, as pressões de mercado estão substituindo a legislação política (BAUMAN, 2000, p. 81).

Dos anos que vão de 1990 a 2000, no Brasil observa-se a trajetória da reconfiguração das forças políticas, sociais e econômicas frente ao processo assinalado nas pesquisas sociológicas de Santos (2008) e Bauman (2000), em que agências internacionais definem as agendas de opções de um receituário de reformas neoliberais³², através de negociações e acordos. É neste contexto social e

³¹ O neoliberalismo resulta do encontro de duas correntes do pensamento econômico: a escola austríaca, cujo principal expoente, Friedrich Von Hayek, se opõe tanto à política keynesiana como ao Estado de Bem-Estar Social, sendo sua obra mais conhecida o livro “A caminho da Servidão”; e a chamada escola de Chicago, com destaque para Milton Friedman, um dos principais críticos do New Deal e autor do livro “Capitalismo e Liberdade”. A primeira experiência de implantação das políticas neoliberais ocorreu no Chile de Pinochet, em meados dos anos de 1970, seguidos pelos governos de Margaret Thatcher, na Inglaterra, e Ronald Reagan, nos Estados Unidos, nos anos de 1980.

³² Em 1989, reuniram-se em Washington, convocados pelo *Institute for International Economics*, entidade de caráter privado, diversos economistas latino-americanos de perfil liberal, funcionários do Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Mundial e Banco Interamericano de Desenvolvimento

político que as reformulações curriculares para o curso de Pedagogia, gestadas nos anos de 1980, foram implementadas.

No primeiro semestre de 1990, os alunos recém aprovados no vestibular para o curso de Pedagogia da UFES entraram em contato com as disciplinas de História da Educação I e História da Educação II, respectivamente no 2º e no 3º períodos do curso, como disciplinas obrigatórias com 60 horas/aula cada. Ambas as disciplinas estavam inseridas numa configuração curricular que objetivava a formação docente voltada para a Pré-escola, Séries Iniciais do Ensino Fundamental e para as disciplinas pedagógicas da Escola Normal.

Na documentação analisada encontramos a descrição das ementas de ambas as disciplinas propostas para a turma que entrou no curso de pedagogia em 1990³³. Com relação à disciplina de História da Educação I, encontramos a seguinte ementa:

- *História e Educação. Educação Primitiva. Educação Greco-romana. Educação na América pré-colombiana. Educação Humanista – Renascentista e sua transplantação para o Brasil.*

A ementa da Disciplina História da Educação II corresponde a:

- *Periodizações da História da Educação no Brasil. Teoria da dependência e da modernização. A periodização da dependência. A educação indígena (até 1549). A Educação Colonial (1549-1808). A Educação neocolonial (1808-1930). A educação no período desenvolvimentista (1930-1964). A educação no período da modernização industrial dependente (1964 em diante).*

As disciplinas estavam organizadas na grade curricular em três grandes áreas: Disciplinas de Fundamentos, Disciplinas de Didáticas e Disciplinas Optativas. Com exceção da disciplina Didática I, todas as disciplinas do 1º ao 3º período que compunham a grade curricular pertenciam à área de Fundamentos da Educação. No

(BID) e do governo norte-americano com o objetivo de avaliar as reformas econômicas em curso no âmbito da América Latina. Embora tivessem, em princípio, caráter acadêmico, as conclusões do “Consenso” acabaram tornando-se o receituário imposto por agências internacionais para a concessão de créditos, ou seja, os países que quisessem empréstimos do FMI, por exemplo, deveriam adequar suas economias às novas regras. Para garantir e “auxiliar” no processo das chamadas reformas estruturais, o FMI e as demais agências do governo norte-americano ou multilaterais incrementaram a monitoração das alterações “modernizadoras”. Esta reunião e seus resultados foram denominados “Consenso de Washington” (NEGRÃO, 1998).

³³ Fonte: *Doc. Revisão Teórica*. Pasta: Implementação e avaliação do novo currículo de Pedagogia. sem data, Caixa 1, 1975 – 1990.

4º período começavam a aparecer as disciplinas das áreas de Didática e Optativas³⁴.

QUADRO 15 - Grade Curricular 1990

1º Período	Carga Horária	2º Período	Carga Horária
Língua Portuguesa Introdução à Filosofia Sociologia Geral Psicologia Geral Biologia Aplicada a Educação	60 Horas 60 Horas 60 Horas 60 Horas 60 Horas	Sociologia da Educação Psicologia da Educação I Filosofia da Educação Introd. à Pesq. Educacional História da Educação	60 Horas 60 Horas 60 Horas 60 Horas 60 Horas
Total	300 horas	Total	300 horas
3º Período	Carga Horária	4º Período	Carga Horária
História da Educação II Psicologia da Educação II Persp. em Educ. Popular Estr. e Func. do Ens. Fund. e Médio I Didática I	60 Horas 60 Horas 60 Horas 60 Horas 60 Horas	Avaliação da Aprendizagem Introdução a Educ. Especial Arte em Educação I Relações Inter. na Escola Optativa	60 Horas 60 Horas 60 Horas 60 Horas 60 Horas
Total	300 horas	Total	300 horas

Fonte: Doc. Revisão Teórica. Pasta: Implementação e avaliação do novo currículo de Pedagogia, 1989, 1990 – 1995.

Inseridas no segundo e terceiro períodos do curso de Pedagogia, as disciplinas de História da Educação I e História da Educação II estavam articuladas às demais

³⁴ Fonte: DUARTE, Laura Maria Schineider; LACERDA, Isabel Lobato Portugal. *Avaliação da Implementação do novo currículo do curso de pedagogia da universidade federal do Espírito Santo*. Pasta: Implementação e avaliação do novo currículo de Pedagogia. Arquivo Pessoal, 1992, Caixa 2, 1990 – 1995.

disciplinas, objetivando a constituição de uma integração curricular nas chamadas perspectivas horizontal (integração das disciplinas de períodos diferentes) e vertical (integração das disciplinas do mesmo período).

Quando mergulhamos nos desdobramentos da Reformulação do Curso de Pedagogia identificamos uma questão referente ao contexto ampliado, que atravessou as salas de aula e perdurou até meados do ano de 1994. A questão bastante visível nas fontes consultadas constitui-se na insatisfação dos muitos alunos que começaram a entrar no curso de Pedagogia, nos vestibulares que sucederam ao de 1989, principalmente a segunda turma do currículo novo que entrou no segundo semestre de 1990. A insatisfação advinha do fato de que a maioria dos alunos, oriundos do magistério, tinham interesses nas habilitações; no entanto, com a extinção das habilitações na graduação em Pedagogia da UFES, os alunos que incorporaram a insatisfação não estavam aceitando fazer uma graduação para habilitá-los a serem o que já eram, ou seja, professores. Após intensos debates e conflitos com os alunos, o currículo do curso passa por nova reformulação.

O curso de uma Pedagogia, como se destina à formação de professores, na graduação é uma Licenciatura Plena. Assim sendo, a partir de 1995/1, o Curso possibilita ao aluno adquirir 2 habilitações, num período de quatro anos. A habilitação "Magistério nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental" é considerada básica. Ao mesmo tempo em que ela é cursada, o aluno deverá escolher outra habilitação, dentre quatro opções: Habilitação para o Magistério da Educação Infantil, Habilitação para o Magistério da Educação Especial (Deficiência Mental), Habilitação para as Disciplinas Pedagógicas do Ensino Médio (Curso Normal) ou Habilitação da Educação Básica de Jovens e Adultos³⁵.

Em decorrência das discussões em torno da avaliação do novo curso, as disciplinas de História da Educação I e História da Educação II foram realocadas respectivamente para o primeiro e segundo semestres do curso.no período letivo de 1993/2. As formas que tomaram as disciplinas de História da Educação I e II no currículo proposto para o curso de Pedagogia que foi implementado no primeiro semestre de 1990, foram produzidas e organizadas a partir do processo dialógico dos professores que lecionaram ambas as disciplinas e estiveram presentes na elaboração do projeto de reformulação, com esferas da atividade docente e de

³⁵ Fonte: *Contribuição ao processo de elaboração das diretrizes curriculares do curso de Pedagogia*. Caixa: Reformulação do Curso de Pedagogia. Centro de Educação, 1989 -1994 - 2000.

pesquisas, marcadamente vinculadas as configurações históricas que caracterizaram o fim da ditadura militar e o processo de redemocratização do Brasil.

As temáticas encontradas nas ementas, as organizações programáticas e as referências bibliográficas indicadas como leitura, que se observam nos primeiros semestres da década de 1990 em ambas as disciplinas, começaram a se constituir na primeira metade da década de 1980. Tal fato é evidenciado por alguns documentos pesquisados como, por exemplo, programas de ensino, atividades realizadas pelos alunos em ambas as disciplinas e sínteses e trabalhos realizados pelos professores correspondentes a década de 1980.

Analisando os programas de História da Educação I, entre 1990 e 1999, identificamos alterações programáticas ocorridas nos programas, principalmente a partir da segunda metade da década de 1990. De 1990 até 1996 a estrutura programática e a distribuição dos conteúdos mantiveram-se o mesmo; o programa de ensino de 1996³⁶ é bem representativo deste período. Comparado com os programas de ensino vigentes nos anos de 1980, em especial o de 1986, verificamos que ambos os programas são iguais, o que evidencia a permanência da tradição narrativa sobre a História da Educação Geral, caracterizada por uma forte contextualização histórica das instituições e processos educativos.

QUADRO 16 - UFES - Programas representativos das disciplinas de História da Educação I na década de 1990

Ano	Conteúdo Programático da disciplina História da Educação I
	<p>1. História e Educação: Filosofia, História e Educação; Educação e Ideologia; A importância da história da educação; A história comparada da educação; A periodização em história da educação;</p> <p>Educação Primitiva: Origens telúricas a educação pré-histórica; Educação como preparação para a vida; Significação educativa de iniciações rituais;</p> <p>2. As funções da educação nas civilizações orientais da antiguidade: Contexto Histórico, a importância da simbologia e a invenção da escrita; As funções da Educação</p>

³⁶ Fonte: Programa História da Educação I (1996/2). Pasta: *Programas de Ensino de História da Educação I*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1996, Caixa 2, 1990 – 1995.

1996	<p>nas civilizações orientais; A educação egípcia e a construção dos impérios; A educação mesopotâmica e a escrita; A educação chinesa e classe governante; A educação indiana e a religião hindu; a educação hebraica e o convênio com Deus;</p> <p>3. A educação Greco-Romana: O contexto histórico e geográfico; o processo educativo e a organização do ensino; As funções da educação Greco-romana: a) A formação do patriota guerreiro em Esparta, b) A formação do homem livre e intelectual em Atenas: Sócrates, Platão e Aristóteles, c) A formação do orador em Roma; O helenismo e a influência grega na educação Romana; A tradição educacional cristã;</p> <p>4. Educação na América Pré-Colombiana: Contexto Histórico e origem das populações ameríndias; Enculturação, socialização e educação entre os ameríndios; A educação Maia; A educação Astéca; A educação Inca;</p> <p>5. Educação Humanista-Renascentista e sua Transplantação para o Brasil: Contexto histórico da educação medieval; A educação medieval e suas Transformações; O ideal humanista e renascentista; O humanismo cívico e o processo educativo, O reformismo, contra Reformismo e a Educação; A metodologia Humanista católica do Ratio Studiorum; A educação Humanista-renascentista e os brasilíndios;</p> <p>6. Conclusão: Uma nova era na educação; educação e sua função colonizadora; Colonização, estratificação e reprodução;</p>
1998	<p>1. História e Educação: Significado do estudo da História; O papel da Educação na Sociedade; O papel do educador sociedade; o papel da escola na sociedade; Significado do estudo da História da Educação;</p> <p>2. As Origens da Educação: O papel da educação nas sociedades primitivas; A função da educação nas civilizações da antiguidade.</p> <p>3. A Educação Greco-Romana: O papel sócio-político do processo educativo na Grécia; As ideias educacionais de Sócrates, Platão e Aristóteles; O papel da Educação na sociedade romana; As ideias educacionais de Quintiliano;</p> <p>4. A Educação Medieval: O papel social da educação na Idade Média; O papel da Igreja na educação medieval; O papel das Universidades na educação medieval;</p> <p>5. A Educação Humanista - Renascentista e sua transplantação para o Brasil: O papel social da educação no renascimento; Reforma, contra reforma e educação;</p>

Fonte: Programa de História da Educação I . Pasta: *Programas de Ensino de História da Educação I*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico, Caixa 1, 1990 – 2000.

O que se observa em relação aos programas de 1998³⁷ em diante é a fusão dos tópicos *Educação Primitiva e Das funções da educação nas orientais da antiguidade civilizações*, dos programas anteriores (1984-1997), em uma unidade denominada

³⁷ Fonte: *Programa História da Educação I (1998/1)*. Pasta: Programas de Ensino de História da Educação I. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1998, Caixa 3, 1995 – 2000.

As origens da Educação, bem como a retirada da unidade Educação na América Pré-colombiana e a inserção da unidade Educação Medieval.

O enxugamento e a retirada de determinados conteúdos evidenciam escolhas ancoradas em critérios de relevância temática e analítica, realizada pelos professores da disciplina, frente a um conteúdo extenso a ser ministrado nas aulas de História da Educação I.

No programa da disciplina História da Educação I, lecionada em 1990/2, encontramos um conteúdo programático muito próximo da ementa proposta no Projeto de Reformulação do Curso de Pedagogia de 1989. Neste programa de ensino os temas são desdobrados.

Os programas de História da Educação II, consultados no decorrer da primeira metade da década, não sofreram alterações, a não ser nos nomes dos docentes que ministraram a disciplina. Um programa representativo desta primeira metade dos anos de 1990 é o programa de ensino de 1996, cujo ensino em estrutura e conteúdo possui semelhanças com os programas de História da Educação II da década de 1980, no sentido de ainda trazer marcas referentes a uma periodização dentro dos marcos econômicos.

A partir de 1997, o programa de história da Educação II sofre alterações que permanecem até o ano de 2000. No quadro abaixo trazemos dois programas representativos do período referente a 1996³⁸ e 1998³⁹.

QUADRO 17 - UFES - Programas representativos das disciplinas de História da Educação II na década de 1980

Ano	Conteúdo Programático da disciplina História da Educação II
-----	---

³⁸ Fonte: *Programa História da Educação II (1996)*. Pasta: Programas de Ensino de História da Educação II. Acervo Pessoal, 1996.

³⁹ Fonte: *Programa de Curso: História da Educação II (1998)*. Pasta: Programas de Ensino de História da Educação II. Acervo Pessoal, 1998.

1996	<p>A Educação Colonial (1500 - 1808): A educação Jesuítica; A Reforma Pombalina</p> <p>A Educação Neocolonial (1808 - 1930): A Fase Joanina; O Período Republicano</p> <p>Unidade 3 - A Educação no Período Desenvolvimentista (1930 - 1864): O Movimento Escolanovista; O Estado e a Organização do Ensino Após a Revolução de 1930; O Estado Novo e a organização do ensino (1937 - 1945); A Redemocratização da Sociedade Brasileira: As novas diretrizes da educação nacional; Paulo Freire: educação e mudança social</p> <p>Estado, Sociedade e a Organização da Educação a Partir de 1964: A Política Educacional dos Governos Militares; A Reforma universitária de 1968 (Lei 5.540/68); A Reformulação do Ensino de 1º e 2º graus (Leis 5.692/71 e 7.044/82); As Demandas Constitucionais concretizadas Pela Constituição; federal de 1988; A Reforma Constitucional e a nova Lei de diretrizes e bases da Educação Nacional</p> <p>;</p>
1998	<p>A Educação e o processo colonizador no Brasil (1500 - 1508): A educação Jesuítica; A reforma pombalina; A fase Joanina</p> <p>A educação brasileira no período imperial (1822 - 1889): Educação e autonomia política: projetos para que e para quem?; Reformas Educacionais</p> <p>A Educação Brasileira na república velha (1889 - 1930): Movimentos pedagógicos: a escola brasileira em questão; Ideais republicanos e educação: projetos para que e para quem?</p> <p>IV. A organização da educação brasileira nos governos Vargas (1930 - 1945): O movimento escolanovista; O estado e a organização do ensino após a Revolução de 1930; O Estado Novo: projetos para quê e para quem?</p> <p>Educação e redemocratização no Brasil (1945 - 1964): Diretrizes e bases da educação nacional: projetos em disputa; os movimentos de educação popular e a pedagogia libertadora de Paulo Freire</p> <p>Da ditadura militar ao advento da nova república (a partir de 1964): A política educacional dos governos militares: projetos para quê e para quem; Os Movimentos de Resistência; Redemocratização da sociedade Brasileira: projetos para quê e para quem?; A reforma constitucional e a nova lei de diretrizes e bases da educação.</p>

Fonte: Programa de Curso: História da Educação II. Pasta: *Programas de Ensino de História da Educação II*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico, Caixa 1/2, 1990 – 2000.

No decorrer dos semestres de 1997 ao ano de 2000, alteram-se os nomes dos tópicos, mas o conteúdo e a estrutura programática se mantêm. Os programas de ensino de História da Educação II passam a adotar uma periodização dentro dos marcos políticos canônicos da Historiografia brasileira: Colônia, Império e República, subdivida em República Velha, Governo Vargas, Redemocratização e Ditadura Militar. Como os próprios tópicos sinalizam, o período republicano é o que possui mais espaço dentro do programa proposto, algo que se observa nos programas de História da Educação Brasileira durante os anos de 1980, com suas respectivas demarcações econômicas.

Nos registros dos programas detalhados podemos observar algumas propostas e dinâmicas realizadas em sala de aula, que foram recorrentes e se mantiveram em vários semestres a década de 1990. Dentre as dinâmicas destacamos as aulas mais expositivas realizadas pela professora e as temáticas discutidas em cada aula, a partir de textos base e da "animação" realizada por determinados alunos que deveriam se preparar previamente com leituras complementares, atividade esta que era avaliada. Destacamos também a realização em alguns semestres de seminários sobre as unidades finais do programa de História da Educação I, realizados pelos alunos, e a apresentação pelos mesmos de Jornais Murais, com fatos contemporâneos ocorridos na educação.

Os quatro programas de ensino nos dão as pistas iniciais para explorarmos alguns rastros referentes a alguns delineamentos e configurações que as aulas de História da Educação foram tomando a partir das abordagens imprimidas pela professora no decorrer dos anos em que ministrou a disciplina. Outros elementos e informações colhidas durante a pesquisa, como por exemplo, atividades e depoimentos de alunos, resumos e fichamentos de livros feitos pela professora reforçaram algumas ideias iniciais, que no decorrer das análises iremos incorporando, como também adensando a reflexão.

Entre 1996 e o ano de 2000 observa-se um deslocamento nas abordagens dadas a disciplina, referentes aos currículos, leis e reformas educacionais, em direção aos projetos de educação e sociedade e aos movimentos sociais, políticos e educacionais que os fundamentam. Tal deslocamento parece estar associado a uma maior aproximação do campo de pesquisa e ensino referentes à História da

Educação e sua conseqüente familiaridade com a disciplina, propiciando a impressão na disciplina de suas escolhas teóricas e metodológicas.

Na bibliografia apresentada nos programas das disciplinas de 1995/1 e 1996/1, destacam-se autores como Maria Lúcia de Arruda Aranha - *História da Educação*; Leôncio Basbaum - *História Sincera da República*; Manfredo Berger - *Educação e Dependência*, Vavy Pacheco Borges - *O que é História*, José Murilo de Carvalho - *Os Bestializados*, Célio da Cunha - *Educação e Autoritarismo*, Fátima Cunha - *Filosofia da escola nova: do ato político ao ato pedagógico*, Maria Luísa Santos Ribeiro - *História da educação brasileira: a organização escolar* e Otaíza de Oliveira Romanelli - *História da educação no Brasil*.

Já nas programas de 1998/1 e 2000/1, algumas obras e autores, que não constavam nas bibliografias dos programas anteriores, aparecem com maior destaque, como por exemplo, Alfredo Bosi - *Dialética da Colonização*; Luiz Antonio Cunha - *Educação e desenvolvimento social no Brasil*; *A universidade temporã: o ensino superior na colônia*; *A universidade crítica: o ensino superior na república*; *Educação Brasileira: projetos em disputa*, *Educação pública, escola particular*, Maria de Lourdes Fávero - *A une em tempos de autoritarismo*, Ana Maria de Araújo Freire - *Analfabetismo no Brasil*, Paulo Freire - *Pedagogia do Oprimido*; *Educação e Mudança*; *Educação como prática da liberdade*; *Conscientização*; *Ação Cultural par a liberdade*; *Pedagogia da Esperança*; *Pedagogia do Oprimido*; Barbara Freitag - *Escola, Estado e sociedade*; Paulo Ghiraldelli Junior - *Educação e movimento operário*, Gilberta M. Januzzi - *Confronto Pedagógico: Paulo Freire e Mobral*, Venício Artur de Lima - *As ideias de Paulo Freire*, João Martins Filho - *Movimento estudantil e ditadura militar*, João Manuel Lima - *A evangelização do negro no período colonial brasileiro*, Demerval Saviani - *Escola e Democracia*; *Política e educação no Brasil*; *Educação e questões da atualidade*, Antônio Joaquim Severino - *Educação, ideologia e contra-ideologia*, dentre outros.

Apesar dos avanços nas pesquisas sobre a História da Educação e uma aproximação na década de 1990 por parte dos grupos de pesquisa em direção a um diálogo com a História, e seus respectivos debates teóricos e metodológicos que já vinham ocorrendo desde meados dos anos 80, com a chegada da historiografia

francesa e Inglesa, a maioria das obras constatadas nas bibliografias dos programas de ensino de 1990 se originam da década de 1980.

Os programas de ensino de História da Educação Geral e do Brasil, durante os anos de 1990, ainda permaneciam vinculados a tradição de escrita histórica oriunda da produção dos Programas de Pós-Graduação em Educação brasileiros. Muitas obras vinculadas direta (dissertações, teses e artigos científicos) ou indiretamente (obras que circulavam em tais programas como fonte de leitura e fundamentação teórica), encontravam-se nas referências bibliográficas dos programas, como também nos materiais destinados as aulas de ambas as disciplinas. Das obras referenciadas destacamos as obras de Maria Luísa Santos Ribeiro - *História da educação brasileira: a organização escolar* (1979), Otaíza de Oliveira Romanelli - *História da educação no Brasil: 1930/1973* (1978), Maria Lúcia de Arruda Aranha - *História da Educação* (1989) e Mario A. Manacorda - *História da Educação: da antiguidade aos nossos dias* (1992).

Os grupos de pesquisa, durante os anos de 1990, se fortalecem e se consolidam, constituindo redes de produção de conhecimento histórico sobre a educação, socializados principalmente em encontros e congressos e nas revistas especializadas da área. Neste movimento de consolidação da História da Educação enquanto campo de investigação no âmbito da esfera discursiva da Educação, culminando com a criação da Sociedade Brasileira de História da Educação, ganham espaço novas temáticas, métodos e formas de se fazer História da Educação, influenciados pelos ventos historiográficos que chegavam de outros continentes.

No entanto, a incidência de tais movimentos nas disciplinas de História da Educação só começou a ocorrer em meados da segunda metade da década de 1990. As marcas destas novas perspectivas, conexões e possibilidades interpretativas, lentamente aparecem nos planos de ensino, tendo em vista que as características institucionais e acadêmicas têm se mantido com um caráter que obedece aos requisitos institucionais de permanência e funcionalidade.

[...] o fato de o ensino de História da Educação no Brasil, expresso nos programas por meio das características institucionais e acadêmicas, definidas a partir da ótica estritamente formal, encontrar-se, ainda, permeado de elementos referentes aos conhecimentos históricos-

educativos, que atendem aos requisitos institucionais de manutenção e funcionalidade escolar/curricular da disciplina nos cursos de formação de professores e de Pedagogia. Tal situação, muitas vezes, vai de encontro com à prática docente esboçada por muitos professores, em termos de liberdade da atuação para operar com os respectivos conteúdos (RODRIGUES, 2011, p. 158).

No entanto, como aponta este mesmo autor em sua análise sobre os planos e programas curriculares da disciplina História da Educação:

Se do ponto de vista formal, essas questões do ensino de História da Educação estariam presas aos rígidos esquemas de configuração da disciplina nos programas, por outro lado, os professores, demonstram flexibilidade e avanço na tentativa de mudança do referido ensino. Se, no entanto, não se processam em relação a esses aspectos, maiores modificações, isso se deve, provavelmente, muito mais às questões institucionais e formais do que aos trabalhos desenvolvidos pelos professores (RODRIGUES, 2011, p. 159).

Com o avanço das pesquisas nos PPGEs e de novos espaços institucionais como o Grupo de Trabalho de História da Educação da ANPEd (GTHE), Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE) e Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTEDBR) e de grupos de pesquisas regionais como a ASPHE - Associação Sul-rio-grandense de Pesquisadores em História da Educação, o GEPHE - Grupo de Pesquisa em História da Educação dentre outros, tem se observado a diversificação dos temas pesquisados, das metodologias e abordagens utilizadas nas pesquisas. Vem constituindo novas escritas referentes a História da Educação Brasileira, configurando uma tradição narrativa bem diversificada, observadas nas publicações que começaram a surgir a partir dos anos 2000.

Pelo que observamos na pesquisa realizada com alguns movimentos e desdobramentos da disciplina História da Educação I e II no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Espírito Santo, os debates que vinham ocorrendo em diversos grupos de pesquisas começaram a ser ventilados em ambas as disciplinas somente em finais dos anos de 1990. A partir dos anos 2000, percebe-se um deslocamento considerável em alguns programas de ensino de bibliografias resultantes de pesquisas ancoradas nas discussões historiográficas que já vinham ocorrendo desde os anos de 1990 nos grupos de pesquisa.

As mudanças incidiram principalmente na disciplina de História da Educação II, que trata em seu conteúdo programático da História da Educação Brasileira,

principalmente pela utilização dos textos existentes no livro *500 anos de educação no Brasil*, organizado por Eliane M. T. Lopes, Luciano Mendes de Faria Filho e Cynthia G. Veiga, lançado em 2000. Tais mudanças se alinham a um movimento de transformações na História da Educação, mais amplas, que segundo a produção científica de Carvalho (1998), Catani e Faria Filho (2002), entre outros, veio a se consolidar no final da década de 1990, impactando o seu ensino com mudanças e inflexões substanciais.

No período analisado correspondente a 1954 a 2000, a transformação mais significativa ocorrida na disciplina de História da Educação I se deu no início dos anos de 1980, quando a narrativa focada na história das ideias pedagógicas para análises históricas contextuais sobre a educação. A mudança narrativa ocorrida na disciplina ancorou-se na inserção de obras de cunho marxista como a de Aníbal Ponce no início dos anos de 1980 e posteriormente Maria Lúcia Aranha em 1989, e Mario A. Manacorda em 1992. Porém, consultando programas detalhados de ensino referentes ao período estudado, textos e trechos de algumas obras como as de Paul Monroe, Lourenço Luzuriaga, Francisco Larroyo, René Hubert e Frederick Eby, ainda circulavam com muita recorrência nas propostas programáticas para a disciplina de História da Educação.

Nos anos de 1990 houve um significativo investimento em pesquisas e publicações referentes à História da Educação Brasileira. Com relação à História da Educação Geral não houve um correspondente investimento referente a traduções de trabalhos publicados no exterior que partiam de outras perspectivas e abordagens teóricas, metodológicas e temáticas.

Na bibliografia indicada para as aulas de História da Educação I na documentação analisada entre 1989 e 1999, as obras "*História da Educação: da antiguidade aos nossos dias*", de Mário A. Manacorda (1989) e "*História da educação*", de Maria Lúcia de Arruda Aranha (1989), se destacam em sua inserção como textos de base para as aulas da disciplina.

Este cenário, que caracteriza a História da Educação Geral e seu ensino, levanta questões que precisam ser investigadas. Durante o levantamento realizado sobre as pesquisas e produções sobre o ensino de História da Educação, identificamos uma

escassez de pesquisas dedicadas à temática de História Geral da Educação, quando aparecem, enfocam a abordagem dada a determinados conteúdos por alguma obra que se constitui como referência bibliográfica para a disciplina.

Uma questão que merece ser investigada é como andam as pesquisas e os investimentos realizados pelos pesquisadores e grupos de pesquisa para fomentar pesquisas sobre a História da Educação Geral, como também, por parte das editoras o trabalho de traduções de obras internacionais, fundamentadas em pesquisas recentes sobre a História da Educação em outros países. Investiga-se também como estão se constituindo o debate internacional no âmbito da História da Educação, sobre a História da Educação Geral e a questão/destino das metanarrativas.

Recentemente, têm surgido algumas obras de História da Educação Comparada, que discutem a história ou a historiografia da educação em variados países. É possível que tal iniciativa possa contribuir com possibilidades investigativas sobre a História da Educação Geral ensinada nos cursos de Pedagogia.

5 O ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO CURSO DE PEDAGOGIA DA FFCLES E UFES: ABORDAGENS, PERIODIZAÇÕES E CONCEPÇÕES

Do processo de constituição da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras nos anos de 1950 até os desdobramentos da reformulação curricular do curso de Pedagogia da UFES ocorridos nos anos de 1990, a disciplina de História da Educação sofreu respectivamente às influências da Companhia Editora Nacional com seus Manuais de História da Educação e dos Programas de Pós-Graduação com suas produções de caráter acadêmico científico, ambas, cada qual em seus respectivos momentos históricos configuraram e reconfiguraram os conteúdos e as organizações programáticas, na disciplina de História da Educação.

Os programas das disciplinas analisados dentro de uma perspectiva histórica no capítulo 4 evidenciam, pelo seu caráter polifônico, intertextualidades e vozes que remetem a estilos de escritas, que marcam características diferenciadas do gênero discursivo histórico, produzidos em tempos e espaços distintos demarcando abordagens, períodos e concepções de História e Educação.

A editoração, publicação e socialização dos Manuais de Educação realizadas pela Companhia Editora Nacional e as pesquisas realizadas nos Programas Pós-graduação em Educação, posteriormente publicadas em forma de artigos e livros, apresentam estilos de escrita distintos e vinculam-se a diferentes cronotopos – definidos por Bakhtin (1998) como lugares/tempos fusionados nos quais ocorrem os encontros transformadores.

No caso específico da disciplina de História da Educação dos cursos de Pedagogia da FFCLES e da UFES, o fusionamento ocorre no texto, na relação dialógica que se estabelece com as obras de caráter historiográfico sobre a educação, que deixaram suas marcas não só nos programas de ensino com também nas mais variadas documentações ligadas ao trabalho docente que tivemos acesso, como por exemplo: textos obrigatórios e complementares, fichamentos, transparências, anotações dos professores, trabalhos e atividades realizadas pelos alunos, avaliações e relatórios de atividades.

As fontes consultadas foram abordadas e analisadas a partir de suas tessituras narrativas, que as configuram como complexas tapeçarias, cujos fios constituem zonas privilegiadas - sinais e indícios - que permitem decifrar uma realidade opaca, mergulhando nas fendas dos textos, nas suas entrelinhas e seus respectivos contextos (GINZBURG, 1989).

As abordagens filosóficas voltadas para as doutrinas pedagógicas, ideias e pensamentos de filósofos e educadores sobre a educação encontradas nos Manuais de História da Educação, hegemônicas entre os as décadas até a década de 1970 do século XX, e as surgidas nos Programas de Pós-Graduação em Educação no Brasil entre as décadas de 70 e 80 do mesmo século, fundamentadas em diferenciado aporte teórico-metodológico, constituem tradições de escrita e narrativas que marcaram dois momentos da História da Educação nos curso de Pedagogia da UFES, desde a sua criação na FFCLES.

As fontes consultadas trazem vozes que deixam suas marcas no *corpus* documental constituído por vários documentos, registrados ao longo da trajetória histórica tomada pela disciplina a partir dos anos de 1950. As vozes que povoam programas de ensino, resenhas de livros, avaliações, transparências, anotações de professores, atividades realizadas pelos alunos dentre outras, serão analisadas a partir das seguintes categorias de análise: Abordagens, Periodizações e Conceitos (Tempo, História e Educação).

A ciência histórica constituiu ao longo do tempo variadas formas de abordagens de seus objetos, temáticas e fontes, pois está inserida na própria história, e por este motivo os historiadores constituíram uma forte tradição de pesquisas sobre a produção do conhecimento histórico, denominada Historiografia. Nos estudos historiográficos são destacados, por sua relevância na constituição da ciência histórica, três matrizes interpretativas: o positivismo, marxismo e a escola dos *Annales*, cada qual com suas abordagens sobre a história. As três matrizes interpretativas e suas respectivas abordagens exerceram profundo impacto no ensino e na pesquisa sobre a História da Educação no Brasil.

O termo abordagem se torna mais presente no universo mental do historiador a partir do movimento denominado História Nova. Segundo Pinheiro (2011):

A palavra abordagem passou a fazer parte do universo dos historiadores e, mais particularmente dos historiadores da educação, a partir do momento em que perdeu a sua compreensão originada do censo comum, isto é, como ato ou efeito de abordar; como qualquer tipo de aproximação, como modo de lidar com algo, ou ainda como ponto de vista sobre uma questão (HOUAISSM, 2007), e passou a ter um significado que, sinteticamente é possível definir como a "[...] maneira ou método de enforçar ou interpretar algo". Assim, é com essa última acepção que o termo ganhou uma representatividade singular no contexto de um dos mais importantes movimentos de renovação historiográfica, processada a dos meados do século XX. Todavia, a expressão, associou-se, ou melhor, foi associada a outras duas, quais sejam: problema e objeto, formando, assim uma tríade emblemática do referido movimento que passou a ser conhecido, genericamente como História Nova (p. 247).

Partindo da compreensão de abordagem como um método de interpretar algo, buscamos analisar as abordagens que configuram o ensino de História da Educação nos cursos de pedagogia da FFCLES e da UFES entre os anos de 1951 e 2000.

Como aponta XAVIER (2011),

[...] consideramos relevante alertar para o fato de que as fronteiras que definem diferentes modos de ver e explicar a História da Educação brasileira são menos nítidas do que muitas vezes podem aparentar, pois cada vertente de análise e interpretação contém, em sua constituição, aspectos de diálogo, de oposição e de superação em reação a outras matrizes. Sendo assim, elas se diferenciam, justamente, na relação com as demais, entrelaçando-se ao mesmo tempo em que procuram se diferenciar umas das outras (p. 19).

Os historiadores, na análise do passado, lançam mão de uma operação conhecida como periodização. Tal procedimento concentrou a atenção dos historiadores com maior intensidade, a partir do século XVIII, com os pensadores iluministas e suas pretensões de uma história universal buscando a legitimação da teoria do contrato social, como também do surgimento de uma concepção global de progresso no pensamento historiográfico inglês no contexto da revolução industrial (FONTANA, 2004).

O procedimento da periodização é bastante antigo. Le Goff (1994) analisa, a partir do conceito de Idades Míticas, a concepção de tempo cíclico desenvolvido em sociedades antigas e encontrados em seus mitos ou textos religiosos, como os povos guaranis, maias, gregos e hindus.

Em meio às periodizações cíclicas começam a surgir, principalmente no interior do pensamento judaico cristão, uma periodização fundada numa concepção de tempo linear, irreversível e teleológico, ao introduzir a concepção de *salvação futura*

prevista nas escrituras no lugar da *redenção na origem* propostos nos rituais e concepções míticas (BARROS, 2013).

Segundo Le Goff (1994) foi a partir dos séculos XVIII e XIX que as Idades Míticas começam a desaparecer e parecem não passar de termos literários e metafóricos. No entanto, elas deixaram marcas profundas com relação a ordenação do tempo realizada pelos historiadores.

As teorias das Idades Míticas introduziram, no tempo e na história, a ideia de período e, ainda, a ideia de uma coerência na sucessão dos períodos, a noção de periodização. Como corolário, uma questão: como e porque razão se passa de um período a outro? Daí decorre toda uma série de problemas essenciais: os da *transição, do motor da história* e, evidentemente, do *sentido da história*. É certo que as concepções das Idades Míticas peçaram o pensamento histórico de dados tão mistificadores ou demolidores como revolucionários. Do ponto de científico, conseguiu-se um grande progresso quando a periodização deixou de estar ligada às idades, miticamente valorizadas ou desvalorizadas. Foi no século XVI que apareceram dois sistemas de periodização que marcaram uma viragem na ciência histórica. Um, é a divisão tripartida da história da humanidade em história antiga, história medieval e história moderna. O outro, é a definição aritmética do século em cem anos, por oposição à noção sagrada, mítica, de saeculum (LE GOFF, 1994, p. 319).

Quando do surgimento, no Iluminismo, de um pensamento historiográfico voltado para a construção de uma História Universal assentada na concepção de progresso, as periodizações tornaram-se o centro de interesses e debates dos Historiadores.

O propósito do discurso sobre a história universal é apresentar um quadro coerente da sucessão dos grandes períodos da história do mundo, logicamente ordenada. Neste quadro panorâmico proporcionado pela periodização, a sociedade a qual pertencia o historiador é apresentada como o ponto culminante de toda a história do mundo: é o discurso encontrado em Bossuet, Santo Agostinho, Voltaire, Gibbon, Toynbee e o marxismo acadêmico russo dos modos de produção, dentre outros (CHESNEAUX, 1994).

Para Chesneaux (1994) a periodização, neste contexto de análises sobre o discurso da história universal:

É uma extensão, um refinamento da diacronia. O historiador não se limita a privilegiar a sucessão dos fatos no tempo, sua "genealogia": sua tarefa principal será organizar e dar ritmo a esse fluxo do tempo, nele resgatar as articulações, as etapas mais ou menos estáticas e as acelerações, os "períodos". Esse tipo de análise faz partir da velha nostalgia do "discurso sobre a História Universal" [...]. A mania da periodização é reforçada ainda pela prática pedagógica: a partir do momento em que o único objetivo da

história é dar um quadro neutro de sequência do tempo, cujo desenrolar se efetuará externamente a nós (CHESNEAUX, 1994, p. 71).

Este mesmo autor chama a atenção para os conteúdos ideológicos e os interesses políticos que se podem esconder nas periodizações, ao analisar a clássica quadripartição da história universal. No entanto, a periodização, por mais arbitrária e ideológica que possa ser, se constitui como uma forma de ordenação analítica e sintética que aponta para outras questões vinculadas ao trabalho do historiador em um contexto de maior complexidade da produção do conhecimento histórico e da historiografia.

Em toda periodização se intromete a ideia do mundo do historiador ou filósofo. Uns preferem periodizar segundo critérios econômicos, outros, como Troeltsch, marcam os períodos baseados nas transformações espirituais e culturais ou nas suas relações com as modificações econômicas, e outros, finalmente, como von Below, de acordo com a tradição, preferem apoiar-se nas modificações políticas (RODRIGUES, 1969, p. 116).

À medida que a historiografia foi se tornando mais complexa com a produção das especialidades e do fenômeno de multiplicação de espaços interdisciplinares no interior da História, os historiadores precisaram pensar sobre o seu próprio campo de estudos em termos de modalidades internas. Era preciso organizar o enorme espaço de saberes historiográficos que foi sendo gerado, pela ampliação das fontes, multiplicidade temática, diálogos interdisciplinares, novos métodos e aportes teóricos (BARROS, 2013).

Segundo Barros (2013), os Campos Históricos são modalidades no interior da História que estabelecem conexões umas com as outras diante dos vários objetos de estudo dos historiadores, surgindo as subespecializações da História (História Econômica, História Cultural, Micro-História, História Quantitativa dentre outras).

É importante ressaltar as implicações do aumento da complexidade a produção de conhecimento na História, a partir do século XX, e a constituição da organização dos campos históricos, na operação das periodizações, dentro dos critérios de temporalidade e espacialidade.

O critério das Temporalidades gera modalidades como História Antiga, História Medieval, História Moderna, História Contemporânea. O critério das Espacialidades gera modalidades como História Europeia, a História da América, a História da África, a História do Brasil, ou as inúmeras histórias de realidades nacionais específicas [...]. Outras divisões relacionadas a espacialidade também podem ser pensadas, como a "História do Ocidente"

ou "História do Oriente" (conceitos que sempre precisam ser problematizados, pois bem que poderia ser pensada uma "História do Hemisfério Sul" por oposição a uma "História do Hemisfério Norte", se olhássemos para o planeta de acordo com uma outra leitura geopolítica). Por fim é possível combinar "temporalidades" e "espacialidades" para gerar denominações específicas de modalidades históricas como "História da América Antiga", a "História do Brasil Império" ou a "História do Brasil República" (BARROS, 2013, p. 214).

O recurso à periodização é utilizado por vários historiadores vinculados a escolas e paradigmas historiográficos distintos em várias regiões e países. Dentro dos critérios temporais e espaciais de periodização que se vinculam as subespecialidades dos chamados Campos Históricos, destacamos os estabelecidos na História da Educação, que, tradicionalmente, dentro de uma perspectiva histórica, tem perseguido marcos interiores ao seu objeto, tendo em vista a predominância de demarcações externas, seja de caráter filosófico, econômico ou político.

Do que foi apontando até o momento, periodizar pode ser definido como um trabalho de divisão por períodos para efeito de análise de uma grande unidade temporal, que por seu conteúdo e substância se liga a uma unidade, e que, justamente por isso, se destacam dos períodos que precedem ou o seguem. A periodização é um procedimento condicionado pela concepção de mundo do historiador.

As periodizações e abordagens vinculam-se de forma direta aos Campos Históricos, que por sua vez recebem o influxo das chamadas Escolas e Paradigmas Historiográficos. Tais influxos configuram e tencionam um olhar e uma certa concepção de História e Educação. Importante que dentro de um determinado Paradigma Histórico as concepções de Tempo, História e Educação podem possuir nuances diferenciadas, vinculadas a realidades sócio-históricas e políticas vividas pelos historiadores que colaboraram na construção do Paradigma em seus respectivos países, como por exemplo o Positivismo e o Marxismo.

O Tempo é concebido no Paradigma Positivista dentro dos princípios da ordem e do progresso, marcado pela linearidade que caminha do passado em direção ao futuro de forma progressiva e teleológica. A concepção de Tempo nas historiografias positivistas francesa e alemã sofre diferenciações oriundas da influência Iluminista na França e Hegeliana na Alemanha. Na historiografia francesa o tempo em sua marcha progressiva e linear é cravejado por evolução e revoluções; já na historiografia alemã, prevalece o caráter evolutivo dos eventos (BARROS, 2013).

No Paradigma Positivista, Leopold von Ranke, historiador alemão, considerava que a História era conduzida pelas ideias e configurava-se com a realização das forças espirituais. A História era o reino do espírito, que se manifestava de forma individual através dos eventos que se expressam no Estado, na Cultura e na Religião, prenes de sentidos em suas estruturas internas e que se interconectam (REIS, 1999).

Fustel de Coulanges, historiador francês, compreendia a História a partir de um fundamento teológico, onde Deus era o primeiro motor que articulava as peças de uma sociedade dispersa em indivíduos e de um universo fragmentado em povos. Assumindo a função do progresso, a atividade dos homens canaliza-se através das nações que são o componente fundamental da sociedade, ou seja, é o povo-nação e seus líderes que, instalados no Estado, fazem a História (FONTANA, 2004).

No Paradigma positivista a educação era concebida como promotora da conciliação social e do respeito à hierarquia social. Através da educação laica e universal ocorreria a apropriação individual dos valores do conhecimento em prol da ordem e do progresso. A obediência desenvolveria então a sujeição que manteria a unidade, fator fundamental ao estabelecimento da ordem, colocando o povo a serviço do progresso. Na Alemanha de Ranke este processo se conduziria a partir do Estado, da Cultura e da Religião, influenciados pela filosofia de Hegel e pela opacidade do Espírito. Na França de Coulanges, também se conduziria a partir do Estado, no entanto, regidos pelo povo-nação e seus líderes (REIS, 1999; FONTANA, 2004).

No Paradigma Marxista, o Tempo é compreendido dentro dos princípios dos modos de produção e da luta de classes, que compreendem duas temporalidades em um tempo que segue linearmente do passado para o futuro e teleologicamente para uma sociedade sem classes, correspondente ao modo de produção socialista. Nesta concepção, a temporalidade da história da luta de classes e a temporalidade dos modos de produção se relacionam dialeticamente. A temporalidade da história da luta de classes é alimentada por contínuas tensões dialéticas; já a temporalidade dos modos de produção corresponde a estruturas e sistemas, com seu próprio padrão de racionalidade e organização. Neste caso, a transição de um modo de produção para outro se dá através das revoluções (BARROS, 2013).

A concepção de História no materialismo histórico fundamenta-se na ideia de tempo linear, dialético e teleológico, em que confluem duas temporalidades: a dos modos de produção e a das lutas de classe. A História para Marx é a História da luta de classes, uma luta oriunda da desigualdade expressa pelas classes sociais, em que ocorrem relações de domínio e opressão. Compreendendo a luta de classes como motor da História, Marx coloca o homem como seu agente transformador, mesmo diante dos condicionantes econômicos, sociais e culturais de seu tempo.

A concepção de Educação para Marx parte de uma crítica do papel da Educação na sociedade de classes: sua função, segundo Marx, seria a manutenção da hierarquia social. Para atingir um propósito transformador e viabilizar a emancipação, Marx propõe a integração entre ensino e trabalho, no que ele denominou ensino politécnico, através do qual o indivíduo poderá sair da alienação crescente e se emancipar. A educação era compreendida a partir do princípio transformador, pois como instrumento de conhecimento, contribuiria para a transformação social (GADOTTI, 1984).

Analisando a trajetória histórica da História da Educação na FFCLES e na UFES, a partir dos parâmetros programáticos propostos para a disciplina, identificamos dois momentos bem delineados que a marcaram e que não correspondem aos marcos legais de transformação curricular e mudanças institucionais. Estes dois momentos são marcados pela influência de duas tradições diferenciadas de produção e escrita da História da Educação, que correspondem à narrativa historiográfica oriunda dos Manuais de História da Educação e das que se originaram dos Programas de Pós-Graduação em Educação que surgiram no Brasil.

Nos programas de ensino, podemos observar que, da criação do curso de Pedagogia da FFCLES até finais da década de 1970, as concepções que emergiam dos documentos consultados os vinculavam à tradição de escrita e narrativa dos Manuais de História da Educação. A partir dos anos de 1980, os programas de ensino evidenciam vestígios e marcas de outra tradição de escrita e narrativa, tributárias dos programas de Pós-Graduação em Educação, que perdurou até finais de 1990 e início de 2001, momento em que outra tendência começa a reconfigurar a disciplina na Universidade Federal do Espírito Santo.

A partir de 2001, alguns programas da disciplina História da Educação II trazem algumas marcas e sinalizam mudanças referentes à incorporação de obras na bibliografia, resultantes de investigações nos grupos de pesquisas que vieram a se consolidar durante os anos de 1990, vinculados às novas perspectivas historiográficas como a História Nova e a História Cultural. Com relação à disciplina de História da Educação I, os programas de ensino consultados entre 2001 e 2010, não continham mudanças significativas.

No contexto do arco temporal da segunda metade do século XX buscaremos analisar as Abordagens, Periodizações e Conceitos de Tempo, História e Educação que emergem das mais variadas fontes documentais consultadas sobre a disciplina em suas três configurações: História da Educação, História da Educação I e História da Educação II. Para esta análise, agruparemos e analisaremos as fontes documentais a partir dos dois períodos já referidos e que constituem claramente momentos distintos de configuração da disciplina de História da Educação no Curso de Pedagogia.

A documentação encontrada e consultada referente à disciplina de História da Educação no período pesquisado que vai da criação da FFCLES em 1951 ao ano de 2000, com o curso de Pedagogia já vinculado a UFES, foi bastante variada. No caso da FFCLES, encontramos programas de ensino, descrições dos conteúdos ministrados, pontos a serem sorteados para os exames os exames parciais e finais, e apenas uma lista contendo a bibliografia utilizada no ano de 1967. Com relação a documentação referente à disciplina no curso de Pedagogia na UFES, o corpus documental se amplia consideravelmente, com transparências, anotações de professores, trabalhos de alunos, entrevistas, avaliações, programas de ensino, bibliografias, programas de ensino detalhado, resumos e sínteses de determinados conteúdos.

A partir da articulação e análise dos documentos consultados é que investigaremos as Abordagens, Periodizações e os Conceitos de Tempo, História e Educação que emergem da disciplina História da Educação no período investigado. Considerando a polifonia das fontes, pretendemos identificar as vozes que estão presentes nas categorias que estabelecemos para análise, de forma a se ter uma melhor

compreensão do processo dialógico que constituiu historicamente a disciplina de História da Educação nas instituições de ensino superior pesquisadas.

Os programas de ensino e as bibliografias sugeridas se constituem um bom ponto de partida para mapearmos e analisarmos as abordagens que emergiram na disciplina de História da Educação investigadas. Entre os anos de 1951 e 2000, é possível agrupar os programas consultados pelas características formais que assumem na estrutura e disposição dos conteúdos, como também pelo próprio conteúdo proposto. A partir deste agrupamento, podemos analisar a intertextualidade presente nos programas e relacioná-los as bibliografias sugeridas e outras fontes documentais, rastreando os tipos de Abordagens, Periodizações e Conceitos de Tempo, História e Educação.

Analisando os programas de ensino de História da Educação e suas respectivas bibliografias entre 1951 e 1979, identificou-se uma característica em comum: *a organização dos conteúdos programáticos a partir dos Manuais de Ensino de História da Educação.*

Apesar das alterações verificadas nos programas de ensino de História da Educação, a abordagem dada aos conteúdos, expressa nos programas, se mantém até finais de 1970 e início de 1980. A presença hegemônica dos Manuais de História da Educação nas referências bibliográficas evidencia a forte influência que os mesmos exerciam. Isto pode ser observado não só através da intertextualidade em que trechos do sumário de alguns manuais são transpostos para o programa de ensino, como apontado no capítulo anterior, mas também pelos conteúdos e a respectiva abordagem apresentados nos programas.

O programa de 1955 de História da Educação para o terceiro período, e os de 1978 referentes à História da Educação I e II, são representativos da questão que estamos apontando.

A organização do programa de ensino de História da Educação proposta para 1955 segue a estrutura das propostas de Theobaldo Miranda Santos em seu livro "Noções de História da Educação".

A idéia que se faz de Deus é sempre o postulado fundamental de toda concepção de vida. E, sob esse aspecto, podemos distinguir três

concepções básicas de vida, correspondendo a cada uma delas uma atitude do homem em face do problema divino.

a) a concepção, pagã de vida, em que o homem confunde Deus com o mundo e consigo mesmo;

b) a concepção transcendentalista de vida, em que o homem considera Deus como realidade suprema e distinta de si mesmo e do mundo.

c) a concepção naturalista da vida, em que o homem nega Deus, imanente ou transcendente, e considera ele próprio e o mundo como as únicas realidades existentes. (SANTOS, 1945, p.19-20).

No caso do programa de ensino proposto para 1978 para História da Educação I percebe-se uma forte influência das obras "*História da Educação*", de Paul Monroe e "*Noções de História da Educação*", de Afrânio Peixoto.

Em seu livro, Monroe (1939) inicia, por exemplo, os capítulos sobre Grécia e Roma realizando uma caracterização geral da educação romana e grega, para logo em seguida descrever os períodos que marcaram a educação nestas duas civilizações.

No caso de Peixoto (1933) pode-se observar a estrutura do conteúdo de seu livro, fundamentada na evolução das ideias pedagógicas e centrada nos grandes pensadores da história filosófica e pedagógica. O autor parte da sincronia histórica da civilização para depois analisar os fatos e nomes da história da educação, realizando uma suma das ideias educacionais. A estrutura de seu livro segue a estrutura de seu programa de ensino para a disciplina de História da Educação.

O programa de 1929, por exemplo, continha 33 pontos. Os dois primeiros procuravam chamar atenção para a importância da educação e da História da Educação. Os demais exprimem o caráter enciclopédico do curso, iniciando na educação oriental, passando pelos antigos, Idade Média, Moderna e Contemporânea. A „enciclopédia” chama atenção para saberes, personagens e movimentos, como para a pedagogia monástica, cartesianismo, método intuitivo, filantropia, idealismo, positivismo, evolucionismo, pedagogia científica e escola nova, por exemplo. No que se refere ao seu presente, quatro experiências são destacadas: Japão, EUA, Alemanha e Brasil. Com a apresentação dos grandes educadores, uma descrição sumária de suas ideias, chamando a atenção para o valor do exemplo dos „professores” de energia, procurou-se ensinar História da Educação Brasileira, na parte final do texto. (ASCOLANI; GONDRA, 2009, p. 53).

Os manuais de História da Educação constituem-se como um gênero discursivo que remete às tradições narrativas inauguradas por Émile Durkheim, Gabriel Compayré e Wilhelm Dilthey. Tais autores, ao escreverem os manuais, constituíram uma narrativa objetivando atender às demandas práticas da Pedagogia no que se refere

ao tratamento do espírito Humano, marcado por lições sobre o passado, descrições de acontecimentos, de civilizações, de ideias e práticas educativas e doutrinas pedagógicas (ROBALLO, 2012).

Entre 1951 e 1969 podemos verificar um amplo leque de conteúdos sendo abordados a partir da perspectiva eurocêntrica. As civilizações que forjaram o continente europeu são colocadas no centro de um fluxo narrativo que vai do primitivo ao civilizado. As civilizações que se destacam e recebem um maior espaço no conteúdo programático são as civilizações Greco-Romana, Cristã e Medieval, a Renascentista e a Iluminista. A partir do século XIX ganham destaque os movimentos nacionalistas e renovadores da educação.

A exposição dos conteúdos, que ocorria a partir da exposição do pensamento pedagógico inserido em sistemas filosóficos nos mais variados momentos históricos das sociedades europeias, permaneceu predominante durante todo o período. A História a Educação, como apontam Nunes (1996) e Warde (1998), tinha uma ação e um efeito doutrinário fundamentado nos pressupostos cristãos, expressando a permanência de uma civilização cristã. Partindo deste pressuposto, do caráter doutrinário e cristão da disciplina, torna-se compreensível que nas sociedades não cristãs a estrutura e os sistemas educativos ganhem relevo enquanto conteúdo, e nas sociedades cristãs, as doutrinas e o pensamento pedagógico se tornem mais importantes, pelo seu papel na formação do espírito, fundamentado nos princípios e valores cristãos.

A *Abordagem* predominante segue eurocêntrica, cronológica e linear sobre os sistemas e processos educativos das principais sociedades que se tornaram os pilares da civilização moderna, em uma lógica progressista que vai da barbárie a civilização. Com características claras de diluição da disciplina de História da Educação Geral na filosofia da educação, a exposição de valores éticos e morais produzidas por pensadores que representariam a síntese do pensamento da época. A missão da Faculdade de Filosofia era a de "[...] criar uma elite sequiosa da verdade suprema: Deus"⁴⁰.

⁴⁰ Fonte: FFCLES. *Relatórios do segundo período 1955*. Vitória: Almojarifado do CEG/UFES, 1955.

As Periodizações identificadas nos programas de ensino de História da Educação, seja para os segundos e terceiros anos, ou na formatação das disciplinas de História da Educação I e II, no período entre 1951 a 1979, organizam os conteúdos a partir de critérios variados – não se consegue observar um critério que abarque todo o período a ser estudado.

Esta variedade de marcos sinaliza critérios diferenciados que evidenciam uma intertextualidade com os Manuais de História da Educação, mais especificamente trechos retirados de sumários de obras como as de Paul Monroe, L. Luzuriaga, Theobaldo Miranda, Afrânio Peixoto dentre outros.

- **Periodização definida no programa de 1955:** A Educação dos Povos Primitivos; A educação nas culturas orientais; Educação na Cultura Greco-Latina; A Influência do Cristianismo; A educação na cultura ocidental; Educação Medieval; Transcendentalismo Pedagógico; Medievalismo Pedagógico; Naturalismo Pedagógico.
- **Periodização definida no Programa de 1958:** A educação nas sociedades primitivas e nas primeiras civilizações; Educação Grega; Educação romana; Influência do Cristianismo sobre a educação; Educação Leiga na Idade Média; Síntese dos aspectos educacionais da Idade Média; A educação Renascentista; A Reforma e a Educação; O realismo Educacional; O conceito disciplinar de educação; Racionalismo e Naturalismo, A tendência Psicológica em educação; A educação científica; Correntes diversas da educação nos últimos tempos; A educação no Brasil.
- **Periodização definida para o Programa de História da Educação I de 1978:** Antiguidade Clássica; Educação Romana; Idade Média; A educação Dos Mosteiros; Carlos Magno; A Educação Feminina e Jogos e Desportes na Idade Média; As Universidades Medievais; O Renascimento: Caracterização Histórica Geral; O Brasil do Renascimento.
- **Periodização definida para o Programa de História da Educação II de 1978:** Origens da Ciência Moderna e Educação; Iluminismo; O Brasil e o Iluminismo Pombalino; Herbert Spencer e o Cientificismo Pedagógico; Os grandes representantes da Pedagogia do Século XX; Etapas da História da Educação Brasileira; Pedagogia do Futuro.

O que podemos extrair de tais Periodizações é a perspectiva em comum de uma História linear que apresenta a evolução do pensamento filosófico e científico sobre a Educação e seus principais expoentes. Nesta forma de organizar a História da Educação, as instituições e os processos educativos se tornam manifestações do pensamento filosófico e pedagógico, perspectiva que implica uma compreensão de Tempo.

Da Periodização e da Abordagem que configuraram a disciplina de História da Educação emerge uma concepção de Tempo que transcorre dentro da lógica historiográfica da história universal e da civilização, enfocando aspectos da cultura e do pensamento. Tal enfoque parte do primitivo compreendido como primeiro estágio do desenvolvimento da humanidade, passando pelas primeiras civilizações orientais e seguindo em direção a antiguidade clássica ao período medieval e a influência do cristianismo. O avanço da civilização segue em direção ao renascimento e ao resgate da cultura clássica, marcado pela reforma e contra reforma, em direção ao iluminismo e aos movimentos renovadores educacionais. Paralelo a esta descrição linear rumo ao progresso e a civilização, surgem as doutrinas filosóficas e educacionais expressas no pensamento de filósofos e pensadores.

A concepção de História que norteia a narrativa da História da Educação das ideias educacionais vincula-se ao Paradigma Histórico Positivista alemão. É uma História conduzida pelas ideias e pela realização das mesmas através de eventos, que, neste caso, se manifestam nas instituições práticas educacionais, expressão das ideias e do espírito.

A disciplina de História da Educação, influenciada pelos manuais de História da Educação, era marcada pela repetição de ideias essenciais. A maior delas, segundo Roballo (2012), era reiterar a ideia de que a História da Educação é um estudo do passado e também um meio de explicar o presente, além de prever o futuro. Além disso, uma de suas funções era transmitir e perpetuar apenas o que, ao longo dos séculos, permaneceu, prosseguiu – na forma pública, memorável e modelar –, e se cristalizou por meio de obras, dos homens tidos como grandiosos e das civilizações elevadas à condição de magníficas.

Da concepção de História podemos depreender uma concepção de educação voltada para a formação do caráter, o desenvolvimento de virtudes morais, valores sociais e cívico-patrióticos, da ordem, do asseio, da honestidade e do respeito. Uma concepção de Educação conciliadora e promotora de um progresso sem conflitos.

A partir de 1980 vários documentos apontam para uma profunda mudança na abordagem e nos conteúdos ministrados na disciplina de História da Educação I e II, fruto da influência dos debates ocorridos no âmbito educacional no final dos anos de

1970 e da literatura acadêmica que começava a circular, oriunda dos Programas de Pós-Graduação no Brasil. Analisando a documentação referente às disciplinas de História da Educação I e História da Educação II, podemos verificar que as mudanças ocorridas perduraram até o final dos anos de 1990, no caso de História da Educação II, chegando a avançar pelo século XXI na disciplina de História da Educação I.

Em um primeiro momento analisaremos a abordagem que marcou a disciplina de História da Educação I, no período que vai de 1980 a 2000. Em seguida, trataremos da disciplina História da Educação II dentro do mesmo recorte temporal.

No decorrer dos anos 80 e 90 do século XX, a partir dos resumos, transparências e atividades elaboradas para a disciplina de História da Educação I, observa-se o crescimento do diálogo com autores vinculados aos Programas de Pós-Graduação em Educação e História no Brasil, e com autores estrangeiros vinculados à historiografia marxista, com destaques para: Ciro Flamarion S. Cardoso; Carlos R. Brandão; Barbara Freitag; Leo Huberman; Luiz Eduardo Wanderlei; Luiz Antônio Cunha; Rubim S. L. de Aquino; Edith Sichel; Aníbal Ponce; Vavy Pacheco Borges; Maria da Glória Rosa; . Paulo Ghiraldelli Jr; Maria Lúcia de Arruda Aranha e Mario A. Manacorda⁴¹.

No *corpus* documental referente à disciplina de História da Educação I, foram encontradas algumas transparências⁴² utilizadas no decorrer das décadas de 1980 até 1999. Tais transparências evidenciam a forma como alguns autores foram articulados para a fundamentação das aulas a serem ministradas, tanto em forma de citações, como em forma de sínteses de um determinado conteúdo a partir de alguns autores.

Uma das transparências enfoca os povos orientais como representantes do tradicionalismo pedagógico, entendido como mera transmissão de bens culturais, na comunicação de conhecimentos, usos e costumes do passado. As fontes para a

⁴¹ Fonte: *Programa de Ensino de História da Educação I (1990)*. Pasta: Programas de Ensino de História da Educação I. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo pessoal 1990, Caixa 2, 1990 – 2000.

⁴² Fonte: Pasta: *Transparências*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal. 1990, Caixa 1 1975 - 1990; Caixa 2 1990 – 1995; Caixa3, 1995 - 2000.

elaboração desta primeira lâmina são *História da Educação*, de Paul Monroe, *História Geral da Pedagogia*, de Francisco Larroyo e *O que é educação*, de Carlos R. Brandão.

Traz como exemplos de civilizações tradicionalistas:

- **Egito – Tradicionalismo Realista:** Educação Prática – orientação técnica e profissional;
- **Índia – Tradicionalismo Filológico:** Processo Educacional – exige interpretação gramatical dos textos sagrados;
- **China – Tradicionalismo Burocrático:** Finalidade da Educação – preparação de funcionários;
- **Babilônia – Tradicionalismo Mágico:** O mago – exemplo de perfeição e poder;
- **Palestina – Tradicionalismo Teocrático:** Finalidade da Educação – Formar fiéis servidores de Deus;
- **Pérsia – Tradicionalismo Nacionalista:** Centraliza em suas tradições os valores do Estado de da Pátria.

Outra transparência refere-se a uma citação de Friedrich Engels, subtraída do livro de Rubim S. L. de Aquino, *História das Sociedades: das comunidades primitivas, às sociedades medievais*, e algumas características das primeiras civilizações.

Desde que a civilização se baseia na exploração de uma classe por outra, todo o seu desenvolvimento se processa numa constante contradição. Cada progresso na produção é ao mesmo tempo um retrocesso na condição da classe oprimida, isto é, da imensa maioria. Cada benefício para uns é necessariamente um prejuízo para os outros (...). (Engels, In: Aquino, p. 73).

Uma transparência intitulada *Civilizações Orientais* é constituída por quatro citações tiradas da obra “*História da Educação*”, de Thomas R. Giles.

“(…) representam uma ponte entre o passado arcaico e a evolução futura da civilização ocidental, sobretudo devido à maior sistematização do processo educativo”

“As vantagens da escola formal limitam – se às classes que detém o poder – no caso, aos filhos dos escribas e dos chefes religiosos”

“A técnica predominante no ensino era a da memorização e da repetição”

“As virtudes que tinham que aprender eram o silêncio, a obediência e a diligencia, a abstinência e a reverencia para com o passado”

Analisando alguns Conteúdos Programáticos⁴³, caracterizados pela descrição da unidade de conteúdo seguida pela bibliografia sugerida, conseguimos identificar os autores propostos para se trabalhar unidades da disciplina História da Educação I. Os conteúdos programáticos detalham dois Programas de Ensino diferentes, referentes aos anos de 1983, 1984, 1985, 1986 e 1988, 1989.

Somente no conteúdo programático de 1983 se destaca obra de Francisco Larroyo, *História Geral da Pedagogia*, que foi proposta como leitura básica para quase todas as unidades programáticas, como por exemplo, nas unidades: As origens da Educação, Educação Clássica (Grécia e Roma), Educação na Idade Média, Educação Humanista e Reformada etc. Em outros Conteúdos Programáticos referentes a 1984, 1985, 1986, 1988 e 1989, o livro *História e Luta de Classes*, de Aníbal Ponce, é proposto como bibliografia básica para quase todas as unidades programáticas: Educação Primitiva, Educação nas Civilizações Orientais da Antiguidade, A educação Greco-Romana, A educação humanista – renascentista e sua transplantação para o Brasil.

Junto à obra de Anibal Ponce identificamos como indicações bibliográficas de leitura as obras de Carlos Rodrigues Brandão, Edith Lichel, Rui Alonso da Costa Nunes e Maria da Glória Rosa. Como evidenciado nas transparências consultadas, vários outros autores estavam presentes, a partir de citações e sínteses, com o objetivo de fomentar debates e diálogos. A par da interação proposta e efetivada com outros autores, podemos observar o predomínio da obra de Aníbal Ponce, *Educação e Luta de Classes*, como referência bibliográfica básica nos anos de 1980 para a disciplina de História da Educação I.

Na década de 1990 os Programas detalhados de ensino de História da Educação I consultados indicam, junto com a obra de Aníbal Ponce, o livro de Maria Lucia de Arruda Aranha, *História da Educação*, como bibliografia complementar, e algumas vezes básicas para várias unidades do programa.

⁴³ Fonte: *Conteúdos Programáticos História da Educação I. 1983, 1984, 1985, 1986, 1988, 1989*. Pasta: Conteúdos Programáticos História da Educação I. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Caixa 1, 1975 - 1990.

Entre 1990 e 2000 foram identificados e consultados programas de ensino detalhados referentes à disciplina de História da Educação I, correspondentes aos semestres 1993/1, 1994/2, 1995/1, 1997/1e2, 1998/1e/2, e 2000/1⁴⁴. Em todos observa-se a presença das obras de Aníbal Ponce e Maria Lucia de Arruda Aranha; a primeira, hegemonicamente como referência bibliográfica básica obrigatória, e a segunda como bibliografia complementar para as unidades de ensino.

As obras de Maria Lúcia de Arruda Aranha, *História da Educação*, e de Aníbal Ponce, *Educação e Luta de Classes*, são propostas para as unidades: História e Educação, Educação Primitiva, Educação nas Civilizações Orientais, Educação Greco-Romana, Educação Medieval e A educação humanista – renascentista e sua transplantação para o Brasil. Nos documentos, constam alguns autores que aparecem algumas vezes como bibliografia básica, mas na maioria aparecem como bibliografia complementar: Paulo Ghiraldelli Jr, Evaldo Vieira, Eliane Marta Teixeira Lopes, Bernard Charlot, Neidson Rodrigues, Paulo Freire, Demerval Saviani, Babette Harper, Francisco Larroyo, Roger Gal e Leo Huberman.

Dentre a documentação investigada, encontramos várias avaliações de leitura e provas finais, correspondentes aos semestres 1983/2, 1985/1, 1986/1, 1988/1, 1990/2, 1993/1 e 2, 1994/2, 1995/2, 1997/1 e 1998/1⁴⁵. Boa parte das avaliações de leitura, como também das provas finais, traziam citações dos autores referenciados nas bibliografias propostas para leitura das unidades para serem interpretadas e comentadas. Outras avaliações, por sua vez, traziam questões abertas para análise sobre um determinado período.

Nas citações encontradas nas avaliações, é possível identificar a predominância de citações retiradas da obra de Aníbal Ponce, seguidas de citações das obras de Francisco Larroyo, Carlos Rodrigues Brandão, Leo Huberman, Rubim S. L. de Aquino, Vavy Pacheco Borges e Roger Gal, na década de 1980. A partir de 1990 encontramos inúmeras citações referentes a obra de Maria Lúcia de Arruda Aranha nas avaliações.

⁴⁴ Fonte: *Programas detalhados de Ensino de História da Educação I*. Pasta: Programas de Ensino de História da Educação I. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Arquivo Pessoal, 1990, Caixa 2, 1990 – 1995 e Caixa 3 1995 - 2000.

⁴⁵ Fonte: Avaliação das leituras. Pasta: *Atividades Avaliativas de História da Educação I*. Acervo Pessoal, Caixa 1 1975 - 1990; Caixa 2, 1990 – 1995; Caixa 2 1995 - 2000

Avaliação das leituras: Unidade V - Educação Medieval.

1. “No domínio intelectual, a fundação das Universidades equivaleu à outorga de uma nova carta de franquia à burguesia”. (Ponce)
2. “Em relação ao povo, os humanistas só demonstram desprezo, injúria e sarcasmo”. (Ponce)
3. “Interprete da Burguesia em grau maior do que pensava, Lutero compreendeu a estreita relação que existia entre a difusão da rede escolar e a prosperidade econômica” (Ponce) ⁴⁶.

Avaliação das Leituras: Unidade III - Educação Greco-Romana.

1. Explicitar o papel da educação na sociedade grega, tomando como ponto de partida para análise das afirmativas:

“A educação do Jovem livre vai em direção à teoria, que é o saber do nobre para compreender e comandar, não para fazer, curar ou construir”. (Brandão)

“Não há preocupação com o ensino profissional (...)” (Aranha).

2. Analisar o papel da educação na sociedade romana, de modo geral, e o papel exercido pelo professor, particularmente após o surgimento do ensino oficial, a partir das seguintes afirmações:
 “Muito mais do que a Grécia, a educação da criança é uma tarefa doméstica.” (Brandão).
 “O retor seguia as pegadas do general vitorioso, da mesma forma que o general seguia as pegadas dos comerciantes (...)” (Ponce) ⁴⁷.

Avaliação das Leituras: Unidade V - A Educação Humanista – Renascentista e sua transplantação para o Brasil.

1. Para Gal, “num certo sentido, a Renascença e a Reforma não representaram a ruptura decisiva que se descreve, por vezes, sob esses nomes”. (p. 59)
2. A partir da interpretação dessa afirmativa, da leitura do Ponce, e do filme “Giordano Bruno”, identificar os efeitos desses movimentos sobre a educação, de modo geral.

Nas Avaliações de leituras abertas, com questões do tipo, “*analisar criticamente o papel social da educação no Renascimento*”, “*analisar a Reforma Protestante e suas relações com a educação*”, “*analisar criticamente as ideias educacionais de Lutero*”, os alunos eram incitados a analisar as temáticas propostas a partir das leituras

⁴⁶ Fonte Avaliação das leituras (1985). Pasta: *Atividades Avaliativas de História da Educação I*. Acervo Pessoal, Caixa 1, 1975 – 1990.

⁴⁷ Fonte: Avaliações de leituras (1992). Pasta: *Atividades Avaliativas de História da Educação I*. Acervo Pessoal, Caixa 2, 1990 – 1995.

realizadas para a unidade. Nos poucos trabalhos e avaliações de alunos que tivemos acesso, a maioria faz citações da obra *Educação e Luta de Classes*, de Aníbal Ponce. Dentre as avaliações consultadas referentes a 1985/1, 1986/1, 1988/1, 1995/2, 1997/1 e 1998/1, somente uma avaliação, em um universo de oito avaliações (Prova Final) referentes ao semestre de 1995/2, continham citações de Leo Huberman e Roger Gal, em conjunto com Maria Lúcia de Arruda Aranha.

Entre 1980 e 1999, a documentação levantada e consultada indicia que os conteúdos trabalhados na disciplina de História da Educação I, a partir da *Educação nas Sociedades Primitivas*, de Aníbal Ponce, são predominantes entre 1980 a 2000. A predominância das marcas deste autor nos documentos pesquisados aponta pistas interessantes sobre as abordagens que predominaram na disciplina de História da Educação I durante o período que vai de 1980 a 2000.

Com a inserção no programa da disciplina do livro *Educação e Luta de Classes*, de Aníbal Ponce, em meados de 1983, a disciplina passa a ser articulada em torno de concepções teóricas marxistas. A educação e os processos educacionais passam a ganhar relevo dentro do contexto econômico de luta de classes. As transformações determinadas economicamente pelos conflitos entre as classes dominantes e as classes subalternas passam a reconfigurar a educação a partir dos interesses de classes.

A necessidade de uma “nova educação” começou a se fazer sentir em Roma a partir do século IV a.C., da mesma forma que, um século atrás, na Grécia, *no mesmo momento em que a antiga classe aristocrática e rural começa a ceder posições a outra classe que se firmava, a comerciante e industrial*. Unidos em confrarias e corporações, os comerciantes e os artesões, que haviam aprendido a defender-se desse modo, começaram a ter influência política e a gozar de consideração social. A partir do século III a.C. eles têm lugar de honra nos espetáculos e passam a ser convidados para os banquetes (PONCE, 1986, p. 66).

A *Abordagem* marxista na disciplina de História da Educação I pesquisada é marcada por um grande enfoque no contexto de produção e organização das classes sociais, que são consideradas determinantes no processo educativo. O estágio de desenvolvimento das forças produtivas e a organização econômica que conferem a configuração histórica do ideal pedagógico, traz em si uma concepção de homem e de mundo (PONCE, 1986).

Nesta *Abordagem* marxista da Educação, a luta de classes é a chave para a compreensão do papel social e político da educação em cada formação social, vinculada a um modo de produção específico. A educação, em um contexto de desigualdade econômica e política, divide o saber, tornando-o um instrumento de dominação a serviço da classe dominante. A mudança desta realidade viria a partir do momento em que a classe revolucionária tomasse o poder e impusesse a sua própria educação, sendo o socialismo uma alternativa ao modo de produção capitalista e à formação social dividida em classes (PONCE, 1986).

O livro de Aníbal Ponce é uma obra datada e localizada. Inserem-se como em cronotopos distintos, contextos e temporalidades particulares, respectivamente o México de 1944 e a Argentina de 1935, e configuram-se como textos responsivos a um cenário sócio político, mas também de um discurso científico, acadêmico e pedagógico.

O pensamento de Aníbal Ponce, em especial no livro *Educação e Luta de Classes*, publicado em 1934, caracteriza-se como uma alternativa ao universo discursivo dos anos 30 na Argentina, marcado por demandas militares e conservadoras do governo e da Igreja Católica em um regime político ditatorial. Ponce, ao incorporar à sua formação positivista o método analítico marxista, realiza uma leitura dialética da História da Educação e do papel dos intelectuais pelo viés econômico da luta de classes e propicia leituras muitas vezes deterministas e mecanicistas do processo de transformação histórica. A obra foi lançada no Brasil pela primeira vez em 1963 pela Editora Fulgor, mas foi logo retirado do mercado pela ditadura militar, e posteriormente reeditado pela Editora Cortez em 1979 (ARPINI, 2006).

Uma das camadas de interação dialógica decorrente das leituras realizadas e muito pouco evidenciadas na narrativa histórica construída no decorrer das aulas, são os contextos de produção das obras e as narrativas das mesmas como atos responsivos às interações realizadas pelos autores em suas respectivas épocas. A outra camada constitui-se pelas interações dialógicas realizadas pelos autores com vozes que os antecederam e que fundamentaram seus argumentos e suas respostas na composição de suas narrativas, sendo que tais vozes também respondiam a questões de suas respectivas épocas e interagiam com outras vozes que também às antecederam para composição de seus argumentos.

Este processo dialógico e todas as forças que incidem sobre o mesmo é analisado por Marchesan (2008), a partir do pensamento de Mikhail Bakhtin:

O ponto de vista dialógico não cria um objeto ideal, de sujeito ausente, a ser tratado a distancia; orienta, antes, o estudioso a participar do jogo, a considerar o enunciado, o texto, como vozes a compreender, com as quais dialogar. O texto não se dirige, ele também, a um outro ausente, reificado. O esforço do diálogo do estudioso com o texto é, então, de se aproximar, compreender as forças vivas de que surge e em que atua, de vivenciá-las, para, depois – de volta ao seu cronótopo, ao presente e às fronteiras da reflexão teórica, sem confundir seus posicionamentos e a especificidade de sua atividade –, examinar o texto de fora, com a visão de um todo (MARCHESAN, 2008, p. 129).

Consultando os programas de ensino de História da Educação de 1983 e 1955, as periodizações propostas e os textos indicados como leitura obrigatória para as unidades, e analisando-os juntamente com a obra "*Educação e Luta de Classes*", percebemos vínculos e conexões com o conteúdo e a estrutura livro de Aníbal Ponce.

- História e Educação: Educação Primitiva; As Funções da Educação nas Civilizações Orientais da Antiguidade; A Educação Greco-Romana; Educação Medieval; Educação na América Pré-Colombiana, Educação Humanista-Renascentista e sua transplantação para o Brasil⁴⁸.
- História e Educação: As Origens da Educação; A Educação Greco-Romana; A Educação Medieval; A Educação Humanista - Renascentista⁴⁹.
- A educação na comunidade primitiva; A educação do homem antigo: Primeira parte- Esparta e Atenas; A educação do homem antigo: Segunda parte- Roma; A educação do homem feudal; A educação do homem burguês: Primeira parte- Do renascimento até o século XVIII; A educação do homem burguês: Segunda parte- Da revolução francesa ao século XIX; A nova educação: Primeira parte; VIII- A nova educação: Segunda parte⁵⁰.

A *Periodização* presente nos dois programas de ensino está estruturada a partir dos critérios clássicos da *Periodização* da História Europeia e seus marcos civilizacionais. As unidades de ensino são demarcações que combinam critérios culturais, espaciais e temporais, Medieval, Humanista, Renascentista, Orientais, América, Greco-Romana, Pré-Colombiana, Antiguidade. Nos programas de ensino de História da educação I de 1983 e 1985, as periodizações vinculam-se a uma

⁴⁸ Fonte: *Programa História da Educação I (1983)*. Pasta: Programas de Ensino de História da Educação I. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico, Arquivo Pessoal. 1983, Caixa 1, 1975 – 1990.

⁴⁹ Fonte: *Programa História da Educação I (1985)*. Pasta: Programas de Ensino de História da Educação I. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico, Arquivo Pessoal, Caixa 1, 1975 – 1990.

⁵⁰ (PONCE, 1986).

tradição de Periodizações históricas que a Europa e sua cultura, no centro do desenvolvimento histórico, são descritas de forma linear e progressivo.

Os tópicos percorrem a educação nas Sociedades Primitivas, passando pela educação na Idade Média e terminando no Renascimento. A educação nas Civilizações Orientais, por exemplo, ficava restrita ao período da antiguidade e inserida entre a Educação Primitiva e a Educação Greco-Romana, que por sua vez se constituiu como a base de um legado cultural e educacional que marcará a História da Educação na Europa medieval.

A Educação na América Pré-Colombiana aparece entre a Educação Greco-Romana e a Educação Humanista e Renascentista, sem uma devida articulação com as implicações da chegada dos Europeus no continente americano nos processos educativos destes povos, realizando tal articulação apenas com o Brasil de forma praticamente isolada do resto do continente. Os resumos elaborados pelos professores, encontrados nos semestres de 1986/1, 1989/1, 1994/2, e 1995/1⁵¹, realizam uma descrição da estrutura da sociedade e da estrutura educacional dos povos Pré-Colombianos; em nenhum momento observa-se a articulação espacial e temporal com as implicações da chegada dos europeus na América.

Ambas as periodizações encontradas nos programas estão sobrepostas à periodização implícita na sequência dos textos propostos como leitura básica e obrigatória para a unidade. A periodização continua a ser linear e progressista; no entanto, o critério de demarcação para o período é o homem inserido em determinada formação social, marcado pela divisão e luta de classes

A concepção de *Tempo* na abordagem marxista, como já assinalada, é dupla, numa perspectiva linear e progressiva. A temporalidade dos modos de produção e da luta de classes encontra-se uma dentro da outra; no entanto, o foco da análise de *Educação e Luta de Classes* se dá nas tensões dialéticas que ocorrem na luta de classes. O modo de produção, com seus padrões de racionalidade e organizações sociais, aparece enquanto contexto mais amplo que auxilia na compreensão das configurações de forças que movem a luta de classes.

⁵¹ Fonte: *Resumos elaborados por professores*. Pasta: Resumos de conteúdos da disciplina História da Educação I. Arquivo Privado. 1990, Caixa 2, 1975 – 1990.

É a partir desta concepção de *Tempo*, movido pela luta de classes e pelas revoluções, fruto das tensões dialéticas entre o sistema produtivo e as relações de produção dos modos de produção, que a concepção de História na abordagem adotada na disciplina de História da Educação I se apresenta como um lugar privilegiado da luta de classes, na qual no decorrer do tempo as transformações se operam, mediante o amadurecimento das condições sócio-históricas revolucionárias.

A evolução histórica é um resultado das lutas de classes e a educação representa o processo mediante o qual as classes dominantes preparam a mentalidade e a conduta para as condições fundamentais de sua própria existência (PONCE, 1986).

A classe que domina materialmente domina a moral, a educação e as ideias. Nenhuma reforma pedagógica fundamental pode se impor antes do triunfo da classe revolucionária, e na História da humanidade ocorreram apenas revoluções no campo educativo: quando a sociedade primitiva se dividiu em classe e quando a burguesia do século VIII substituiu o feudalismo. Historicamente, todas as reformas educacionais foram precedidas por transições sociais; sem convulsões, houveram modificações no equilíbrio das classes, e não ruptura (PONCE, 1986).

A concepção de *Educação* que emerge desta *Abordagem* dialética da História da Educação é de reprodutora do sistema socioeconômico, controlada pela classe social dominante. As mudanças educacionais, neste caso, se constituiriam em adequações aos interesses da classe dominante e ao sistema. No caso específico do pensamento de Aníbal Ponce, a grande diferença na sua perspectiva entre a educação burguesa e a educação socialista, é a de que a primeira serve a um sistema que beneficia a poucos, e a segunda serve aos interesses de muitos.

Ao discorrer sobre a nova educação, Ponce (1986) analisa o sistema educativo russo, no qual os filhos dos proletários e dos camponeses vão à escola para se unir à vanguarda consciente do proletariado e para acelerar, desse modo, a construção do socialismo. A nova educação significa um ideal bem preciso para o proletariado, capaz de construir um outro tipo de criança, à que serve aos interesses da única classe social que, ao invés de perpetuar-se como tal, aspira a destruir as classes sociais, para libertar a sociedade.

Com relação à disciplina de História da Educação II, na consulta feita a documentos, aos programas de ensino referentes ao período de 1980 a 2000, aos conteúdos detalhados e programáticos, trabalhos realizados por alunos, transparências, referências bibliográficas, produções dos professores de cunho acadêmico e didático, dentre outros documentos, foi possível identificar e analisar algumas das principais abordagens tomadas pela disciplina sobre a História da Educação Brasileira.

Com relação à disciplina de História da Educação II, ou Brasileira, observa-se um forte impacto das produções realizadas pelos Programas de Pós-Graduação em Educação e em História no Brasil. A chegada de obras resultantes de pesquisas realizadas nestes espaços, como também uma maior circulação dos debates realizados sobre a Educação, a História e a Educação em variados espaços acadêmicos, propiciaram mudanças significativas nos conteúdos e nas abordagens da disciplina História da Educação II (ou do Brasil).

Uma delas é a abordagem fundamentada na chamada Teoria da Dependência. Esta forma de abordar a História da Educação Brasileira deixou rastros e vestígios nas documentações consultadas e analisadas até meados de 1995. Após 1995, a estrutura temática dos programas de ensino é alterada, apresentando evidências de outra *Abordagem*, voltada para a dimensão política e social e para as transformações ocorridas na História da Educação no Espírito Santo.

Na esfera discursiva da História da Educação podemos destacar o autor vinculado a Teoria da Dependência, e que serviu de interlocutor na constituição da abordagem: Manfredo Berger, autor de "*Educação e Dependência*" (1977). Berger (1977), apesar de estabelecer algumas interlocuções com o marxismo, não apresenta uma vinculação direta com o mesmo. O grande interlocutor de ambos os autores, para elaborar suas narrativas e discursos sobre a História da Educação Brasileira na perspectiva teórica da dependência, foi o sociólogo Fernando H. Cardoso, em colaboração com o também sociólogo Enzo Faletto. Para desenvolverem os pressupostos teóricos e metodológicos da perspectiva teórica da dependência, os autores estabelecem diálogos com Max Weber, consolidando uma filiação com os pressupostos teóricos e metodológicos weberianos e incorporando alguns conceitos oriundos do marxismo em forma de apoio as suas argumentações.

Para ambos, a superação da dependência, componente estrutural do capitalismo, ocorreria através da articulação entre as forças sociais dominantes internas e os centros hegemônicos. O desenvolvimento dos países periféricos deveria ocorrer através de uma industrialização associada ao capital internacional, o que traria concentração de renda e abertura de capital externo.

Importante ressaltar que com a crise da Teoria do Desenvolvimento, fomentada no Pós-Segunda Grande Guerra pela Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL), objetivando o desenvolvimento dos países da região a partir de uma industrialização orientada pelo Estado, evidencia-se a Teoria da Dependência. Buscando uma resposta às propostas em crise da CEPAL, os Teóricos da Dependência tentavam compreender uma forma de desenvolvimento que se constitui sob o domínio hegemônico de poderosos grupos econômicos e imperialistas. Neste sentido, o desenvolvimento econômico da América latina só aumentaria e aprofundaria as relações de dependência.

Do universo de autores com claros e diretos vínculos com o Marxismo que aparecem nas referências bibliográficas, destacamos Maria Luísa S. Ribeiro, "*História da Educação Brasileira*" (1979), Barbara Freitag, "*Escola, Estado e Sociedade*" (1980), Luiz Antonio Cunha, "*Educação e Desenvolvimento Social no Brasil*" (1979), Demerval Saviani, "*Educação Brasileira: Educação e Sistema*" (1978) e Moacir Gadoti, "*Educação e Poder: Introdução à Pedagogia do Conflito*" (1980).

Tais autores, juntamente com outros, encontram-se na bibliografia do programa de História da Educação II de 1985. Suas produções têm forte inserção histórica no cenário educacional brasileiro, marcada inicialmente pela crítica aos governos militares que surgiram com o golpe de 1964 no Brasil, e posteriormente pela crítica à gestão da educação pelos governos militares.

Realizamos consultas a trabalhos realizados por alunos, referentes aos semestres de 1985/, 1987/1 e 1988/1⁵², bem como a alguns trabalhos realizados entre os anos de 1989 a 1992, que resultaram na publicação de um livro sobre a História da Educação no Espírito Santo lançado em 1993. Identificamos, nestes trabalhos, que a

⁵² Fonte Pasta: Trabalhos de alunos da disciplina História da Educação II. Acervo Privado. 1990, Caixa 1', 1975 - 1990

perspectiva da dependência, uma das *Abordagens* imprimidas na disciplina de História da Educação Brasileira, é entendida como uma relação de subordinação entre nações independentes, na qual algumas economias estariam condicionadas ao desenvolvimento e a expansão de outras.

Em vários programas de ensino propostos entre 1985 e 1994 encontramos nas subdivisões das unidades programáticas questões referentes à educação brasileira, como a implementação de modelos educacionais europeus.

- O modelo português de educação; A educação Jesuítica; A reforma pombalina.
- O Modelo Inglês; o modelo Frances; as reformas educacionais: Joanina, Imperial e Republicana.
- O modelo Norte – Americano x o Modelo Francês; As Reformas Educacionais: 1931, 1942, 1961.
- O modelo capitalista dependente; as reformas educacionais: 5.540, 5.692, 7.044; a educação na constituição de 1988 e o atual debate sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Neste sentido a expansão educacional dos países centrais e seus respectivos modelos educacionais seriam autorreferentes, enquanto a educação dos países periféricos se constituiria a partir da importação destes modelos e só se expandiriam como reflexo dos países centrais.

A obra *Uma história da educação no Espírito Santo*, de 1993, produzida para a coleção Tempo e Memória, devido a sua gênese e composição, traz pistas sobre a narrativa constituída nas aulas ministradas pelo autor sobre a História da Educação, na primeira metade da década de 1990. Como o próprio autor da obra aponta, embora tenha se iniciado individualmente, o livro se constituiu como "[...] um projeto coletivo de apropriação do saber, executado entre um professor e seus alunos [...]" (COUTINHO, 1993, p. 28), no decorrer das aulas de História da Educação.

A forma como os conteúdos foram organizados no livro publicado em 1993 já era encontrada e discutida na organização dos conteúdos na disciplina de História da Educação II, como aponta a ementa proposta para a disciplina em 1989⁵³ e que

⁵³ Fonte: *Revisão Teórica*. Pasta: Implementação e Avaliação do Novo Currículo de Pedagogia. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. sem data, Caixa 2, 1990 – 1995.

vinha sendo implementada desde a primeira metade dos anos de 1980, como demonstra o programa da disciplina de 1985⁵⁴.

No entanto, o programa de ensino e a ementa não nos dão informações de como essas demarcações foram preenchidas, deixando-nos somente algumas pistas a partir da bibliografia citada no programa. Em contrapartida, no livro temos acesso aos fatos históricos movimentados na narrativa e a citações de conteúdos referentes às obras de outros autores que são referenciados na bibliografia.

Muitos elementos da composição narrativa e discursiva na alocução escrita do livro remetem não só as demarcações temporais e temáticas imprimidas na disciplina de História da Educação II, mas falam de todo um movimento dialógico interior que possui, segundo Bakhtin/Volochinov (2004), "[...] uma estreita dependência das condições históricas da situação social e de todo curso programático da existência" (p. 64), correspondendo também a "[...] uma interação dialética dos signos interior e exterior, do psiquismo e da ideologia [...]" (p. 65).

Uma elocução escrita ou falada sempre expressa um ponto de vista que se caracteriza como um processo de tomada de consciência, o que implica um discurso, uma entoação e um estilo interior. A expressão exterior, na maioria das vezes, corresponde a uma extensão e a um esclarecimento da orientação tomada pelo discurso interior como também de suas entoações (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004).

As evidências que emergiram da *Abordagem* dependentista expressa na disciplina de História da Educação II, nos permitiram explorar dados e movimentos muitas vezes negligenciados, que se encontram em camadas dialógicas mais profundas, possibilitando remontar uma realidade complexa e muitas vezes não experimentável pelo historiador.

Ancorado no aporte da Teoria da Dependência, no discurso tecido nos trabalhos realizados pelos alunos, e na obra publicada em 1992 sobre a História do Espírito Santo a partir da abordagem dependentista, a História da Educação Brasileira

⁵⁴ Fonte: Programa História da Educação II (1985). Pasta: *Programas de Ensino de História da Educação II*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Arquivo Pessoal 1985, Caixa 1, 1975 – 1990.

movimenta conceitos como *dependência tecnológica e financeira, dependência externa e interna, desenvolvimentismo associado, modernização dependente, dialética, mais-valia, expropriação e acumulação*. Tais conceitos são organizados e enfocados em um fluxo interpretativo que tende a homogeneizar a perspectiva dependentista pelo viés marxista. No entanto, podemos observar, em tal composição, o entrelaçar de fios conceituais, analíticos e teóricos com os discursos de outros e suas ancoragens teóricas diferenciadas, interações complexas muitas vezes *não evidenciadas* na superfície homogênea do discurso, mas presentes e visíveis em camadas dialógicas mais profundas da narrativa.

É o que aponta Diana Luz de Barros:

Os textos são dialógicos porque resultam do embate de muitas vozes sociais; podem, no entanto, produzir efeitos de polifonia, quando essas vozes ou algumas delas deixam-se escutar, ou de monofonia, quando o diálogo é mascarado e uma voz, apenas, faz-se ouvir (BARROS, 1994, p.06).

Dentro da perspectiva da *Abordagem* dependentista encontram-se critérios para a constituição de uma periodização para a História da Educação Brasil. Tais critérios estabelecem demarcações econômicas que norteiam a análise histórica do cenário educacional brasileiro.

Nos objetivos da disciplina delineados no programa de História da Educação II de 1985/1 podemos observar que a constituição de uma experiência com a periodização situa-se como o primeiro objetivo a ser atingido pelo professor.

I. OBJETIVOS DO CURSO

1. DO PROFESSOR

- 1.1. Realizar experiência de periodização da história da Educação Brasileira.
- 1.2. Analisar as influências dos movimentos educacionais euro-americano na educação brasileira.
- 1.3. Historiar a educação brasileira no contexto da sociedade dependente.
- 1.4. Situar a educação brasileira na perspectiva do desenvolvimento nacional contemporâneo⁵⁵.

⁵⁵ Fonte: Programa História da Educação II (1985). Pasta: *Programas de Ensino de História da Educação II*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. 1985, Caixa 1, 1975 – 1990.

Dois trabalhos encontrados discutiam sobre a periodização da História da Educação Brasileira. O trabalho A analisou as periodizações propostas por três autores estudados no decorrer das aulas: Maria Luísa S. Ribeiro; Manfredo Berger e José Maria Coutinho – sendo que os dois primeiros expõem suas ideias em livros publicados e o terceiro em suas aulas de História da Educação II. O trabalho B analisou as periodizações propostas pelos dois primeiros autores indicados no trabalho A e a proposta que se encontra na obra de José Antonio Tobias sobre História da Educação Brasileira.

O trabalho A, segundo os alunos, corresponderia a traçar uma periodização que sirva para analisar a história da educação do Brasil, sendo o mesmo importante por ter-lhes proporcionado um maior conhecimento sobre a dependência Brasileira nos diversos períodos, inclusive em suas origens, de forma a poder perceber e relacionar como o passado repercute em nossa realidade atual. O trabalho analisa o papel da educação na perspectiva da teoria da dependência a partir de dois aspectos básicos: o *interno*, que corresponderia a configuração estrutural do Brasil como país periférico, ou seja, sua formação econômica, relações de classe, etc., e o *externo*, referente a análise histórica das relações entre as sociedades periféricas e hegemônicas⁵⁶.

O trabalho B, por sua vez, assinala o estudo das classificações adotadas por diversos autores que escreveram sobre a educação brasileira e visa o entendimento dos diversos pontos de vista e a aquisição de uma noção mais ampla, analítica e crítica. Para o entendimento da periodização histórica é preciso saber em que, o porquê e em como se baseou cada autor analisado para a elaboração de sua periodização, e, com base em tal análise, adotar aquela que seja mais adequada ou, quem sabe, elaborarmos a nossa própria periodização⁵⁷. Com relação à proposta de periodização dependentista:

[...] ele mostra uma situação de dominação, partindo de uma situação de dependência e dominação. O Brasil é dependente de países europeus e dos Estados Unidos, e é dominado por suas economias, dominando no

⁵⁶ Fonte: *Trabalho A: Periodizações da História da Educação I* (1991). Pasta: *Atividades Avaliativas de História da Educação II*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. 1991, Arquivo Pessoal, Caixa 2, 1990 – 1995.

⁵⁷ Fonte: *Trabalho B: Periodizações da História da Educação II* (1991). Pasta: *Atividades Avaliativas de História da Educação II*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. 1991, Arquivo Pessoal, Caixa 2, 1990 – 1995.

sentido de uma sociedade que não caminha sozinha, mas caminha como extensão ou contração das economias metropolitanas⁵⁸.

Sobre as etapas da periodização podemos depreender os programas de ensino consultados que se iniciam com a educação indígena, cujo modelo educacional variava de acordo com as diversas tribos. As etapas posteriores seriam definidos pela dependência, inicialmente de Portugal, seguida da Inglaterra, dos Estados Unidos e por último pelas multinacionais através da chamada modernização industrial dependente (1964 em diante).

- 1º Período: Educação Indígena
- 2º Período: Educação Colonial (1549 a 1808).
- 3º Período: A Educação Neo – Colonial (1808 a 1930).
- 4º Período: A Educação no Período Desenvolvimentista (1930 a 1964).
- 5º Período: A Educação no Período da Modernização Industrial Dependente (Pós 1964)⁵⁹.

A questão da periodização em História é uma das mais controversas da área, devido à diversidade de critérios adotados para a criação de uma periodização. No entanto, é necessária e fundamental nos processos de produção do conhecimento historiográfico.

A discussão sobre a periodização da História da Educação Brasileira foi bastante recorrente nos anos de 1980, época em que foram realizadas varias reflexões e propostas de pesquisadores e professores da História da Educação que intensificaram os debates em torno da problemática durante os anos de 1970 e 1980.

Esses educadores-historiadores, ao reverem os paradigmas de entendimento de grande parte da produção acadêmica da história da educação brasileira, iniciaram em fins da década de 70 e durante os anos 80, a análise marxista, colocando num novo patamar qualitativo as pesquisas e a historiografia da educação (JORGE, 2003, p. 04).

O debate sobre a periodização na História da educação é retomada em 1971, no Encontro Internacional de Estudos Brasileiros e no 1º seminário de Estudos Brasileiros da USP (Universidade de São Paulo), com o texto do professor Laerte

⁵⁸ Fonte: TRABALHO A: Periodizações da História da Educação II (1991). Pasta: *Atividades Avaliativas de História da Educação II*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal 1991, Caixa 2, 1990 – 2000

⁵⁹ Fonte: *Programa História da Educação II (1985)*. Pasta: *Programas de Ensino de História da Educação II*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. 1985, Caixa 1, 1975 – 1990.

Ramos de Carvalho, que obteve a colaboração dos professores José F. Carrato, Maria de Lourdes M. Haidar e Heladio C. G. Antunha (JORGE, 2003). No texto, reproduzido pela Revista Brasileira de História da Educação, Carvalho (2001) argumenta sobre a inadequação do modelo tradicional de periodização fundamentado nos marcos político-administrativos para a compreensão da História da escola Brasileira.

As críticas às periodizações tradicionais a partir de marcos políticos, levaram num primeiro momento a adoção do critério da determinação econômica, considerando períodos como o "agrário exportador dependente", o "nacional desenvolvimentismo com base na substituição de importações" e "internacionalização do mercado interno", para análise da História da Educação. Como exemplos disto tem-se o livro de Maria Luísa Santos Ribeiro, *História da educação brasileira: a organização escolar* e a obra de Otaíza de Oliveira Romanelli, *História da educação no Brasil*.

Em Ribeiro (1978) a organização escolar é um elemento da superestrutura e, portanto, determinado pela infra-estrutura, pela base econômica da sociedade. Romanelli (1978) por sua vez, incorpora a perspectiva econômica, ao trabalhar com o conceito de "educação para o desenvolvimento", na qual as necessidades do desenvolvimento aparecem determinadas pela "expansão econômica" (SAVIANI, 2004).

O modelo de *Periodização* proposto para a disciplina rejeita a visão eurocêntrica do mundo e da História ao iniciar a História da Educação Brasileira a partir da realidade dos povos nativos brasileiros. O modelo segue tratando a educação brasileira a partir da perspectiva nacional, no entanto, os desenvolvimentos educacionais brasileiros se dão ao reboque do que ocorre na Europa, a partir da dominação econômica, política e cultural.

A *Abordagem* dependentista e a respectiva *Periodização* imprimida à disciplina de História da Educação II traz uma concepção de *Tempo* linear e progressivo, que avança do passado para o futuro, dentro de um encadeamento de fatos, conjunturas e estruturas, dentro do processo histórico de dominação estrangeira econômica, política e educacional do Brasil. A linearidade e progressividade do *Tempo* é marcada por contradições e segue o ritmo do capitalismo internacional, seguido,

após um período de estabilidade, por contradições dialéticas que se intensificam e transformam a dinâmica estrutural, criando um novo período histórico.

O *Tempo* é o dos eventos estruturais e conjunturais, que condiciona e determina o *Tempo* educacional e escolar; a História, por sua vez, é condicionada por ela, e nela o homem faz História, mas dentro de determinadas condições sociais. Desta concepção de Tempo, que se depreende da configuração tomada pela disciplina de História da Educação a partir da *Abordagem* dependentista, identifica-se uma forma de se compreender a História.

A *História* é dialética e quem a faz são os homens, no entanto, segue o *Tempo* histórico do capitalismo, as transformações de ordem estrutural produzidas por ele, que condiciona as ações dos homens. O estudo histórico tem como função proporcionar uma análise do desenvolvimento histórico da educação no sentido de se examinar se a *Educação* tem contribuído para a dependência das massas e manutenção dos privilégios da elite, ou se tem contribuído para o desenvolvimento e a autonomia do país.

A *Educação*, por sua vez, é compreendida, dentro da lógica da dependência estrutural brasileira, não só como um processo de desenvolvimento individual, das potencialidades do indivíduo, mas também em termos de sua utilidade e função para a vida em sociedade, tornando-se uma apropriação de saber necessária à conquista da autonomia e da liberdade.

A partir de 1995 pode-se observar uma mudança na *Abordagem* dada a disciplina de História da Educação II. Analisando a documentação referente ao período que corresponde aos anos de 1995 a 2000, identificamos outra *Abordagem* imprimida na disciplina, que se foca na análise dos movimentos educacionais, dos projetos em disputa e das reformas educacionais, ancorada em algumas obras marcadamente marxistas.

Teremos como ponto de partida dois programas de ensino representativos do período que correspondeu a 1995 e 2000. Os programas de 1995/1 e 1996/1 são iguais em seus conteúdos programáticos e estão divididos em quatro unidades, e ainda trazem as marcas da proposta de *Periodização e Abordagem* dos programas anteriores. Os programas de 1998/1 e 2000/1 também são iguais em seus

conteúdos programáticos: estão divididos em seis unidades e já podemos observar certo distanciamento das demarcações históricas utilizadas nos programas anteriores, como também sua *Abordagem*.

Os quatro programas de ensino nos dão pistas iniciais para explorarmos os rastros referentes a delineamentos e configurações que a disciplina História da Educação II tomou a partir das *Abordagens* imprimidas a partir de 1995. Outros elementos e informações colhidas durante a pesquisa, como por exemplo as atividades realizadas por alunos, resumos e fichamentos de livros feitos por alguns professores que ministraram a disciplina, reforçaram a ideia de que o enfoque e a abordagem adotadas para a disciplina seguia pelos caminhos da política e dos movimentos sociais e políticos.

Entre 1996 e 2000 podemos observar um deslocamento na *Abordagem*, expressas na disciplina de História da Educação II, da perspectiva econômica e dependentista do desenvolvimento histórico da Educação, em direção aos projetos de educação, sociedade e os respectivos movimentos sociais, políticos e educacionais que os fundamentaram.

QUADRO 18 - Conteúdos propostos nos programas de ensino de História da Educação II na segunda metade da década de 1990

1995/1 ⁶⁰ e 1996/1 ⁶¹	1998/1 ⁶² e 2000/1 ⁶³
<p>Conteúdo programático</p> <ul style="list-style-type: none"> • O Movimento Escolanovista • O Estado e a Organização do Ensino Após a Revolução de 1930 • O Estado Novo e a organização do ensino (1937 - 1945) • A Redemocratização da Sociedade 	<p>Conteúdo Programático</p> <ul style="list-style-type: none"> • Movimentos pedagógicos: a escola brasileira em questão • Ideais republicanos e educação: projetos para que e para quem? • O movimento escolanovista

⁶⁰ Fonte: *Programa História da Educação II (1995/1)*. Pasta: Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. 1995, Arquivo Pessoal, Caixa 3, 1995 – 2000.

⁶¹ Fonte: *Programa História da Educação II (1996/1)*. Pasta: Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. 1996, Arquivo Pessoal, Caixa 3, 1995 – 2000.

⁶² Fonte: *Programa História da Educação II (1998/1)*. Pasta: Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. 1998, Caixa 3, 1995 – 2000.

⁶³ Fonte: *História da Educação II (2000/1)*. Pasta: Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. 1991, Caixa 3, 1995 – 2000.

<p>Brasileira:</p> <ul style="list-style-type: none"> • As novas diretrizes da educação nacional • Paulo Freire: educação e mudança social • A Política Educacional dos Governos Militares • A Reforma universitária de 1968 (Lei 5.540/68) • A Reformulação do Ensino de 1º e 2º graus (Leis 5.692/71 e 7.044/82) • As Demandas Constitucionais concretizadas Pela Constituição federal de 1988 • A Reforma Constitucional e a nova Lei de diretrizes e bases da Educação Nacional 	<ul style="list-style-type: none"> • O estado e a organização do ensino após a Revolução de 1930 • O Estado Novo: projetos para quê e para quem? • Diretrizes e bases da educação nacional: projetos em disputa • os movimentos de educação popular e a pedagogia libertadora de Paulo Freire • A política educacional dos governos militares: projetos para quê e para quem? • Os Movimentos de Resistência • Redemocratização da sociedade Brasileira: projetos para quê e para quem? • A reforma constitucional e a nova lei de diretrizes e bases da educação.
--	--

As leis e reformas educacionais, juntamente com os movimentos educacionais e projetos em disputa, se destacam enquanto conteúdos no final da década de 1990. Esta *Abordagem* é observada não só nos programas de ensino, mas também nas indicações de bibliografia dos mesmos, cujas obras tratam das temáticas apontadas nos itens das unidades.

Como podemos observar no quadro acima, os tópicos propostos dão relevo aos movimentos e aos projetos educacionais. O trabalho com tais conteúdos fundamentam-se em obras vinculadas às pesquisas realizadas dentro dos Programas de Pós-Graduação em Educação, em geral, publicações de dissertações ou teses, como também, publicações de pesquisas individuais realizadas por pesquisadores da História da Educação.

Em alguns programas de ensino detalhados, de 1996/2, 1997/1, 1998/2 e 1999/1⁶⁴, identificamos a indicação de leitura obrigatória ou complementar de capítulos dos livros de Luiz Antonio Cunha - *Educação Brasileira: projetos em disputa*, Maria de Lourdes Fávero - *A une em tempos de autoritarismo*, Ana Maria de Araújo Freire - *Analfabetismo no Brasil*, Paulo Freire - *Pedagogia do Oprimido e Pedagogia da Esperança*; Barbara Freitag - *Escola, Estado e sociedade*; Paulo Ghiraldelli Junior - *Educação e movimento operário*, Gilberta M. Januzzi - *Confronto Pedagógico: Paulo Freire e Mobral*, Venício Artur de Lima - *As ideias de Paulo Freire*, João Martins Filho

⁶⁴ Fonte: *Programas de Ensino de História da Educação II detalhado* Pasta: *Programas de Ensino de História da Educação II*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. 1990, Arquivo Pessoal, Caixa 2, 1995 – 2000.

- *Movimento estudantil e ditadura militar*, João Maunuel Lima - A evangelização do negro no período colonial brasileiro, Demerval Saviani - *Escola e Democracia; Política e educação no Brasil; Educação e questões da atualidade*, Antônio Joaquim Severino - *Educação, ideologia e contra-ideologia*, juntamente com a obra de Maria Luíza Santos Ribeiro - *História da Educação Brasileira: a Organização escolar*.

Boa parte dos autores e obras associadas à disciplina de História da Educação vinculavam-se a *Abordagem* marxista, enfocando o papel dos movimentos sociais e dos projetos políticos educacionais em disputa no Brasil e suas implicações nas reformas educacionais.

Com relação à *Periodização* o programa de ensino de 1998/1 traz como critério de demarcação de períodos marcos políticos e temporais:

- A Educação e o processo colonizador no Brasil (1500 - 1508)
- A educação brasileira no período imperial (1822 - 1889)
- A Educação Brasileira na república velha (1889 - 1930)
- A organização da educação brasileira nos governos Vargas (1930 - 1945)
- Educação e redemocratização no Brasil (1945 - 1964)
- Da ditadura militar ao advento da nova república (a partir de 1964).

A periodização proposta centra-se em tradicionais marcos políticos da História Brasileira, assumindo um caráter externo à educação, diferentemente dos marcos econômicos propostos na maioria das obras de História da Educação Brasileira e nos programas anteriores analisados.

Os programas de ensino e a bibliografia, tanto a proposta quanto a utilizada, evidenciam um movimento de mudanças na disciplina de História da Educação II, que irá se consolidar no decorrer da primeira década dos anos 2000, como aponta Vieira (2009), pela ampliação dos horizontes analíticos da História da Educação Brasileira produzidas nos PPGEs e pelos Grupos de Pesquisa em História da Educação, fomentadas pela Sociedade Brasileira de História da Educação.

A disciplina de História da Educação em sua trajetória, desde a criação do curso de Pedagogia na FFCLES em 1951 até os anos 2000 já na UFES, atravessou junto com o curso de Pedagogia, uma ditadura militar, os movimentos de redemocratização do país, as reformas estruturais de cunho neoliberal em um

contexto político mais amplo e algumas mudanças institucionais, como os processos de estadualização, federalização, de sede física e reformas curriculares.

No que se refere às *Abordagens* que configuraram a disciplina nesses quase cinquenta anos é possível delinear, não com contornos fixos, mas flexíveis, dois momentos. O momento que corresponde ao período que vai de 1951 ao início dos anos de 1980 caracterizou-se por uma perspectiva que privilegiava a História das ideias e das doutrinas pedagógicas; o outro momento, que corresponde ao período de 1980 até início dos anos 2000, desloca seu interesse para as determinações econômicas, políticas e sociais, que condicionam as instituições educativas e os processos educativos.

A História das ideias e das doutrinas filosóficas e educacionais, imprimidas na disciplina de História da Educação nos segundos e terceiros anos na FFCLES e nas disciplinas de História da Educação I e II na UFES, são tributárias dos chamados Manuais de História da Educação, principalmente aqueles que se fundamentam em uma concepção de História vinculadas a Historiografia positivista alemã, para quem a História é o palco de manifestação do espírito.

As determinações econômicas dos processos educativos, que marcaram as *Abordagens* da disciplina História da Educação I e II durante os anos de 1980 até finais de 1990 no curso de Pedagogia da UFES, vinculam-se às produções acadêmicas dos Programas de Pós-Graduação em Educação e História brasileiros, marcadas por uma compreensão materialista da História, na qual os homens, mesmo condicionados pela estrutura econômica e cultural vigente, são agentes produtores das transformações sociais.

As concepções de Tempo, impressas no corpus documental das disciplinas de História da Educação pesquisadas, sejam elas tributárias da historiografia alemã ou da historiografia marxista, foram caracterizadas pela linearidade, com uma narrativa que vai do passado para o futuro e por uma abordagem teleológica.

6 CONCLUSÃO

A disciplina História da Educação - foco de nossa pesquisa - está inserida como componente curricular de um curso de pedagogia que se vinculou a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Estado do Espírito Santo (FFCLES), posteriormente vinculada à Universidade Federal do Espírito Santo (FFCLES). Este processo de incorporação, ocorrido na FFCLES, ocorreu em outras Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, não só no Estado do Espírito Santo, como também em outros estados do País, seja por instituições públicas ou privadas.

A trajetória da disciplina História da Educação e as formas e conteúdos que a caracterizaram, no curso de pedagogia, foram marcados por atravessamentos variados, que abrangem desde decisões políticas nacionais a mudanças internas referentes à localização da disciplina na estrutura curricular do curso.

Dentro de uma ampla perspectiva de atravessamentos que incidiram sobre a disciplina, seguimos os rastros de alguns deles para analisar desdobramentos e configurações que a disciplina História da Educação e seu ensino tomaram entre 1951 e 2000.

Apesar dos recentes avanços nas pesquisas relacionadas à disciplina de História da Educação e seu ensino, a temática tem recebido pouco interesse dos pesquisadores da História da Educação, tendo em vista o reduzido número de pesquisas em relação a outras temáticas consolidadas como linhas de pesquisas neste campo em História da Educação.

A partir do mapeamento e das análises de pesquisas realizadas referentes à disciplina História da Educação e seu ensino no Brasil, percebemos não somente o pouco interesse e o reduzido número de pesquisas realizadas sobre o tema. Mas o investigar da trajetória da disciplina História da Educação e seu ensino tem sido um esforço coletivo, ora partindo de interesses pessoais do pesquisador, ora estimulado pelos grupos de pesquisa e instituições que congregam pesquisadores da História da Educação em várias partes do país.

Depreendemos das análises realizadas, que as pesquisas sobre a disciplina História da Educação e seu ensino têm recebido grande apoio das instituições organizadoras de congressos, que além de socializarem pesquisas realizadas ou em andamento, produzem demandas investigativas sobre o tema. No caso do Congresso Brasileiro de História da Educação da SBHE, por exemplo, o eixo temático sobre o *Ensino de História da Educação* tem se consolidado com o aumento número de trabalhos apresentados nos últimos congressos.

As revistas publicadas na área também contribuem para a consolidação das pesquisas sobre a disciplina e seu ensino, com lançamento de edições especiais e temáticas. Boa parte das Revistas de cunho acadêmico está vinculada a grupos de pesquisas de História da Educação, e muitos destes grupos constituíram ao longo dos anos linhas de pesquisas sobre o ensino de História da Educação.

No mapeamento que realizamos sobre as pesquisas publicadas em anais de congressos, revistas acadêmicas e livros publicados, identificamos um número expressivo de trabalhos, cujas origens das pesquisas apresentadas vinculam-se a grupos de pesquisas em História da Educação espalhados pelo Brasil. Em geral, as pesquisas vinculadas aos grupos de pesquisa voltam-se a investigação da história educacional de seu Estado ou região, e dentro desta perspectiva as pesquisas sobre a História da Educação e seu ensino enfocam na análise da trajetória da disciplina nos cursos de pedagogia, na região ou Estado sede do grupo.

Um número considerável de pesquisas sobre a disciplina História da Educação e seu ensino investiga a constituição histórica da disciplina em cursos de pedagogia em variadas instituições de ensino superior, explorando desde aspectos legais e curriculares à biografia de professores que ministraram a disciplina. Outras pesquisas analisam os conteúdos trabalhados no ensino de História da Educação e seus respectivos vínculos teóricos com determinadas concepções educacionais e historiográficas. Enfocam também, em números não tanto expressivos, relatos de experiências, balanços e reflexões pessoais de professores, como os materiais utilizados para o ensino da disciplina.

Os incentivos e os estímulos dados ao desenvolvimento de pesquisas sobre a disciplina e o ensino de História da Educação têm atraído mais pesquisadores

interessados em investigar o tema, o que provavelmente irá expandir a investigação e as análises sobre as diversas abordagens que o tema comporta, como também a exploração de fontes e documentos variados. Com o aumento do volume de pesquisas em várias partes do país sobre a disciplina e o ensino de História da Educação, será possível estabelecer análises panorâmicas mais ricas, não só sobre as pesquisas realizadas sobre a temática, mas sobre o próprio ensino de História da Educação no país, tanto no passado como no presente.

Ao pesquisar sobre a história da disciplina História da Educação e seu ensino no curso de Pedagogia da FFCLES à UFES, buscamos desenvolver uma investigação e análise em duas perspectivas. Em um primeiro momento analisamos a constituição histórica da disciplina História da Educação no curso de pedagogia da FFCLES, posteriormente incorporada a UFES, a partir dos parâmetros programáticos, legais e institucionais. No segundo momento organizamos as fontes referentes à disciplina de História da Educação e ao período investigado, e analisamos as abordagens, as periodizações e as concepções de tempo, história e educação que se encontram nos documentos consultados e analisados.

A disciplina de História da Educação, proposta como componente curricular para o curso de pedagogia, surge no Estado do Espírito Santo com a criação da FFCLES e seus cursos, dentre eles o de pedagogia. Da criação do curso de pedagogia na FFCLES, passando pela sua incorporação a UFES, até a virada do século XX para o XXI, o curso de Pedagogia passou por duas reformulações que reestruturaram o curso em todo o país.

A primeira ocorreu com a reforma universitária em 1968, que instituiu às habilitações Orientação Educacional, Supervisão Escolar, Administração Escolar, Inspeção Escolar e Magistério, dando um enfoque tecnicista à formação do pedagogo. A segunda, ocorrida em 1990, extinguiu as habilitações e organizou a estrutura curricular do curso para atender ao objetivo de habilitar professores para a pré-escola, para as séries iniciais do ensino fundamental e para as disciplinas da Escola Normal.

Ambas as reformas promoveram alterações na estrutura e na organização interna da disciplina de História da Educação, como também na sua inserção e articulação com

as demais disciplinas do período, como por exemplo: alteração de carga horária, formas de avaliação, divisão da disciplina em História da Educação I e II e sua localização na grade curricular do curso.

Apesar das alterações operadas na disciplina nestes dois momentos, fruto de um processo de mudanças mais amplas ocorridas no curso de pedagogia, as alterações mais significativas que se deram na disciplina foram oriundas do deslocamento ocorrido no *locus* privilegiado de produção e socialização de um estilo de escrita e narrativa da História da Educação, com suas respectivas fundamentações teóricas e metodológicas. Os programas de ensino e as referências bibliográficas apontam um deslocamento que vai da influência dos Manuais de História da Educação da Companhia Editora Nacional à Influência de obras e artigos produzidos nos Programas de Pós-Graduação em Educação, História e Sociologia.

Entre 1951 e finais de 1970 a disciplina de História da Educação no curso de pedagogia, tanto na FFCLES e na UFES, observa-se a influência dos Manuais de História da Educação na organização e na programação do ensino de História da Educação. Observa-se também uma abordagem filosófica voltada para a história das ideias pedagógicas e análises do pensamento de filósofos e educadores sobre a educação e respectivas inserções em doutrinas filosóficas europeias.

Mesmo com a reestruturação da disciplina dividida em História da Educação I, dedicada a história geral da educação, e História da Educação II, voltada para a história da educação brasileira, o enfoque na história das ideias educacionais, sistemas filosóficos e pensadores permaneceu. A história da educação brasileira era estudada a partir do pensamento filosófico dos principais educadores europeus e norte-americanos e sua influência no pensamento educacional brasileiro.

O que caracteriza esta abordagem filosófica imprimida na disciplina de História da Educação e posteriormente História da Educação I e II é uma narrativa eurocêntrica, cronológica e linear sobre as ideias, sistemas e processos educativos das sociedades do passado que se tornaram pilares da civilização moderna, e na qual as ideias se constituem o elemento condutor da história.

Esta abordagem se expressa nas periodizações encontradas nos programas de ensino, que se configuravam como uma forma de organizar os conteúdos a serem

estudados, tratando as instituições e processos educativos como manifestações do pensamento filosófico e pedagógico, dentro de uma concepção de tempo linear, progressiva e teleológica, na perspectiva de uma história universal e civilizacional.

Nesta perspectiva, a educação é compreendida como formação do caráter, do desenvolvimento das virtudes morais, valores sociais e cívicos, que visa a manutenção da ordem e a promoção de um progresso harmonioso e sem conflito.

A partir de 1980, não só a instituição dos Programas de Pós-Graduação em Educação, História e Sociologia e suas respectivas produções contribuíram para as mudanças ocorridas nas abordagens e nos conteúdos ministrados na disciplina de História da Educação no curso de pedagogia da UFES, mas também todo o contexto cultural, social e político de combate à ditadura e luta pela democratização do país.

A influência dos programas de pós-graduação desempenhou um papel decisivo, o que contribuiu para o deslocamento das abordagens assentadas nas ideias pedagógicas e seus pensadores, para dar lugar a enfoques sobre o contexto histórico educacional, suas estruturas e sentidos. Este novo enfoque passa a se constituir no contexto da pesquisa em História da Educação a partir do diálogo com as fontes.

As abordagens de cunho econômico, político e ideológico dos contextos históricos educativos que passaram a predominar nos programas de ensino das disciplinas de História da Educação I e II, começaram a aparecer na primeira metade dos anos de 1980 e perduraram até a segunda metade dos anos de 1990. Fundamentando esta abordagem encontramos a inserção de obras de cunho marxista como as de Aníbal Ponce, Maria Lúcia de Arruda Aranha, Mario A. Manacorda e Maria Luiza Santos Ribeiro. No entanto, consultando a documentação do período, com destaque para os programas detalhados de ensino e para as lâminas de transparências, ainda encontram-se textos e trechos de alguns Manuais de História da Educação.

Na disciplina de História da Educação I a abordagem é marcada por análises do contexto de produção e organização das classes sociais, que são consideradas determinantes no processo educativo. Nesta abordagem marxista da História da Educação a luta de classes é considerada a chave para se compreender o papel social e político da educação, como também o modo de produção que a condiciona.

A luta de classes e os condicionantes econômicos e sociais são as referências para o estabelecimento dos critérios de organização dos conteúdos a serem ministrados dentro de uma periodização, caracterizada por uma concepção de tempo linear, progressista e teleológica.

Com relação à disciplina de História da Educação II, a mudança foi considerável. A partir de uma abordagem econômica, a disciplina amplia os conteúdos a serem estudados. Com o avanço das pesquisas sobre a história da educação brasileira e a chegada dessas pesquisas ao mercado editorial, a ampliação dos conteúdos se fundamentam em novas referências bibliográficas que servem de leitura de base.

Até meados de 1995 encontramos na disciplina de História da Educação II, que trata da educação brasileira, marcas de uma abordagem fundamentada na Teoria da Dependência. Após essa data, os documentos consultados começam a mostrar outras marcas que sugerem uma abordagem voltada para a dimensão política e social, como também para as transformações ocorridas na História da Educação Brasileira.

A abordagem fundamentada na teoria da dependência e respectiva periodização, na disciplina História da Educação II, implicam numa concepção de tempo linear e progressivo, encadeando fatos, conjunturas e estruturas dentro de um processo histórico de dominação econômica, política e educacional dos países centrais.

A história da Educação Brasileira é marcada pela importação dos modelos educacionais portugueses, ingleses, franceses e americanos. Nestes, o tempo histórico do capitalismo imprime seu ritmo aos eventos estruturais e conjunturais, determinando também o tempo educacional e escolar. A educação, nesta perspectiva, poderia contribuir para a manutenção da dependência e dos privilégios da elite, ou para o desenvolvimento e a autonomia do país.

A partir da segunda metade da década de 1990, os documentos analisados sobre a disciplina História da Educação II trazem outras marcas. Estes apontam para uma abordagem que trata das leis e reformas educacionais, como também dos movimentos educacionais e os projetos em disputa na História da Educação Brasileira.

Boa parte das obras indicadas nos programas de ensino detalhados para leitura obrigatória vincula-se a abordagem marxista; já os programas de ensino trazem uma periodização cujos critérios são de caráter político e social. O tempo implícito, tanto na abordagem quanto na periodização, continua a ser caracterizado pela linearidade, progressividade e teleologia, porém o enfoque encontra-se nas mudanças educacionais operadas pelos movimentos educacionais e seus projetos de educação e sociedade.

As mudanças que ocorreram na disciplina de História da Educação II, a partir do investimento em pesquisas e publicações sobre a História da Educação Brasileira, não foram detectadas com relação à disciplina de História da Educação I. Não percebemos um correspondente investimento em novas abordagens teóricas, metodológicas e temáticas. Pensar a disciplina de História da Educação I requer um investimento investigativo sobre o destino das metas narrativas, sobre a configuração atual das pesquisas em âmbito nacional e internacional e sobre as trocas que estão ocorrendo entre a comunidade de historiadores de História da Educação.

7 REFERÊNCIAS

1. ABDALA, R. D. História e Políticas Educacionais: uma disciplina em perspectiva e em construção. In: *Congresso Brasileiro de História da Educação*, 3, 2004, Curitiba/PR. Anais eletrônicos [...] Disponível em: <[HTTP://www.sbhe.org.br/novo/congresos/cbhe3/paginas/cbhae.htm](http://www.sbhe.org.br/novo/congresos/cbhe3/paginas/cbhae.htm)>. Acesso em: 21 de out. 2010.
2. ADORNO, S. M. R. Primeiras Análises do Ensino de História da Educação Brasileira na Bahia (2001 – 2008). In: Congresso Luso – Brasileiro de História da Educação (COLUBHE), 8, 2010, São Luiz/MA. *Anais do VIII Congresso Luso – Brasileiro de História da Educação*. São Luiz/MA/BR: SHE/SPCE/SBHE, UFMA, 2010.
3. AGUIAR, L. C. A história da educação na formação do pedagogo? Qual a perspectiva teórica? In: Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE), 5, 2008, Aracaju/SE. *Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação: O ensino e a pesquisa em História da Educação*. Aracaju: SBHE/UNIT/UFS, 2008. v.1 p. 1-14.
4. ANDERSON, Perry. *Considerações sobre o marxismo ocidental: nas trilhas do materialismo histórico*. São Paulo: Editora Boitempo, 2004.
5. ARAÚJO, M. M. PEREIRA, M.N. Há uma rede de ensino de história da Educação? Qual a perspectiva teórica? (Rio Grande do Norte, 1965-1969) In: Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE), 5, 2008, Aracaju/SE. *Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação: O ensino e a pesquisa em História da Educação*. Aracaju: SBHE/UNIT/UFS, 2008.
6. ARPINI, ADRIANA. *Anibal Ponce: el trabajo del pensamiento*. Aracucária. Revista Iberoamericana de Filosofía, Política y Humanidades, Sevilla, ano 8, v. 8, nº 16, p. 226 – 247, 2006.
7. ASCOLANI, Adrián; GONDRA, José Gonçalves. Pela classe, pelo livro: a fundação de uma História da Educação para professores, no Brasil e na Argentina. In: VIDAL, D. G; ASCOLANI, A. (orgs.). *Reformas educativas no Brasil e na Argentina: ensaios de história comparada da educação (1820-2000)*. São Paulo: Cortez, 2009.
8. BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal* (trad. do francês Maria E. G. G. Pereira). São Paulo: Martins Fontes, 1992.
9. _____. Formas de tempo e de cronotopo no romance. Ensaio de poética histórica, in *Questões de literatura e de estética. A teoria do romance*. São Paulo: UNESP, 1998.

10. _____. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. 3 ed. (trad. Yara Frateschi). São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987.
11. _____ (Volochinov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2004.
12. _____. Discurso na vida e discurso na arte (sobre poética sociológica). Tradução de Carlos Alberto Faraco & Cristóvão Tezza, 1926. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dl/noticias/downloads/Curso_Bakhtin2008_Profa.%20MaCristina_Sampaio/ARTIGO_VOLOSH_BAKHTIN_DISCURSO_VIDA_ARTE.pdf>. Acesso em: 21 de out. 2010.
13. _____ *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 1998.
14. _____ *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução Paulo Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
15. BARBOSA, Roldão Ribeiro. Memória da Docência em História da Educação: do ensino para pesquisa com ensino. In: Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE), 5, 2008, Aracaju/SE. *Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação: O ensino e a pesquisa em História da Educação*. Aracaju: SBHE/UNIT/UFS, 2008.
16. BARREIRA, Luiz Carlos. *História e historiografia*. As escritas recentes da história da educação brasileira (1971-1988). 1995. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, UNICAMP.
17. BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: _____; FIORIN, José Luiz (Orgs). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: Em torno de Bakhtin*. São Paulo: Edusp, 1994.
18. BARROS, José D'Assunção. *O Tempo dos Historiadores*. 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
19. BASTOS, M. H. C. Um manual e suas diferentes apropriações. Noções da História da Educação de Theobaldo Miranda Santos (1945). In: Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE), 5, 2008, Aracaju/SE. *Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação: O ensino e a pesquisa em História da Educação*. Aracaju: SBHE/UNIT/UFS, 2008.
20. BAUMAN. *Em Busca da Política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
21. BENTO, Franciele; NEVES, Fatima Maria. Considerações sobre a Representação do Indígena e o Ensino de História da Educação. In: Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE), 6, 2011, Vitória/ES. *Anais do VI Congresso Brasileiro de História da Educação: Invenção, Tradição e Escritas da*

História da Educação no Brasil. Vitória/ES: SBHE, Universidade Federal do Espírito Santo, 2011.

22. BERGER, Manfredo. *Educação e dependência*. 2.ed. Rio de Janeiro, DIFEL, 1977.

23. BLOCH, Marc. *Introdução à história*. Ed. revista, aumentada e criticada por Étienne Bloch. Lisboa: Publicações Europa – América, 1997.

24. BONTEMPI JÚNIOR, B.; TOLEDO, Maria Rita de Almeida. Historiografia da educação brasileira: no rastro das fontes secundárias. *Perspectiva* (Erexim), Florianópolis/SC, v. 20, n. 1, p. 9-30, 1993.

25. BORGES, Vera Lúcia Abrão. A História da Educação a partir da História Oral: uma alternativa de Ensino. Congresso Brasileiro de História da Educação, 3, 2004, Curitiba/PR. *Anais eletrônicos* [...] Disponível em: <[HTTP://www.sbhe.org.br/novo/congresos/cbhe3/paginas/cbhae.htm](http://www.sbhe.org.br/novo/congresos/cbhe3/paginas/cbhae.htm)>. Acesso em: 21 de out. 2010.

26. BOSI, Ecléia. *Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1995.

27. BRZEZINSKI, Iria. *Pedagogia, pedagogos e formação de professores*. Campinas: Papirus, 1996.

28. _____. *O que é História cultural?* Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

29. CARVALHO, Laerte Ramos de. Educação Brasileira e sua Periodização. *Revista Brasileira de História da Educação*. n°2 jul./dez. 2001.

30. CARVALHO, Marta Maria Chagas de (Org.); GATTI JR. DÉCIO (Org.). *O Ensino de História da Educação*. Espírito Santo/Vitória: EDUFES/SBHE, 2011.

31. _____. Considerações sobre o Ensino de História da Educação no Brasil. In GATTI JUNIOR, Décio; FILHO, Geraldo Inácio (Orgs.). *História da Educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações*. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EUFU, 2005. P. 33-45.

32. CATANI, D. B.; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Um lugar de produção e a produção de um lugar: a história e a historiografia divulgadas no GT História da Educação da ANPEd (1985-2000). *Revista Brasileira de Educação*, 19, 113-128, jan/Abr. 2002.

33. CAVALCANTE, M. J. M. Ensino de História da Educação: da tradição dos manuais aos recortes temáticos, temporais e espaciais sob novos protagonismos. In: Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE), 5, 2008, Aracaju/SE. *Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação: O ensino e a pesquisa em História da Educação*. Aracaju: SBHE/UNIT/UFFS, 2008.

34. CERTEAU, Michel de. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
35. CHERVEL, A. *História das Disciplinas Escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa*. Revista Teoria e Educação, Porto Alegre, v.2, 1990.
36. CHESNEAUX, Jean. Devemos fazer tábula rasa do passado? São Paulo: Ática: 1995.
37. COUTINHO, Jose Maria. *Uma história da educação no Espírito Santo*. Vitória: DEC, 1993.
38. CUNHA, Guanair Oliveira da. *Resgate Histórico da Faculdade de Filosofia Ciências E Letras (FAFI) e sua Trajetória Político-Pedagógica na Formação de Educadores (1951 – 1971)*. 2000. 114f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2000.
39. DANTAS JUNIOR, H. S. História da Educação Física: Lições pedagógicas da relação Cinema – História. In: Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE), 5, 2008, Aracaju/SE. *Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação: O ensino e a pesquisa em História da Educação*. Aracaju: SBHE/UNIT/UFS, 2008.
40. _____. *A cultura historiográfica brasileira: década de 1930 aos anos 1970*. Passo Fundo, RS: EDIUPF, 1999.
41. _____. *A cultura historiográfica brasileira nos anos 1980: experiências e horizontes*. 2d. Passo Fundo, RS: UPF, 2004a..
42. FARIA FILHO, L. M. & VIDAL, D. G. História da educação no Brasil: a constituição do campo e sua configuração atual. Educação em Foco (Juiz de Fora), Juiz de Fora/MG, v. 7, n.2, p. 28-47, 2003.
43. FARIA FILHO, Luciano Mendes de. E SIMÕES, Regina Helena Silva. História e historiografia no pensamento de Carlo Ginzburg: tecendo diálogos com a pesquisa histórica em educação. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira e FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Orgs.). *Pensadores Sociais e História da Educação*. volume 2, Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
44. _____; RODRIGUES, José Roberto Gomes. A história da educação programada: uma aproximação da história da educação ensinada nos cursos de pedagogia em Belo Horizonte. *Revista Brasileira de História da Educação*. n. 5. P. 159-178, jul./dez. 2003.
45. FAVARO, Marta Regina Gimenez. Ensino de História da Educação no Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina. In: Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE), 6, 2011, Vitória/ES. *Anais do VI Congresso Brasileiro*

de História da Educação: Invenção, Tradição e Escritas da História da Educação no Brasil. Vitória/ES: SBHE, Universidade Federal do Espírito Santo, 2011.

46. FONSECA, Thais Nívea de Lima e. Ensino de História da Educação: Questões possíveis para a pesquisa. In: MORAIS, Christianni Cardoso; PORTES, Écio Antonio; ARRUDA, Maria Aparecida. *História da Educação: Ensino de Pesquisa*. Belo Horizonte, Autêntica, 2006.
47. _____. *História e ensino de História*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2003.
48. FONTANA, Josep. *A história dos homens*. São Paulo: EDUSC, 2004.
49. GADOTTI, Moacir. *Concepção dialética da educação: um estudo introdutório*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1984.
50. GATTI JUNIOR, Décio. História da Educação: consolidação da pesquisa nacional e ampliação dos espaços de divulgação científica. In *Educação e Filosofia*, Uberlândia/MG. V. 18, n. Esp. p. 05-22, 2004.
51. _____. Estudo sobre o processo de constituição do ensino e da pesquisa em História da Educação no Brasil (séculos XIX e XX). In: MORAIS, Christianni Cardoso; PORTES, Écio Antonio; ARRUDA, Maria Aparecida. *História da Educação: Ensino de Pesquisa*. Belo Horizonte, Autêntica, 2006.
52. _____. Caminhos do ensino de História da Educação no Brasil (1930 – 2000): diretrizes teórico-metodológicas de uma investigação. In: Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE), 5, 2008, Aracaju/SE. *Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação: O ensino e a pesquisa em História da Educação*. Aracaju: SBHE/UNIT/UFS, 2008.
53. _____. Luzuriaga, Larroyo, Manacorda e Cambi: análise de manuais de história da educação em circulação na formação de professores no Brasil (1955 – 2008). In: IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas do HISTEDBR, 9, 2012, João Pessoa – PB. *Anais do IX Seminário Nacional do HISTEDBR*. Universidade Federal da Paraíba, 2012.
54. _____.; BORGES, Bruno Gonçalves. O Ensino de História da Educação no Brasil Contemporâneo: a situação da disciplina nos cursos de pedagogia. In: Congresso Luso – Brasileiro de História da Educação (COLUBHE), 8, 2010, São Luiz - MA. *Anais do VIII Congresso Luso – Brasileiro de História da Educação*. São Luiz/MA/BR: SHE/SPCE/SBHE, UFMA, 2010.
55. _____.; LIMA, Geraldo Gonçalves de. A disciplina de História da Educação na Formação de Normalistas em Patrocínio – MG (1928 – 1971): uma reflexão acerca dos manuais escolares. In: Congresso Luso – Brasileiro de História da Educação (COLUBHE), 8, 2010, São Luiz - MA. *Anais do VIII Congresso Luso – Brasileiro de História da Educação*. São Luiz/MA/BR: SHE/SPCE/SBHE, UFMA, 2010.

56. _____. GUIMARÃES, Rosangela Maria Castro. A Disciplina “História da Educação” na formação de normalistas em Uberaba-MG (1928-1971): considerações aos aportes teóricos e metodológicos. In: Congresso Luso – Brasileiro de História da Educação (COLUBHE), 8, 2010, São Luiz - MA. Anais do VIII Congresso Luso – Brasileiro de História da Educação. São Luiz/MA/BR: SHE/SPCE/SBHE, UFMA, 2010.
57. _____. Intelectuais, Instituições e Circulação de Ideias no Processo de Constituição da Disciplina História da Educação do Brasil (1840 – 2000). In: Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE), 6, 2011, Vitória/ES. *Anais do VI Congresso Brasileiro de História da Educação: Invenção, Tradição e Escritas da História da Educação no Brasil*. Vitória/ES: SBHE, Universidade Federal do Espírito Santo, 2011.
58. GINZBURG, Carlo. Entrevista. *Estudos Filosóficos*, Rio de Janeiro. vol.3, n. 6, 1990, p. 254 -263.
59. _____. *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
60. _____. *Nenhuma ilha é uma ilha*. Quatro visões da literatura inglesa. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.
61. _____. *Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
62. _____. *Relações de Força: história, retórica e prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
63. _____. *O fio e os rastros: Verdadeiro, falos, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
64. _____. *O Queijo e os Vermes; o cotidiano de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
65. GOMES, Ângela Castro Gomes. *História e Historiadores: a política cultural no Estado Novo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
66. HAYASHI, Carlos Roberto Massao ; FERREIRA Jr., Amarilio . O campo da história da educação no Brasil: um estudo baseado nos grupos de pesquisa. Avaliação (UNICAMP), v. 15, p. 167-184, 2010.
67. HOBBSAWN, Eric. *A era dos impérios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
68. IVASHITA, Simone Burioli; MEN, Liliana. História da Educação: subsidies para integração de um campo de pesquisa em produção discente (1983 a 2003). In: IV CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2006, Goiana.

Anais eletrônicos. Disponível em: <<http://WWW.sbhe.org.br/novo/congresso/cbhe3/paginas/cbhe.htm>>. Acesso em: 21 de out.2010.

69. JORGE, Marcos. *Crítica à periodização na história da educação brasileira*. Tese (Educação) - Universidade Estadual de Campinas, orientada por Maria Elisabete S.P. Xavier. 2002.

70. LAPA, José Roberto do Amaral. *Historiografia brasileira contemporânea: a história em questão*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

71. LIMA, Geraldo Gonçalves. *O Manual "Pequena História da Educação" (1936): Das Madres Peetrs e Coomam no Ensino da História da Educação Brasileira*. In: Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE), 6, 2011, Vitória/ES. *Anais do VI Congresso Brasileiro de História da Educação: Invenção, Tradição e Escritas da História da Educação no Brasil*. Vitória/ES: SBHE, Universidade Federal do Espírito Santo, 2011.

72. LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão; Irene Ferreira & Suzana Ferreira Borges. 2 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

73. LOMBARDI, J. C. Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTEDBR). *Acervo* (Rio de Janeiro), v. 18, p. 183-196, 2005.

74. _____. Registrando trajetória: Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil" (HISTEDBR). 2013 Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/apresentacao_arquivos/Artigo_AN_Informacoes_HISTEDBR.htm>

75. LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *História da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A. 2001.

76. LORENZ, Karl Michael. Os livros de História da Educação Norte – Americanos adotados no Brasil nos Séculos XIX e XX: origens e abordagens. In: Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE), 6, 2011, Vitória/ES. *Anais do VI Congresso Brasileiro de História da Educação: Invenção, Tradição e Escritas da História da Educação no Brasil*. Vitória/ES: SBHE, Universidade Federal do Espírito Santo, 2011.

77. LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro. Editora da FGV, 1998.

78. MAGALHÃES, Justino. A História das Instituições Educacionais em Perspectiva. In: GATTI JUNIOR, Décio; FILHO, Geraldo Inácio (orgs.). *História da Educação em Perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações*. Campinas, SP: Autores Associadas; Uberlândia, MG: EDUFU, 2005. P. 91 – 103.

79. MARCHEZAN, Renata Carvalho. Dialogo. In: Brait, Beth (Org.). *Bakhtin: Outros conceitos – chave*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.
80. MONARCHA, C. R. S. História da educação (brasileira): formação do campo, tendências e vertentes investigativas. *História da Educação (UFPEL)*, Pelotas, v.11, 2007, p.51-78.
81. _____. Práticas de Escrita da História da educação: o tema da Escola Nova nos manuais de ensino produzidos por brasileiros (1914 – 1969). In: Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE), 5, 2008, Aracaju/SE. *Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação: O ensino e a pesquisa em História da Educação*. Aracaju: SBHE/UNIT/UFES, 2008.
82. MONROE, Paul. História da Educação. Do original inglês *A Brief Course in the History of Education*. Tradução de Nelson Cunha de Azevedo. 1ª ed. São Paulo : Companhia Editora Nacional, 1939.
83. MORAES, Dislane Zerbinatti. Fontes e Objetos Históricos no Ensino de História da Educação: os lugares do texto literário. In: Congresso Luso – Brasileiro de História da Educação (COLUBHE), 6, 2006. Uberlândia-MG. *Anais do VI Congresso Luso – Brasileiro de História da Educação: Percursos e Desafios da Pesquisa e da Pesquisa em Ensino de História da Educação*. Uberlândia/MG/BR:SHE/SPCE/SBHE. UFU, 2006.
84. NEGRÃO, José J. Para conhecer o neoliberalismo. São Paulo: Publisher Brasil, 1998.
85. NETTO, J. P. Relendo a Teoria Marxista. In: SAVIANI, D; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luis (Orgs.). *História e História da Educação: o debate teórico metodológico atual*. Campinas: Autores Associados, 2000.
86. NEVES, Fátima Maria. O ensino da História da Educação brasileira e os critérios para a presença temática. In: Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE), 5, 2008, Aracaju/SE. *Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação: O ensino e a pesquisa em História da Educação*. Aracaju: SBHE/UNIT/UFES, 2008.
87. _____. Filmes Históricos e o Ensino de História da Educação. In: Congresso Luso – Brasileiro de História da Educação (COLUBHE), 6, 2006. Uberlândia-MG. *Anais do VI Congresso Luso – Brasileiro de História da Educação: Percursos e Desafios da Pesquisa e da Pesquisa em Ensino de História da Educação*. Uberlândia/MG/BR:SHE/SPCE/SBHE. UFU, 2006.
88. _____. O ensino e a aprendizagem do “Descobrimento” do Brasil, no curso de Pedagogia. In: Congresso Luso – Brasileiro de História da Educação (COLUBHE), 8, 2010, São Luiz - MA. *Anais do VIII Congresso Luso – Brasileiro de História da Educação*. São Luiz/MA/BR: SHE/SPCE/SBHE, UFMA, 2010.

89. NÓVOA, A. *Profissão Professor*. 2 ed. Porto: Porto, 1995.
90. _____. *História da Educação*. Relatório da disciplina de História da Educação apresentado no âmbito das provas para obtenção da agregação. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1994.
91. NUNES, Clarice. Ensino e historiografia da educação: problematização de uma hipótese. *Revista Brasileira de Educação*, n. 1, p. 67-79, jan./abr. 1996.
92. _____. História da educação: interrogando a prática do ensino de e da pesquisa. In: Lopes, Ana Amélia Borges de Magalhães et al. (orgs.) *História da Educação em Minas Gerais*. Belo Horizonte, FCH/FUMEC, 1996. p. 32-57.
93. _____. O ensino de história e a produção de sentidos na sala de aula. *Revista Brasileira de Educação*, n. 6, p. 115-158, jul./dez. 2003.
94. PEIXOTO, Afrânio. *Noções de História da Educação*. 1ª ed. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1933.
95. PERES, Eliane.; BASTOS, Maria H. C. Associação Sul-rio-grandense de Pesquisadoras em História da Educação(ASPHE): a trajetória de uma rede de pesquisadores. *Educação em Revista*, n. 34, dez/2001, p. 121-127.
96. PÍCCOLO, Marilda. *A Disciplina História da Educação em Cursos de Pedagogia*. 152f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal de Goiás, 1992.
97. PINHEIRO, A.C.F. O Ensino de História da Educação: nas veredas do Curso de Licenciatura em Pedagogia. In: Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE), 5, 2008, Aracajú/SE. *Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação: O Ensino e a Pesquisa em História da Educação*. Aracajú: SBHE; UNIT; UFS, 2008.
98. PONCE, Aníbal. *Educação e Luta de Classes*. 7ª edição. São Paulo: Editora Cortez, 1986.
99. QUADROS, Claudemir. Ensino e Aprendizagem em História da Educação: relatos de experiências com estudantes de pedagogia. In: Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE), 6, 2011, Vitória-ES. *Anais do VI Congresso Brasileiro de História da Educação: Invenção, Tradição e Escritas da História da Educação no Brasil*. Vitória/ES: SBHE, Universidade Federal do Espírito Santo, 2011.
100. QUEIROS, Zuleide Fernandes de. História da Educação no Ceará e do Cariri Cearense: pesquisa e ensino na graduação. In: Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação (COLUBHE), 6, 2006. Vitória-ES. *Anais do IV Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: Percursos e Desafios da Pesquisa e da*

Pesquisa em Ensino de História da Educação. Uberlândia/ES/BR: SHE/SPCE/SBHE, UFU, 2006.

101. REIS, J. C. *A História Entre a Filosofia e a Ciência*. 1. ed. São Paulo: Ática, 1999.

102. RIBEIRO, Maria Luísa Santos, *História da educação brasileira: a organização escolar*, São Paulo, Cortez & Moraes, 1978.

103. RIBEIRO, Sonia Tereza da Silva. *História da Educação ou seu Ensino? Uma análise da disciplina nos cursos de formação docente*. 152f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal de Uberlândia, 1995.

104. RICO, Antón Costa. A Docencia da História da Pedagogía/História da Educación em Espanha: institucionalización, textos e rotas. In: JÚNIOR, Décio Gatti; MONARCHA, Carlos; BASTOS, Maria Helena Camara (orgs). *O Ensino de História da Educação em Perspectiva Internacional*. Minas Gerais: EDUFU, p. 157-188, 2009.

105. ROBALLO, Roberlayne de Oliveira Borges. *Manuais de História da Educação para a Formação de Professores Normalistas: a produção de um inventário para uma moderna cultura pedagógica*. In: Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação (COLUBHE), 8, 2010. Vitória-ES. *Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*. São Luiz/MA/BR: SHE/SPCE/SBHE, UFMA, 2010.

106. _____. *Livros de História da Educação da Coleção Atualidades (1933 – 1977): um espaço da memória da formação docente*. In: Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE), 6, 2001. Vitória-ES. *Anais do VI Congresso Brasileiro de História da Educação: Invenção, Tradição e Escritas da História da Educação no Brasil*. Vitória/ES: SBHE, Universidade Federal do Espírito Santo, 2011.

107. _____. *Manuais de História da Educação da Coleção Atualidades Pedagógicas (1933-1977): verba volant, scripta manant*. Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR, 2012

108. RODRIGUES, José Roberto Gomes. *O ensino de História da Educação Brasileira nos Cursos de Pedagogia da Belo Horizonte: tendências e perspectivas*. 287f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2002.

109. _____. *O ensino de História da Educação: um olhar reflexivo a partir da análise de planos e programas curriculares*. In: CARVALHO, Marta Maria Chagas de (Org.); GATTI JR. DÉCIO (Org.). *O Ensino de História da Educação*. Espírito Santo/Vitória: EDUFES/SBHE, 2011. 405 p.

110. RODRIGUES, José Honório. *Teoria da História do Brasil*. 3. ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1969.

111. RODRIGUES, Elaine. Ensino de História da Educação no Paraná: particularidade de um estado brasileiro. In: Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE), 5, 2008, Aracaju/SE. *Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação: O Ensino e a Pesquisa em História da Educação*. Aracaju: SBHE; UNIT; UFS, 2008.
112. RODRIGUES, Rosangela Silveira; RAMALHO, Maria Nailde Martins; GARCIA, Bruna Luíza Nunes; JUNIOR, Farley Rodrigues dos Santos; RABELO, Islei Gonçalves. O Ensino de História da Educação nos Cursos de formação de Professores da UNIMONTES: início de um debate necessário. In: Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE), 6, 2001. Vitória-ES. *Anais do VI Congresso Brasileiro de História da Educação: Invenção, Tradição e Escritas da História da Educação no Brasil*. Vitória/ES: SBHE, Universidade Federal do Espírito Santo, 2011.
113. ROMANELLI, Otaíza de Oliveira, *História da educação no Brasil (1930/1973)*. Vozes, Petrópolis, 1978.
114. ROUSSO, HENRY. A Memória não é mais o que era. IM: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (org). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998.
115. SÁ, Nívea Vasconcelos de Almeida. *Uma Contribuição para a História da Disciplina História da Educação do Curso de Pedagogia da Universidade de Sorocaba*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação, Universidade de Sorocaba, 2005.
116. _____. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2008.
117. SANTOS, Rita de Cássia Grito dos; ARRIADA, E.; NOGUEIRA, G. M. Narrativas acerca da docência em História da Educação: um diálogo de saberes e práticas entre FURG e UFPEL. In: Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE), 5, 2008, Aracaju/SE. *Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação: O Ensino e a Pesquisa em História da Educação*. Aracaju: SBHE; UNIT; UFS, 2008.
118. SANTOS, Theobaldo Miranda dos. *Noções de história da educação*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1945
119. SAVIANI, Dermeval. O debate Teórico e Metodológico no Campo da História e sua Importância para a Pesquisa Educacional. In: SAVIANI, D.; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luis (Horas.). *História e História da Educação: o debate teórico metodológico atual*. Campinas: Autores Associados, 1998.
120. _____. Editorial 15 anos de HISTEDBR: 1986-2001. Revista Histedbr Online, Campinas, n. 4, out. 2001.

121. _____ et. al. *O legado educacional do século XX no Brasil*. Campinas :Autores Associados, 2004
122. _____. *A pedagogia no Brasil*. História e teoria. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2008.
123. _____.; CARVALHO, M. M. C.; VIDAL, D. G.; ALVES, C.; GONCALVES NETO, W. Sociedade Brasileira de História da Educação: constituição, organização e realizações. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 11, p. 13-45, 2011.
124. _____. Reflexões sobre o Ensino e Pesquisa em História da Educação. In: GATTI JUNIOR, Décio; FILHO, Geraldo Inácio (Orgs.). *História da Educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações*. Campinas, SP: Autores Associado; Uberlândia, MG: EDUFU, 2005, p. 7 – 31.
125. _____. Sobre a especificidade do objeto da História da Educação. *Boletim eletrônico*, Campinas, HISTEDBR, ano I, n. 1, maio, 1999b. Disponível em: [HTTP://www.histedbr.fae.unicamp.br](http://www.histedbr.fae.unicamp.br). Acesso em: 21 de out. 2010.
126. _____. Sobre a pesquisa e o ensino de história da educação brasileira. *Boletim eletrônico*, Campinas, HISTEDBR, ano I, n. 1, maio, 1999b. Disponível em: [HTTP://www.histedbr.fae.unicamp.br](http://www.histedbr.fae.unicamp.br). Acesso em: 21 de out. 2010.
127. SCALZER, Jaqueline. Ensino de História da Educação nas Licenciaturas: expectativas, frustrações e contribuições. In: Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação (COLUBHE), 8, 2010. Vitória-ES. *Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*. São Luiz/MA/BR: SHE/SPCE/SBHE, UFMA, 2010. .
128. SILVA, Vívica de Melo; RODRIGUES, Melânia Mendonça. Ensino e pesquisa: uma experiência na prática didático-pedagógica da disciplina História da Educação. In: Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE), 5, 2008, Aracajú/SE. *Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação: O Ensino e a Pesquisa em História da Educação*. Aracajú: SBHE; UNIT; UFS, 2008.
129. SILVA, S. P. Cruz. Educação patrimonial e ensino de história da educação: o uso do memorial escolar. In: Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE), 5, 2008, Aracajú/SE. *Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação: O Ensino e a Pesquisa em História da Educação*. Aracajú: SBHE; UNIT; UFS, 2008.
130. SOARES, Norma Patrícia Lopes. Historiografando o Ensino de História da Educação em Picos: memórias produzindo história. In: Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE), 5, 2008, Aracajú/SE. *Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação: O Ensino e a Pesquisa em História da Educação*. Aracajú: SBHE; UNIT; UFS, 2008.
131. STEPHANOU, M. História da Educação de Paul Monroe (1905) e Trajetória da Disciplina História da Educação: contratações, pistas e pontos. In: Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE), 5, 2008, Aracajú/SE. *Anais do V*

Congresso Brasileiro de História da Educação: O Ensino e a Pesquisa em História da Educação. Aracajú: SBHE; UNIT; UFS, 2008.

132. TOLEDO, Maria Rita de Almeida. *Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981)*. 2001. 324f. Tese (Doutorado em Educação) – Curso de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

133. VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e história cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 127-162.

134. _____. História Cultural e Historiografia Brasileira. *História: Questões & Debates*, Curitiba, UFPR, n. 50, jan./jun. 2009, p. 217-235.

135. VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano. História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). *Revista Brasileira de História*. v. 23, n. 46, p. 37-70, 2003.

136. VIEIRA, Paulo Henrique; TOLEDO, César de Alencar Arnaut de. O tema do Calvinismo nos Manuais de História da Educação. In: Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação (COLUBHE), 6, 2006. Vitória-ES. *Anais do VIII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: Percursos e Desafios da Pesquisa em ensino de História da Educação*. Uberlândia/ES/BR: SHE/SPCE/SBHE, UFU, 2006.

137. VIEIRA, Alboni Marisa Dudeque Pianovski. Aprendendo História da Educação: um estudo realizado a partir da pesquisa com fontes primárias. In: Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação (COLUBHE), 8, 2010. Vitória-ES. *Anais do VIII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*. São Luiz/MA/BR: SHE/SPCE/SBHE, UFMA, 2010.

138. VIEIRA, Carlos Eduardo. História da Educação e História da Filosofia: culturas cruzadas a partir das concepções de história e de escrita da história em Hegel. In: *Pro-posições*. Campinas, São Paulo, v.1, n. 1, p.189-205, mar. 2009.

139. _____. A escrita da História da Educação no Brasil: formando professores através de noções de história. In: GONDRA, José Gonçalves; SOO-MA SILVA, José Cláudio (orgs.). *História da Educação na América Latina: ensinar & escrever*. Rio de Janeiro: EDUERJ, p.83-113, 2011.

140. VIERA, Evaldo. Por uma história da educação que esteja presente no trabalho educativo. *Educação e Sociedade* São Paulo: Cortez. Ano IV set/1982, 112.

141. WARDE, Mirian Jorge. Anotações para uma Historiografia da Educação Brasileira. In: *Em Aberto*, ano 3, n. 23, set./out. 1984.

142. _____. Contribuição da História para a Educação. In: *Em Aberto*, ano IX, n. 47, jul./set. 1990, pp. 3-11.

143. _____. A história da educação nos marcos de uma história das disciplinas. Questões teóricas e de método: In: SAVIANI, D.; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luis (Orgs.). *História e História da Educação: o debate teórico metodológico atual*. Campinas: Autores Associados, 1998.
144. WARMILING, Letícia Carneiro Aguiar. *A Contribuição da História da Educação na Formação do Educador*. 249f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1992.
145. WHITE, Hayden. A questão da narrativa na teoria contemporânea da história. Trad. Luis Paulo Rouanet. In: *Revista de História*, Nº 2 e 3, Unicamp, 1991.
146. XAVIER, Libânia. Particularidades de um Campo Disciplinar em Consolidação: Balanço do I Congresso de História da Educação. In: SBHE. *Educação no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2001, p. 206-217.
147. XAVIER, Elizabete Sampaio Prado. “Noções de História da Educação” para professores: o manual de Afrânio Peixoto (1876-1947). In: NETO, Wenceslau Gonçalves; MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck; NETO, Amarílio Ferreira (Orgs.). *Práticas escolares e processos educativos: currículo, disciplinas e instituições escolares (séculos XIX e XX)*. Vitória-ES: EDUFES, 2011, v. 4, p. 153-178.
148. XAVIER, Libânia; TAMBARA, Elomar; PINHEIRO, Antonio Carlos (orgs). *História da Educação no Brasil: matrizes interpretativas, abordagens e fontes predominantes na primeira metade do século XXI*. Vitória: EDUFES, 2011.
149. ZAMBONI, Ernesta. “Panorama das pesquisas no ensino de História”. *Saeculum - Revista de História*, João Pessoa, Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba, n. 6/ 7, jan.- dez. 2000/ 2001, p. 106. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum06-07_art09_zamboni.pdf>.

FONTES

LEIS

BRASIL. Ministério de Educação e Saúde. Universidade do Brasil/Faculdade Nacional de Filosofia. Programas para o curso de Pedagogia. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1940.

BRASIL. Decreto-Lei nº1190 de 04/04/1939. Organiza a Faculdade Nacional de Filosofia. 1939. Disponível em www.senado.gov.br. Último acesso em 11 de novembro de 2012.

ACERVO PRIVADO

PROFESSORA A. *Conteúdos Programáticos História da Educação I (1983)*. Pasta: Programas de História da Educação. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1983, Caixa 1, 1975 - 1990.

_____. *Conteúdos Programáticos História da Educação I (1984)* Pasta: Programas de História da Educação. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1984, Caixa 1, 1975 - 1990.

_____. *Conteúdos Programáticos História da Educação I (1985)* Pasta: Programas de História da Educação. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1985, Caixa 1, 1975 - 1990.

_____. *Conteúdos Programáticos História da Educação I (1984)* Pasta: Programas de História da Educação. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1986, Caixa 1, 1975 - 1990.

_____. *Conteúdos Programáticos História da Educação I (1988)* Pasta: Programas de História da Educação. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1988, Caixa 1, 1975 - 1990.

_____. *Conteúdos Programáticos História da Educação I (1989)* Pasta: Programas de História da Educação. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico, Acervo Pessoal, 1989, Caixa 1, 1975 - 1990.

_____. *Doc. Revisão Teórica*. Pasta sobre a implementação e avaliação do novo currículo de Pedagogia. Acervo Pessoal, 1989, Caixa 2, 1990 – 1995.

_____. *Programa de Curso: História da Educação I (1975)*. Pasta: *Programas de Ensino de História da Educação I*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1975, Caixa 1, 1975 – 1990.

_____. *Unidades de Ensino Pasta: Folhas Avulsas*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1975, Caixa 1, 1975 – 1990.

_____. *Avaliação das leituras (1983/2)*. Pasta: Atividades Avaliativas de História da Educação I. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1983, Caixa 1, 1975 – 1990.

_____. *Avaliação das leituras (1985/2)*. Pasta: Atividades Avaliativas de História da Educação I. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1985, Caixa 1, 1975 – 1990.

_____. *Avaliação das leituras (1986/1)*. Pasta: Atividades Avaliativas de História da Educação I. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1986, Caixa 1, 1975 – 1990.

_____. *Avaliação das leituras (1988/2)*. Pasta: Atividades Avaliativas de História da Educação I. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1988, Caixa 1, 1975 – 1990.

_____. *Avaliação das leituras (1990/2)*. Pasta: Atividades Avaliativas de História da Educação I. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1990, Caixa 2, 1990 – 1995.

_____. *Avaliação das leituras (1993/1)*. Pasta: Atividades Avaliativas de História da Educação I. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1993, Caixa 2, 1990 – 1995.

_____. *Avaliação das leituras (1993/2)*. Pasta: Atividades Avaliativas de História da Educação I. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1993, Caixa 2, 1990 – 1995.

_____. *Avaliação das leituras (1995/2)*. Pasta: Atividades Avaliativas de História da Educação I. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1995, Caixa 2, 1990 – 1995.

_____. *Avaliação das leituras (1997/2)*. Pasta: Atividades Avaliativas de História da Educação I. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1997, Caixa 3, 1990 – 2000.

_____. *Avaliação das leituras (1997/2)*. Pasta: Atividades Avaliativas de História da Educação I. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1997, Caixa 3, 1990 – 199

_____. *Avaliação da Implementação do novo currículo do curso de pedagogia da universidade federal do Espírito Santo*, Acervo Pessoal, 1992, Caixa 2, 1990 – 1995..

_____. *Implementação e avaliação do novo currículo de Pedagogia*. Doc. Projeto de Reformulação do Curso de Pedagogia. Acervo Pessoal, 1989 Caixa 2, 1990 – 1995.

_____. *Programa História da Educação I (1990/2)*. Pasta: Programas de Ensino de História da Educação I. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1990, Caixa 2, 1990 – 1995.

_____. *Avaliação das leituras (1983/2)*. Pasta: Atividades Avaliativas de História da Educação I. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1983, Caixa 1, 1975 – 1980.

_____. *Unidades Programáticas (1990/2)*. Pasta: Programas de Ensino de História da Educação. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1990, Caixa 2, 1975 – 1990.

_____. *Resumos sobre os conteúdos de História da Educação I*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1990-1999, Caixa 2, 1990 – 1994.

_____. *Sínteses Realizadas por Professores*. Pasta: Resumos de Conteúdos de História da Educação I. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1990, Caixa 2, 1975 – 1990.

_____. *Espelho com opiniões e sugestões dos professores sobre a reformulação do curso*. Pasta: Reformulação do Curso de Pedagogia. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1994, Caixa 2, 1990 – 1995.

_____. *Acompanhamento e Avaliação "Novo Curso de Pedagogia" (1992)*. Pasta: Reformulação do Curso de Pedagogia. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1992, Caixa 2, 1990 – 1995.

_____. *Programa detalhado de Curso: História da Educação I (1992/1)*. Pasta: Programas de Ensino de História da Educação I. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1996, Caixa 2, 1990 – 1995.

_____. *Programa detalhado de Curso: História da Educação I (1992/2)*. Pasta: Programas de Ensino de História da Educação I. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1996, Caixa 2, 1990 – 1995.

_____. *Transparências sobre o Papel da Educação nas Antigas Civilizações Orientais*. Pasta: Transparências de História da Educação I. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, Acervo Pessoal, Sem Data, Caixa 2, 1990-1995.

_____. *Transparências sobre a Educação Romana*. Pasta: Transparências de História da Educação I. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, Sem Data, Caixa 2, 1990-1995.

_____. *Acompanhamento e Avaliação "Novo Curso de Pedagogia" (1992)*. Pasta: Reformulação do Curso de Pedagogia. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1992, Caixa 2, 1990 – 1995.

_____. *Revisão Teórica*. Pasta: Implementação e Avaliação do Novo Currículo de Pedagogia. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, sem data, Caixa 2, 1990 – 1995.

_____. *Unidades de Ensino*. Pasta: Folhas Avulsas. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, Caixa 2, 1990 - 1995.

_____. *Programa detalhado de História da Educação I (1996/2)*. Pasta: Programas de Ensino de História da Educação I. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1996, Caixa 3, 1995 – 2000.

_____. *Programa detalhado de História da Educação I (1997/1)*. Pasta: Programas de Ensino de História da Educação I. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1997, Caixa 3, 1995 – 2000.

_____. *Programa detalhado de História da Educação I (1997/2)*. Pasta: Programas de Ensino de História da Educação I. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1997, Caixa 3, 1995 – 2000.

_____. *Programa detalhado de Curso: História da Educação I (1998/1)*. Pasta: Programas de Ensino de História da Educação I. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1998, Caixa 3, 1995 – 2000.

_____. *Programa detalhado de Curso: História da Educação I (1998/2)*. Pasta: Programas de Ensino de História da Educação I. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1998, Caixa 3, 1995 – 2000.

_____. *Resumos sobre os conteúdos de História da Educação I*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1990-1999, Caixa 3, 1995 - 1999.

PROFESSOR B .*Programa de História da Educação II (1975)*. Pasta: Programas de Ensino de História da Educação II. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal. Acervo Pessoal, 1975, Caixa 1, 1975 – 1990.

_____. *Programa de História da Educação II (1985)*. Pasta: Programas de Ensino de História da Educação II. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1985, Caixa 1, 1975 – 1990.

_____. *Programa de História da Educação II (1984)*. Pasta: Programas de Ensino de História da Educação II. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Caixa 1, 1975 – 1990.

_____. *Sínteses Realizadas por Professores*. Pasta: Resumos de Conteúdos de História da Educação II. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1990, Caixa 2, 1975 – 1990.

_____. *Trabalho A: Periodizações da História da Educação II (1991)*. Pasta: Atividades Avaliativas de História da Educação II. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1991, Caixa 2, 1990 – 1995.

_____. *Trabalho A: Periodizações da História da Educação II (1991)*. Pasta: Atividades Avaliativas de História da Educação II. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal.1991, Caixa 2, 1990 – 1995.

_____. *Trabalho B: Periodizações da História da Educação II (1991)*. Pasta: Atividades Avaliativas de História da Educação II. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Acervo Pessoal, 1991, Caixa 2, 1990 – 1995.

PROFESSORA C. *Programa de História da Educação II (1995/1)*. Acervo Privado, 1995.

_____. *Programa de História da Educação II (1996/1)*. Acervo Privado, 1996.

_____. *Programa de História da Educação II (1998/1)*. Acervo Privado, 1998.

_____. *Programa detalhado da Disciplina de História da Educação II (1998)*. Acervo Pessoal, 1998.

_____. *Programa de História da Educação II, (2000/1)* Acervo Pessoal, 2000.

_____. *Programa de História da Educação II, (2000/2)* Acervo Pessoal, 2000.

_____. *Cadernos de Planejamento e Fichamento*. Acervo Pessoal, sem data.

PROFESSORA D. *Programa de História da Educação II (1995/2)*. Acervo Privado, 1995.

_____. *Programa de História da Educação II (1996/1)*. Acervo Privado, 1996.

_____. *Programa de História da Educação II (1996/2)*. Acervo Privado, 1996.

_____. *Programa de História da Educação II (1998/1)*. Acervo Privado, 1998.

_____. *Programa de História da Educação II (1998/2)*. Acervo Privado, 1998.

_____. *Programa de História da Educação II, (2000/1)* Acervo Pessoal, 2000.

_____. *Cadernos de Planejamento e Fichamentos*. Acervo Pessoal, sem data.

PROFESSOR E. *Programa de História da Educação II (1995/1)*. Acervo Privado, 1995.

_____. *Programa de História da Educação II (1997/1)*. Acervo Privado, 1996.

_____. *Programa de História da Educação II (1998/1)*. Acervo Privado, 1998.

_____. *Programa de História da Educação II* (1998/2). Acervo Privado, 1998.

_____. Programa de História da Educação II, (2000/1) Acervo Pessoal, 2000.

_____. Fichamentos de textos. Acervo Pessoal, sem data.

ARQUIVO DO CENTRO DE EDUCAÇÃO/UFES

CENTRO DE EDUCAÇÃO/UFES. Contribuição ao processo de elaboração das diretrizes curriculares do curso de Pedagogia. Caixa: *Reformulação do Curso de Pedagogia.*, 1989; 1994; 2000.

_____. *Programas de Ensino de História da Educação I*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: 1975.

_____. *Programas de Ensino de História da Educação II*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: 1975.

_____. *Programas de Ensino de História da Educação I*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: 1976

_____. *Programas de Ensino de História da Educação II*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: 1976.

_____. *Programas de Ensino de História da Educação I*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: 1978

_____. *Programas de Ensino de História da Educação II*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: 1978.

_____. *Programas de Ensino de História da Educação I*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: 1979

_____. *Programas de Ensino de História da Educação II*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: 1979.

_____. *Programas de Ensino de História da Educação I.* Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: 1981/1982.

_____. *Programas de Ensino de História da Educação II.* Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: Pasta: 1981/1982.

_____. *Unidade I.* Programas de Ensino de História da Educação II. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: Pasta: 1981/1982.

_____. *Programas de Ensino de História da Educação I.* Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: 1985.

_____. *Programas de Ensino de História da Educação II.* Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: Pasta: 1985.

_____. *Programação específica/ Leituras obrigatórias.* Programas de Ensino de História da Educação II. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: Pasta: 1985.

_____. *Programas de Ensino de História da Educação II.* Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: Pasta: 1990.

_____. *Programas de Ensino de História da Educação I.* Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: 1994.

_____. *Programas de Ensino de História da Educação II.* Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: Pasta:1994.

_____. *Programas de Ensino de História da Educação I.* Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: 1995.

_____. *Cronogramas de Atividades.* Programas de Ensino de História da Educação I. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: 1995.

_____. *Programas de Ensino de História da Educação I.* Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: 1996.

_____. *Programas de Ensino de História da Educação II.* Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: Pasta:1996.

_____. *Cronogramas de Atividades*. Programas de Ensino de História da Educação I. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: 1996.

_____. *Programas de Ensino de História da Educação I*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: 1997.

_____. *Programas de Ensino de História da Educação II*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: Pasta:1997.

_____. *Bibliografia específica para os seminários*. Programas de Ensino de História da Educação II. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: 1997.

_____. *Programas de Ensino de História da Educação I*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: 1998.

_____. *Programas de Ensino de História da Educação II*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: Pasta:1998.

_____. *Programas de Ensino de História da Educação I*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: 1999.

_____. *Programas de Ensino de História da Educação II*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: Pasta:1999.

_____. *Bibliografia específica para os seminários*. Programas de Ensino de História da Educação II. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: 1997

_____. *Cronogramas de Atividades*. Programas de Ensino de História da Educação I. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: 1996.

_____. *Programas de Ensino de História da Educação I*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: 2000.

_____. *Programas de Ensino de História da Educação II*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: Pasta:2000.

_____. *Programas de Ensino de História da Educação I*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: 2002.

_____. *Programas de Ensino de História da Educação II*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: Pasta:2002.

_____. *Cronogramas de Atividades*. Programas de Ensino de História da Educação I. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: 2002

_____. *Programas de Ensino de História da Educação I*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: 2003.

_____. *Programas de Ensino de História da Educação II*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: Pasta:2003.

_____. *Programas de Ensino de História da Educação I*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: 2004.

_____. *Programas de Ensino de História da Educação II*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: Pasta:2004.

_____. *Cronogramas de Atividades*. Programas de Ensino de História da Educação I. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: 2004.

_____. *Contribuição ao processo de elaboração das diretrizes curriculares do curso de Pedagogia*. Caixa: Reformulação do Curso de Pedagogia. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. 1989 - 1994 - 2000.

_____. *Programas de Ensino de História da Educação I*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: 2005.

_____. *Programas de Ensino de História da Educação II*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: Pasta:2005.

_____. *Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia*. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: Pasta:2006.

_____. *Cronogramas de Atividades*. Programas de Ensino de História da Educação I. Departamento de Fundamentos da Educação e Orientação Educacional/Centro Pedagógico. Pasta: 2005.

ARQUIVOS: ALMOXARIFADO DO CENTRO DE CIENCIAS HUMANAS E NATURAIS

FFCLES. *Relatórios do exame vestibular 1953.* Vitória: Almojarifado do CEG/UFES,1953.

_____. *Relatórios do primeiro período 1954.* Vitória: Almojarifado do CEG/UFES,1954.

_____. *Relatórios do segundo período 1954.* Vitória: Almojarifado do CEG/UFES,1954.

_____. *Relatórios do primeiro período 1955.* Vitória: Almojarifado do CEG/UFES,1955

_____. *Relatórios do segundo período 1955.* Vitória: Almojarifado do CEG/UFES,1955.

_____. *Relatórios do primeiro período 1956.* Vitória: Almojarifado do CEG/UFES,1956.

_____. *Relatórios do segundo período 1956.* Vitória: Almojarifado do CEG/UFES,1956.

_____. *Relatórios do primeiro período 1957.* Vitória: Almojarifado do CEG/UFES,1957.

_____. *Relatórios do primeiro período 1958.* Vitória: Almojarifado do CEG/UFES,1958.

_____. *Relatórios do segundo período 1958.* Vitória: Almojarifado do CEG/UFES,1958.

_____. *Relatórios do primeiro período 1959.* Vitória: Almojarifado do CEG/UFES,1959.

_____. *Relatórios do segundo período 1959.* Vitória: Almojarifado do CEG/UFES,1959.

_____. *Relatórios do primeiro período 1960.* Vitória: Almojarifado do CEG/UFES,1960.

_____. *Relatórios do segundo período 1960.* Vitória: Almojarifado do CEG/UFES,1960.

_____. *Relatórios do primeiro período 1961.* Vitória: Almojarifado do CEG/UFES,1961.

_____. *Relatórios do segundo período 1961.* Vitória: Almojarifado do CEG/UFES,1961.

_____. *Relatórios do primeiro período 1962.* Vitória: Almojarifado do CEG/UFES,1962.

_____. *Relatórios do segundo período 1962.* Vitória: Almojarifado do CEG/UFES,1962.

_____. *Relatórios do primeiro período 1963.* Vitória: Almojarifado do CEG/UFES,1963.

_____. *Relatórios do segundo período 1963.* Vitória: Almojarifado do CEG/UFES,1960.

_____. *Relatórios do primeiro período 1964.* Vitória: Almojarifado do CEG/UFES,1964.

_____. *Relatórios do segundo período 1964.* Vitória: Almojarifado do CEG/UFES,1964.

_____. *Relatórios do primeiro período 1965.* Vitória: Almojarifado do CEG/UFES,1965.

_____. *Relatórios do segundo período 1965.* Vitória: Almojarifado do CEG/UFES,1965.

_____. *Relatórios do primeiro período 1966.* Vitória: Almojarifado do CEG/UFES,1966.

_____. *Relatórios do segundo período 1966.* Vitória: Almojarifado do CEG/UFES,1966.

_____. *Relatórios do primeiro período 1967.* Vitória: Almojarifado do CEG/UFES,1967.

_____. *Relatórios do segundo período 1967.* Vitória: Almojarifado do CEG/UFES,1967.

_____. *Relatórios do primeiro período 1968.* Vitória: Almojarifado do CEG/UFES,1968.

_____. *Relatórios do segundo período 1968.* Vitória: Almojarifado do CEG/UFES,1968.

_____. *Relatórios do primeiro período 1969.* Vitória: Almojarifado do CEG/UFES,1969.

_____. *Relatórios do segundo período 1969.* Vitória: Almojarifado do CEG/UFES,1969.

8 APÊNDICES

APÊNDICE A - Publicações referentes a pesquisas sobre o ensino de História da Educação entre 1990 e 2005

Tipo de Publicação	Título	Ano	Autor (s)	Espaço de Publicação	Qtd.
Dissertações	<i>A Contribuição da História da Educação na Formação do Educador</i>	1992	Letícia Carneiro Aguiar Warmling	PUC/RS	5
	<i>História da Educação ou seu Ensino? Uma análise da disciplina nos cursos de formação docente</i>	1995	Sonia Tereza da Silva Ribeiro	UFU	
	<i>O ensino de História da Educação Brasileira nos cursos de Pedagogia de Belo Horizonte: tendências e perspectivas</i>	2002	José Roberto Gomes Rodrigues	UFMG	
	<i>A Disciplina História da Educação em Cursos de Pedagogia</i>	2002	Marilda Piccolo	UFG	
	<i>Uma Contribuição para a História da Disciplina História da Educação do Curso de Pedagogia da Universidade de Sorocaba</i>	2005	Nívea Vasconcelos de Almeida Sá	UNISO	
Revistas Acadêmicas	<i>O ensino da história da educação e a produção de sentidos na sala de aula</i>	2003	Clarice Nunes	RBHE, n6	2
	<i>A história da educação programada: uma aproximação da história da educação ensinada nos cursos de pedagogia em Belo Horizonte</i>	2003	Luciano Mendes de Faria Filho e José Roberto Gomes Rodrigues	RBHE, n6	
Anais de Congressos	<i>História e Políticas Educacionais: uma disciplina em perspectiva e em construção</i>	2004	R. D Abdala.	III CBHE	2
	<i>A História da Educação a partir da História Oral: uma alternativa de ensino</i>	2004	Vera Lucia Abrão Borges	III CBHE	

Fonte: Banco de Teses e Dissertações da CAPES e Programas de Pós - Graduação em Educação (1990-2004); Revista Brasileira de História da Educação (2003); Anais do III CBHE (2004).

APÊNDICE B - Publicações referentes a pesquisas sobre o ensino de História da Educação em revistas acadêmicas, entre 2006 e 2011

(continua)

Tipo de Publicação	Título	Ano	Autor (s)	Espaço de Publicação	Qtd.
Revistas Acadêmicas	<i>A disciplina História da Educação na formação de professores: desafios contemporâneos</i>	2006	Clarice Nunes	RHE, V. 10, nº 19	14
	<i>A disciplina História da Educação no curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1942-2002)</i>	2006	Maria Helena Camara Bastos, Fernanda de Bastani Busnello, Elizandra Ambrosio Lemos	RHE, V. 10, nº 19	
	<i>Aspectos da trajetória da disciplina História da Educação no curso de Pedagogia do Centro Universitário Franciscano de Santa Maria: temas clássicos e ordem cronológica</i>	2006	Claudemir de Quadros	RHE, V. 10, nº 19	
	<i>A disciplina de História da Educação na Faculdade e no Centro Universitário La Salle</i>	2006	Miguel Alfredo Orth	RHE, V. 10, nº 19	
	<i>O ensino de História da Educação na Unijuí</i>	2006	Anna Rosa Fontella Santiago	RHE, V. 10, nº 19	
	<i>A história da educação no curso de Pedagogia da Universidade de Passo Fundo: aportes na história recente em busca de novas perspectivas</i>	2006	Rosimar Serena Siqueira Esquinsani	RHE, V. 10, nº 19	
	<i>Historia da Educação e a formação do professor na Unisinos</i>	2006	Flávia Obino Corrêa Werle e Berenice Corsetti	RHE, V. 10, nº 19	
	<i>Apontamentos sobre a disciplina História da Educação na Universidade da Região da Campanha – Urcamp (1959-2001)</i>	2006	Regina Quintanilha Azevedo e Clarisse Ismério, Marilene Vaz Silveira	RHE, V. 10, nº 19	

APÊNDICE B - Publicações referentes a pesquisas sobre o ensino de História da Educação em revistas acadêmicas entre 2006 e 2011

(conclusão)

Tipo de Publicação	Título	Ano	Autor (s)	Espaço de Publicação	Qtd.
	<i>O ensino de História da Educação na História da Faculdade de Educação da Ufrgs: primeiras aproximações</i>	2006	Maria Stephanou	RHE, V. 10, nº 19	
	<i>História da Educação no Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas</i>	2006	Elomar Antonio Callegado Tambara	RHE, V. 10, nº 19	
	<i>A disciplina História da Educação no curso de Pedagogia da UNISO: uma história em três tempos</i>	2006	Nívea Vasconcelos de Almeida Sá	Revista HISTEDBR On-Line. nº 21	
	<i>O ensino e a pesquisa em história da educação brasileira na cadeira de Filosofia e História da Educação (1933-1962)"</i>	2007	Bruno Bontempi Junior	RHE, V. 11, nº 21	
	<i>A história do ensino de história da educação no Brasil: aspectos teórico-metodológicos de uma pesquisa (1930-2000)</i>	2008	Décio Gatti Júnior	RHE, V. 12, nº 26	
	O Ensino de História da Educação na Formação de Professores no Brasil	2010	Bruno Gonçalves Borges e Décio Gatti Júnior	Revista HISTEDBR On-Line. nº 40	

Fonte: Revista História da Educação (2006; 2007; 2008); Revista HISTEDBR On-Line (2006;2010)

APÊNDICE C - Publicações referentes a pesquisas sobre o ensino de História da Educação em anais de congressos, entre 2005 e 2011

(continua)

Tipo de Publicação	Título	Ano	Autor (s)	Espaço de Publicação	Qtd.
Anais de Congressos	<i>História da Educação: subsídios para integração de um campo de pesquisa em produção discente (1983 a 2003)</i>	2006	Simone Burioli Ivashita e Liliana Men	IV CBHE	37
	<i>Fontes e Objetos Históricos no Ensino de História da Educação: os lugares do texto literário</i>	2006	Dislane Zerbinatti Moraes	VI COLUBHE	
	<i>Filmes Históricos e o Ensino de História da Educação</i>	2006	Fátima Maria Neves	VI COLUBHE	
	<i>O Tema do Calvinismo nos Manuais de História da Educação</i>	2006	Paulo Henrique Vieira e César de Alencar Arnaut de Toledo	VI COLUBHE	
	<i>Ensinando História da Educação do Ceará e do Cariri Cearense: pesquisa e ensino na graduação</i>	2006	Zuleide Fernandes de. Queiros	VI COLUBHE	
	<i>A história da educação na formação do pedagogo: qual a perspectiva teórica?</i>	2008	L. C. A, Aguiar	V CBHE	
	<i>Ensino de História da Educação no Paraná: particularidades de um estado brasileiro</i>	2008	Elaine Rodrigues	V CBHE	
	<i>Educação Patrimonial e Ensino de História da Educação: o uso do memorial escolar</i>	2008	S. P. Cruz Silva	V CBHE	
	<i>Ensino e Pesquisa: uma experiência na prática didático-pedagógica da disciplina história da educação</i>	2008	Vívia de Melo Silva e Melânia Mendonça Rodrigues	V CBHE	
	<i>História da Educação Física: lições pedagógicas da relação cinema-história</i>	2008	H. S. Dantas Junior	V CBHE	
	<i>Memória da Docência em História da Educação: do ensino para pesquisa com ensino</i>	2008	Roldão Ribeiro Barbosa	V CBHE	
	<i>"Historiografando o Ensino de História da Educação em Picos: memórias produzindo história</i>	2008	Norma Patrícia Lopes Soares	V CBHE	

APÊNDICE C - Publicações referentes a pesquisas sobre o ensino de História da Educação em anais de congressos, entre 2005 e 2011

(Continuação)

Tipo de Publicação	Título	Ano	Autor (s)	Espaço de Publicação	Qtd.
	<i>Narrativas Acerca da Docência em História da Educação: um diálogo de saberes e de práticas entre FURG e UFPEL</i>	2008	Rita de Cássia Grecco dos Santos; Arriada.; G. M. Nogueira	V CBHE	
	<i>O Ensino da História da Educação Brasileira e os Critérios para a Presença Temática</i>	2008	Fátima Maria Neves	V CBHE	
	<i>O Ensino da História da Educação: nas veredas dos cursos de graduação e pós-graduação</i>	2008	A.C.F. Pinheiro	V CBHE	
	<i>Caminhos do Ensino de História da Educação no Brasil (1930-2000): diretrizes teórico-metodológicas de uma investigação</i>	2008	Décio Gatti Júnior	V CBHE	
	<i>Há uma Rede de Ensino de História da Educação? – (Rio Grande do Norte, 1965 – 1969)</i>	2008	M. M.Araújo M. N. Pereira	V CBHE	
	<i>História da Educação de Paul Monroe (1905) e Trajetória da Disciplina História da Educação: contrastações, pistas e pontos</i>	2008	M.Stephanou	V CBHE	
	<i>Ensino de História da Educação: da tradição dos manuais aos recortes temáticos, temporais e espaciais sob novos protagonismos</i>	2008	M. J. M. Cavalcante	V CBHE	
	<i>Práticas de Escrita de História da Educação: o tema da escola nova nos manuais de ensino produzidos por Brasileiros (1914-1969)</i>	2008	C. R. S. Monarcha	V CBHE	
	<i>Um Manual e suas Diferentes Apropriações. Noções de História da Educação' de Theobaldo Miranda Santos (1945)</i>	2008	Maria Helena Camara Bastos	V CBHE	

APÊNDICE C - Publicações referentes a pesquisas sobre o ensino de História da Educação em anais de congressos entre 2005 e 2011

(Continuação)

Tipo de Publicação	Título	Ano	Autor (s)	Espaço de Publicação	Qtd.
	<i>Aprendendo História da Educação: um estudo realizado a partir da pesquisa com fontes primárias</i>	2010	Alboni Marisa Dudeque Pianovski Vieira	VIII COLUBHE	
	<i>O Ensino de História da Educação no Brasil Contemporâneo: a situação da disciplina nos cursos de pedagogia</i>	2010	Décio Gatti Junior e Bruno Gonçalves Borges	VIII COLUBHE	
	<i>O ensino e a Aprendizagem do “Descobrimento” do Brasil, no Curso de Pedagogia</i>	2010	Fátima Maria Neves	VIII COLUBHE	
	<i>A Disciplina História da Educação na Formação de Normalistas em Patrocínio – MG (1928-1971): uma reflexão acerca dos manuais escolares</i>	2010	Décio Gatti Junior e Geraldo Gonçalves de Lima	VIII COLUBHE	
	<i>Ensino de História da Educação nas Licenciaturas: expectativas, frustrações e contribuições</i>	2010	Jaqueline Scalsler	VIII COLUBHE	
	<i>A Disciplina “História da Educação” na Formação de Normalistas em Uberaba-MG (1928-1971): considerações aos aportes teóricos e metodológicos”</i>	2010	Décio Gatti Junior e Rosângela Maria Castro Guimarães	VIII COLUBHE	
	<i>Manuais de História da Educação para a Formação de Professoras Normalistas: a produção de um inventário para uma moderna cultura pedagógica</i>	2010	Roberlayne de Oliveira Borges Roballo	VIII COLUBHE	
	<i>Primeiras Análises do Ensino de História da Educação Brasileira na Bahia (2001-2008)</i>	2010	Soraya Mendes R. Adorno	VIII COLUBHE	

APÊNDICE C - Publicações referentes a pesquisas sobre o ensino de História da Educação em anais de congressos entre 2005 e 2011 (conclusão)

Tipo de Publicação	Título	Ano	Autor (s)	Espaço de Publicação	Qtd.
	<i>Considerações sobre a Representação do Indígena e o Ensino de História da Educação</i>	2011	Franciele Bento e Fátima Maria Neves	VI CBHE	
	<i>Ensino e Aprendizagem em História da Educação: relatos de experiência com estudantes de pedagogia</i>	2011	Claudemir Quadros	VI CBHE	
	<i>Intelectuais, Instituições e Circulação de Ideias no Processo de Constituição da Disciplina História da Educação do Brasil (1840 – 2000)</i>	2011	Décio Gatti Junior	VI CBHE	
	<i>Livros de História da Educação da Coleção Atualidades (1933 – 1977): um espaço de memória da formação docente</i>	2011	Roberlayne de Oliveira Borges Roballo	VI CBHE	
	<i>Ensino de História da Educação no Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina</i>	2011	Marta Regina Gimenez Favaro	VI CBHE	
	<i>O Ensino de História da Educação nos Cursos de Formação de Professores da UNIMONTES: início de um debate necessário</i>	2011	Rosangela Silveira Rodrigues; Maria Nailde Martins Ramalho, Bruna Luíza Nunes Garcia; Farley Rodrigues dos Santos Junior e Islei Gonçalves Rabello	VI CBHE	
	<i>O Manual “Pequena História da Educação” (1936) Das Madres Peeters e Cooman no Ensino da História da Educação Brasileira</i>	2011	LIMA, Geraldo Gonçalves	VI CBHE	
	<i>Os livros de História da Educação Norte-Americanos adotados no Brasil nos Séculos XIX e XX: origens e abordagens</i>	2011	LORENZ. Karl Michael	VI CBHE	

FONTE: Anais do CBHE (2006; 2008; 2011). COLUBHE (2006; 2010)

APÊNDICE D - Publicações sobre o ensino de História da Educação no Brasil em livros entre 1990 e 2011
(continua)

AUTORE(S)/OBRA	AUTOR (ES)/CAPITULOS	EDITORA/LOCAL	ANO
SAVIANI , Demerval; José Claudinei Lombardi; José Luiz Sanfelice (Orgs.) História e História da Educação: o debate teórico-metodológico atual	WARDE, Mirian Jorge. Questões teóricas e de método: a história da educação nos marcos de uma história das disciplinas	Autores associados; Campinas/SP	1998
LOPES, Ana Amélia B. M; GONÇALVES, Irlen Antônio; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; XAVIER, Maria do Carmo (Orgs.). História da Educação em Minas Gerais.	NUNES, Clarice. História da Educação: interrogando a prática de ensino e da pesquisa LOPES, Eliane Marta Teixeira. Ensinar História da Educação	FCH/FUMEC; Belo Horizonte	2002
GATTI JÚNIOR, Décio; INÁCIO FILHO, Geraldo (Orgs.). História da Educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações	SAVIANI, Dermeval. Reflexões sobre o Ensino e a Pesquisa em História da Educação. CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Considerações sobre o Ensino de História da Educação no Brasil FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. Reflexões sobre o Ensino e a Pesquisa da História da Educação Brasileira.	Autores Associados; Campinas/SP	2005
MIGUEL, Maria Elizabeth Blanck; TEIXEIRA, Rosa Lydia (Orgs.). A Educação Escolar em Perspectiva Histórica	GATTI JUNIOR, Décio. Dimensões do Ensino de História da Educação: História, fontes, e formas didático pedagógicas. HILSDORF, Maria Lúcia S. Materiais de ensino e História da Educação. MONTEIRO. Ana Maria. Ensino de História e História da Educação um dialogo necessário e profícuo	Autores Associados; Campinas/SP	2005
MORAIS, Christianni Cardoso; PORTES, Êcio Antônio; ARRUDA, Maria Aparecida (Orgs.). História da Educação: ensino e pesquisa	GATTI JUNIOR, Décio. Estudo sobre o processo de constituição do ensino e da pesquisa em História da Educação no Brasil (séculos XIX e XX) FONSECA. Thaís Nívea de Lima e. Ensino de História a Educação	Autêntica; Belo Horizonte	2006

APÊNDICE D - Publicações sobre o ensino de História da Educação no Brasil em livros entre 1990 e 2011
(continuação)

AUTORE(S)/OBRA	AUTOR (ES)/CAPITULOS	EDITORA/LOCAL	ANO
VASCONCELOS, José Geraldo; NASCIMENTO, Jorge Carvalho (Orgs.). História da Educação no Nordeste Brasileiro	QUEIROZ, Zuleide Fernandes. A disciplina de História da Educação do Ceará e do Cariri Cearense no Curso de Graduação em Pedagogia: 2003-2005	UFC Edições/ Ceará	2006
	OLIVEIRA, Joan Edessom de; ARAÚJO, José Edvar Costa de. Observações para pensar e avançar no Ensino de História da Educação na Universidade Estadual Vale Aracajú.		
	MOTTA, Diomar das Graças. A História da História da Educação numa instituição de Educação Superior Maranhense.		
	SOUZA, Elizeu Clementino de; MENEZES, Jaci Maria Ferraz. História da História da Educação na Bahia: recortes e aproximações sobre a constituição do campo.		
	ARAÚJO, Marta Maria de. Aprender História da Educação Brasileira pela iniciação da pesquisa.		
GATTI JÚNIOR, Décio; PINTASSILGO, Décio. Percursos e desafios da pesquisa e do ensino de História da Educação.	GATTI JÚNIOR, Décio. Percurso Histórico e desafios da disciplina História da Educação no Brasil.	Edufu; Uberlândia/MG	2007
GATTI JÚNIOR, Décio; BASTOS, Carlos, CAMARA, Maria Helena. O Ensino de História da Educação em Perspectiva Internacional.	GATTI JÚNIOR, Décio. Investigar o Ensino de História da Educação no Brasil; categorias de análise, bibliografia, manuais didáticos e programas de ensino (Séculos XIX e XX)	Edufu; Uberlândia/MG	2009
	CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. Tendências do ensino e da pesquisa no Ceará no campo História da Educação.		
	ARAÚJO, Marta Maria de. O ensinar e o aprender História da Educação (Rio Grande do Norte, 1965-1969)		
	FERNANDES, Rogério. A História da Educação e seu Ensino		
ARAÚJO, Marta Maria de. História (s) Comparada (s) da Educação	GATTI JUNIOR, Décio; SANTOS, Maria Tereza. História do ensino de história da educação no espaço luso brasileiro: primeiras aproximações (Séculos XIX e XX)	Liber Brasília	2009

APÊNDICE D - Publicações sobre o ensino de História da Educação no Brasil em livros entre 1990 e 2011 (conclusão)

AUTORE(S)/OBRA	AUTOR (ES)/CAPITULOS	EDITORA/LOCAL	ANO
CARVALHO, Marta Maria Chagas de; GATTI JUNIOR, Décio. O Ensino de História da Educação.	QUADROS, Claudemir. Ensino com pesquisa educação digital e formação de professores: possibilidades de ensinar e aprender a cerca da História da Educação.	Edufes; Vitória/ES	2011
	GATTI JUNIOR, Décio. Intelectuais e circulação internacional de ideias na construção da disciplina História da Educação no Brasil (1955-2008)		
	Haveria uma historiografia educacional brasileira expressa pelos manuais didáticos publicados entre 1914 e 1972?		
	RODRIGUES, José Roberto Gomes. O ensino de História da Educação: um olhar reflexivo a partir da análise de planos e programas curriculares		
	MAGALHÃES, Justino. O ensino de História da Educação		
	BARREIRA, Luiz Carlos. Ensino de História a Educação na pós - graduação em Educação, no Brasil, na década de 1980: uma experiência revisitada		
	TOLEDO, Maria Rita de Almeida. Internacionalização de Cânones de leitura: as Atualidades Pedagógicas na Biblioteca Museu do Ensino Primário e o ensino de História da Educação.		
	CARVALHO, Marta Maria Chagas de Carvalho. Por entre restos de memória: um relato sobre o ensino de História da Educação no Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da USP (1971-1997)		
	WARDE, Mirian Jorge. Brincando nos campos do senhor: anotações para uma história da formação dos professores e do ensino da História da Educação no Brasil.		
	DELLABRIDA, Norberto. Qual História da Educação ensinar?		
FONSECA, Nívea de Lima e. O período colonial nos manuais de História da Educação brasileira.			
QUEIRÓZ, Zuleide Fernandes de. Ensino de História da Educação, formando professores-pesquisadores: o ensino da História da Educação no Curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri.			

Fonte: Internet.